

IBM Rational Developer for System z  
Versão 9.0.1

*Guia de Referência de Configuração do  
Host*





IBM Rational Developer for System z  
Versão 9.0.1

*Guia de Referência de Configuração do  
Host*



**Nota**

Antes de usar estas informações, certifique-se de ler as informações gerais em “Avisos sobre a Documentação para o IBM Rational Developer for System z” na página 207.

**Sexta edição (dezembro de 2013)**

Esta edição se aplica ao IBM Rational Developer for System z Versão 9.0.1 (programa número 5724-T07) e a todas as liberações e modificações subsequentes, até que seja indicado de outra forma em novas edições.

Solicite as publicações pelo telefone ou fax. O IBM Software Manufacturing Solutions recebe os pedidos de publicações entre 8h30 e 19h, horário padrão na costa leste dos Estados Unidos. O número de telefone é (800) 879-2755. O número de fax é (800) 445-9269. O fax deve ser enviado para: Publications, 3rd floor.

Você também pode solicitar as publicações por meio de um representante IBM ou da filial da IBM que atende em sua região. As publicações não são guardadas no endereço a seguir.

A IBM agradece pelo seu comentário. Você pode enviar os comentários por correio ao seguinte endereço:

IBM Brasil - Centro de Traduções  
Rodovia SP 101 Km 09  
Rodovia SP 101 Km 09  
CEP 13185-900  
Hortolândia, SP

É possível enviar um fax com os seus comentários para: 1-800-227-5088 (Estados Unidos e Canadá)

Ao enviar informações à IBM, você concede à IBM o direito não-exclusivo de utilizar ou distribuir as informações da forma que julgar apropriada, sem incorrer em qualquer obrigação para com o Cliente.

Nota para Usuários do Governo dos Estados Unidos - Uso, duplicação ou divulgação restritos pelo documento GSA ADP Schedule Contract com a IBM Corp.

© Copyright IBM Corporation 2000, 2013.

# Conteúdo

<b>Figuras</b>	<b>vii</b>
----------------	------------

<b>Tabelas</b>	<b>ix</b>
----------------	-----------

<b>Sobre este Documento</b>	<b>xi</b>
-----------------------------	-----------

Quem Deve Usar este Documento	xi
Resumo das Mudanças	xii
Descrição do Conteúdo do Documento	xiii
Entendendo o Developer for System z	xiii
Considerações de segurança	xiii
Considerações de TCP/IP	xiv
Considerações WLM	xiv
Considerações de Ajuste	xiv
Considerações sobre Desempenho	xiv
Considerações de Push-to-client	xiv
considerações CICSTS	xiv
Considerações da Saída de Usuário	xiv
Customizando o Ambiente TSO	xv
Executando várias instâncias	xv
Resolução de problemas de configuração	xv
Configurando o SSL e a Autenticação X.509	xv
Configurando o TCP/IP	xv

<b>Guia de Referência de Configuração do Host do IBM Rational Developer for System z</b>	<b>1</b>
--	----------

<b>Capítulo 1. Entendendo o Developer for System z</b>	<b>3</b>
--	----------

Visão geral do componente	4
RSE como um aplicativo Java	5
donos das tarefas	7
Fluxo de conexão	8
Depurador Integrado	9
CARMA	10
Arquivos de Configuração CARMA	11
CRASTART	12
Envio em Lote	12
Proprietário de Bloco de Conjunto de Dados	13
Liberando um Bloqueio	14
Estrutura de diretório do z/OS UNIX	15
Atualizar Privilégios para Administradores que	
Não São de Sistema	17
Comandos de Segurança Úteis	17
Comandos Úteis do z/OS UNIX	17
Configuração de Amostra	18

<b>Capítulo 2. Considerações de segurança</b>	<b>19</b>
---	-----------

Métodos de autenticação	19
ID do Usuário e Senha	20
ID do Usuário e Senha Única	20
Certificado X.509	20

Autenticação do JES Job Monitor	20
Autenticação do Debug Manager	21
Segurança de conexão	21
Limitar Comunicação Externa a Portas	
Especificadas	21
Criptografia de Comunicação Usando SSL ou	
TLS	22
Verificação de Port Of Entry	22
Usando os PassTickets	22
Criação de Log de Auditoria	24
Controle de Auditoria	24
Processamento de Auditoria	24
Dados de Auditoria	25
Segurança do JES	26
Ações nas Tarefas - Limitações de Destino	26
Ações nas Tarefas - Limitações de Execução	27
Acesso aos Arquivos de Spool	29
Comunicação Criptografada de SSL/TLS	29
Comunicação Criptografada pelo Depurador	
Integrado	30
Autenticação de cliente usando certificados X.509	31
Validação da Autoridade de Certificação (CA)	31
(Opcional) Consulte uma Certificate Revocation	
List (CRL)	32
Autenticação por Software de Segurança	33
Autenticação por Daemon do RSE	34
Verificação de Port Of Entry (POE)	34
Alterando Funções de Cliente	35
OFF.REMOTECPY.MVS	36
Grupos de Desenvolvedores de Push-to-client	36
Segurança de Depuração	37
segurança do CICSTS	38
repositório do CRD	38
transações do CICS	38
comunicação criptografada por SSL	38
Informações Variadas	38
Lixeira GATE	38
ACEE Gerenciado	39
Segurança de SCLM	39
arquivos de configuração do Developer for System z	39
JES Job Monitor - FEJCNFG	39
RSE - rsed.envvars	40
RSE - ssl.properties	41
RSE - pushtoclient.properties	41
Definições de segurança	42
Requisitos e Lista de Verificação	42
Ativar Configurações de Segurança e Classes	44
Definir um segmento OMVS para usuários do	
Developer for System z	45
Definir as Tarefas Iniciadas do Developer for	
System z	45
Definir RSE como um servidor z/OS UNIX	
seguro	46
Definir as Bibliotecas Controladas por Programa	
do MVS para RSE	47
Definir Suporte de PassTicket para RSE	48

Definir a Proteção do Aplicativo para RSE . . . . .	49
Definir a Segurança de Comando JES. . . . .	49
Definir Perfis de Conjuntos de Dados. . . . .	51
Definir os Arquivos Controlados por Programa do z/OS UNIX para RSE . . . . .	55
Verifique as Configurações de Segurança . . . . .	55

### **Capítulo 3. Considerações de TCP/IP . . . . . 57**

Portas TCP/IP . . . . .	57
Comunicação Externa . . . . .	58
Comunicação interna . . . . .	58
Reserva de Porta TCP/IP. . . . .	59
portas do CARMA e TCP/IP . . . . .	59
Considerações de LDAP . . . . .	59
Substituindo o Comportamento TCP/IP Padrão . . . . .	60
ACK Atrasado . . . . .	60
Multipilhas (CINET) . . . . .	60
O CARMA e a Afinidade de Pilha . . . . .	60
crastart*.conf . . . . .	61
CRASUB* . . . . .	61
Distributed Dynamic VIPA . . . . .	61
Restringindo a Seleção de Portas . . . . .	63
Configuração de Amostra. . . . .	64
Sistema SYS1 – Perfil TCP/IP . . . . .	65
Sistema SYS2 – Perfil TCP/IP . . . . .	65

### **Capítulo 4. Considerações WLM. . . . . 67**

Classificação de Carga de Trabalho . . . . .	67
Regras de Classificação . . . . .	68
Configurando Objetivos . . . . .	69
Considerações para Seleção de Objetivos . . . . .	70
STC . . . . .	71
OMVS . . . . .	71
JES . . . . .	73
ASCH . . . . .	74
CICS . . . . .	74

### **Capítulo 5. Considerações de Ajuste . . . . . 77**

Uso de Recursos. . . . .	77
Visão Geral (Overview) . . . . .	78
Contagem do espaço de endereço . . . . .	79
Contagem de processos . . . . .	82
Contagem de encadeamentos . . . . .	85
Uso temporário de recursos . . . . .	88
Uso de Armazenamento . . . . .	88
Limite de Tamanho de Heap Java . . . . .	89
Limite de Tamanho do Espaço de Endereço. . . . .	89
Diretrizes de Estimativa de Tamanho . . . . .	90
Análise do Uso de Armazenamento de Amostra . . . . .	91
Uso do espaço do sistema de arquivos z/OS UNIX . . . . .	95
Definições de Recursos Principais . . . . .	98
/etc/rdz/rsed.envvars. . . . .	98
SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx). . . . .	99
Várias definições de recurso . . . . .	101
Placa EXEC na JCL do Servidor . . . . .	101
FEK.#CUST.PARMLIB(FEJJCNF) . . . . .	102
SYS1.PARMLIB(IEASYsxx) . . . . .	102
SYS1.PARMLIB(IIVTPRMxx) . . . . .	102
SYS1.PARMLIB(ASCHPMxx) . . . . .	102
Monitoramento. . . . .	103

Monitoramento de RSE . . . . .	103
Monitorando o z/OS UNIX . . . . .	104
Monitoramento da Rede. . . . .	105
Monitorando Sistemas de Arquivos z/OS UNIX . . . . .	106
Configuração de Amostra . . . . .	106
Contagem do Conjunto de Encadeamento . . . . .	106
Determinar Limites Mínimos . . . . .	107
Definindo Limites . . . . .	107
Uso de Recurso de Monitor . . . . .	108

### **Capítulo 6. Considerações sobre Desempenho. . . . . 111**

Usar Sistemas de Arquivos zFS . . . . .	111
Evite o Uso de STEPLIB . . . . .	111
Aprimorar o acesso às bibliotecas do sistema . . . . .	111
Bibliotecas de Tempo de Execução Language Environment (LE) . . . . .	112
Desenvolvimento de Aplicativos . . . . .	112
Aprimorando o desempenho da verificação de segurança . . . . .	113
Gerenciamento de carga de trabalho. . . . .	113
Tamanho de heap Java fixo . . . . .	113
Opção Java -Xquickstart . . . . .	114
Compartilhamento de Classe entre JVMs . . . . .	114
Ativar Compartilhamento de Classes . . . . .	114
Limites de Tamanho de Cache. . . . .	115
Segurança do Cache . . . . .	115
SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx) . . . . .	115
Espaço em disco . . . . .	116
Utilitários de Gerenciamento de Cache . . . . .	116

### **Capítulo 7. Considerações de Push-to-client . . . . . 117**

Introdução . . . . .	117
Sistema Primário . . . . .	118
Metadados Push-to-client . . . . .	118
Local de Metadados . . . . .	118
Segurança de Metadados . . . . .	119
Uso de Espaço de Metadados . . . . .	120
Controle de Configuração do Cliente . . . . .	120
Controle de Versão do Cliente . . . . .	121
Diversos Grupos de Desenvolvedores . . . . .	121
Ativação . . . . .	121
Concatenações de Grupo . . . . .	122
Ligação da Área de Trabalho . . . . .	122
Local de Metadados do Grupo . . . . .	123
Etapas de Configuração . . . . .	124
Seleção de Grupo Baseada em LDAP . . . . .	125
Esquema LDAP . . . . .	125
Seleção do Servidor LDAP . . . . .	126
Local do Servidor LDAP . . . . .	126
Configuração de Amostra . . . . .	127
Incluindo Backend push-to-client no LDAP . . . . .	127
Configuração de Grupo LDAP Inicial . . . . .	128
Incluir Desenvolvedores em Grupos LDAP . . . . .	128
pushtoclient.properties . . . . .	128
rsed.envvars. . . . .	129
/var/rdz/pushtoclient/*install . . . . .	129
Seleção de Grupo Baseada em SAF . . . . .	129
Configuração de Amostra . . . . .	130

Definição de Segurança . . . . .	130	Arquivos de Log . . . . .	160
pushtoclient.properties . . . . .	131	criação de logs do JES Job Monitor . . . . .	161
rsed.envvars . . . . .	131	Criação de Log de Daemon RSE e de Conjunto	
/var/rdz/pushtoclient/*install . . . . .	131	de Encadeamento . . . . .	161
Período de Carência para Rejeitar Mudanças	131	criação de logs do usuário do RSE . . . . .	162
Projetos baseados no host . . . . .	132	criação de log do SCLM Developer Toolkit . . . . .	163
<b>Capítulo 8. considerações CICSTS</b>	<b>133</b>	Criação de logs do CARMA . . . . .	164
RESTful versus Serviços da Web . . . . .	134	Criação de Log IVP fekfivpc . . . . .	164
Regiões de Conexão Primária versus Não-primária	134	Criação de log de teste IVP do fekfivpi . . . . .	164
Log de Instalação de Recurso do CICS . . . . .	135	Criação de Log de Teste IVP do fekfivps . . . . .	164
segurança do Application Deployment Manager	135	Criação de Log da Revisão de Código . . . . .	164
segurança do repositório CRD . . . . .	135	Criação de Log da Cobertura de Código . . . . .	165
Segurança de Pipeline . . . . .	135	Arquivos de dump . . . . .	165
Segurança da Transação . . . . .	135	Dumps do MVS . . . . .	165
comunicação criptografada por SSL . . . . .	136	Dumps de Java . . . . .	165
Segurança do Recurso . . . . .	137	Locais de Dump do z/OS UNIX . . . . .	167
Administrative Utility . . . . .	137	Rastreio . . . . .	167
Notas de Migração do Utilitário Administrativo	140	rastreio do JES Job Monitor . . . . .	167
Mensagens do Administrative Utility . . . . .	141	rastreio RSE . . . . .	167
Depuração de Transação do CICS . . . . .	143	rastreio CARMA . . . . .	168
		Rastreio de feedback de erro . . . . .	169
		Bits de permissão do z/OS UNIX . . . . .	170
<b>Capítulo 9. Considerações da Saída</b>		atributo do sistema de arquivos SETUID . . . . .	170
<b>de Usuário . . . . .</b>	<b>145</b>	Autorização de controle de programa . . . . .	170
Características da Saída de Usuário . . . . .	145	Autorização APF . . . . .	171
Ativação da Saída de Usuário . . . . .	145	Sticky Bit . . . . .	172
Gravando uma Rotina de Saída do Usuário . . . . .	145	Portas TCP/IP reservadas . . . . .	173
Mensagens do console . . . . .	146	Tamanho do espaço de endereço . . . . .	174
Executando com um ID do Usuário da Variável	146	Requisitos da JCL de Inicialização . . . . .	174
Shell Script do z/OS UNIX . . . . .	146	Limitações Definidas em	
REXX exec do z/OS UNIX . . . . .	147	SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx) . . . . .	174
Pontos de Saída Disponíveis . . . . .	147	Limitações Armazenadas no Perfil de Segurança	174
audit.action . . . . .	147	Limitações Impostas por Saídas do Sistema . . . . .	175
logon.action . . . . .	148	Limitações para Endereçamento de 64 Bits . . . . .	175
		Informações Variadas . . . . .	175
<b>Capítulo 10. Customizando o</b>		Encerramento Anormal por Falta de Espaço B37	
<b>Ambiente TSO . . . . .</b>	<b>149</b>	de Feedback de Erro . . . . .	175
O Serviço TSO Commands . . . . .	149	Limites do sistema . . . . .	175
Métodos de Acesso . . . . .	149	Conexão recusada . . . . .	176
Usando o Método de Acesso do TSO/ISPF Client		OutOfMemoryError . . . . .	176
Gateway . . . . .	150	Emulador de Conexão do Host . . . . .	176
ISPF.conf . . . . .	150		
Usar Perfis do ISPF Existentes . . . . .	150	<b>Capítulo 13. Configurando o SSL e a</b>	
Usando um exec de alocação . . . . .	151	<b>Autenticação X.509 . . . . .</b>	<b>179</b>
Usar Diversos Execs de Alocação . . . . .	151	Decida Usar o SSL ou TLS Como o Método de	
Diversos Arquivos ISPF.conf com Diversas		Criptografia . . . . .	180
Configurações do Developer for System z . . . . .	151	Decidir Onde Armazenar Chaves Privadas e	
		Certificados . . . . .	180
<b>Capítulo 11. Executando várias</b>		Criar um Conjunto de Chaves com o RACF . . . . .	181
<b>instâncias . . . . .</b>	<b>153</b>	(Opcional) Usando um Certificado Assinado	182
Configuração idêntica em um sysplex . . . . .	153	Clonar a Configuração RSE Existente . . . . .	182
Arquivos de Configuração Diferentes de Níveis de		Atualizar rsed.envvars para Ativar a Coexistência	183
Software Idênticos . . . . .	154	Atualizar ssl.properties para Ativar SSL . . . . .	183
Sincronização Automatizada . . . . .	155	Ativar SSL Criando um Novo Daemon RSE . . . . .	184
Todas as Outras Situações . . . . .	155	Testar a Conexão . . . . .	184
		(Opcional) Incluir Suporte de Autenticação de	
<b>Capítulo 12. Resolução de problemas</b>		Cliente X.509 . . . . .	187
<b>de configuração . . . . .</b>	<b>159</b>	(Opcional) Criar um Banco de Dados de Chaves	
Análise de Log e Configuração Usando FEKLOGS	159	com gskkyman . . . . .	187
		(Opcional) Criar um Keystore com keytool . . . . .	189

<b>Capítulo 14. Configurando o TCP/IP</b>	<b>191</b>
Dependência do nome do host . . . . .	191
Compreendendo os Resolvedores. . . . .	191
Compreendendo as Ordens de Procura das	
Informações de Configuração . . . . .	192
Ordens de Procura Usadas no Ambiente do z/OS	
UNIX . . . . .	192
Arquivos de Base da Configuração do	
Resolvedor . . . . .	193
Tabelas de Conversão . . . . .	193
Tabelas do Host Local . . . . .	194
Aplicando Estas Informações de Configuração ao	
Developer for System z . . . . .	194
O Endereço do Host Não É Resolvido	
Corretamente . . . . .	197

<b>Bibliografia . . . . .</b>	<b>199</b>
Publicações Referenciadas . . . . .	199
Publicações Informativas . . . . .	202

<b>Glossário . . . . .</b>	<b>203</b>
----------------------------	------------

<b>Avisos sobre a Documentação para o</b>	
<b>IBM Rational Developer for System z . 207</b>	
Licença de Copyright. . . . .	210
Reconhecimentos de Marca Registrada . . . . .	210

<b>Índice. . . . .</b>	<b>211</b>
------------------------	------------



---

## Figuras

1.	Visão geral do componente. . . . .	4
2.	RSE como um aplicativo Java . . . . .	5
3.	donos das tarefas . . . . .	7
4.	Fluxo de conexão . . . . .	8
I 5.	Depurador Integrado . . . . .	10
6.	Fluxo do CARMA . . . . .	11
7.	Fluxo de Determinação de Enfileiramento de Conjunto de Dados . . . . .	13
8.	Estrutura de diretório do z/OS UNIX. . . . .	15
I 9.	Política AT-TLS para Debug Manager . . . . .	31
10.	Portas TCP/IP . . . . .	57
11.	update.sh - Suportar Configuração de DDVIPA com um Firewall. . . . .	64
12.	Amostra do Distributed Dynamic VIPA . . . . .	65
13.	classificação WLM . . . . .	67
14.	Número máximo de espaços de endereço . . . . .	80
15.	Número de espaços de endereços por cliente . . . . .	81
16.	Número máximo de processos . . . . .	83
17.	Número de processos para STCRSE . . . . .	84
18.	Número de processos por cliente . . . . .	84
19.	Número máximo de encadeamentos do conjunto de encadeamento do RSE. . . . .	86
20.	Número máximo de encadeamentos do JES Job Monitor. . . . .	87
21.	Uso de recursos com 5 logons . . . . .	92
22.	Uso de recursos com 5 logons (continuação) . . . . .	93
23.	Uso de recursos ao editar um membro PDS . . . . .	94
24.	Uso do espaço do sistema de arquivos z/OS UNIX . . . . .	96
25.	Uso do recurso de configuração de amostra . . . . .	109
26.	Definição de esquema LDAP de amostra . . . . .	126
27.	ADNJSPAU - Administrative utility do CICSTS . . . . .	138
28.	ADNJSPAU - Utilitário Administrativo CICSTS (Parte 2 de 3). . . . .	139
29.	ADNJSPAU - Utilitário Administrativo CICSTS (Parte 3 de 3). . . . .	140
30.	RSEDSSL - Tarefa do usuário do daemon RSE para SSL . . . . .	184
31.	Diálogo Importar Certificado do Host . . . . .	185
32.	Diálogo Preferências - SSL . . . . .	186



# Tabelas

1.	Comandos do Console do JES Job Monitor	26	23.	Uso de recursos específicos do usuário	78
2.	Matriz de Permissão do Comando LIMIT_COMMANDS . . . . .	26	24.	Contagem do espaço de endereço . . . . .	79
3.	Perfis JESSPOOL Estendidos . . . . .	27	25.	Limites de espaço de endereço . . . . .	82
4.	Matriz de Autoridade do Console LIMIT_CONSOLE . . . . .	28	26.	Contagem de processos . . . . .	82
5.	Matriz de permissão de navegação LIMIT_VIEW . . . . .	29	27.	Limites do processo . . . . .	84
6.	Mecanismos de armazenamento de certificado SSL . . . . .	30	28.	Contagem de encadeamentos . . . . .	85
7.	Informações de SAF para Alterar Funções de Cliente . . . . .	35	29.	Limites de encadeamento . . . . .	87
8.	Informações do SAF de Push-to-client. . . . .	36	30.	Configurações de Referência para Uso de Armazenamento . . . . .	90
9.	Informações de SAF para Funções de Depuração . . . . .	37	31.	Diretivas de saída do log . . . . .	97
10.	Variáveis de configuração de segurança	42	32.	Diretivas de saída temporárias . . . . .	98
11.	Comandos do Operador do JES2 Job Monitor	50	33.	Matriz de suporte ao grupo push-to-client para *.enabled . . . . .	121
12.	Comandos do Operador do JES3 Job Monitor	50	34.	Matriz de suporte ao grupo push-to-client para reject.*.updates . . . . .	121
13.	Subsistemas de Ponto de Entrada do WLM	68	35.	Concatenações de Grupo Push-to-client	122
14.	qualificadores de trabalho WLM . . . . .	69	36.	Informações do LDAP de Push-to-client	125
15.	cargas de trabalho WLM . . . . .	70	37.	Informações do SAF de Push-to-client	129
16.	cargas de trabalho WLM STC . . . . .	71	38.	Variáveis de JAVA_DUMP_TDUMP_PATTERN. . . . .	166
17.	Cargas de trabalho WLM OMVS . . . . .	72	39.	Mecanismos de armazenamento de certificado SSL . . . . .	180
18.	Carga de trabalhos WLM JES . . . . .	73	40.	Definições locais disponíveis para o resolvedor . . . . .	196
19.	Cargas de trabalho WLM ASCH . . . . .	74	41.	Publicações Referenciadas . . . . .	199
20.	Cargas de trabalho WLM - CICS . . . . .	74	42.	Web Sites Referidos . . . . .	202
21.	Uso de recursos comuns . . . . .	78	43.	Publicações Informativas. . . . .	202
22.	Uso de recursos obrigatórios específicos do usuário . . . . .	78			



---

## Sobre este Documento

Este documento oferece informações de segundo plano para várias tarefas de configuração do próprio IBM® Rational Developer for System z e outros componentes e produtos do z/OS (como WLM e CICS).

De agora em diante, os seguintes nomes serão usados neste manual:

- *IBM Rational Developer for System z* é chamado *Developer for System z*.
- *IBM Rational Developer for System z Integrated Debugger* é chamado de Depurador Integrado.
- *Common Access Repository Manager* é abreviado para CARMA.
- *Software Configuration and Library Manager Developer Toolkit* é chamado *SCLM Developer Toolkit*, abreviado como SCLMDT.
- O *z/OS UNIX System Services* é chamado de *z/OS UNIX*.
- O *Customer Information Control System Transaction Server* é chamado de *CICSTS*, abreviado para *CICS*.

Este documento faz parte de um conjunto de documentos que descrevem a configuração do host do Developer for System z. Cada um desses documentos tem um público alvo específico. Você não precisa ler todos os documentos para concluir a configuração do Developer for System z.

- *Guia de Configuração de Host do Rational Developer for System z* (S517-9094) descreve em detalhes todas as tarefas de planejamento, tarefas de configuração e opções (incluindo opcionais) e fornece cenários alternativos.
- *Rational Developer for System z: Referência de Configuração de Host* (S517-9857) descreve o design do Developer for System z e oferece informações complementares para várias tarefas de configuração dos componentes do Developer for System z, z/OS e outros produtos (como WLM e CICS) relacionados ao Developer for System z.
- *Guia de Iniciação Rápida de Configuração de Host do Rational Developer for System z* (G517-9391) descreve uma configuração mínima do Developer for System z.
- *Rational Developer for System z Host Configuration Utility* (SC14-7282) descreve o Host Configuration Utility, um aplicativo de painel ISPF que orienta nas etapas de customização opcionais básicas e comuns para o Developer for System z.

As informações neste documento aplicam-se a todos os pacotes do IBM Rational Developer for System z Versão 9.0.

---

## Quem Deve Usar este Documento

Este documento é destinado a programadores de sistema que configuram e ajustam o IBM Rational Developer for System z Versão 9.0.1.

Enquanto as etapas de configuração reais são descritas em outra publicação, esta publicação lista em detalhes vários assuntos relacionados, como ajuste, configuração de segurança, entre outros. Para usar este documento, você deve estar familiarizado com os sistemas host z/OS UNIX System Services e MVS.

---

## Resumo das Mudanças

Esta seção resume as mudanças no *IBM Rational Developer for System z Versão 9.0 Referência de Configuração do Host*, S517-9857-06 (atualizado em dezembro de 2013).

Mudanças técnicas e adições ao texto e ilustrações são indicadas por uma linha vertical à esquerda da mudança.

Novas informações:

- Incluídas informações sobre os nomes de arquivos de log com registro de data e hora. Consulte o “Arquivos de Log” na página 160.
- Incluídas informações sobre novos eventos auditáveis. Consulte Dados de auditoria.

Este documento contém informações anteriormente apresentadas no *IBM Rational Developer for System z Versão 9.0 Referência de Configuração do Host*, SC14-7290-04.

Novas informações:

- Uso da porta atualizada do TCP/IP. Consulte o “Portas TCP/IP” na página 57.
- Incluída amostra para sincronizar automaticamente os dois daemons RSE. Consulte o “Sincronização Automatizada” na página 155.
- Informações incluídas sobre os novos arquivos de log. Consulte o “Arquivos de Log” na página 160.

Este documento contém informações apresentadas anteriormente no *IBM Rational Developer for System z Versão 8.5.1: Referência de Configuração de Host*, S517-9857-03.

Novas informações:

- Informações incluídas sobre perfis SAF para alterar funções de cliente. Consulte o “Alterando Funções de Cliente” na página 35.
- Números de uso do recurso atualizados. Consulte Capítulo 5, “Considerações de Ajuste”, na página 77
- Valor padrão atualizado para número máximo de usuários por conjunto de encadeamentos. Consulte o Capítulo 5, “Considerações de Ajuste”, na página 77.

Este documento contém informações anteriormente presentes na Referência de Configuração de Host do *IBM Rational Developer for System z Versão 8.5*, S517-9857-02.

Novas informações:

- Informações atualizadas de segurança do JES Job Monitor. Consulte o Capítulo 2, “Considerações de segurança”, na página 19.
- Informações incluídas sobre saídas de usuário. Consulte o Capítulo 9, “Considerações da Saída de Usuário”, na página 145.

Este documento contém informações apresentadas anteriormente no *IBM Rational Developer for System z Versão 8.0.3: Referência de Configuração de Host*, S517-9857-01.

Novas informações:

- Estrutura de diretório z/OS UNIX atualizada. Consulte o “Estrutura de diretório do z/OS UNIX” na página 15.

- Informações incluídas sobre controle de cliente baseado em host. Consulte o Capítulo 7, “Considerações de Push-to-client”, na página 117.
- Informações push-to-client relacionadas à segurança incluídas. Consulte o “Grupos de Desenvolvedores de Push-to-client” na página 36.
- Uso do documento de ACEEs Gerenciados. Consulte o “ACEE Gerenciado” na página 39.
- Informações incluídas sobre processamento de log de auditoria automatizado. Consulte o “Processamento de Auditoria” na página 24.
- Informações atualizadas sobre diretivas relacionadas a segurança e auditoria em arquivos de configuração. Consulte o “arquivos de configuração do Developer for System z” na página 39.
- Informações TCP/IP adicionais incluídas. Consulte o Capítulo 3, “Considerações de TCP/IP”, na página 57.
- Informações atualizadas de Autoridade de Certificação para comunicação SSL. Consulte o Capítulo 13, “Configurando o SSL e a Autenticação X.509”, na página 179.
- Uso do recurso atualizado. Consulte o “Uso de Recursos” na página 77.

Este documento contém informações apresentadas anteriormente no *IBM Rational Developer for System z Versão 8.0.1 Referência de Configuração de Host*, S517-9857-00.

Novas informações:

- Seção CARMA em Entendendo o Developer for System z. Consulte “CARMA” na página 10.
- Informações gerais relacionadas ao TCP/IP. Consulte o Capítulo 3, “Considerações de TCP/IP”, na página 57.
- Resolução do encerramento anormal por falta de espaço B37. Consulte o “Encerramento Anormal por Falta de Espaço B37 de Feedback de Erro” na página 175.

Informações removidas:

- As informações anteriormente presentes no *IBM Rational Developer for System z, versão 7.6.1: Guia de Configuração do Host* (S517-9094-04) agora estão divididas em dois documentos: *IBM Rational Developer for System z: Guia de Configuração do Host* (S517-9094) e *IBM Rational Developer for System z: Referência de Configuração do Host* (S517-9857).
- As informações referentes à configuração do APPC foram movidas para o White Paper *Using APPC to provide TSO command services* (SC14-7291).
- Configurando o INETD

---

## Descrição do Conteúdo do Documento

Esta seção resume as informações apresentadas neste documento.

### Entendendo o Developer for System z

O host do Developer for System z consiste em vários componentes que interagem para oferecer acesso ao cliente para os serviços e dados do host. Entender o design desses componentes pode ajudá-lo a tomar as decisões corretas de configuração.

### Considerações de segurança

O Developer for System z fornece acesso ao mainframe para usuários de uma estação de trabalho sem mainframe. A validação dos pedidos de conexão, o

fornecimento de comunicação segura entre o host e a estação de trabalho, e a atividade de autorização e auditoria são aspectos importantes da configuração do produto.

## **Considerações de TCP/IP**

O Developer for System z usa TCP/IP para fornecer acesso ao mainframe para usuários de uma estação de trabalho sem mainframe. Ele também usa TCP/IP para comunicação entre vários componentes e outros produtos.

## **Considerações WLM**

Ao contrário dos aplicativos tradicionais do z/OS, o Developer for System z não é um aplicativo monolítico que pode ser identificado facilmente para Workload Manager (WLM). O Developer for System z consiste de vários componentes que interagem para fornecer ao cliente acesso para os serviços e dados do host. Alguns destes serviços estão ativos em diferentes espaços de endereço, resultando em diferentes classificações de WLM.

## **Considerações de Ajuste**

O RSE (Explorador de Sistema Remoto) é o núcleo do Developer for System z. Para gerenciar as conexões e as cargas de trabalho a partir dos clientes, o RSE é formado por um espaço de endereço do daemon, que controla os espaços de endereços do conjunto de encadeamento. O daemon age como um ponto focal para fins de conexão e gerenciamento, enquanto os conjuntos de encadeamentos processam as cargas de trabalho do cliente.

Isso torna o RSE um alvo principal para o ajuste da configuração do Developer for System z. Entretanto, a manutenção de centenas de usuários, cada um usando 17 ou mais encadeamentos, uma determinada quantidade de armazenamento e possivelmente um ou mais espaços de endereço exige configuração adequada do Developer for System z e do z/OS.

## **Considerações sobre Desempenho**

O z/OS é um sistema operacional altamente customizável, e (algumas vezes pequenas) alterações no sistema podem ter um grande impacto sobre o desempenho geral. Este capítulo destaca algumas das alterações que podem ser feitas para melhorar o desempenho do Developer for System z.

## **Considerações de Push-to-client**

Push-to-client, ou controle de cliente baseado em host, suporta gerenciamento central dos seguintes itens:

- Arquivos de configuração do cliente
- Versão de produto do cliente
- Definições de projeto

## **considerações CICSTS**

Este capítulo contém informações úteis para um administrador do CICS Transaction Server.

## **Considerações da Saída de Usuário**

Esse capítulo o ajuda a aprimorar o Developer for System z ao gravar as rotinas de saída.



## Customizando o Ambiente TSO

Este capítulo ajuda você a imitar um procedimento de logon do TSO incluindo instruções DD e conjuntos de dados no ambiente do TSO no Developer for System z.

## Executando várias instâncias

Há situações em que você deseja várias instâncias do Developer for System z ativas no mesmo sistema, por exemplo, durante o teste de um upgrade. Entretanto, alguns recursos, como portas TCP/IP, não podem ser compartilhadas, portanto os padrões nem sempre são aplicáveis. Use as informações neste capítulo para planejar a coexistência de diferentes instâncias do Developer for System z; depois é possível usar este guia de configurações para customizá-las.

## Resolução de problemas de configuração

Este capítulo é fornecido para ajudá-lo com alguns problemas comuns que você pode encontrar durante a configuração do seu Developer for System z, e possui as seções a seguir:

- Análise de Log e Configuração Usando FEKLOGS
- Arquivos de Log
- Arquivos de dump
- Rastreio
- Bits de permissão do z/OS UNIX
- Portas TCP/IP reservadas
- Tamanho do espaço de endereço
- Transação APPC e serviço TSO Commands
- Informações Variadas

## Configurando o SSL e a Autenticação X.509

Este apêndice é fornecido para ajudar você com alguns dos problemas comuns que você pode encontrar ao configurar Secure Socket Layer (SSL) ou durante a verificação ou modificação de uma configuração existente. Este apêndice também fornece uma configuração de amostra para dar suporte aos usuários se autenticando com um certificado X.509.

## Configurando o TCP/IP

Este apêndice é fornecido para ajudá-lo com alguns problemas comuns que você pode encontrar ao configurar o TCP/IP ou durante a verificação ou a modificação de uma configuração existente.



---

# **Guia de Referência de Configuração do Host do IBM Rational Developer for System z**



---

## Capítulo 1. Entendendo o Developer for System z

O host do Developer for System z consiste em diversos componentes que interagem para dar ao cliente acesso aos dados e serviços do host. Entender o design desses componentes pode ajudá-lo a tomar as decisões corretas de configuração.

Os seguintes tópicos são abordados neste capítulo:

- “Visão geral do componente” na página 4
- “RSE como um aplicativo Java” na página 5
- “donos das tarefas” na página 7
- “Fluxo de conexão” na página 8
- “Depurador Integrado” na página 9
- “CARMA” na página 10
- “Proprietário de Bloco de Conjunto de Dados” na página 13
- “Estrutura de diretório do z/OS UNIX” na página 15

## Visão geral do componente

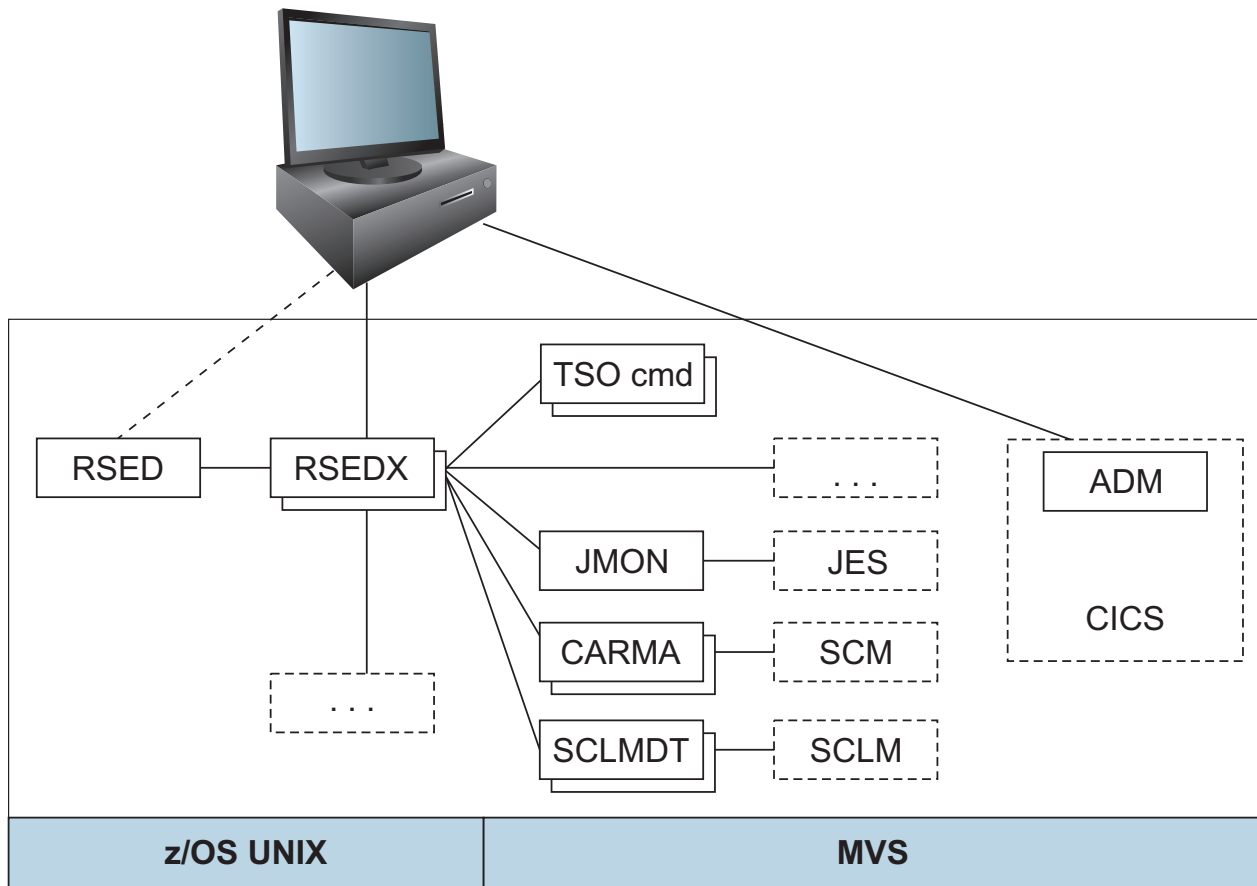


Figura 1. Visão geral do componente

Figura 1 mostra uma visão geral do layout do Developer for System z em seu sistema host.

- O Remote Systems Explorer (RSE) fornece os serviços principais, como conectar o cliente ao host e iniciar outros servidores para serviços específicos. O RSE consiste em duas entidades lógicas:
  - O daemon RSE (RSED), que gerencia a configuração de conexão. O daemon RSE também é responsável pela execução em modo de servidor único. Para fazer isso, o daemon RSE cria um ou mais processos-filho conhecidos como conjuntos de encadeamento do RSE (RSEDx).
  - Servidor RSE, que manipula pedidos individuais do cliente. Um servidor RSE é ativado como um encadeamento dentro de um conjunto de encadeamento do RSE.
- O Serviço TSO Commands (TSO cmd) fornece uma interface como um lote para os comandos TSO e ISPF.
- O JES Job Monitor (JMON) fornece todos os serviços relacionados ao JES.
- O Common Access Repository Manager (CARMA) fornece uma interface para interagir com Software Configuration Managers (SCMs), como o CA Endeavor.
- O SCLM Developer Toolkit (SCLMDT) fornece uma interface para aprimorar e interagir com SCLM.

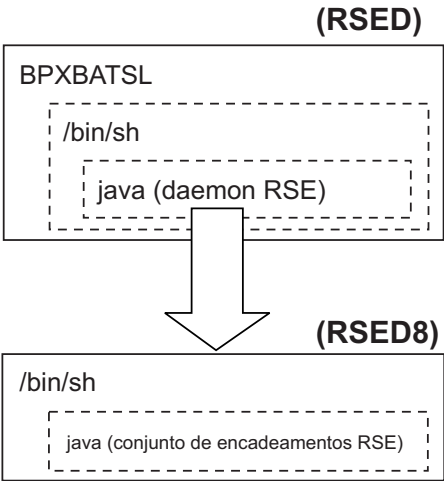
- O Application Deployment Manager (ADM) fornece vários serviços relacionados ao CICS.
- Mais serviços estão disponíveis, que podem ser fornecidos pelo próprio Developer for System z ou o software de correquisito.

A descrição no parágrafo e a lista mostram a função central designada ao RSE. Com algumas exceções, toda a comunicação do cliente passa pelo RSE. Isso é permitido para uma configuração fácil da rede relacionada à segurança, uma vez que apenas um conjunto limitado de portas é usado para a comunicação entre o cliente e o host.

Para gerenciar as conexões e as cargas de trabalho a partir dos clientes, o RSE é formado por um espaço de endereço do daemon, que controla os espaços de endereços do conjunto de encadeamento. O daemon age como um ponto focal para fins de conexão e gerenciamento, enquanto os conjuntos de encadeamentos processam as cargas de trabalho do cliente. Com base nos valores definidos no arquivo de configuração rsed.envvars e na quantidade real de conexões do cliente, vários espaços de endereço do conjunto de encadeamento podem ser iniciados pelo daemon.

## RSE como um aplicativo Java

### Processos z/OS UNIX



### Uso de armazenamento Java

Sistema - compartilhado
Sistema - particular
Código (z/OS UNIX, Java, RSE)
heap Java
Fora de uso

JOBNAME	Estado	PID	PPID	Comando
RSED	FILE SYS KERNEL WAIT	50331904	1	BPXBATSL
RSED	WAITING FOR CHILD	67109114	50331904	/bin/sh...
RSED	FILE SYS KERNEL WAIT	50331949	67109114	java...
RSED8	WAITING FOR CHILD	307	50331949	/bin/sh...
RSED8	FILE SYS KERNAL WAIT	308	307	java...

Figura 2. RSE como um aplicativo Java

A Figura 2 mostra uma visualização básica do uso de recursos (processos e armazenamento) pelo RSE.

O RSE é um aplicativo Java<sup>™</sup>, que significa que ele está ativo no ambiente z/OS UNIX. Isso é permitido para facilitar o porting em diferentes plataformas host e comunicação direta com o cliente do Developer for System z, que é também um

aplicativo Java (baseado na estrutura do Eclipse). Portanto, o conhecimento básico de como z/OS UNIX e Java funcionam é muito útil quando você tenta compreender o Developer for System z.

No z/OS UNIX, um programa é executada em um processo, que é identificado por um PID (ID do Processo). Cada programa é ativado em seu próprio processo, portanto invocar outro programa criará um novo processo. O processo que iniciou um processo é referenciado com um PPID (PID Pai), o novo processo é chamado de processo-filho. O processo-filho pode ser executado no mesmo espaço de endereço ou pode ser gerado (criado) em um novo espaço de endereço. Um novo processo que é executado no mesmo espaço de endereço pode ser comparado a executar um comando em TSO, enquanto aquele gerado em um novo espaço de endereço é semelhante a enviar uma tarefa em lote.

Observe que um processo pode ser único ou multiencadeado. Em um aplicativo multiencadeado (como o RSE), os diferentes encadeamentos competem por recursos do sistema como se eles fossem espaços de endereço separados (com menos gasto adicional).

Mapeando essas informações de processo para a amostra RSE na Figura 2 na página 5, obtivemos o seguinte fluxo:

1. Quando a tarefa RSED for iniciada, ela executa BPXBATSL, que invoca z/OS UNIX e cria um ambiente de shell – PID 50331904.
2. Neste processo, o shell script rsed.sh é executado, que executa em um processo separado (/bin/sh) – PID 67109114.
3. O shell script configura as variáveis de ambiente definidas em rsed.envvars e executa o Java com os parâmetros necessários para iniciar o daemon RSE – PID 50331949.
4. O daemon RSE fará spawn off do novo shell em um processo-filho (RSED8) – PID 307.
5. Neste shell, as variáveis de ambiente definidas em rsed.envvars são configuradas e o Java é executado com os parâmetros necessários para iniciar o conjunto de encadeamento do RSE – PID 308.

O RSE é capaz de executar em modo de endereçamento de 31 bits ou 64 bits, resultando em diferentes limites de armazenamento. No modo de 31 bits, o armazenamento disponível está limitado a 2 GB, enquanto que no modo de 64 bits, não há limite, a menos que especificado no SYS1.PARMLIB.

Aplicativos Java, como o RSE, não alocam armazenamento diretamente, mas usam serviços de gerenciamento de memória Java. Esses serviços, como alocação de armazenamento, liberação de armazenamento e coleta de lixo, funcionam dentro dos limites do heap Java. Os tamanhos mínimo e máximo do heap é definido (implicitamente ou explicitamente) durante a inicialização de Java. Ao executar em modo de 64 bits, o Java tentará alocar o heap acima de 2 GB de barramento, liberando espaço abaixo do barramento.

Isso significa que a obtenção da maioria do tamanho de espaço de endereço disponível é um ato de equilíbrio da definição de um tamanho grande de heap, enquanto deixa espaço suficiente para o z/OS armazenar uma quantidade variável de blocos de controle do sistema (dependendo do número de encadeamentos ativos).



## donos das tarefas

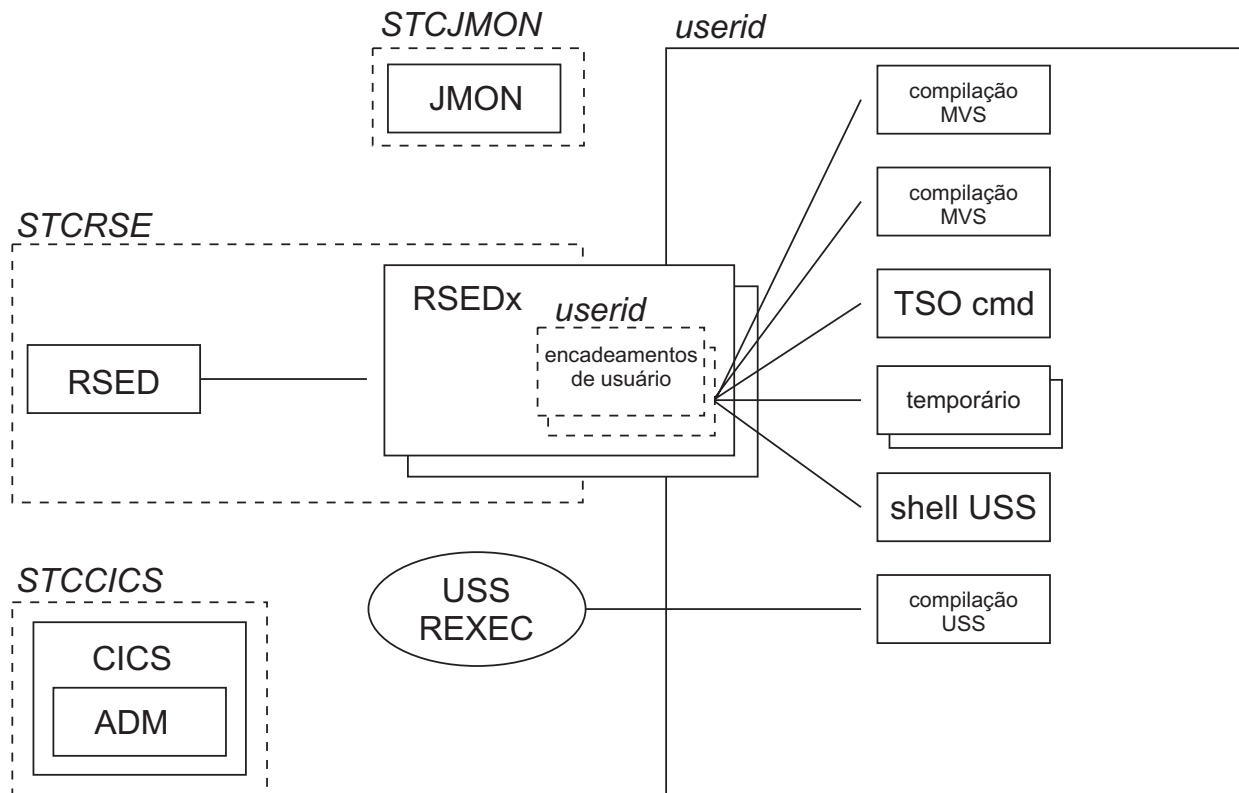


Figura 3. donos das tarefas

Figura 3 mostra uma visão geral básica do proprietário das credenciais de segurança usadas para várias tarefas do Developer for System z.

A propriedade de uma tarefa pode ser dividida em duas seções. As tarefas iniciadas são propriedades do ID do usuário que é designado para a tarefa iniciada em seu software de segurança. Todas as outras tarefas, com os conjuntos de encadeamentos (RSEDx) como exceção, são propriedades do ID de usuário cliente.

Figura 3 mostra as tarefas iniciadas do Developer for System z (JMON e RSED) e tarefas iniciadas de amostra e serviços do sistema com os quais Developer for System z se comunica. O Application Deployment Manager (ADM) fica ativo dentro de uma região CICS. A tag USS REXEC representa o serviço do z/OS UNIX REXEC (ou SSH).

O daemon RSE (RSED) cria um ou mais espaços de endereço do conjunto de encadeamentos (RSEDx) para processar os pedidos dos clientes. Cada conjunto de encadeamentos RSE suporta múltiplos clientes e é propriedade do mesmo usuário como um daemon RSE. Cada cliente possui seus próprios encadeamentos dentro de um conjunto de encadeamentos, e estes encadeamentos são propriedades do ID de usuário cliente.

Dependendo das ações concluídas pelo cliente, um ou mais espaços de endereço adicionais podem ser iniciados, todos propriedades do ID de usuário cliente, para executar uma ação solicitada. Esses espaços de endereço podem ser uma tarefa em

lote MVS, uma transação APPC ou um processo-filho z/OS UNIX. Observe que um processo-filho z/OS UNIX está ativo em um inicializador z/OS UNIX (BPXAS) e o processo-filho aparece com uma tarefa iniciada no JES.

A criação destes espaços de endereços é mais frequentemente acionada por um encadeamento do usuário em um conjunto de encadeamentos, diretamente ou usando serviços do sistema como ISPF. Mas o espaço de endereço também poderia ser criado por um terceiro. Por exemplo, o Gerenciador de Arquivos iniciará um novo espaço de endereço para cada conjunto de dados (ou membro) que ele tenha que processar em nome do Developer for System z. z/OS UNIX REXEC ou SSH são envolvidos ao iniciar as construções no z/OS UNIX.

Os espaços de endereços do usuário terminam com a conclusão da tarefa ou quando um cronômetro de inatividade vence. As tarefas iniciadas permanecem ativas. Os espaços de endereços listados em Figura 3 na página 7 permanecem no sistema tempo suficiente para serem visíveis. No entanto, é recomendável estar ciente que, devido à maneira com que o z/OS UNIX é projetado, há também vários espaços de endereço temporários de curta duração.

## Fluxo de conexão

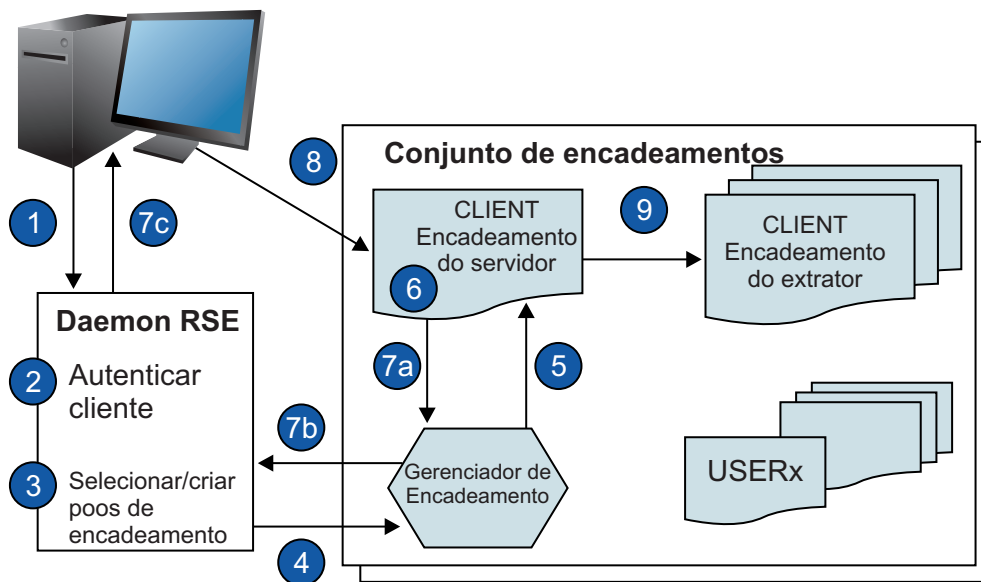


Figura 4. Fluxo de conexão

Figura 4 mostra uma visão geral esquemática de como o cliente conecta-se ao host usando Developer for System z. Ele também explica brevemente como os PassTickets são usados.

1. O cliente efetua login no daemon (porta 4035).
2. O daemon RSE autentica o cliente usando as credenciais apresentadas pelo cliente.
3. O daemon RSE seleciona um conjunto de encadeamento existente ou inicia um novo se todos estiverem cheios.
4. O daemon RSE passa o ID do usuário cliente para o conjunto de encadeamento.
5. O conjunto de encadeamento cria um encadeamento do servidor RSE específico do cliente, usando o ID do usuário cliente e um PassTicket para autenticação.

6. O encadeamento do servidor cliente se conecta a uma porta para comunicação futura com o cliente.
7. O encadeamento do servidor cliente retorna o número da porta à qual o cliente deve se conectar.
8. O cliente desconecta do daemon RSE e se conecta ao número da porta fornecido.
9. O encadeamento do servidor cliente inicia outros encadeamentos específicos do usuário (extratores), sempre usando o ID do usuário cliente e um PassTicket para autenticação. Esses encadeamentos fornecem os serviços específicos do usuário necessários pelo cliente.

A descrição anterior mostra o design orientado a encadeamento do RSE. Em vez de iniciar um espaço de endereço por usuário, vários usuários são atendidos por um espaço de endereço de um único conjunto de encadeamento. No conjunto de encadeamentos, cada extrator (um serviço específico do usuário) fica ativo em seu próprio encadeamento com o contexto de segurança do usuário designado a ele, garantindo uma configuração segura. Esse design acomoda um grande número de usuários com uso de recursos limitado, mas não significa que cada cliente usará vários encadeamentos (17 ou mais, dependendo das tarefas executadas).

Do ponto de vista da rede, o Developer para System z atua de forma semelhante ao FTP no modo passivo. O cliente se conecta a um ponto focal (daemon RSE) e, em seguida, elimina a conexão e reconecta ao número de porta fornecido pelo ponto focal. A seguinte lógica controla a seleção da porta que é usada na segunda conexão:

1. Se o cliente especificou um número de porta diferente de zero na guia de propriedades de subsistema, então o servidor RSE usará essa porta para a conexão. Se essa porta não estiver disponível, a conexão falhará.
2. Se `_RSE_PORTRANGE` for especificado em `rsed.envvars`, então o servidor RSE se conectará a uma porta desse intervalo. Se nenhuma porta estiver disponível, a conexão falhará. O servidor RSE não precisa da porta exclusivamente pela duração da conexão do cliente. Ela só é necessária no momento da expansão entre (servidor) a ligação e (cliente) a conexão que nenhum outro servidor RSE pode se conectar à porta. Isso significa que a maioria das conexões estará usando a primeira porta no intervalo, com o restante do intervalo sendo um buffer no caso de diversos logons simultâneos.
3. Se nenhuma limitação for configurada, o servidor RSE se conectará à porta 0. O resultado é que o TCP/IP escolhe o número da porta.

O uso de PassTickets para todos os serviços z/OS que requerem a autenticação permite que o Developer for System z chame esses serviços à vontade, sem armazenar a senha ou constantemente solicitá-la ao usuário. O uso de PassTickets para todos os serviços z/OS permite também métodos de autenticação alternativos durante o login, como senhas únicas e certificados X.509.

---

## Depurador Integrado

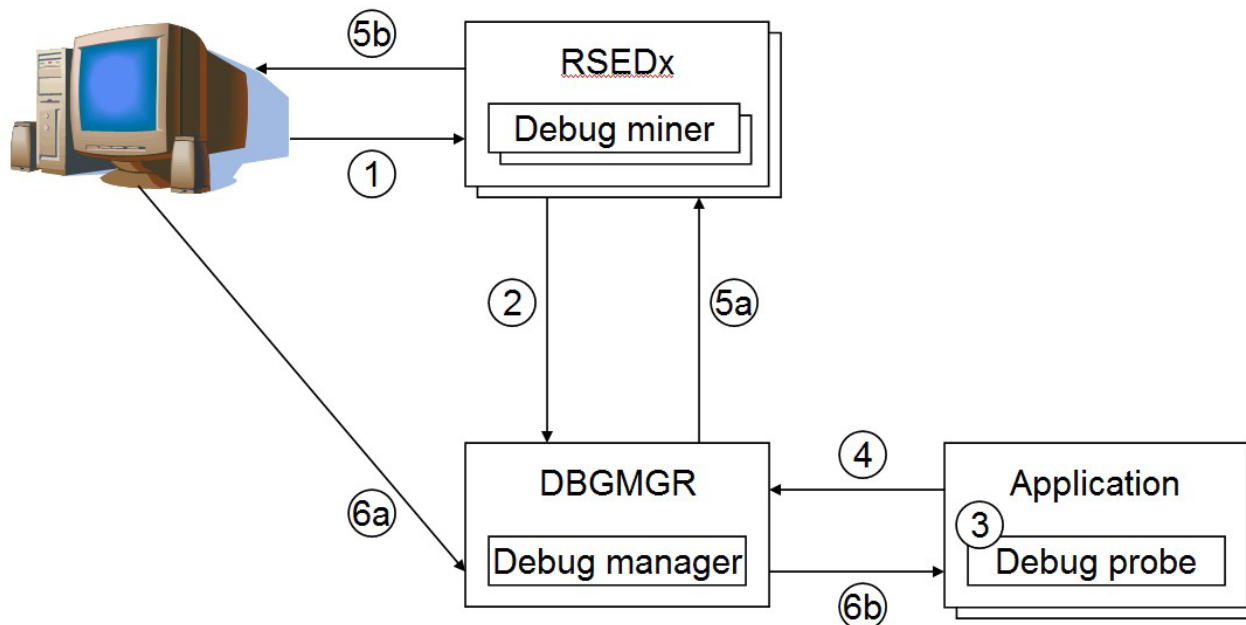


Figura 5. Depurador Integrado

O Depurador Integrado é usado para depurar vários aplicativos. A figura 5 mostra uma visão geral esquemática de como um cliente do Developer for System z pode depurar um aplicativo.

1. O cliente se conecta ao host, usando o login do host do Developer for System z normal.
2. Como parte do login, um extrator de depuração registrará o usuário com o gerenciador de depuração, o qual está ativo na tarefa iniciada de DBGMGR.
3. Quando um aplicativo for iniciado com um indicador de que ele deve ser depurado, o ambiente de linguagem (LE) chamará a análise de depuração.
4. A análise de depuração se registrará no gerenciador de depuração.
5. Usando o extrator de depuração, o gerenciador de depuração notificará o cliente do Developer for System z do usuário que receberá esta sessão de depuração. Se o usuário não estiver registrado neste momento, a sessão de depuração ficará inativa, esperando o usuário se registrar no gerenciador de depuração.
6. O mecanismo de depuração dentro do cliente contata o gerenciador de depuração, o qual por sua vez transmitirá os dados entre o mecanismo de depuração e a análise de depuração.

## CARMA

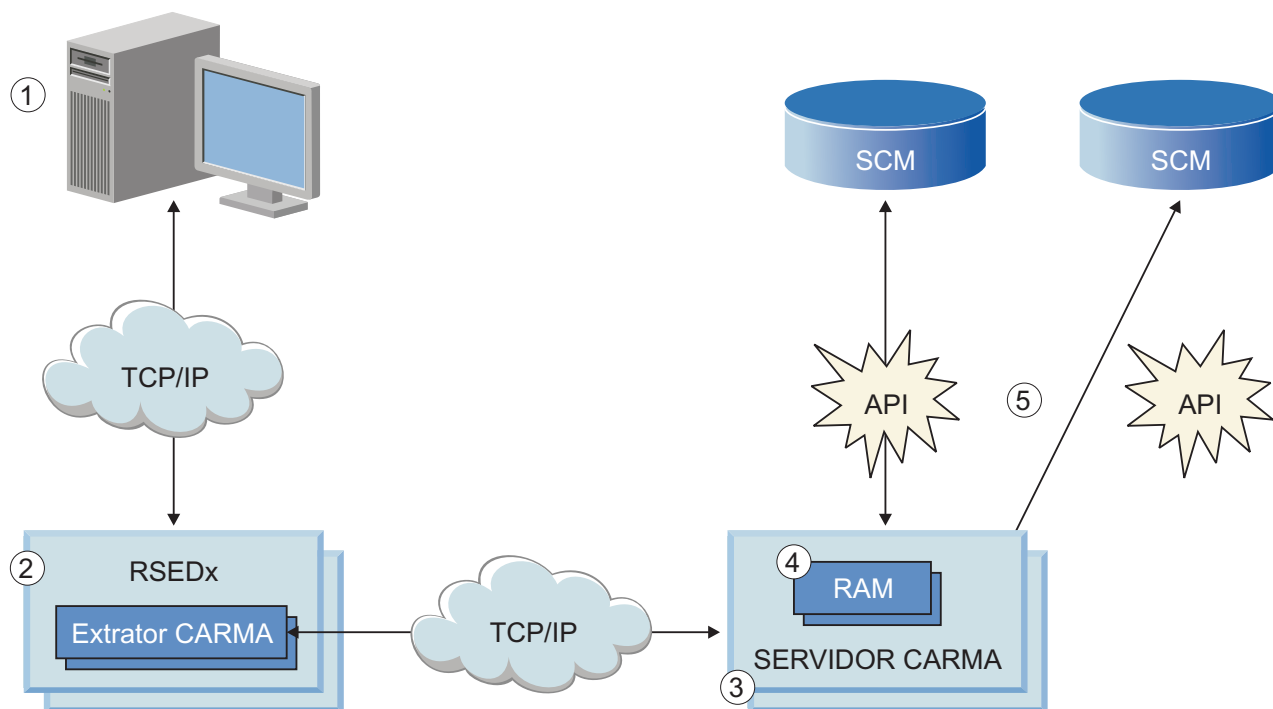


Figura 6. Fluxo do CARMA

O CARMA (Common Access Repository Manager) é usado para acessar um host baseado em Software Configuration Manager (SCM), por exemplo, o CA Endeavor® SCM. A Figura 6 mostra uma visão geral esquemática de como um cliente Developer for System z pode acessar qualquer Software Configuration Manager (SCM) baseado em host suportado.

1. O cliente tem um plug-in Common Access Repository Manager (CARMA).
2. O plug-in CARMA se comunica com o extrator CARMA, ativo como um encadeamento específico do usuário no conjunto de encadeamentos RSE (RSEDx). Esta comunicação é feita por meio da conexão RSE existente.
3. Quando o cliente solicitar acesso a um SCM, o extrator CARMA se conectará a uma porta TCP/IP e iniciará um servidor CARMA específico do usuário, com o número da porta como argumento de inicialização. O servidor CARMA então se conectará a esta porta e usará este caminho para se comunicar com o cliente. Note que o host baseado em SCMs espera espaços de endereço de usuário único para acessar os seus serviços, que requer que o CARMA inicie um servidor CARMA por usuário. Não é possível criar um único servidor que suporte diversos usuários.
4. O servidor CARMA carregará o Repository Access Manager (RAM) que suporta o SCM solicitado.
5. O RAM lida com os detalhes técnicos de interação com o SCM específico e apresenta uma interface comum para o cliente.

## Arquivos de Configuração CARMA

O Developer for System z suporta vários métodos para iniciar um servidor CARMA. Cada método tem vantagens e desvantagens. O Developer for System z também fornece vários Repository Access Managers (RAMs), os quais podem ser divididos em dois grupos, RAMs de produção e RAMs de amostra. Várias combinações de RAMs e métodos de inicialização do servidor estão disponíveis como uma configuração pré-configurada.

Todos os métodos de inicialização do servidor compartilham um arquivo de configuração comum, CRASRV.properties, o qual (junto com outras coisas) especifica qual método de inicialização será usado.

### **CRASTART**

O método "CRASTART" inicia o servidor CARMA como uma subtarefa dentro do RSE. Ele fornece uma configuração bastante flexível utilizando um arquivo de configuração separado, que define alocações de conjuntos de dados, e chamadas de programas necessárias para iniciar um servidor CARMA. Esse método fornece o melhor desempenho e utiliza o mínimo de recursos, mas requer que o módulo CRASTART esteja localizado no LPA.

O RSE chama o módulo de carregamento CRASTART, o qual usa as definições em crastart\*.conf para criar um ambiente válido para executar comandos ISPF e TSO em lote. O Developer for System z usa este ambiente para executar o servidor CARMA, CRASERV. O Developer for System z fornece vários arquivos crastart\*.conf, cada um deles pré-configurado para um RAM específico.

### **Envio em Lote**

O método "envio em lote" inicia o servidor CARMA enviando uma tarefa. Esse é o método padrão utilizado nos arquivos de configuração de amostra fornecidos. O benefício desse método é que os logs do CARMA são facilmente acessados na saída de tarefas. Ele também permite o uso de JCL de servidor customizado para cada desenvolvedor, que é mantido pelo próprio desenvolvedor. Entretanto, esse método utiliza um iniciador de JES por desenvolvedor que iniciar um servidor CARMA.

O RSE chama o CLIST CRASUB\*, o qual por sua vez envia um JCL embutido para criar um ambiente válido para executar os comandos ISPF e TSO em lote. O Developer for System z usa este ambiente para executar o servidor CARMA, CRASERV. O Developer for System z fornece vários membros CRASUB\*, cada um deles pré-configurado para um RAM específico.

## Proprietário de Bloco de Conjunto de Dados

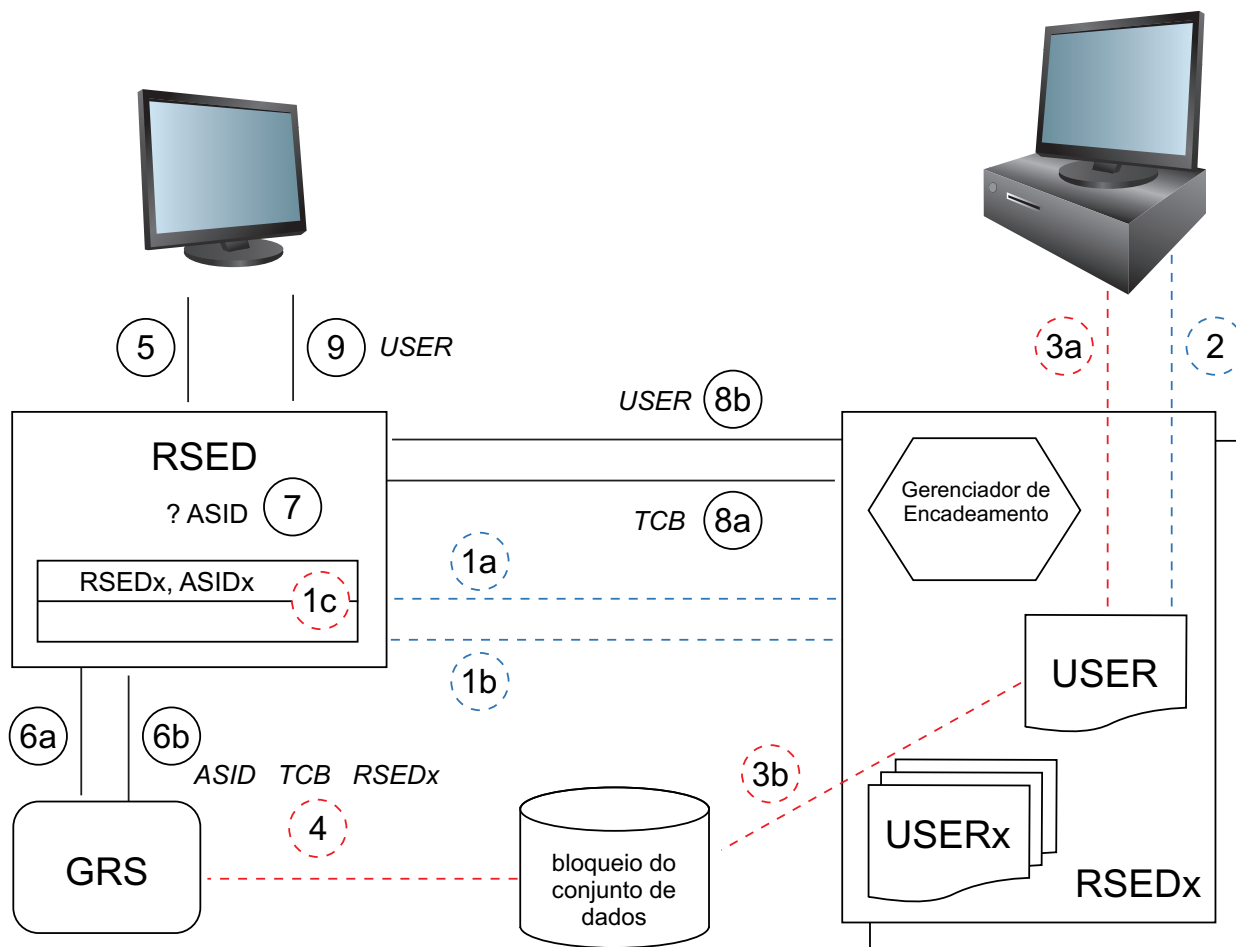


Figura 7. Fluxo de Determinação de Enfileiramento de Conjunto de Dados

Figura 7 mostra uma visão geral esquemática de como o daemon RSE determina qual cliente Developer for System z possui um bloqueio de conjunto de dados.

1. RSE daemon (RSED) cria um conjunto de encadeamentos (RSEDx). Para confirmar a conclusão da inicialização, o conjunto de encadeamentos relata seu Address Space Identifier (ASID) novamente ao daemon RSE, que armazena-o no bloco de controle criado para rastrear este conjunto de encadeamento.
2. O cliente efetua login, que cria um encadeamento do servidor RSE específico do usuário (USER) dentro de um conjunto de encadeamento (RSEDx). Cada encadeamento tem um identificador exclusivo de Task Control Block (TCB).
3. O cliente abre um conjunto de dados na edição, que instrui o servidor RSE a obter um bloqueio restrito (enfileiramento) no conjunto de dados.
4. O sistema registra o ASID, TCB e o nome da tarefa (RSEDx) do solicitante como parte do processo de enfileiramento. Essas informações são armazenadas nas filas GRS (Global Resource Serialization).
5. Um operador consulta o daemon RSE para o status do bloqueio do conjunto de dados.

6. O daemon RSE varre as filas GRS para saber se o conjunto de dados está bloqueado e recupera o ASID, TCB e o nome da tarefa do proprietário do bloqueio.
7. O ASID recuperado é comparado com o ASID dos conjuntos de encadeamentos diferentes.
8. O daemon RSE solicita que o conjunto de encadeamentos que possui o ASID determine qual usuário possui o TCB.
9. O ID do usuário do cliente relacionado é retornado ao solicitante quando uma correspondência for encontrada. Caso contrário, o nome da tarefa recuperado de GRS é retornado.

Com a configuração do servidor único do Developer for System z, em que diversos usuários são designados a um único espaço de endereço de encadeamento, o z/OS perdeu a capacidade de rastrear quem possui um bloqueio em um conjunto de dados ou membro com o comando do operador **DISPLAY GRS,RES=(\*,dataset\*)**. Os comandos do sistema param no nível de espaço de endereço, que é o conjunto de encadeamento.

Para abordar este problema, o Developer for System z fornece o comando do operador **MODIFY rsed APPL=DISPLAY OWNER,DATASET=dataset**, conforme descrito em "Comandos de operador" em *Guia de Configuração do Host* (S517-9094). O comando do operador pode resolver todos os conjuntos de dados e bloqueios de membro feitos por usuários RSE, bem como bloqueios feitos por outros produtos, como ISPF.

## Liberando um Bloqueio

Sob circunstâncias normais, um conjunto de dados ou um membro fica bloqueado quando o cliente o abre no modo de edição, e liberado quando o cliente fechar a sessão de edição.

Determinadas condições de erro podem evitar que esse mecanismo funcione como designado. Nesse caso, o usuário que mantém o bloqueio pode ser cancelado usando o comando do operador **modify cancel** do RSE, como descrito em "Comandos do operador" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658). Os bloqueios do conjunto de dados ativo que pertencem a esse usuário são liberados durante o processo.



## Estrutura de diretório do z/OS UNIX

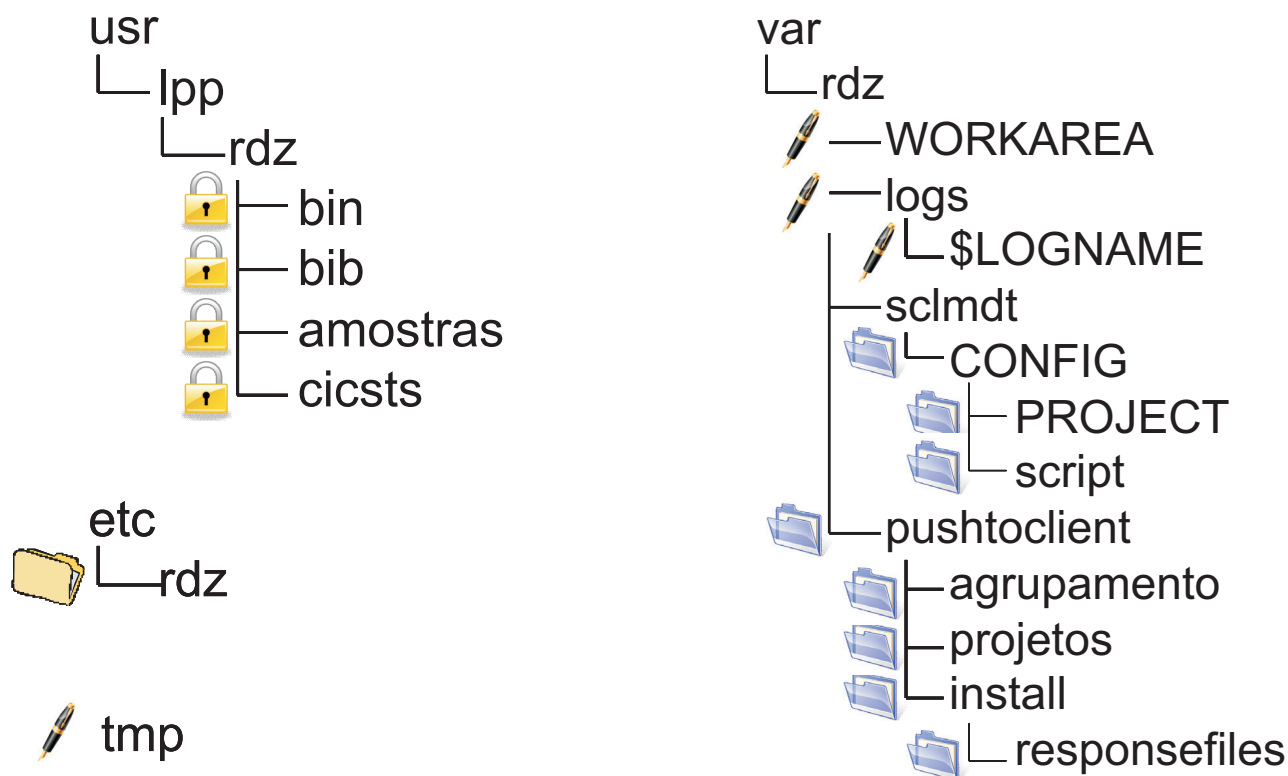


Figura 8. Estrutura de diretório do z/OS UNIX

Figura 8 mostra uma visão geral dos diretórios do z/OS UNIX usados pelo Developer for System z. A lista a seguir descreve cada diretório tocado pelo Developer for System z, como o local pode ser alterado e que mantém os dados dentro dele.

- `/usr/lpp/rdz/` é o caminho raiz para o código do produto do Developer for System z. O local real é especificado na tarefa iniciada RSED (variável HOME). Os arquivos contidos serão mantidos por SMP/E.
- `/etc/rdz/` contém o RSE e os arquivos de configuração relacionados ao extrator. O local real é especificado na tarefa iniciada RSED (variável CNFG). Os arquivos contidos são mantidos pelo programador de sistema.
- `/tmp/` é usado pelo TSO/ISPF Client Gateway do ISPF e vários extratores para armazenar dados temporários. Alguns IVPs armazenam sua saída aqui. Os arquivos contidos são mantidos pelo ISPF, pelos extratores e pelos IVPs. O local pode ser customizado com a variável TMPDIR no `rsed.envvars`. É também o local padrão para arquivos dump Java, que podem ser customizados com a variável `_CEE_DUMPTARG` em `rsed.envvars`.

**Nota:** `/tmp/` exige a máscara de bit de permissão 777 para permitir que cada cliente crie arquivos temporários.

- `/var/rdz/WORKAREA/` é usado pelo TSO/ISPF Client Gateway e SCLMDT do ISPF para transferir dados entre o z/OS UNIX e os espaços de endereço baseados em MVS. O local real é especificado em `rsed.envvars` (variável CGI\_ISPWORK). Os arquivos contidos são mantidos pelo ISPF e SCLMDT.

**Nota:** /var/rdz/WORKAREA/ exige a máscara de bit de permissão 777 para permitir que cada cliente crie arquivos temporários.

- /var/rdz/logs/ mantém os logs do daemon RSE e dos servidores do conjunto de encadeamento do RSE. O local real é especificado em rsed.envvars (variável daemon.log). Os arquivos contidos são mantidos por RSE.
- /var/rdz/logs/\$LOGNAME/ mantém os logs específicos do usuário dos extratores e do servidor RSE. O local real é especificado em rsed.envvars (variáveis user.log e DSTORE\_LOG\_DIRECTORY). Os arquivos contidos são mantidos pelo RSE e pelos extratores.

**Nota:** /var/rdz/logs/ exige a máscara de bit de permissão 777 para permitir que cada cliente crie seu diretório \$LOGNAME e armazene os arquivos de log específicos do usuário.

- /var/rdz/sclmdt/CONFIG/ mantém os arquivos de configuração gerais do SCLMDT. O local real é especificado em rsed.envvars (variável SCLMDT\_CONF\_HOME). Os arquivos contidos são mantidos pelo administrador do SCLM.
- /var/rdz/sclmdt/CONFIG/PROJECT/ mantém os arquivos de configuração do projeto SCLMDT. O local real é especificado em rsed.envvars (variável SCLMDT\_CONF\_HOME). Os arquivos contidos são mantidos pelo administrador do SCLM.
- /var/rdz/sclmdt/CONFIG/script/ mantém os scripts relacionados ao SCLMDT que podem ser usados por outros produtos. O local real não é especificado em lugar algum. Os arquivos contidos são mantidos pelo administrador do SCLM.
- /var/rdz/pushtoclient/ contém arquivos de configuração de cliente, informações de atualização de produto de cliente e informações de projeto baseado em host, as quais são enviadas ao cliente na conexão com o host. O local real é especificado em pushtoclient.properties (variável pushtoclient.folder). Os arquivos contidos são mantidos por um administrador cliente do Developer for System z.
- /var/rdz/pushtoclient/grouping/ contém os arquivos de configuração de cliente específicos do grupo, informações de atualização do produto de cliente e informações de projeto baseados em host que são enviadas ao cliente na conexão com o host. O local real é especificado em pushtoclient.properties (variável pushtoclient.folder mais o sufixo /grouping). Os arquivos contidos são mantidos por um administrador cliente do Developer for System z.
- /var/rdz/pushtoclient/projects/ mantém os arquivos de definição do projeto baseados em host. O local real é especificado em /var/rdz/pushtoclient/keymapping.xml, que é criado e mantido por um administrador de cliente do Developer for System z. Os arquivos contidos são mantidos por um gerenciador de projetos ou pelo desenvolvedor principal.
- /var/rdz/pushtoclient/install/ contém os arquivos de configuração usados para atualizar a versão do produto de cliente na conexão com o host. O local real é especificado em /var/rdz/pushtoclient/keymapping.xml, que é criado e mantido por um administrador de cliente do Developer for System z. Os arquivos contidos são mantidos por um administrador de cliente do .
- /var/rdz/pushtoclient/install/responsefiles/ contém os arquivos de configuração usados para atualizar a versão do produto de cliente na conexão com o host. O local real é especificado em /var/rdz/pushtoclient/keymapping.xml, que é criado e mantido por um administrador de cliente do Developer for System z. Os arquivos contidos são mantidos por um administrador de cliente do .

## Atualizar Privilégios para Administradores que Não São de Sistema

Os dados em `/var/rdz/pushtoclient/` são mantidos por não administradores de sistema, como gerentes de produto, que podem não ter muitos privilégios de atualização no z/OS UNIX. Portanto, é importante entender como o z/OS UNIX configura as permissões de acesso durante a criação de arquivos para assegurar que você tenha uma configuração viável e segura.

Os padrões do UNIX determinam que permissões podem ser configuradas para os três tipos de usuários: proprietário, de grupo e outros. Permissões de leitura, gravação e execução podem ser configuradas para cada tipo individualmente.

O z/OS UNIX configura os UID (user ID) e GID (group ID) para os seguintes valores quando um arquivo é criado:

- O UID é configurado para o UID efetivo do encadeamento de criação.
- O GID é definido para o GID do diretório proprietário. Se o perfil de segurança `FILE.GROUPOWNER.SETGID` estiver definido na classe `UNIXPRIV`, o GID efetivo do encadeamento de criação será usado por padrão. Consulte o *UNIX System Services Planning* (GA22-7800) para obter mais detalhes.

Cada site pode configurar sua própria máscara padrão de permissões de acesso, mas uma máscara comum concede permissão de leitura e de gravação para o proprietário e permissão de leitura para grupos e outros.

Os dados no `/var/rdz/pushtoclient/` são criados usando a máscara de permissões de acesso definida na diretiva `file.permission` do `pushtoclient.properties`. O valor padrão concede permissão de leitura e gravação para o proprietário e grupos e permissão de leitura para outros. Todos têm permissão de execução. As permissões de acesso final devem permitir acesso de leitura e execução a todos, e acesso de gravação aos administradores do cliente do Developer for System z que mantêm os dados.

Os dados em `/var/rdz/pushtoclient/projects/` são criados sem usar nenhuma máscara de permissão de acesso específica. As permissões de acesso final devem conceder permissão de leitura para todos e permissão de gravação para os gerentes de projeto que mantêm os dados.

### Comandos de Segurança Úteis

Para assegurar que um grupo de gerentes de projeto ou administradores de cliente do Developer for System z possam gerenciar os dados nesses diretórios, seu administrador de segurança pode ter de criar um grupo com um segmento OMVS válido para eles. Esse grupo é preferivelmente o grupo padrão dos IDs de usuário envolvidos. Consulte *Security Server RACF Command Language Reference* (SA22-7687) para obter mais informações sobre a seguinte amostra de comandos RACF:

```
ADDGROUP RDZPROJ OMVS(GID(1200))  
CONNECT IBMUSER GROUP(RDZPROJ)  
ALTUSER IBMUSER DFLTGRP(RDZPROJ)
```

### Comandos Úteis do z/OS UNIX

Consulte a *UNIX System Services Command Reference* (SA22-7802) para obter mais informações sobre os seguintes comandos de amostra do z/OS UNIX:

- Use o seguinte comando do z/OS UNIX, `ls`, para exibir todos os arquivos em um diretório.

```
ls -lR /var/rdz/pushtoclient/
```

- Use o seguinte comando do z/OS UNIX, **chown**, para alterar o proprietário de um diretório e todos os arquivos que estão nele.

```
chown -R IBMUSER /var/rdz/pushtoclient/
```

- Use o seguinte comando do z/OS UNIX, **chgrp**, para designar o grupo ao diretório e a todos os arquivos que estão nele.

```
chgrp -R RDZPROJ /var/rdz/pushtoclient/
```

- Use o seguinte comando do z/OS UNIX, **chmod**, para fornecer ao proprietário e ao grupo permissão de gravação no diretório e em todos os arquivos contidos nele. A permissão para Outros é de leitura. Todos têm permissão de execução.

```
chmod -R 775 /var/rdz/pushtoclient/
```

## Configuração de Amostra

No cenário a seguir, todos os gerentes de projeto de desenvolvimento, uma equipe de três, serão incumbidos de desempenhar tarefas de um administrador cliente do Developer for System z.

O administrador de segurança já designou para a equipe um grupo padrão (RDZPROJ) com um ID de grupo exclusivo (1200). Seus IDs de usuário não possuem privilégios especiais (como UID 0) no z/OS UNIX. O administrador de segurança não definiu o perfil FILE.GROUPOWNER.SETGID. Sendo assim, o z/OS UNIX usará o ID de grupo do diretório ao criar novos arquivos. O ID do usuário IBMUSER (com o UID 0 e o grupo padrão SYS1) foi usado pelo programador de sistemas para criar o diretório /var/rdz/pushtoclient.

1. O programador de sistemas limita as permissões de gravação de /var/rdz/pushtoclient a proprietários e grupos:

```
# chmod 775 /var/rdz/pushtoclient
# ls -ld /var/rdz/pushtoclient
drwxrwxr-x  2 IBMUSER  SYS1
/var/rdz/pushtoclient
```

**Nota:** A tarefa FEKSETUP usada durante a configuração da customização já realizou esta etapa.

2. O programador de sistemas torna RDZPROJ o grupo proprietário:

```
# chgrp RDZPROJ /var/rdz/pushtoclient
# ls -ld /var/rdz/pushtoclient
drwxrwxr-x  2 IBMUSER  RDZPROJ
/var/rdz/pushtoclient
```

Isso conclui a configuração necessária para limitar as permissões de gravação de /var/rdz/pushtoclient ao programador de sistemas (IBMUSER) e aos gerentes de projeto (RDZPROJ).

---

## Capítulo 2. Considerações de segurança

O Developer for System z fornece acesso ao mainframe para usuários de uma estação de trabalho sem mainframe. A validação dos pedidos de conexão, o fornecimento de comunicação segura entre o host e a estação de trabalho, e a atividade de autorização e auditoria são aspectos importantes da configuração do produto.

Os mecanismos de segurança usados pelos servidores e serviços do Developer for System z dependem dos conjuntos de dados e sistemas de arquivos no qual ele reside sejam seguros. Isto indica que apenas administradores confiáveis de sistema podem ser capazes de atualizar as bibliotecas de programa e os arquivos de configuração.

Os seguintes tópicos são abordados neste capítulo:

- “Métodos de autenticação”
- “Segurança de conexão” na página 21
- “Usando os PassTickets” na página 22
- “Criação de Log de Auditoria” na página 24
- “Segurança do JES” na página 26
- “Comunicação Criptografada de SSL/TLS” na página 29
- “Autenticação de cliente usando certificados X.509” na página 31
- “Verificação de Port Of Entry (POE)” na página 34
- “Informações Variadas” na página 38
- “Alterando Funções de Cliente” na página 35
- “Grupos de Desenvolvedores de Push-to-client” na página 36
- “Segurança de Depuração” na página 37
- “segurança do CICSTS” na página 38
- “Segurança de SCLM” na página 39
- “arquivos de configuração do Developer for System z” na página 39
- “Definições de segurança” na página 42

**Nota:** O Explorador de Sistemas Remotos (RSE), que fornece os principais serviços, como conexão do cliente com o host, consiste em 2 entidades lógicas:

- Daemon RSE, que gerencia a configuração da conexão e que é iniciado como uma tarefa iniciada ou uma tarefa de usuário de longa execução.
- Servidor RSE, que manipula pedidos individuais do cliente e é iniciado como um encadeamento em um ou mais processos-filho pelo daemon RSE.

Consulte Capítulo 1, “Entendendo o Developer for System z”, na página 3 para saber sobre conceitos de design do Developer for System z básicos.

---

### Métodos de autenticação

O Developer for System z suporta diversas formas de autenticar um ID do usuário fornecido por um cliente mediante a conexão.

- ID do Usuário e Senha
- ID do Usuário e Senha Única

- Certificado X.509

**Nota:** Os dados de autenticação fornecidos pelo cliente só são usados uma vez, durante a configuração de conexão inicial. Depois que um ID do usuário é autenticado, o ID do usuário e os PassTickets autogerados são usados para todas as ações que requerem autenticação.

## ID do Usuário e Senha

O cliente fornece um ID de usuário e uma senha correspondente na conexão. O ID de usuário e a senha são usados para autenticar o usuário com seu produto de segurança.

## ID do Usuário e Senha Única

Com base em um token exclusivo, uma senha única pode ser gerada por um produto de terceiro. Senhas únicas melhoram a configuração da segurança já que o token exclusivo não pode ser copiado e usado sem o conhecimento do usuário e uma senha interceptada é inútil já que é válida somente uma vez.

O cliente fornece um ID de usuário e a senha única na conexão, que é usada para autenticar o ID do usuário com a saída de segurança fornecida por terceiro. Espera-se que essa saída de segurança ignore os PassTickets usados para satisfazer pedidos de autenticação durante o processamento normal. Os PassTickets devem ser processados por seu software de segurança.

## Certificado X.509

Um terceiro pode fornecer um ou mais certificados X.509 que podem ser usados para autenticar um usuário. Quando armazenado em dispositivos seguros, os certificados X.509 combinam uma configuração segura com facilidade de uso para o usuário (nenhum ID do usuário ou senha necessário).

Ao conectar, o cliente fornece um certificado selecionado e, como opção, uma extensão selecionada, que é usada para autenticar o ID do usuário com seu produto de segurança.

**Nota:** Esse método de autenticação só é suportado pelo método de conexão do daemon RSE, e a comunicação SSL (Secure Socket Layer) deve estar ativada.

## Autenticação do JES Job Monitor

A autenticação do cliente é realizada pelo daemon do RSE (ou REXEC/SSH) como parte do pedido de conexão do cliente. Depois de o usuário ser autenticado, os PassTickets gerados automaticamente são usados para todos os pedidos de autenticação futuros, incluindo o logon automático no JES Job Monitor.

Para que o JES Job Monitor valide o ID do usuário e o PassTicket apresentados pelo RSE, o JES Job Monitor deve ter permissão para avaliar o PassTicket. Isso implica no seguinte:

- Carregue o módulo FEJMON, por padrão, localizado na biblioteca de carregamento FEK.SFEKAUTH, deve ser autorizado por APF.
- O RSE e o JES Job Monitor devem usar o mesmo ID de aplicativo (APPLID). Por padrão, ambos os servidores usam FEKAPPL como APPLID, mas isso pode ser alterado pela diretiva APPLID em rsed.envvars para RSE e em FEJJCNFG para o JES Job Monitor.



**Nota:** Clientes anteriores (versão 7.0 e mais antiga) comunicam-se diretamente com o JES Job Monitor. Para essas conexões, somente o método de autenticação de ID de usuário e senha é suportado.

## Autenticação do Debug Manager

A autenticação do cliente é realizada pelo daemon do RSE (ou REXEC/SSH) como parte do pedido de conexão do cliente. Depois de o usuário ser autenticado, os PassTickets gerados automaticamente são usados para todas as solicitações de autenticação futuras, incluindo o logon automático no Debug Manager.

Para que o Debug Manager valide o ID do usuário e o PassTicket apresentados pelo RSE, o Debug Manager deve ter permissão para avaliar o PassTicket. Isso implica que o módulo de carregamento AQEZPCM, por padrão localizado na biblioteca de carregamento FEK.SFEKAUTH, deve ser autorizado pelo APF.

---

## Segurança de conexão

Diferentes níveis de segurança de comunicação são suportados por RSE, o qual controla a comunicação entre o cliente e a maioria dos serviços do Developer for System z:

- A comunicação externa (cliente-host) pode ser limitada a portas especificadas. Este recurso é desativado por padrão.
- A comunicação externa (cliente-host) pode ser criptografada usando SSL ou TLS. Este recurso é desativado por padrão.
- A verificação de POE (Port Of Entry) pode ser utilizada para permitir acesso ao host apenas a endereços TCP/IP confiáveis. Este recurso é desativado por padrão.

Alguns serviços Developer for System z opcionais usam um caminho de comunicação externo (cliente-host) separado:

- A comunicação do Depurador Integrado pode ser criptografada usando TLS.
- A comunicação do Application Deployment Manager pode ser criptografada usando SSL ao usar a interface Web Services.

O Developer for System z conta com produtos de terceiros, tal como o servidor TN3270, para fornecer alguns serviços. Consulte a documentação do produto relacionada para obter opções de segurança de conexão.

## Limitar Comunicação Externa a Portas Especificadas

O programador de sistemas pode especificar as portas nas quais o servidor RSE pode se comunicar com o cliente. Por padrão, qualquer porta disponível é usada. Esse intervalo de portas não possui conexão com a porta do daemon RSE.

Para ajudar a compreender o uso da porta, segue uma breve descrição do processo de conexão do RSE:

1. O cliente se conecta à porta do host 4035, daemon do RSE.
2. O daemon do RSE cria um encadeamento do servidor RSE.
3. O servidor RSE abre uma porta do host para o cliente se conectar. A seleção dessa porta pode ser configurada pelo usuário, no cliente na guia de propriedades do subsistema (isso não é recomendado) ou por meio da definição `_RSE_PORTRANGE` em `rsed.envvars`.
4. O daemon RSE retorna o número da porta para o cliente.

5. O cliente se conecta à porta do host.

**Nota:** O processo é semelhante para o método de conexão alternativo (opcional) usando REXEC/SSH, o qual é descrito em "(Opcional) Usando REXEC (ou SSH)" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658).

## Criptografia de Comunicação Usando SSL ou TLS

Todos os fluxos de dados do Developer for System z externos que passam pelo RSE podem ser criptografados usando Secure Socket Layer (SSL) ou Segurança da Camada de Transporte (TLS). O uso de comunicação criptografada é controlado pelas configurações no arquivo de configuração `ssl.properties`, conforme descrito em "Comunicação Criptografada de SSL/TLS" na página 29. A variável `DSTORE_SSL_ALGORITHM` na diretiva `_RSE_JAVA_OPTS` de `rsed.envvars` permite escolher entre SSL e seu TLS sucessor como o método de criptografia, conforme documentado em "Definindo Parâmetros de Inicialização Java Extras com `_RSE_JAVA_OPTS`" no *Guia de Configuração de Host* (SC23-7658).

O Depurador Integrado Engine no cliente se conecta ao gerenciador de depuração no host. O uso de SSL ou TLS é controlado por uma política Application Transparent TLS (AT-TLS).

O Emulador de Conexão do Host no cliente se conecta a um servidor TN3270 no host. O uso de SSL ou TLS é controlado por TN3270, conforme documentado no *Guia de Configurações de IP do Servidor de Comunicação* (SC31-8775).

Ações remotas (baseadas em host) em subprojetos do z/OS UNIX usam um servidor REXEC ou SSH no host. A comunicação SSH é sempre criptografada usando SSL.

O cliente Application Deployment Manager usa o Serviço da Web CICS TS ou a interface RESTful para chamar os serviços de host do Application Deployment Manager. O uso de SSL é controlado pelo CICS TS, conforme documentado no *RACF Security Guide for CICS TS*.

## Verificação de Port Of Entry

O Developer for System z suporta a verificação de Port Of Entry (POE), que permite que o host acesse apenas os endereços TCP/IP confiáveis. O uso de POE é controlado pela definição de perfis específicos em seu software de segurança e a diretiva `enable.port.of.entry` em `rsed.envvars`, conforme descrito em "Verificação de Port Of Entry (POE)" na página 34.

Observe que a ativação de POE afetará outros aplicativos TCPIP que suportam a verificação de POE, como o INETD.

---

## Usando os PassTickets

Após o logon, os PassTickets são usados para estabelecer segurança de encadeamento no servidor RSE. Esse recurso não pode ser desativado. Os PassTickets são senhas geradas pelo sistema com um lifespan de aproximadamente 10 minutos. Os PassTickets gerados baseiam-se no algoritmo de criptografia DES, no ID do usuário, no ID do aplicativo, em um registro de data e hora e em uma chave secreta. Essa chave secreta é um número de 64 bits (16 caracteres hexadecimais) que deve ser definido para seu software de segurança. Para segurança adicional, o software de segurança do z/OS trata os PassTickets por padrão como senhas de uso único.



Para ajudá-lo a compreender o uso de PassTicket, a seguir há uma breve descrição do processo de segurança do RSE:

1. O cliente se conecta à porta do host 4035, daemon do RSE.
2. O daemon RSE autentica o cliente usando as credenciais apresentadas pelo cliente.
3. O daemon RSE cria um ID de cliente exclusivo e um encadeamento do servidor RSE.
4. O servidor RSE gera um PassTicket e cria um ambiente de segurança para o cliente, utilizando o PassTicket como senha.
5. O cliente se conecta à porta do host retornada pelo daemon RSE.
6. O servidor RSE valida o cliente utilizando o ID do cliente.
7. O servidor RSE utiliza um PassTicket recém-gerado como senha para todas as ações futuras que requerem uma senha.

**Nota:** Um mecanismo similar é usado para configurar conexões seguras com o Debug Manager.

A senha real do cliente não é mais necessária após a autenticação inicial, pois os produtos de segurança compatíveis com SAF podem avaliar as senhas PassTickets e comuns. O servidor RSE gera e utiliza um PassTicket cada vez que uma senha é solicitada, resultando em uma senha válida (temporária) para o cliente.

O uso de PassTickets permite que o RSE configure um ambiente de segurança específico do usuário à vontade, sem a necessidade de armazenar todos os IDs de usuário e senhas em uma tabela, o que poderia ser comprometido. Ele também permite métodos de autenticação de cliente que não usam senhas reutilizáveis, como certificados X.509.

Os perfis de segurança nas classes APPL e PTKTDATA são necessários para que se possa usar os PassTickets. Esses perfis são específicos do aplicativo e, portanto, não afetam a configuração atual do sistema.

Os PassTickets sendo específicos do aplicativo implicam em o RSE e o JES Job Monitor usarem o mesmo ID de aplicativo (APPLID). Por padrão, ambos os servidores usam FEKAPPL como APPLID, mas isso pode ser alterado pela diretiva APPLID em rsed.envvars para o RSE e em FEJJCNG para o JES Job Monitor.

Não é recomendável usar OMVSAPPL como ID do aplicativo porque ele abrirá a chave secreta para a maioria dos aplicativos do z/OS UNIX. Também não é recomendável usar o ID do aplicativo padrão MVS, que é MVS seguido pelo ID do sistema SMF, porque isto abrirá uma chave secreta para a maioria dos aplicativos MVS (incluindo as tarefas em lote do usuário).

A menor unidade de um registro de data e hora de PassTicket é de 1 segundo. Isso significa que todos os PassTickets gerados em um único segundo pelo mesmo aplicativo para o mesmo ID de usuário serão idênticos. Isso, combinado com o PassTickets de manipulação de software de segurança z/OS, causa um problema para o Developer for System z durante o logon, pois diversos PassTickets serão necessários em um segundo. Portanto, o Developer for System z requer a configuração de um sinalizador nas definições do PassTicket que permitem que os PassTickets gerados sejam reutilizados.

**Atenção:** O pedido de conexão do cliente falhará se os PassTickets não estiverem configurados corretamente.

## Criação de Log de Auditoria

O Developer for System z suporta a criação de log de auditoria das ações que são gerenciadas pelo daemon RSE. Os logs de auditoria são armazenados como arquivos de texto no diretório de log do daemon, utilizando o formato CSV (Comma Separated Value).

### Controle de Auditoria

Várias opções no `rsed.envvars` influenciam a função de auditoria, como documentado em "Definindo parâmetros de inicialização Java com `_RSE_JAVAOPTS`" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658).

- A função de auditoria é ativada/desativada pela opção `enable.audit.log`.
- Os padrões de auditoria são controlados pelas opções de `audit.*`.
- O local dos arquivos de log de auditoria é controlado pela opção `daemon.log`.
- A página de códigos usada para gravação do log de auditoria é controlada pela diretiva `_RSE_HOST_CODEPAGE`, conforme documentado em "rsed.envvars, arquivo de configuração RSE" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658).

O comando do operador **modify switch** pode ser usado para alternar manualmente para um novo arquivo de log de auditoria, conforme documentado em "Comandos do operador" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658).

Uma mensagem de aviso é enviada para o console quando o sistema de arquivos que contém os arquivos de log de auditoria estiver em execução com pouco espaço livre. Essa mensagem do console (FEK103E) é repetida regularmente até que o problema de pouco espaço seja resolvido. Consulte "Mensagens do console" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658) para obter uma lista de mensagens do console geradas pelo RSE.

### Processamento de Auditoria

Um novo arquivo de log de auditoria é iniciado após um momento predeterminado ou quando o comando do operador **modify switch** é emitido. O arquivo de log antigo é salvo como `audit.log.yyyymmdd.hhmmss`, em que `yyymmdd.hhmmss` é a data/registro de data e hora no qual o log foi fechado. A data/registro de data e hora do sistema designados ao arquivo indicam a criação do arquivo de log. A combinação das duas datas mostra o período de tempo abrangido por esse arquivo de log de auditoria.

As diretivas `audit.action*` em `rsed.envvars` permitem que você especifique uma saída de usuário (shell script do z/OS UNIX, z/OS UNIX REXX ou programa do z/OS UNIX) que será chamada pelo RSE quando um log de auditoria for fechado. Essa saída de usuário pode então processar os dados contidos no log de auditoria.

Os arquivos de log de auditoria terão a máscara de bit de permissão (`-rw-r----`), se não for alterada pela diretiva `audit.log.mode` em `rsed.envvars`. Isso significa que o proprietário (UID do z/OS UNIX do daemon RSE) tem acesso de leitura e gravação, enquanto o grupo do proprietário (padrão) tem acesso de leitura. Todas as outras tentativas de acesso serão negadas, a menos que isso seja feito por um

superusuário (UID 0) ou alguém com permissão suficiente para o perfil SUPERUSER.FILESYS na classe de segurança UNIXPRIV.

## Dados de Auditoria

As seguintes ações são registradas:

- Acesso ao sistema (conexão, desconexão)
- Acesso ao spool JES (envio, exibição, suspensão, liberação, cancelamento, limpeza)
- Acesso ao conjunto de dados (leitura, gravação, criação, exclusão, renomeação, compactação, migração, rechamada)
- Acesso ao arquivo (leitura, gravação, criação, renomeação)
- Execução de comandos do TSO e z/OS UNIX

Cada ação registrada é armazenada (com uma data/registro de data e hora) utilizando o formato Comma Separated Value (CSV), que pode ser lido por uma ferramenta de automação ou de análise de dados. Por exemplo:

```
yyyy/mm/dd hh:mm:ss.sss,userid,action,dataset_name[,returncode]  
[,additional_information]]
```

Estatísticas de conjunto de dados e de membro também são registradas quando o arquivo é aberto. Elas são anexadas à linha que documenta a conclusão da ação READ e os campos são delimitados com %n. Por exemplo:

```
yyyy/mm/dd hh:mm:ss.sss,userid,action,dataset_name,returncode,create%modify%...
```

Os seguintes atributos são registrados, na ordem listada:

- Data e horário de criação (mm/dd/aaaa hh:mm)
- Data e horário da última modificação (mm/dd/aaaa hh:mm:ss)
- Data e horário do último acesso (mm/dd/aaaa hh:mm:ss)
- Formato do registro (RECFM)
- Indicador de revisão SCLM (N = o número de revisão está configurado, D = o número de revisão não está configurado)
- Número de revisão SCLM
- Caracteres "Hexa Inválidos" incluídos (Y = sim, N = não)

**Nota:** Caracteres "Bad Hex" requerem que o Developer for System z mapeie serviços, pois eles não sobrevivem uma viagem ao cliente e voltar devido a incompatibilidades de página de código.

- Comprimento de registro lógico (LRECL)
- Tamanho do Arquivo
- Reservado para utilização futura
- Reservado para utilização futura
- ID do usuário
- Proprietário do bloqueio (enfileiramento) deste conjunto de dados ou membro
- Pontos de código de CR (retorno do carro), LF (alimentação de linha) e NL (nova linha) do host e seus caracteres de substituição (disponíveis somente quando se usa um cliente Versão 8.0.3 ou superior)

## Segurança do JES

O Developer for System z permite acesso do cliente ao spool do JES através do JES Job Monitor. O servidor fornece limitações de acesso básico, que podem ser estendidas com os recursos de proteção padrão do arquivo de spool de seu produto de segurança. As ações do operador (Suspend, Liberar, Cancelar e Limpar) nos arquivos de spool são feitas através do console EMCS, para o qual é necessário configurar permissões condicionais.

### Ações nas Tarefas - Limitações de Destino

O JES Job Monitor não fornece aos usuários do Developer for System z acesso total de operador ao spool do JES. Apenas os comandos Suspend, Liberar, Cancelar e Limpar estão disponíveis e, por padrão, somente para arquivos em spool que pertencem ao usuário. Os comandos são emitidos selecionando a opção apropriada na estrutura de menus do cliente (sem prompt de comandos). O escopo dos comandos pode ser ampliado, utilizando perfis de segurança para definir para quais tarefas os comandos estão disponíveis.

Semelhante ao caractere de ação SDSF SJ, o JES Job Monitor também suporta o comando Mostrar JCL para recuperar a JCL que criou a saída de tarefa selecionada e o mostra em uma janela de editor. O JES Job Monitor recupera a JCL do JES, tornando-o uma função útil para situações em que o membro JCL original não é facilmente localizado.

Tabela 1. Comandos do Console do JES Job Monitor

Ações	JES2	JES3
Suspend	\$Hx(jobid) with x = {J, S or T}	*F,J=jobid,H
Liberar	\$Ax(jobid) with x = {J, S or T}	*F,J=jobid,R
Cancelar	\$Cx(jobid) with x = {J, S or T}	*F,J=jobid,C
Limpar	\$Cx(jobid),P with x = {J, S or T}	*F,J=jobid,C
Mostrar JCL	não-aplicável	não-aplicável

Os comandos JES disponíveis listados na Tabela 1 são limitados por padrão às tarefas que pertencem ao usuário. Isto pode ser alterado com a diretiva LIMIT\_COMMANDS, conforme documentado em "FEJJCNFG, arquivo de configuração do JES Job Monitor" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658).

Tabela 2. Matriz de Permissão do Comando LIMIT\_COMMANDS

LIMIT_COMMANDS	Proprietário da tarefa	
	Usuário	Outros
USERID (padrão)	Permitido	Não permitido
LIMITED	Permitido	Permitido somente se for permitido explicitamente por perfis de segurança

Tabela 2. Matriz de Permissão do Comando LIMIT\_COMMANDS (continuação)

Comando	Proprietário da tarefa	
	Permitido	Permitido se for permitido pelos perfis de segurança ou quando a classe JESSPOOL não estiver ativa
NOLIMIT	Permitido	Permitido se for permitido pelos perfis de segurança ou quando a classe JESSPOOL não estiver ativa

O JES utiliza a classe JESSPOOL para proteger os conjuntos de dados SYSIN/SYSOUT. Semelhante a SDSF, o JES Job Monitor estende o uso da classe JESSPOOL para proteger os recursos de tarefas também.

Se LIMIT\_COMMANDS não for USERID, o JES Job Monitor consultará se há permissão para o perfil relacionado na classe JESSPOOL, conforme mostrado na tabela a seguir.

Tabela 3. Perfis JESSPOOL Estendidos

Comando	Perfil JESSPOOL	Acesso Necessário
Suspender	nodeid.userid.jobname.jobid	ALTER
Liberar	nodeid.userid.jobname.jobid	ALTER
Cancelar	nodeid.userid.jobname.jobid	ALTER
Limpar	nodeid.userid.jobname.jobid	ALTER
Mostrar JCL	nodeid.userid.jobname.jobid.JCL	READ

Use as seguintes substituições na tabela anterior:

nodeid	O ID do nó NJE do subsistema JES de destino
userid	ID do usuário local do proprietário da tarefa
jobname	Nome da tarefa
jobid	ID da tarefa do JES

Se a classe JESSPOOL não estiver ativa, existe um comportamento diferente para o valor LIMITED e NOLIMIT de LIMIT\_COMMANDS, conforme descrito no "Tabela de matriz de permissão do comando LIMIT\_COMMANDS" em "FEJJC�FG, arquivo de Configuração do JES Job Monitor" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658). O comportamento é idêntico quando JESSPOOL está ativo, já que a classe, por padrão, nega a permissão se um perfil não estiver definido.

## Ações nas Tarefas - Limitações de Execução

A segunda fase da segurança de comando em spool do JES, depois de especificar os destinos permitidos, inclui as permissões necessárias para realmente executar o comando do operador. Essa autorização de execução é aplicada pelas verificações de segurança do z/OS e do JES.

Observe que Mostrar JCL não é um comando do operador, como os outros comandos JES Job Monitor (Suspender, Liberar, Cancelar e Limpar), de modo que as limitações na próxima lista não se aplicam porque não há nenhuma verificação de segurança adicional.

O JES Job Monitor emite todos os comandos do operador JES solicitados por um usuário através de um console MCS (EMCS) estendido, cujo nome é controlado com o diretiva CONSOLE\_NAME, conforme documentado em "FEJJC�FG, arquivo de configuração do JES Job Monitor" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658).

O JES Job Monitor permite que você defina quanta autoridade é concedida ao console EMCS com a diretiva `LIMIT_CONSOLE`, conforme o documento no "FEJJCNFG, arquivo de configuração do JES Job Monitor" no *Guia de Configuração do Host* (S517-9094).

*Tabela 4. Matriz de Autoridade do Console `LIMIT_CONSOLE`*

<code>LIMIT_CONSOLE</code>	Perfil ativo na classe <code>OPERCMD</code> S	Não há perfil ativo na classe <code>OPERCMD</code> S
LIMITED (padrão)	Permitido, se houver permissão do perfil de segurança	Não permitido
NOLIMIT	Permitido, se houver permissão do perfil de segurança	Permitido

Essa configuração permite que o administrador de segurança defina permissões granulares de execução de comandos usando as classes `OPERCMD`S e `CONSOLE`.

- Para utilizar um console EMCS, um usuário deve ter (pelo menos) a autoridade `READ` para o perfil `MVS.MCSOPER.console-name` na classe `OPERCMD`S. Observe que, se nenhum perfil estiver definido, o sistema concederá o pedido de autoridade.
- Para executar um comando do operador JES, um usuário deverá ter autoridade suficiente para o perfil `JES%.**` (ou mais específico) na classe `OPERCMD`S. Observe que, se nenhum perfil estiver definido ou a classe `OPERCMD`S não estiver ativa, o JES causará falha no comando se `LIMIT_CONSOLE=LIMITED` estiver definido no `FEJJCNFG`.
- O administrador de segurança também pode exigir que um usuário utilize o JES Job Monitor ao executar o comando do operador especificando `WHEN(CONSOLE(JMON))` na definição `PERMIT`. A classe `CONSOLE` deverá estar ativa para que esta configuração funcione. Observe que a classe `CONSOLE` estando ativa é suficiente; nenhum perfil é verificado para consoles EMCS.

Supondo que a identidade do servidor JES Job Monitor, criando um console `JMON` a partir de uma sessão do TSO, seja impedida por seu software de segurança. Embora o console possa ser criado, o ponto de entrada é diferente (JES Job Monitor versus TSO). Os comandos JES emitidos a partir desse console falharão na verificação de segurança se a segurança estiver configurada conforme documentado nesta publicação e o usuário não tiver autoridade para comandos JES por outros meios.

Observe que o JES Job Monitor não poderá criar o console quando um comando tiver que ser executado se o nome do console já estiver sendo usado. Para evitar isso, o programador de sistema pode configurar a diretiva `GEN_CONSOLE_NAME=ON` no arquivo de configuração do JES Job Monitor ou o administrador de segurança pode definir perfis de segurança para que os usuários do TSO parem de criar um console. Os comandos de amostra do RACF a seguir impedem que qualquer indivíduo (exceto aqueles permitidos) crie um console TSO ou SDSF:

- `RDEFINE TSOAUTH CONSOLE UACC(NONE)`
- `PERMIT CONSOLE CLASS(TSOAUTH) ACCESS(READ) ID(#userid)`
- `RDEFINE SDSF ISFCMD.ODSP.ULOG.* UACC(NONE)`
- `PERMIT ISFCMD.ODSP.ULOG.* CLASS(SDSF) ACCESS(READ) ID(#userid)`

**Nota:** Sem autorização para esses comandos do operador, os usuários ainda poderão enviar tarefas e ler a saída da tarefa por meio do JES Job Monitor, se

tiverem autoridade suficiente para possíveis perfis que protejam esses recursos (como aqueles das classes JESINPUT, JESJOBS e JESSPOOL).

Consulte o *Security Server RACF Security Administrator's Guide* (SA22-7683) para obter informações adicionais sobre proteção de comandos do operador.

## Acesso aos Arquivos de Spool

O JES Job Monitor permite acesso de procura a todos os arquivos em spool, por padrão. Isso pode ser alterado com a diretiva LIMIT\_VIEW, conforme documentado em "FEJJCNFG, arquivo de configuração do JES Job Monitor" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658).

Tabela 5. Matriz de permissão de navegação LIMIT\_VIEW

LIMIT_VIEW	Proprietário da tarefa	
	Usuário	Outros
USERID	Permitido	Não permitido
NOLIMIT (padrão)	Permitido	Permitido se for permitido pelos perfis de segurança ou quando a classe JESSPOOL não estiver ativa

Para limitar os usuários às suas próprias tarefas no spool JES, defina a instrução "LIMIT\_VIEW=USERID" no arquivo de configuração do JES Job Monitor, FEJJCNFG. Se os usuários precisarem de acesso a um intervalo maior de tarefas, mas não todas, use os recursos de proteção de arquivo de spool padrão do seu produto de segurança, como a classe JESSPOOL.

Ao definir a proteção adicional, lembre-se que o JES Job Monitor utiliza a SAPI (SYSOUT Application Program Interface) para acessar o spool. Isto significa que o usuário precisa de, pelo menos, acesso UPDATE aos arquivos de spool, mesmo para a funcionalidade de procura. Esse requisito não se aplicará se você executar o z/OS 1.7 (z/OS 1.8 para JES3) ou superior. Aqui, a permissão READ é suficiente para a funcionalidade de procura.

Consulte *Security Server RACF Security Administrator's Guide* (SA22-7683) para obter informações adicionais sobre a proteção do arquivo em spool do JES.

---

## Comunicação Criptografada de SSL/TLS

A comunicação externa (cliente-host) usando RSE pode ser criptografada usando SSL (Secure Socket Layer) ou Transport Layer Security (TLS). Esse recurso é desativado por padrão e é controlado pelas configurações no `ssl.properties`. Consulte "(Opcional) `ssl.properties`, criptografia RSE SSL" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658).

O daemon RSE e o servidor RSE suportam diferentes mecanismos para armazenar certificados devido a diferenças de arquitetura entre eles. Isso implica que as definições e os certificados SSL são necessários para o daemon RSE e para o servidor RSE. Um certificado compartilhado poderá ser usado se o daemon RSE e o servidor RSE usarem o mesmo método de gerenciamento de certificado.



*Tabela 6. Mecanismos de armazenamento de certificado SSL*

Armazenamento de certificado	Criado e gerenciado por	Daemon RSE	Servidor RSE
conjunto de chaves	produto de segurança compatível com SAF	suportados	suportados
banco de dados de chaves	gskkyman do z/OS UNIX	suportados	/
keystore	keytool do Java	/	suportados

**Nota:** Conjuntos de chaves compatíveis com SAF é o método preferido para gerenciar certificados.

Os conjuntos de chaves compatíveis com SAF podem armazenar a chave privada do certificado no banco de dados de segurança ou usando ICSF (Integrated Cryptographic Service Facility), a interface para o hardware de criptografia do System z.

ICSF é recomendado para o armazenamento de chaves privadas associadas a certificados digitais, porque é uma solução mais segura do que o gerenciamento de chaves privadas não-ICSF. O ICSF garante que as chaves privadas sejam criptografadas na chave mestra do ICSF e que o acesso a elas seja controlado por recursos gerais das classes de segurança CSFKEYS e CSFSERV. Além disso, o desempenho operacional é aprimorado, pois o ICSF utiliza o Coprocessador Criptográfico de hardware. Consulte o *Cryptographic Services ICSF Administrator's Guide* (SA22-7521) para obter mais detalhes sobre o ICSF e sobre como controlar quem pode usar chaves e serviços criptográficos.

O daemon RSE utiliza funções SSL do Sistema para gerenciar as comunicações criptografadas por SSL. Isso implica que SYS1.SIEALNKE deve ser controlado pelo programa pelo software de segurança e estar disponível para o RSE por meio de LINKLIST ou da diretiva STEPLIB em rsed.envvars.

O ID do usuário do RSE (stcrse nos comandos de amostra a seguir) precisa de autorização para acessar esse conjunto de chaves e os certificados relacionados quando os conjuntos de chaves compatíveis com SAF são usados para o daemon RSE ou o servidor RSE.

- RDEFINE FACILITY IRR.DIGTCERT.LIST UACC(NONE)
- RDEFINE FACILITY IRR.DIGTCERT.LISTRING UACC(NONE)
- PERMIT IRR.DIGTCERT.LIST CLASS(FACILITY) ACCESS(READ) ID(stcrse)
- PERMIT IRR.DIGTCERT.LISTRING CLASS(FACILITY) ACCESS(READ) ID(stcrse)
- SETROPTS RACLIST(FACILITY) REFRESH

A variável DSTORE\_SSL\_ALGORITHM na diretiva \_RSE\_JAVA\_OPTS de rsed.envvars permite escolher entre SSL e seu TLS sucessor como método de criptografia, conforme documentado em "Definindo Parâmetros de Inicialização Java Extras com \_RSE\_JAVA\_OPTS" no *Guia de Configuração de Host* (SC23-7658).

Consulte Capítulo 13, "Configurando o SSL e a Autenticação X.509", na página 179 para obter mais detalhes sobre como ativar o SSL para Developer for System z.

## Comunicação Criptografada pelo Depurador Integrado

A comunicação externa (cliente-host) com o Debug Manager opcional também pode ser criptografada usando SSL ou TLS. Para fazer a criptografia dessa maneira, crie uma política AT-TLS para a porta usada pelo Debug Manager para comunicação externa, por padrão 5335. Uma política de amostra é fornecida em Figura 9 na página 31. Consulte *Communications Server IP Configuration Guide*



(SC31-8775) para obter detalhes sobre a configuração AT-TLS (Application Transparent TLS).

```
TTLRule RDz_Debug_Manager
{
  LocalPortRange 5335
  Direction Inbound
  TLSGroupActionRef grp_Production
  TLSEnvironmentActionRef RDz_Debug_Manager
}
TLSEnvironmentAction RDz_Debug_Manager
{
  HandshakeRole Server
  TLSKeyRingParms
  {
    Keyring dbgmgr.racf # Keyring must be owned by the Debug Manager
  }
}
TLSGroupAction grp_Production
{
  TLSEnabled On
  Trace 2
}
```

Figura 9. Política AT-TLS para Debug Manager

## Autenticação de cliente usando certificados X.509

O daemon RSE suporta que os próprios usuários se autenticuem com um certificado X.509. Usar a comunicação criptografada SSL é um pré-requisito para essa função, uma vez que é uma extensão para a autenticação de host com um certificado usado no SSL.

O daemon RSE inicia o processo de autenticação de cliente pela validação do certificado de cliente. Alguns aspectos chave que são verificados são as datas de validade do certificado e a fidelidade da Autoridade de Certificação (CA) usada para assinar o certificado. Opcionalmente, também é possível consultar uma Lista de Revogação de Certificado (CRL) (terceiros).

Depois que o daemon RSE valida o certificado, ele é processado para autenticação. O certificado é transmitido a seu produto de segurança para autenticação, a menos que a diretiva `rsed.envvars.enable.certificate.mapping` esteja configurada como `false`, quando o daemon RSE fará a autenticação.

Se bem-sucedido, o processo de autenticação determinará o ID do usuário a ser usado para esta sessão, que é, então, testado pelo daemon do RSE para assegurar que seja útil no sistema host onde o daemon do RSE está em execução.

A última verificação (que é feita para cada mecanismo de autenticação, não apenas certificados X.509) verifica se o ID do usuário tem permissão para usar o Developer for System z.

Se você estiver familiarizado com as classificações de segurança do SSL usadas por TCP/IP, a combinação dessas etapas de validação corresponderão às especificações de “Autenticação de Cliente Nível 3” (a mais alta disponível).

## Validação da Autoridade de Certificação (CA)

Parte do processo de validação do certificado inclui verificar se o certificado foi assinado por uma Autoridade de Certificação (CA) de confiança. Para fazer isso, o daemon do RSE deve ter acesso a um certificado que identifique a CA.

Ao usar o banco de dados de chaves **gskkyman** para sua conexão SSL, o certificado da CA deve ser incluído no banco de dados de chaves.

Ao usar um conjunto de chaves SAF (que é o método aconselhado), você deve incluir o certificado da CA em seu banco de dados de segurança como o certificado CERTAUTH com o atributo TRUST ou HIGHTRUST, conforme mostrado neste comando RACF de amostra:

- `RACDCERT CERTAUTH ADD(dsn) HIGHTRUST WITHLABEL('label')`

Observe que a maioria dos produtos de segurança já tem os certificados para as CAs reconhecidas disponíveis em seu banco de dados com um status NOTRUST. Use os comandos RACF de amostra a seguir para listar os certificados de CA existentes e marcar um como confiável com base no rótulo designado a ele.

- `RACDCERT CERTAUTH LIST`
- `RACDCERT CERTAUTH ALTER(LABEL('HighTrust CA')) HIGHTRUST`

**Nota:** O status HIGHTRUST será necessário se você depender do RACF para autenticar o usuário com base na extensão HostIdMappings do certificado. Consulte o “Autenticação por Software de Segurança” na página 33 para obter informações adicionais.

Quando o certificado da CA for incluído em seu banco de dados de segurança, ele deverá ser conectado ao conjunto de chaves RSE, conforme mostrado neste comando RACF de amostra:

- `RACDCERT ID(stcrse) CONNECT(CERTAUTH LABEL('HighTrust CA'))  
RING(rdzssl.racf))`

Consulte o *Security Server RACF Command Language Reference* (SA22-7687) para obter informações adicionais sobre o comando **RACDCERT**.

**Atenção:** Se você depender do daemon RSE em vez de seu software de segurança para autenticar um usuário, deverá tomar cuidado para não confundir as CAs com os status TRUST e HIGHTRUST no conjunto de chaves SAF ou no banco de dados de chaves **gskkyman**. O daemon do RSE não é capaz de diferenciar entre os dois, portanto, os certificados assinados por uma CA com status TRUST será válido para propósitos de autenticação de ID do usuário.

## (Opcional) Consulte uma Certificate Revocation List (CRL)

Se desejado, é possível instruir o daemon do RSE para verificar uma ou mais Certificate Revocation Lists (CRL) para incluir segurança extra para o processo de validação. Isso é feito incluindo variáveis de ambiente relacionadas à CRL em `rsed.envvars`.

- `GSK_CRL_SECURITY_LEVEL`
- `GSK_LDAP_SERVER`
- `GSK_LDAP_PORT`
- `GSK_LDAP_USER`
- `GSK_LDAP_PASSWORD`

Consulte *Cryptographic Services System Secure Sockets Layer Programming* (SC24-5901) para obter informações adicionais sobre essas e outras variáveis de ambiente usadas pelo z/OS System SSL.

**Nota:** Tome cuidado ao especificar outras variáveis de ambiente do z/OS System SSL (`GSK_*`) em `rsed.envvars`, pois elas podem alterar a maneira como o daemon RSE trata as conexões SSL e a autenticação de certificado.

## Autenticação por Software de Segurança

O RACF executa várias verificações para autenticar um certificado e retornar o ID do usuário associado. Observe que outros produtos de segurança podem fazer isso de forma diferente. Consulte a documentação de seu produto de segurança para obter informações adicionais sobre a função `initACEE` usada para realizar a autenticação (modo de consulta).

1. O RACF verifica se o certificado está definido na classe `DIGTCERT`. Se estiver, o RACF retornará o ID do usuário que estava associado a este certificado quando ele foi incluído no banco de dados RACF.

Os certificados são definidos como RACF usando o comando `RACDCERT`, como no seguinte exemplo:

```
RACDCERT ID(userid) ADD(dsn) TRUST WITHLABEL('label')
```

2. Se o certificado não estiver definido, o RACF verificará para ver se há um filtro de nome de certificado correspondente definido nas classes `DIGTNMAP` ou `DIGTCRIT`. Se esse for o caso, retorna o ID do usuário associado ao filtro de correspondência mais específico.

**Nota:** Aconselha-se não usar filtros de nomes para certificados usados pelo Developer for System z, pois esses filtros mapeiam todos os certificados para um único ID de usuário. O resultado é que todos os usuários do Developer for System z efetuarão logon com o mesmo ID do usuário.

3. Se não houver nenhum filtro de nome correspondente, o RACF localizará a extensão de certificado `HostIdMappings` e extrairá o par de ID de usuário e nome do host integrado. Se localizado e validado, o RACF retornará o ID do usuário definido na extensão `HostIdMappings`.

O par ID do usuário e nome do host é válido se todas estas condições forem verdadeiras:

- O certificado da CA usado para assinar esse certificado é marcado como `HIGHTRUST` na classe `DIGTCERT`.
- O ID do usuário armazenado na extensão tem um comprimento válido (1 a 8 caracteres).
- O ID do usuário designado ao daemon do RSE tem (pelo menos) autoridade `READ` para o perfil `IRR.HOST.hostname` na classe `SERVAUTH`, onde `hostname` é o nome do host armazenado na extensão. É geralmente um nome de domínio, como `CDFMVS08.RALEIGH.IBM.COM`.

A definição da extensão `HostIdMappings` na sintaxe ASN.1 é:

```
id-ce-hostIdMappings OBJECT IDENTIFIER ::= { 1 3 18 0 2 18 1 }
HostIdMappings ::= SET OF HostIdMapping
HostIdMapping ::= SEQUENCE {
    hostName          IMPLICIT[1] IA5String,
    subjectId         IMPLICIT[2] IA5String,
    proofOfIdPossession IdProof OPTIONAL
}
IdProof ::= SEQUENCE {
    secret            OCTET STRING,
    encryptionAlgorithm OBJECT IDENTIFIER
}
```

**Nota:** Uma extensão `HostIdMappings` não é honrada se o ID do usuário de destino tiver sido criado após o início do período de validade para o certificado contendo a extensão `HostIdMappings`. Portanto, se você estiver criando IDs de usuários especificamente para certificados com extensões `HostIdMappings`, certifique-se de que você tenha criado os IDs de usuários antes de os pedidos de certificados serem enviados.

Consulte *Security Server RACF Security Administrator's Guide* (SA22-7683) para obter mais informações sobre certificados X.509, como são gerenciados pelo RACF e como definir filtros de nome de certificado. Consulte o *Security Server*

*RACF Command Language Reference (SA22-7687)* para obter informações adicionais sobre o comando **RACDCERT**.

## Autenticação por Daemon do RSE

Developer for System z podem fazer autenticação de certificado X.509 básica sem contar com seu produto de segurança. A autenticação realizada pelo daemon do RSE requer que um ID do usuário e nome do host sejam definidos em uma extensão de certificado e está ativa somente se a diretiva `enable.certificate.mapping` em `rsed.envvars` estiver configurada para `FALSE`.

Essa função deverá ser usada se o seu produto de segurança não suportar autenticação de um usuário com base em um certificado X.509 ou se o seu certificado for causar falha no(s) teste(s) feito(s) por seu produto de segurança (por exemplo, o certificado possui um identificador falho para a extensão `HostIdMappings` e não há nenhum filtro ou definição em `DIGTCERT`).

O cliente consultará o usuário pelo identificador da extensão (OID) a ser usado, que é, por padrão, o OID de `HostIdMappings`, {1 3 18 0 2 18 1}.

O daemon do RSE extrairá o ID do usuário e o nome do host do mesmo usando o formato da extensão `HostIdMappings`. Esse formato está descrito em “Autenticação por Software de Segurança” na página 33.

O par ID do usuário e nome do host é válido se todas estas condições forem verdadeiras:

- O ID do usuário armazenado na extensão tem um comprimento válido (1 a 8 caracteres).
- O ID do usuário designado ao daemon do RSE tem (pelo menos) autoridade `READ` para o perfil `IRR.HOST.hostname` na classe `SERVAUTH`, onde `hostname` é o nome do host armazenado na extensão. É geralmente um nome de domínio, como `CDFMVS08.RALEIGH.IBM.COM`.

**Atenção:** Depende do administrador de segurança assegurar que todas as CAs conhecidas do daemon RSE sejam altamente confiáveis, já que o daemon RSE não pode verificar se aquele que assinou o certificado de cliente é altamente confiável ou apenas confiável. Consulte “Validação da Autoridade de Certificação (CA)” na página 31 para obter informações adicionais sobre certificados de CA acessíveis.

---

## Verificação de Port Of Entry (POE)

O Developer for System z suporta a verificação de Port Of Entry (POE), que permite que o host acesse apenas os endereços TCP/IP confiáveis. Esse recurso fica desativado por padrão e requer a definição do perfil de segurança `BPX.POE`, conforme mostrado nos seguintes comandos RACF de amostra:

- `RDEFINE FACILITY BPX.POE UACC(NONE)`
- `PERMIT BPX.POE CLASS(FACILITY) ACCESS(READ) ID(STCRSE)`
- `SETOPTS RACLIST(FACILITY) REFRESH`

### Nota:

- O RSE deve ser configurado para usar o POE removendo-se o comentário da opção `enable.port.of.entry=true` em `rsed.envvars`, conforme documentado em “Definindo parâmetros de inicialização Java com `_RSE_JAVAOPTS`” no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658).

- O ID de usuário do RSE STCRSE requer o UID(0) quando esse perfil não está definido e a verificação de POE está ativada em rsed.envvars.
- A definição de BPX.POE afetará outros aplicativos TC/PIP que suportam a verificação de POE, como INETD.
- As zonas de segurança (perfis EZB.NETACCESS.\*\*, que são os intervalos de endereços IP) devem ser configuradas na classe SERVAUTH para utilizar toda a força da verificação de POE.

Consulte o *Communications Server IP Configuration Guide* (SC31-8775) para obter informações adicionais sobre o controle de acesso à rede usando a verificação de POE.

## Alterando Funções de Cliente

Clientes do Developer for System z versão 8.5.1 e mais recente podem verificar a autorização de acesso aos perfis de segurança do SAF, e baseado no resultado, ativar ou desativar a função relacionada para o usuário.

Developer for System z verifica permissões de acesso aos perfis listados em Tabela 7 para determinar quais opções devem ser ativadas ou desativadas para o usuário.

*Tabela 7. Informações de SAF para Alterar Funções de Cliente*

Perfil FACILITY	Comprimento fixo	Acesso Necessário	Resultado
FEK.USR.OFF.REMOTECOPY.MVS.sysname	27	READ	O cliente desativa funções de copiar e relacionadas para conjuntos de dados do MVS

**Nota:** O Developer for System z presume que um usuário não tenha autorização de acesso quando o software de segurança indica que ele não pode determinar se um usuário tem ou não autorização de acesso a um perfil. Um exemplo disso é quando o perfil não está definido.

O valor sysname corresponde ao nome do sistema de destino.

A coluna “Comprimento fixo” documenta o comprimento da parte fixa do perfil de segurança relacionado.

Por padrão, o Developer for System z espera os perfis FEK.\* estarem na classe de segurança FACILITY. Observe que os perfis na classe FACILITY estão limitados a 39 caracteres. Se a soma do comprimento da parte do perfil fixo (FEK.USR.<key>) e o comprimento da parte do perfil específica do site (sysname) exceder este número, é possível posicionar os perfis em outra classe e instrui o Developer for System z a usar esta classe no lugar. Para fazer isso, remova o comentário da linha `_RSE_FEK_SAF_CLASS` em rsed.envvars e forneça o nome de classe desejado.

As seguintes definições de segurança de amostra permitem a ação REMOTECOPY.MVS para todos os usuários no CDFMVS08, exceto aqueles no grupo RESTRICT:

```
RDEFINE FACILITY (FEK.USR.OFF.REMOTECOPY.MVS.CDFMVS08) -
  UACC(NONE) DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z - CLIENT CONTROL')
PERMIT FEK.USR.OFF.REMOTECOPY.MVS.CDFMVS08 CLASS(FACILITY) -
  ID(RESTRICT) ACCESS(READ)
SETROPTS RACLIST(FACILITY) REFRESH
```

## OFF.REMOTECOPY.MVS

Quando os usuários tiverem acesso de LEITURA ao perfil FEK.USR.OFF.REMOTECOPY.MVS.sysname, então seus clientes do Developer for System z versão 8.5.1 e mais recente desativarão as ações arrastar, copiar, salvar como e trabalhar offline para os conjuntos de dados MVS. O resultado é que os usuários podem acessar os conjuntos de dados nesse sistema, mas os usuários não podem criar uma cópia local de um conjunto de dados em sua estação de trabalho. Isso ajuda a evitar a exposição de informações confidenciais se a estação de trabalho local for perdida ou roubada.

## Grupos de Desenvolvedores de Push-to-client

Os clientes do Developer for System z versão 8.0.1 e superior podem extrair arquivos de configuração de cliente e informações de upgrade do host quando se conectam, assegurando que todos os clientes tenham configurações comuns e estejam atualizados.

Desde a versão 8.0.3, o administrador de cliente pode criar diversos conjuntos de configuração de cliente e diversos cenários de atualização de cliente para ajustar as necessidades de diferentes grupos de desenvolvedores. Isso permite que os usuários recebam uma configuração customizada, com base em critérios como associação de um grupo LDAP ou permissão para um perfil de segurança.

Ao usar as definições do banco de dados de segurança como mecanismo de seleção (o valor SAF é especificado para diretivas em pushtoclient.properties), o Developer for System z verifica as permissões de acesso aos perfis listados na Tabela 8 para determinar a quais grupos de desenvolvedores o usuário pertence, e se um usuário tem permissão para rejeitar atualizações.

*Tabela 8. Informações do SAF de Push-to-client*

Perfil FACILITY	Compri mento fixo	Acesso Nec sário	Resultado
FEK.PTC.CONFIG.ENABLED. sysname.devgroup	23	READ	O cliente aceita atualizações de configuração para o grupo especificado
FEK.PTC.PRODUCT. ENABLED.sysname.devgroup	24	READ	O cliente aceita atualizações de produto para o grupo especificado
FEK.PTC.REJECT.CONFIG. UPDATES.sysname	30	READ	O usuário pode rejeitar atualizações de configuração
FEK.PTC.REJECT.PRODUCT. UPDATES.sysname	31	READ	O usuário pode rejeitar atualizações de produto

**Nota:** O Developer for System z presume que um usuário não tenha autorização de acesso quando o software de segurança indica que ele não pode determinar se um usuário tem ou não autorização de acesso a um perfil. Um exemplo disso é quando o perfil não está definido.

O valor devgroup corresponde ao nome do grupo designado a um grupo específico de desenvolvedores. Observe que o nome do grupo é visível nos clientes do Developer for System z.

O valor sysname corresponde ao nome do sistema de destino.

A coluna “Comprimento fixo” documenta o comprimento da parte fixa do perfil de segurança relacionado.

Por padrão, o Developer for System z espera os perfis FEK.\* estarem na classe de segurança FACILITY. Observe que os perfis na classe FACILITY estão limitados a 39 caracteres. Se a soma do comprimento da parte de perfil fixo (FEK.PTC.<key>) e o comprimento da parte de perfil específico do site (sysname ou sysname.devgroup) exceder esse número, você poderá colocar os perfis em outra classe e instruir o Developer for System z a usar essa classe no lugar. Para fazer isso, remova o comentário da linha \_RSE\_FEK\_SAF\_CLASS em rsed.envvars e forneça o nome de classe desejado.

Observe que o administrador de cliente deve estar na lista de acesso dos perfis FEK.PTC.\*.ENABLED.\* para definir e gerenciar os metadados de push-to-client relacionados. Isso significa que os perfis devem ser definidos com (pelo menos) o administrador de cliente na lista de acesso para que o push-to-client com suporte de grupo possa ser implementado.

Consulte “(Opcional) pushtoclient.properties, Controle de Cliente Baseado em Host” no *Guia de Configuração do Host* (S517-9094) para obter mais informações sobre como ativar o suporte a diversos grupos. Consulte Capítulo 7, “Considerações de Push-to-client”, na página 117 para obter mais informações sobre conceitos e implementação de push-to-client.

---

## Segurança de Depuração

O Depurador Integrado opcional é capaz de depurar transações CICS carregadas na memória de leitura. Quando usado para depurar uma transação no estado de problema (não autorizado), o Depurador Integrado validará se o usuário que possui a sessão de depuração tem permissão para fazer isso.

O Developer for System z verifica o acesso aos perfis listados em Tabela 9 para determinar quais permissões de depuração foram concedidas.

*Tabela 9. Informações de SAF para Funções de Depuração*

Perfil FACILITY	Acesso Necessário	Resultado
AQE.AUTHDEBUG.WRITEBUFFER	UPDATE	O usuário está apto a depurar transações CICS somente leitura



**Nota:** O Developer for System z presume que um usuário não tenha autorização de acesso quando o software de segurança indica que ele não pode determinar se um usuário tem ou não autorização de acesso a um perfil. Um exemplo disso é quando o perfil não está definido.

As definições de segurança de amostra a seguir permitem a ação AUTHDEBUG.WRITEBUFFER para todos os usuários no grupo RDZDEBUG:

```
RDEFINE FACILITY (AQE.AUTHDEBUG.WRITEBUFFER) -  
  UACC(NONE) DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z - DEBUG CICS READ-ONLY')  
PERMIT AQE.AUTHDEBUG.WRITEBUFFER CLASS(FACILITY) -  
  ID(RDZDEBUG) ACCESS(UPDATE)  
SETROPTS RACLIST(FACILITY) REFRESH
```

---

## segurança do CICSTS

O Depurador Integrado opcional é capaz de depurar transações CICS. Consulte “Depuração de Transação do CICS” na página 143 para obter mais detalhes.

O Developer for System z permite, através do Application Deployment Manager, que administradores do CICS controlem quais definições de recurso do CICS podem ser editadas pelo desenvolvedor, seus valores-padrão e a exibição de uma definição de recurso do CICS por meio de um servidor CICS Resource Definition (CRD). Consulte Capítulo 8, “considerações CICSTS”, na página 133 para obter informações adicionais sobre as definições de segurança necessárias do CICS TS.

### repositório do CRD

O conjunto de dados de VSAM do repositório do servidor CRD contém todas as definições de recurso padrão e deve, portanto, ser protegido contra atualizações, mas os desenvolvedores devem ter permissão para ler os valores armazenados aqui.

### transações do CICS

O Developer for System z fornece várias transações que são usadas pelo servidor CRD durante a definição e a consulta de recursos do CICS. Quando a transação é conectada, a verificação de segurança de recurso do CICS, se ativada, garante que o ID do usuário esteja autorizado para executar o ID de transação.

### comunicação criptografada por SSL

O cliente Application Deployment Manager usa os Serviços da Web do CICS TS ou a interface RESTful para chamar o servidor CRD. O uso de SSL para essa comunicação é controlado pela definição TCPIPSERVICE do CICS TS, conforme documentado no *RACF Security Guide for CICS TS*.

---

## Informações Variadas

### Lixeira GATE

A primeira vez que um espaço de endereço instrui o RACF a acessar uma classe de recurso que não é RACLISTed (armazenada na memória), como a classe DATASET, o RACF recuperará e armazenará todos os perfis genéricos no espaço de endereço do usuário, em uma lista conhecida como GATE (Generic Anchor Table Entry). Até o z/OS 1.12, RACF mantém quatro âncoras genéricas para cada espaço de endereço e quatro para cada MVS TCB que tem seu próprio ACEE. Quando todos os quatro forem usados, RACF substituirá o menos recentemente mencionado quando um novo entrar.



Se seus usuários acessam frequentemente mais de quatro qualificadores de alto nível de conjunto de dados, os conjuntos de encadeamentos RSE (que atendem a diversos usuários usando encadeamentos com ACEEs específicos ao usuário) poderão passar pela lixeira GATE pois RACF tem de rotear novas entradas por meio dos slots de âncora disponíveis.

Em z/OS 1.12, RACF introduziu a opção **GENERICANCHOR** do comando **SET**, que permite aumentar o tamanho da tabela. Isso pode ser configurado em todo o sistema para cada nome de tarefa.

## ACEE Gerenciado

O Developer for System z usa os serviços kernel do z/OS UNIX, como `pthread_security_np()` e `__passwd()`, que usam o serviço de segurança InitACEE, resultando em blocos de controle de segurança “ACEE gerenciado”. Um ACEE (Elemento de Ambiente do Acessador) gerenciado é armazenado em cache pelo produto de segurança, e o produto de segurança ignorará determinadas mudanças (como mudanças de senha fora do Developer for System z) até que o cache atinja o tempo limite. (O esgotamento do tempo limite pode levar vários minutos.)

Atualize o cache do ACEE gerenciado após as mudanças de segurança para garantir que os novos dados sejam usados pelo Developer for System z.

---

## Segurança de SCLM

O serviço SCLM Developer Toolkit oferece funcionalidade de segurança opcional para as funções Construir, Promover e Implementar.

Se a segurança for ativada para uma função pelo administrador de SCLM, as chamadas SAF serão feitas para verificar a autoridade para executar a função protegida com o ID do usuário do responsável pela chamada ou do substituto.

Consulte *SCLM Developer Toolkit Administrator's Guide* (SC23-9801), para obter informações adicionais sobre as definições de segurança SCLM necessárias.

---

## arquivos de configuração do Developer for System z

Há vários arquivos de configuração do Developer for System z cujas diretivas impactam a segurança e a configuração de auditoria. Com base nas informações deste capítulo, o administrador de segurança e o programador de sistemas podem decidir quais devem ser as configurações para as diretivas a seguir.

### JES Job Monitor - FEJJCNFG

- `LIMIT_COMMANDS={USERID | LIMITED | NOLIMIT }`  
Definir em relação a quais ações as tarefas podem ser realizadas (excluindo navegação e envio). Para obter mais informações, consulte “Ações nas Tarefas - Limitações de Destino” na página 26.
- `LIMIT_CONSOLE={LIMITED | NOLIMIT}`  
Defina o nível de autoridade do console EMCS usado para executar as ações. Para obter mais informações, consulte “Ações nas Tarefas - Limitações de Destino” na página 26.
- `LIMIT_VIEW={USERID | NOLIMIT}`  
Definir quais arquivos de spool podem ser navegados. Para obter mais informações, consulte “Acesso aos Arquivos de Spool” na página 29.

- `LOOPBACK_ONLY={ON | OFF}`  
Defina se o JES Job Monitor pode ser acessado fora do sistema z/OS. Para obter mais informações, consulte a seção *Arquivo de configuração FEJJCENFG, JES Job Monitor* no capítulo *Customização básica do Guia de Configuração de Host* (S517-9094).
- `APPLID={FEKAPPL | *}`  
ID do aplicativo usado para criação/validação do PassTicket. Para obter informações adicionais, consulte “Usando os PassTickets” na página 22.

**Nota:** Detalhes sobre essas e outras diretivas FEJJCENFG estão disponíveis em "FEJJCENFG, arquivo de configuração do JES Job Monitor" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658).

## RSE - rsed.envvars

- `_RSE_FEK_SAF_CLASS={FACILITY | *}`  
Perfis FEK.\*\* de participação da classe de segurança. Para obter mais informações, consulte “Grupos de Desenvolvedores de Push-to-client” na página 36 e “Alterando Funções de Cliente” na página 35.
- `(_RSE_JAVAOPTS) -DDENY_PASSWORD_SAVE={true | false}`  
Nega aos usuários o salvamento de sua senha do host no cliente. Para obter informações adicionais, consulte "Definindo parâmetros de inicialização Java com \_RSE\_JAVAOPTS" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658).
- `(_RSE_JAVAOPTS) -DDSTORE_IDLE_SHUTDOWN_TIMEOUT=value`  
Cronômetro para desconectar clientes inativos. Para obter informações adicionais, consulte "Definindo parâmetros de inicialização Java com \_RSE\_JAVAOPTS" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658).
- `(_RSE_JAVAOPTS) -DAPPLID={FEKAPPL | *}`  
ID do aplicativo usado para criação/validação do PassTicket. Para obter informações adicionais, consulte “Usando os PassTickets” na página 22.
- `(_RSE_JAVAOPTS) -Denable.port.of.entry={true | false}`  
Ativar a verificação de Port Of Entry. Para obter informações adicionais, consulte “Verificação de Port Of Entry (POE)” na página 34.
- `(_RSE_JAVAOPTS) -DDSTORE_SSL_ALGORITHM={TLSv1.2 | SSL}`  
Selecione SSL ou TLS como o método de criptografia de comunicação. Para obter informações adicionais, consulte “Comunicação Criptografada de SSL/TLS” na página 29.
- `(_RSE_JAVAOPTS) -Denable.certificate.mapping={true | false}`  
Use o seu produto de segurança para autenticar usuários com um certificado X.509. Para obter informações adicionais, consulte “Autenticação de cliente usando certificados X.509” na página 31.
- `GSK_CRL_SECURITY_LEVEL={LOW | MEDIUM | HIGH}`  
`GSK_LDAP_SERVER=*`  
`GSK_LDAP_PORT={389 | *}`  
`GSK_LDAP_USER=*`  
`GSK_LDAP_PASSWORD=*`  
Verificações de segurança adicional para autenticação do X.509. Para obter informações adicionais, consulte “(Opcional) Consulte uma Certificate Revocation List (CRL)” na página 32.
- `(_RSE_JAVAOPTS) -Ddaemon.log={/var/rdz/logs | *}`  
Local dos arquivos de log de auditoria. Para obter informações adicionais, consulte “Criação de Log de Auditoria” na página 24.
- `(_RSE_JAVAOPTS) -Daudit.log.mode={RW.R. | * }`

Máscara de permissões de acesso dos arquivos de log de auditoria. Para obter informações adicionais, consulte “Criação de Log de Auditoria” na página 24.

- (`_RSE_JVAOPTS`) `-Daudit.action=<shell script>`

`(_RSE_JVAOPTS) -Daudit.action.id=<userid>`

Saída de usuário baseada em z/OS UNIX que processa logs de auditoria. Para obter informações adicionais, consulte “Criação de Log de Auditoria” na página 24.

**Nota:** Detalhes sobre essas e outras diretivas `rsed.envvars` estão disponíveis em "`rsed.envvars`, arquivo de configuração RSE" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658).

## RSE - `ssl.properties`

- `daemon_keydb_file={SAF key ring name | gskkyman key database name}`  
Local do certificado do daemon RSE. Para obter informações adicionais, consulte “Comunicação Criptografada de SSL/TLS” na página 29.
- `daemon_key_label=certificate label`  
Nome do certificado do daemon RSE. Para obter informações adicionais, consulte “Comunicação Criptografada de SSL/TLS” na página 29.
- `server_keystore_file={SAF key ring name | Java key store name}`  
Local do certificado do servidor RSE. Para obter informações adicionais, consulte “Comunicação Criptografada de SSL/TLS” na página 29.
- `server_keystore_label=certificate label`  
Nome do certificado do servidor RSE. Para obter informações adicionais, consulte “Comunicação Criptografada de SSL/TLS” na página 29.
- `server_keystore_type={JKS | JCECARCFKS | JCECCARCFKS}`  
Tipo de armazenamento de chaves usado (armazenamento de chaves Java ou conjunto de chaves SAF). Para obter informações adicionais, consulte “Comunicação Criptografada de SSL/TLS” na página 29.

**Nota:** Detalhes sobre essas e outras diretivas `ssl.properties` estão disponíveis em "(Opcional) `ssl.properties`, criptografia RSE SSL" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658).

## RSE - `pushtoclient.properties`

- `config.enabled={true | false | SAF | LDAP}`  
`reject.config.updates={true | false | SAF | LDAP}`  
Controle baseado em host de arquivos de configuração do cliente do Developer for System z. Para obter informações adicionais, consulte Capítulo 7, “Considerações de Push-to-client”, na página 117.
- `product.enabled={true | false | SAF | LDAP}`  
`reject.product.updates={true | false | SAF | LDAP}`  
Controle baseado em host de atualizações do produto do cliente do Developer for System z. Para obter informações adicionais, consulte Capítulo 7, “Considerações de Push-to-client”, na página 117.

**Nota:** Detalhe sobre essas e outras diretivas `pushtoclient.properties` estão disponíveis em "(Opcional) `pushtoclient.properties`, Controle de Cliente Baseado em Host" no *Guia de Configuração do Host* (S517-9094).

## Definições de segurança

Customize e envie o membro de amostra FEKRACF, que tem comandos RACF e z/OS UNIX de amostra para criar as definições de segurança básicas para o Developer for System z.

FEKRACF está localizado em FEK.#CUST.JCL, a menos que tenha especificado um local quando customizou e enviou a tarefa FEK.SFEKSAMP(FEKSETUP). Consulte "Configuração de Customização" no *Guia de Configuração do Host do IBM Rational Developer for System z* para obter mais detalhes.

Consulte *RACF Command Language Reference* (SA22-7687), para obter mais informações sobre comandos RACF.

### Nota:

- Para esses sites que usam CA ACF2™ for z/OS, consulte a página de produto no site de suporte CA (<https://support.ca.com>) e verifique o Developer for System z Knowledge Document, TEC492389 relacionado. Este Knowledge Document tem detalhes sobre os comandos de segurança necessários para configurar adequadamente o Developer for System z.
- Para esses sites que usam CA Top Secret® for z/OS, consulte a página de produto no site de suporte de CA (<https://support.ca.com>) e verifique o Developer for System z Knowledge Document, TEC492091 relacionado. Este Knowledge Document tem detalhes sobre os comandos de segurança necessários para configurar adequadamente o Developer for System z.

As seções a seguir descrevem as etapas necessárias, configuração opcional e possíveis alternativas.

## Requisitos e Lista de Verificação

Para concluir a configuração de segurança, o administrador de segurança deve conhecer os valores que estão listados em Tabela 10. Esses valores foram definidos durante as etapas anteriores da instalação e da customização do Developer for System z.

Tabela 10. Variáveis de configuração de segurança

Descrição	<ul style="list-style-type: none"><li>• Valor-padrão</li><li>• Onde encontrar a resposta</li></ul>	Valor
Developer for System z qualificador de alto nível do produto	<ul style="list-style-type: none"><li>• FEK</li><li>• Instalação SMP/E</li></ul>	
Developer for System z qualificador de alto nível de customização	<ul style="list-style-type: none"><li>• FEK.#CUST</li><li>• FEK.SFEKSAMP(FEKSETUP), conforme descrito em "Configuração de Customização" no <i>Guia de Configuração do Host do IBM Rational Developer for System z</i>.</li></ul>	

Tabela 10. Variáveis de configuração de segurança (continuação)

Descrição	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valor-padrão</li> <li>• Onde encontrar a resposta</li> </ul>	Valor
dNome da Tarefa Iniciada pelo Depurador Integrado	<ul style="list-style-type: none"> <li>• DBGMR</li> <li>• FEK.#CUST.PROCLIB(DBGMR), conforme descrito em "Mudanças em PROCLIB" no <i>Guia de Configuração de Host do IBM Rational Developer for System z</i></li> </ul>	
Nome da tarefa iniciada do JES Job Monitor	<ul style="list-style-type: none"> <li>• JMON</li> <li>• FEK.#CUST.PROCLIB(JMON), conforme descrito em "Mudanças de PROCLIB" no <i>Guia de Configuração do Host do IBM Rational Developer for System z</i></li> </ul>	
Nome da tarefa iniciada do daemon RSE	<ul style="list-style-type: none"> <li>• RSED</li> <li>• FEK.#CUST.PROCLIB(RSED), conforme descrito em "Mudanças de PROCLIB" no <i>Guia de Configuração do Host do IBM Rational Developer for System z</i>.</li> </ul>	
ID do aplicativo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• FEKAPPL</li> <li>• /etc/rdz/rsed.envvars, conforme descrito em "Definindo Parâmetros Extras de Inicialização Java com _RSE_JAVAOPTS" no <i>Guia de Configuração do Host do IBM Rational Developer for System z</i></li> </ul>	

A lista a seguir é uma visão geral das ações que são necessárias para concluir a configuração de segurança básica do Developer for System z. Conforme documentado nas seções a seguir, métodos diferentes podem ser usados para preencher esses requisitos, dependendo do nível de segurança necessário. Para obter informações sobre a configuração de segurança dos serviços opcionais do Developer for System z, consulte as seções anteriores.

- “Ativar Configurações de Segurança e Classes” na página 44
- “Definir um segmento OMVS para usuários do Developer for System z” na página 45
- “Definir as Tarefas Iniciadas do Developer for System z” na página 45
- “Definir RSE como um servidor z/OS UNIX seguro” na página 46
- “Definir as Bibliotecas Controladas por Programa do MVS para RSE” na página 47
- “Definir Suporte de PassTicket para RSE” na página 48
- “Definir a Proteção do Aplicativo para RSE” na página 49
- “Definir a Segurança de Comando JES” na página 49

- “Definir Perfis de Conjuntos de Dados” na página 51
- “Definir os Arquivos Controlados por Programa do z/OS UNIX para RSE” na página 55
- “Verifique as Configurações de Segurança” na página 55

## Ativar Configurações de Segurança e Classes

Developer for System z usa uma variedade de mecanismos de segurança para assegurar um ambiente de sistema host seguro e controlado para o cliente. Para fazer isto, várias classes e configurações de segurança devem estar ativas, conforme mostrado com os seguintes comandos RACF de amostra:

- Exibir configurações atuais
  - SETROPTS LIST
- Ativar classe de recurso do z/OS UNIX e os perfis de certificados digitais
  - SETROPTS GENERIC(FACILITY)
  - SETROPTS CLASSACT(FACILITY) RACLIST(FACILITY)
- Ativar definições de tarefa iniciada
  - SETROPTS GENERIC(STARTED)
  - RDEFINE STARTED \*\* STDATA(USER(=MEMBER) GROUP(STCGROUP) TRACE(YES))
  - SETROPTS CLASSACT(STARTED) RACLIST(STARTED)
- Ativar a segurança do console para JES Job Monitor
  - SETROPTS GENERIC(CONSOLE)
  - SETROPTS CLASSACT(CONSOLE) RACLIST(CONSOLE)
- Ativar a proteção do comando do operador para JES Job Monitor
  - SETROPTS GENERIC(OPERCMDS)
  - SETROPTS CLASSACT(OPERCMDS) RACLIST(OPERCMDS)
- Ativar a proteção do aplicativo para RSE
  - SETROPTS GENERIC(APPL)
  - SETROPTS CLASSACT(APPL) RACLIST(APPL)
- Ativar a conexão protegida usando PassTickets para RSE
  - SETROPTS GENERIC(PTKTDATA)
  - SETROPTS CLASSACT(PTKTDATA) RACLIST(PTKTDATA)
- Ativar o controle de programa para garantir que apenas o código confiável possa ser carregado pelo RSE
  - RDEFINE PROGRAM \*\* ADDMEM('SYS1.CMDLIB'//NOPADCHK) UACC(READ)
  - SETROPTS WHEN(PROGRAM)

**Nota:** Não crie o perfil \*\* se você já tiver um perfil \* na classe PROGRAM. Ele obscurece e complica o caminho da procura usado pelo software de segurança. Nesse caso, você deve mesclar as definições \* existentes com a \*\* nova. Use o perfil \*\*, conforme documentado em *Security Server RACF Security Administrator's Guide (SA22-7683)*.

**Atenção:** Alguns produtos, como o FTP, precisarão ser controlados pelo programa se "WHEN PROGRAM" estiver ativo. Teste este controle de programa antes de ativá-lo em um sistema de produção.

- (Opcional) Ative o X.509 HostIdMappings e o suporte Port Of Entry (POE) estendido
  - SETROPTS GENERIC(SERVAUTH)

– SETROPTS CLASSACT(SERVAUTH) RACLIST(SERVAUTH)

## Definir um segmento OMVS para usuários do Developer for System z

Um segmento OMVS do RACF ou equivalente que especifica um ID do usuário z/OS UNIX (UID) não zero válido, diretório inicial e comando shell deve ser definido para cada usuário do Developer for System z. Seu grupo padrão também requer um segmento OMVS com um ID de grupo.

Ao usar o Depurador Integrado, o ID do usuário sob o qual o aplicativo sendo depurado está ativo e seu grupo padrão também requer um segmento RACF OMVS válido ou equivalente.

Nos comandos de amostra do RACF a seguir, substitua os marcadores #userid, #user-identifier, #group-name e #group-identifier por valores reais:

- ```
ALTUSER #userid
OMVS(UID(#user-identifier) HOME(/u/#userid) PROGRAM(/bin/sh) NOASSIZEMAX)
```
- ```
ALTGROUP #group-name OMVS(GID(#group-identifier))
```

## Definir as Tarefas Iniciadas do Developer for System z

Os comandos RACF de amostra a seguir criam as tarefas iniciadas de DBGMR, JMON e RSED, com IDs do usuário protegidos ( STCDBGM, STCJMON e STCRSE) e o grupo STCGROUP designado a elas. Substitua os marcadores #group-id e #user-id-\* pelos IDs de OMVS válidos.

- ```
ADDGROUP STCGROUP OMVS(GID(#group-id))
DATA('GROUP WITH OMVS SEGMENT FOR STARTED TASKS')
```
- ```
ADDUSER STCDBM DFLTGRP(STCGROUP) NOPASSWORD
NAME('RDZ - DEBUG MANAGER')
OMVS(UID(#user-id-debug) HOME(/tmp) PROGRAM(/bin/sh) )
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z')
```
- ```
ADDUSER STCJMON DFLTGRP(STCGROUP) NOPASSWORD NAME('RDZ - JES JOBMONITOR')
OMVS(UID(#user-id-jmon) HOME(/tmp) PROGRAM(/bin/sh) )
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z')
```
- ```
ADDUSER STCRSE DFLTGRP(STCGROUP) NOPASSWORD NAME('RDZ - RSE DAEMON')
OMVS(UID(#user-id-rse) HOME(/tmp) PROGRAM(/bin/sh) ASSIZEMAX(2147483647)
)
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z')
```
- ```
RDEFINE STARTED DBGMR.* DATA('RDZ - DEBUG MANAGER')
STDATA(USER(STCDBM) GROUP(STCGROUP) TRUSTED(NO))
```
- ```
RDEFINE STARTED JMON.* DATA('RDZ - JES JOBMONITOR')
STDATA(USER(STCJMON) GROUP(STCGROUP) TRUSTED(NO))
```
- ```
RDEFINE STARTED RSED.* DATA('RDZ - RSE DAEMON')
STDATA(USER(STCRSE) GROUP(STCGROUP) TRUSTED(NO))
```
- ```
SETROPTS RACLIST(STARTED) REFRESH
```

**Nota:**



- Assegure-se de que os IDs de usuário das tarefas iniciadas sejam protegidos especificando-se a palavra-chave NOPASSWORD.
- Assegure-se de que o servidor RSE tenha um uid OMVS exclusivo devido aos privilégios relacionados ao z/OS UNIX concedidos a esse uid.
- O daemon RSE exige um tamanho de espaço de endereço grande (2GB) para operação adequada. Configure este valor na variável ASSIZEMAX do segmento OMVS para o ID do usuário STCRSE. Configurar esse valor assegura que o daemon RSE obtenha o tamanho da região necessário, independentemente de mudanças para MAXASSIZE em SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx).
- O RSE exige também um grande número de encadeamentos para operação adequada. Você pode definir o limite na variável THREADSMAX do segmento OMVS do ID do usuário STCRSE. Configurar o limite assegura que o RSE obtenha o limite de encadeamento necessário, independentemente de mudanças para MAXTHREADS ou MAXTHREADTASKS em SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx). Para determinar o valor correto para o limite de encadeamento, consulte "Considerações de ajuste" no *Referência de Configuração do Host* (S517-9857).
- O ID do usuário STCJMON é outro bom candidato para configurar THREADSMAX no segmento OMVS, pois o JES Job Monitor usa um encadeamento por conexão do cliente.
- A tarefa iniciada pelo Depurador Integrado (DBGMR) é usada apenas pelo recurso do Depurador Integrado opcional.

Considere tornar o ID do usuário STCRSE restrito. Usuários com o atributo RESTRICTED não podem acessar recurso protegidos (MVS) que não estão especificamente autorizados a acessar.

ALTUSER STCRSE RESTRICTED

Para assegurar que os usuários restritos não obtenham acesso a recursos do sistema de arquivos z/OS UNIX por meio de "outras" permissões de bits, defina o perfil RESTRICTED.FILESYS.ACCESS na classe UNIXPRIV com UACC(NONE). Para obter mais informações sobre restringir IDs de usuário, consulte *Security Server RACF Security Administrator's Guide* (SA22-7683).

**Atenção:** Se usar IDs de usuário restritos, inclua explicitamente o acesso a um recursos usando os comandos de TSO **PERMIT** ou z/OS UNIX **setfacl**. Os recursos incluem esses recursos em que a documentação do Developer for System z usa UACC, como o perfil \*\* na classe PROGRAM ou em que conta com convenções comuns do z/OS UNIX, como qualquer pessoa tendo permissão de leitura e execução para bibliotecas Java. Teste o acesso antes de ativá-lo em um sistema de produção.

## Definir RSE como um servidor z/OS UNIX seguro

RSE requer acesso UPDATE ao perfil BPX.SERVER para criar ou excluir o ambiente de segurança para o encadeamento do cliente. Se esse perfil não estiver definido, UID(0) será necessário para o RSE. Essa etapa é necessária para que os clientes possam se conectar.

O Depurador Integrado requer acesso UPDATE ao perfil BPX.SERVER para criar ou excluir o ambiente de segurança para o encadeamento de depuração. Se este perfil não estiver definido, o UID(0) será necessário para o ID do usuário da tarefa iniciada de STCDBM. Esta permissão é necessária apenas quando o recurso Depurador Integrado opcional é usado.

- RDEFINE FACILITY BPX.SERVER UACC(NONE)
- PERMIT BPX.SERVER CLASS(FACILITY) ACCESS(UPDATE) ID(STCRSE)



- PERMIT BPX.SERVER CLASS(FACILITY) ACCESS(UPDATE) ID(STCDBM)
- SETROPTS RACLIST(FACILITY) REFRESH

**Atenção:** Definir o perfil BPX.SERVER torna o z/OS UNIX um comutador completo da segurança de nível UNIX para a segurança de nível z/OS UNIX, que é mais segura. Esse comutador pode afetar outros aplicativos e operações z/OS UNIX. Teste a segurança antes de ativá-la em um sistema de produção. Para obter mais informações sobre os diferentes níveis de segurança, consulte *UNIX System Services Planning* (GA22-7800).

## Definir as Bibliotecas Controladas por Programa do MVS para RSE

Servidores com autoridade para BPX.SERVER devem executar em um ambiente limpo e controlado por programa. Este requisito implica que todos os programas chamados pelo RSE também devem ser controlados por programa. Para as bibliotecas de carregamento do MVS, o controle de programa é gerenciado pelo seu software de segurança. Essa etapa é necessária para que os clientes possam se conectar.

O RSE usa o tempo de execução do sistema (SYS1.LINKLIB), Language Environment' (CEE.SCEERUN\*) e a biblioteca de carregamento do ISPF' TSO/ISPF Client Gateway (ISP.SISPLD).

- RALTER PROGRAM \*\* UACC(READ) ADDMEM('SYS1.LINKLIB'//NOPADCHK)
- RALTER PROGRAM \*\* UACC(READ) ADDMEM('CEE.SCEERUN'//NOPADCHK)
- RALTER PROGRAM \*\* UACC(READ) ADDMEM('CEE.SCEERUN2'//NOPADCHK)
- RALTER PROGRAM \*\* UACC(READ) ADDMEM('ISP.SISPLD'//NOPADCHK)
- SETROPTS WHEN(PROGRAM) REFRESH

**Nota:** Não utilize o perfil \*\* se já tiver um perfil \* na classe PROGRAM. O perfil obscurece e complica o caminho da procura usado por seu software de segurança. Nesse caso, você deve mesclar as definições \* existentes com a \*\* nova. Use o perfil \*\*, conforme documentado em *Security Server RACF Security Administrator's Guide* (SA22-7683).

As bibliotecas de pré-requisito adicionais a seguir devem ser tornadas controladas por programa para suportar o uso de serviços opcionais. Esta lista não inclui conjuntos de dados que são específicos para um produto com o qual o Developer for System z interage, tal como o IBM File Manager.

- Alterne a biblioteca de tempo de execução do REXX, para o SCLM Developer Toolkit
  - REXX.\*.SEAGALT
- Biblioteca de carregamento do sistema, para criptografia SSL
  - SYS1.SIEALNKE
- Biblioteca do Developer for System z, para Depurador Integrado
  - FEK.SFEKAUTH

**Nota:** As bibliotecas que são projetadas para colocação de LPA também requerem autorizações de controle de programa se forem acessadas por meio de LINKLIST ou STEPLIB. Esta publicação documenta o uso das seguintes bibliotecas LPA:

- ISPF, para TSO/ISPF Client Gateway
  - ISP.SISPLPA
- Biblioteca de tempo de execução REXX, para SCLM Developer Toolkit
  - REXX.\*.SEAGLPA

- Developer for System z, para CARMA
  - FEK.SFEKLPA

## Definir Suporte de PassTicket para RSE

A senha do cliente ou outro meio de identificação, como o certificado X.509 é usada somente para verificar a identidade mediante a conexão. Depois disso, os PassTickets são usados para manter a segurança do encadeamento. Essa etapa é necessária para que os clientes possam se conectar.

Os PassTickets são senhas geradas pelo sistema com um tempo de vida de aproximadamente 10 minutos. Os PassTickets gerados são baseados em uma chave secreta. Esta chave é um número de 64 bits (16 caracteres hexadecimais). Nos comandos de amostra RACF a seguir, substitua o marcador key16 por uma sequência hexadecimal de 16 caracteres fornecida pelo usuário que tenha os caracteres de 0 a 9 e A a F.

- ```
RDEFINE PTKTDATA FEKAPPL.UACC(NONE) SSIGNON(KEYMASKED(key16))
APPLDATA('NO REPLAY PROTECTION - DO NOT CHANGE')
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z')
```
- ```
RDEFINE PTKTDATA IRRPTAUTH.FEKAPPL.* UACC(NONE)
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z')
```
- ```
PERMIT IRRPTAUTH.FEKAPPL.* CLASS(PTKTDATA) ACCESS(UPDATE) ID(STCRSE)
```
- ```
SETROPTS RACLIST(PTKTDATA) REFRESH
```

O RSE suporta o uso de um ID do aplicativo que não FEKAPPL. Remova o comentário e customize a opção "APPLID=FEKAPPL" em `rsed.envvars` para ativar isso, conforme documentado em "Defining extra Java startup parameters with `_RSE_JAVAOPTS`" no *IBM Rational Developer for System z Host Configuration Guide*. As definições de classe PTKTDATA devem corresponder ao ID do aplicativo real usado pelo RSE.

Não é recomendável usar OMVSAPPL como ID do aplicativo porque ele abrirá a chave secreta para a maioria dos aplicativos do z/OS UNIX. Também não é recomendável usar o ID do aplicativo padrão MVS, que é seguido do MVS pelo ID SMF do sistema, pois isso abrirá a chave secreta para a maioria dos aplicativos MVS, incluindo tarefas em lote do usuário.

### Nota:

- Se a classe PTKTDATA já estiver definida, verifique se ela está definida como uma classe genérica antes de criar os perfis listados acima. O suporte para caracteres genéricos da classe PTKTDATA é novo desde o z/OS release 1.7, com a introdução de uma interface Java para PassTickets.
- Substitua o curinga (\*) da definição IRRPTAUTH.FEKAPPL.\* por uma máscara de ID do usuário válida para limitar os IDs do usuário para os quais o RSE pode gerar um PassTicket.
- Dependendo das configurações do RACF, o usuário que define um perfil também poderá estar na lista de acesso do perfil. Remova esta permissão para os perfis PTKTDATA.
- O JES Job Monitor e o RSE devem ter o mesmo ID de aplicativo para permitir que o JES Job Monitor avalie os PassTickets apresentados pelo RSE. Para o JES Job Monitor, o ID do aplicativo é definido no arquivo de configuração FEJCNFG com a diretiva APPLID.

- Se o sistema tiver um produto criptográfico instalado e disponível, você poderá criptografar a chave de aplicativo de conexão protegida para proteção adicional. Para isso, use a palavra-chave KEYENCRYPTED em vez de KEYMASKED. Para obter mais informações, consulte *Security Server RACF Security Administrator's Guide* (SA22-7683).

**Atenção:** O pedido de conexão do cliente falhará se os PassTickets não estiverem configurados corretamente.

## Definir a Proteção do Aplicativo para RSE

Durante o logon do cliente, o daemon RSE verifica se um usuário tem permissão para usar o aplicativo.

- ```
RDEFINE APPL FEKAPPL UACC(READ) DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z')
```
- ```
SETOPTS RACLIST(APPL) REFRESH
```

### Nota:

- Conforme descrito em mais detalhes em “Definir Suporte de PassTicket para RSE” na página 48, o RSE suporta o uso de um ID do aplicativo que não FEKAPPL. A definição de classe do APPL deve corresponder ao ID do aplicativo real usado pelo RSE.
- A solicitação de conexão do cliente é bem-sucedida se o ID do aplicativo não estiver definido na classe APPL.
- A solicitação de conexão do cliente falhará somente se o ID do aplicativo estiver definido e o usuário não tiver acesso de LEITURA ao perfil.

## Definir a Segurança de Comando JES

O JES Job Monitor emite todos os comandos do operador JES solicitados por um usuário por meio de um console MCS estendido (EMCS), cujo nome é controlado com a diretiva `CONSOLE_NAME`, conforme documentado em “FEJJCNFG, Arquivo de Configuração do JES Job Monitor” no *Guia de Configuração do Host do IBM Rational Developer for System z*.

A amostra a seguir de comandos RACF dá aos usuários do Developer for System z a acesso condicional a um conjunto limitado de comandos JES, que são Manter, Liberar, Cancelar e Limpar. Os usuários só terão permissão de execução se emitirem os comandos por meio do JES Job Monitor. Substitua o marcador `#console` pelo nome real do console.

- ```
RDEFINE OPERCMDS MVS.MCSOPER.#console UACC(READ)
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z')
```
- ```
RDEFINE OPERCMDS JES%.* UACC(NONE)
```
- ```
PERMIT JES%.* CLASS(OPERCMDS) ACCESS(UPDATE) WHEN(CONSOLE(JMON)) ID(*)
```
- ```
SETOPTS RACLIST(OPERCMDS) REFRESH
```

### Nota:

- O uso do console é permitido se nenhum perfil `MVS.MCSOPER.#console` for definido.

- A classe CONSOLE deverá estar ativa para que WHEN(CONSOLE(JMON)) funcione, mas não há registro de entrada real de perfil na classe CONSOLE para consoles EMCS.
- Não substitua JMON pelo nome real do console na cláusula WHEN(CONSOLE(JMON)). A palavra-chave JMON representa o aplicativo de ponto de entrada, não o nome do console.

**Atenção:** Definir os comandos JES com o acesso universal NONE no software de segurança pode afetar outros aplicativos e operações. Teste a segurança antes de ativá-la em um sistema de produção.

A Tabela 11 e a Tabela 12 mostram os comandos do operador emitidos para JES2 e JES3 e os perfis de segurança distintos que podem ser usados para protegê-los.

*Tabela 11. Comandos do Operador do JES2 Job Monitor*

Ações	Comando	Perfil OPERCMDS	Acesso Necessário
Suspen der	\$Hx(jobid) with x = {J, S or T}	jesname.MODIFYHOLD.BAT jesname.MODIFYHOLD.STC jesname.MODIFYHOLD.TSU	UPDATE
Liberar	\$Ax(jobid) with x = {J, S or T}	jesname.MODIFYRELEASE.BAT jesname.MODIFYRELEASE.STC jesname.MODIFYRELEASE.TSU	UPDATE
Cancelar	\$Cx(jobid) with x = {J, S or T}	jesname.CANCEL.BAT jesname.CANCEL.STC jesname.CANCEL.TSU	UPDATE
Limpar	\$Cx(jobid),P with x = {J, S or T}	jesname.CANCEL.BAT jesname.CANCEL.STC jesname.CANCEL.TSU	UPDATE

*Tabela 12. Comandos do Operador do JES3 Job Monitor*

Ações	Comando	Perfil OPERCMDS	Acesso Necessário
Suspen der	*F,J=jobid,H	jesname.MODIFY.JOB	UPDATE
Liberar	*F,J=jobid,R	jesname.MODIFY.JOB	UPDATE
Cancelar	*F,J=jobid,C	jesname.MODIFY.JOB	UPDATE
Limpar	*F,J=jobid,C	jesname.MODIFY.JOB	UPDATE

**Nota:**

- Os comandos de operador JES Manter, Liberar, Cancelar e Limpar e o comando Mostrar JCL podem ser executados somente em arquivos de spool de propriedade do ID do usuário do cliente, a menos que LIMIT\_COMMANDS= com valor LIMITED ou NOLIMIT esteja especificado no arquivo de configuração do JES Job Monitor. Para obter informações adicionais, consulte "Ações com relação a tarefas - limitações de destino" no *Referência de Configuração do Host* (S517-9857).
- Os usuários podem procurar qualquer arquivo em spool, a menos que LIMIT\_VIEW=USERID esteja definido no arquivo de configuração do JES Job Monitor. Para obter mais informações, consulte "Acesso a arquivos de spool" em *Referência de Configuração do Host* (S517-9857).
- Mesmo se os usuários não estiverem autorizados para estes comandos do operador, eles ainda poderão enviar tarefas e ler saída de tarefa por meio do JES

Job Monitor se tiverem autoridade suficiente a possíveis perfis que protegem esses recursos, como aqueles em classes JESINPUT, JESJOBS e JESSPOOL.

Supondo que a identidade do servidor JES Job Monitor, criando um console JMON a partir de uma sessão do TSO, seja impedida por seu software de segurança. Mesmo que o console possa ser criado, o ponto de entrada é diferente; por exemplo, JES Job Monitor versus TSO. Os comandos JES emitidos deste console falharão na verificação de segurança se sua segurança estiver configurada conforme documentado nesta publicação e o usuário não tiver autoridade aos comandos JES por outros meios.

## Definir Perfis de Conjuntos de Dados

O acesso READ para usuários e ALTER para programadores de sistema é suficiente para a maioria dos conjuntos de dados do Developer for System z. Substitua o marcador #sysprog por IDs de usuário válidos ou nomes de grupos do RACF. Além disso, solicite ao programador de sistema que instalou e configurou o produto, os nomes de conjunto de dados corretos. FEK é o qualificador de alto nível padrão usado durante a instalação e FEK.#CUST é o qualificador de alto nível padrão para conjuntos de dados criados durante o processo de customização.

```
•  
ADDGROUP (FEK) OWNER(IBMUSER) SUPGROUP(SYS1)  
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z - HLQ STUB')  
•  
ADDSD 'FEK.*.*' UACC(READ)  
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z')  
•  
PERMIT 'FEK.*.*' CLASS(DATASET) ACCESS(ALTER) ID(#sysprog)  
•  
SETOPTS GENERIC(DATASET) REFRESH
```

### Nota:

- Proteja FEK.SFEKAUTH contra atualizações, pois este conjunto de dados é autorizado pelo APF. O mesmo ocorre para FEK.SFEKLOAD e FEK.SFEKLPA que, nesse caso, esses conjuntos de dados são controlados pelo programa.
- Os comandos de amostra nesta publicação e na tarefa FEKRACF supõem que a Enhanced Generic Naming (EGN) esteja ativa. Quando o EGN estiver ativo, o qualificador \*\* poderá ser usado para representar qualquer número de qualificadores na classe DATASET. Substitua \*\* por \* se a EGN não estiver ativa em seu sistema. Para obter mais informações sobre EGN, consulte *Security Server RACF Security Administrator's Guide* (SA22-7683).

Alguns dos componentes opcionais do Developer for System z exigem perfis adicionais do conjunto de dados de segurança. Substitua os marcadores #sysprog, #ram-developer e #cicsadmin por um ID de usuário válido ou nomes de grupos RACF:

- Se a tradução do nome abreviado/Ingo do SCLM Developer Toolkit for usada, os usuários exigirão acesso UPDATE ao mapeamento VSAM, FEK.#CUST.LSTRANS.FILE.

```
—  
ADDSD 'FEK.#CUST.LSTRANS.*.*' UACC(UPDATE)  
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z - SCLMDT')  
—  
PERMIT 'FEK.#CUST.LSTRANS.*.*' CLASS(DATASET) ACCESS(ALTER) ID(#sysprog)  
—  
SETOPTS GENERIC(DATASET) REFRESH
```

- Os desenvolvedores CARMA RAM (Repository Access Manager) exigem acesso de UPDATE ao CARMA VSAMs, FEK.#CUST.CRA\*.

```

—
ADDSD 'FEK.#CUST.CRA*.*' UACC(READ)
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z - CARMA')

—

PERMIT 'FEK.#CUST.CRA*.*' CLASS(DATASET) ACCESS(ALTER) ID(#sysprog)

—

PERMIT 'FEK.#CUST.CRA*.*' CLASS(DATASET) ACCESS(UPDATE) ID(#ram-developer)

—

SETOPTS GENERIC(DATASET) REFRESH

```

- Se o servidor CICS Resource Definition (CRD) do Application Deployment Manager for usado, os administradores do CICS exigirão acesso UPDATE ao VSAM do repositório CRD.

```

—

ADDSD 'FEK.#CUST.ADNREP*.*' UACC(READ)
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z - ADN')

—

PERMIT 'FEK.#CUST.ADNREP*.*' CLASS(DATASET) ACCESS(ALTER) ID(#sysprog)

—

PERMIT 'FEK.#CUST.ADNREP*.*' CLASS(DATASET) ACCESS(UPDATE) ID(#cicsadmin)

—

SETOPTS GENERIC(DATASET) REFRESH

```

- Se o repositório de manifesto do Application Deployment Manager estiver definido, todos os usuários do CICS Transaction Server exigirão acesso UPDATE ao VSAM do repositório de manifesto.

```

—

ADDSD 'FEK.#CUST.ADNMAN*.*' UACC(UPDATE)
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z - ADN')

—

PERMIT 'FEK.#CUST.ADNMAN*.*' CLASS(DATASET) ACCESS(ALTER) ID(#sysprog)

—

SETOPTS GENERIC(DATASET) REFRESH

```

Use os comandos de amostra do RACF a seguir para obter uma configuração mais segura onde o acesso READ também é controlado.

- proteção do conjunto de dados uacc(none)

```

—

ADDGROUP (FEK)
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z - HLQ STUB')
OWNER(IBMUSER) SUPGROUP(SYS1)*

—

ADDSD 'FEK.*.*' UACC(NONE)
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z')

—

ADDSD 'FEK.SFEKAUTH' UACC(NONE)
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z')

—

ADDSD 'FEK.SFEKLOAD' UACC(NONE)
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z')

—

ADDSD 'FEK.SFEKLMOD' UACC(NONE)
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z')

—

ADDSD 'FEK.SFEKPROC' UACC(NONE)
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z')

—

ADDSD 'FEK.#CUST.PARMLIB' UACC(NONE)
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z')

```

```

--
ADDSD 'FEK.#CUST.CNTL' UACC(NONE)
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z')

--

ADDSD 'FEK.#CUST.SQL' UACC(NONE)
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z')

--

ADDSD 'FEK.#CUST.LSTRANS.*.*' UACC(NONE)
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z - SCLMDT')

--

ADDSD 'FEK.#CUST.CRA*.*' UACC(NONE)
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z - CARMA')

--

ADDSD 'FEK.#CUST.ADNREP*.*' UACC(NONE)
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z - ADN')

--

ADDSD 'FEK.#CUST.ADNMAN*.*' UACC(NONE)
DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z - ADN')

```

- Permitir que o programador de sistema gerencie todas as bibliotecas

```

--
PERMIT 'FEK.*.*' CLASS(DATASET) ACCESS(ALTER) ID(#sysprog)

--

PERMIT 'FEK.SFEKAUTH' CLASS(DATASET) ACCESS(ALTER) ID(#sysprog)

--

PERMIT 'FEK.SFEKLOAD' CLASS(DATASET) ACCESS(ALTER) ID(#sysprog)

--

PERMIT 'FEK.SFEKLMOD' CLASS(DATASET) ACCESS(ALTER) ID(#sysprog)

--

PERMIT 'FEK.SFEKPROC' CLASS(DATASET) ACCESS(ALTER) ID(#sysprog)

--

PERMIT 'FEK.#CUST.PARMLIB' CLASS(DATASET) ACCESS(ALTER) ID(#sysprog)

--

PERMIT 'FEK.#CUST.CNTL' CLASS(DATASET) ACCESS(ALTER) ID(#sysprog)

--

PERMIT 'FEK.#CUST.SQL' CLASS(DATASET) ACCESS(ALTER) ID(#sysprog)

--

PERMIT 'FEK.#CUST.LSTRANS.*.*' CLASS(DATASET) ACCESS(ALTER) ID(#sysprog)

--

PERMIT 'FEK.#CUST.CRA*.*' CLASS(DATASET) ACCESS(ALTER) ID(#sysprog)

--

PERMIT 'FEK.#CUST.ADNREP*.*' CLASS(DATASET) ACCESS(ALTER) ID(#sysprog)

--

PERMIT 'FEK.#CUST.ADNMAN*.*' CLASS(DATASET) ACCESS(ALTER) ID(#sysprog)

```

- Permitir que os clientes acessem as bibliotecas de carregamento e execução

```

--
PERMIT 'FEK.SFEKAUTH' CLASS(DATASET) ACCESS(READ) ID(*)

--

PERMIT 'FEK.SFEKLOAD' CLASS(DATASET) ACCESS(READ) ID(*)

--

PERMIT 'FEK.SFEKPROC' CLASS(DATASET) ACCESS(READ) ID(*)

--

PERMIT 'FEK.#CUST.CNTL' CLASS(DATASET) ACCESS(READ) ID(*)

--

PERMIT 'FEK.#CUST.SQL' CLASS(DATASET) ACCESS(READ) ID(*)

```

**Nota:** Nenhuma permissão é necessária para FEK.SFEKLPA, pois todo o código que residir em LPA é acessível por todos.

- Permitir que o Nome da Tarefa Iniciada pelo Nome da Tarefa Iniciada pelo Depurador Integrado acesse a biblioteca de carregamento.
  - PERMIT 'FEK.SFEKAUTH' CLASS(DATASET) ACCESS(READ) ID(STCDBM)
- Permitir que o JES Job Monitor acesse a biblioteca de carregamento e parâmetro

```
—
PERMIT 'FEK.SFEKAUTH' CLASS(DATASET) ACCESS(READ) ID(STCJMON)
```

```
—
PERMIT 'FEK.#CUST.PARMLIB' CLASS(DATASET) ACCESS(READ) ID(STCJMON)
```

- (Opcional) Permitir que os clientes atualizem a tradução de nome abreviado/longo do VSAM para SCLMDT

```
—
PERMIT 'FEK.#CUST.LSTRANS.*.*' CLASS(DATASET) ACCESS(UPDATE) ID(*)
```

- (Opcional) Permitir que os desenvolvedores RAM atualizem os CARMA VSAMs para CARMA

```
—
PERMIT 'FEK.#CUST.CRA*.*' CLASS(DATASET) ACCESS(UPDATE) ID(#ram-developer)
```

- (Opcional) Permitir que usuários CICS leiam o VSAM do repositório CRD para Application Deployment Manager

```
—
PERMIT 'FEK.#CUST.ADNREP*.*' CLASS(DATASET) ACCESS(READ) ID(*)
```

- (Opcional) Permitir que os administradores do CICS atualizem o VSAM do repositório CRD para Application Deployment Manager

```
—
PERMIT 'FEK.#CUST.ADNREP*.*' CLASS(DATASET) ACCESS(UPDATE) ID(#cicsadmin)
```

- (Opcional) Permitir que os usuários do CICS atualizem o VSAM do repositório de manifesto para Application Deployment Manager

```
—
PERMIT 'FEK.#CUST.ADNMAN*.*' CLASS(DATASET) ACCESS(UPDATE) ID(*)
```

- (Opcional) Permitir que o servidor CICS TS acesse a biblioteca de carregamento para bidi e Application Deployment Manager

```
—
PERMIT 'FEK.SFEKLOAD' CLASS(DATASET) ACCESS(READ) ID(#cicsts)
```

- (Opcional) Permitir que o servidor CICS TS, as regiões do IMS e as tarefas em lote do MVS acessem a biblioteca de carregamento para mensagens do IRZ.

```
—
PERMIT 'FEK.SFEKLMOD' CLASS(DATASET) ACCESS(READ) ID(#cicsts)
PERMIT 'FEK.SFEKLMOD' CLASS(DATASET) ACCESS(READ) ID(#ims)
PERMIT 'FEK.SFEKLMOD' CLASS(DATASET) ACCESS(READ) ID(#batch)
```

- Ativar perfis de segurança

```
—
SETROPTS GENERIC(DATASET) REFRESH
```

Ao controlar o acesso READ para conjuntos de dados do sistema, você deve fornecer aos servidores Developer for System z e usuários a permissão READ para os seguintes conjuntos de dados:

- CEE.SCEERUN
- CEE.SCEERUN2
- CBC.SCLBDLL
- ISP.SISPLoad
- ISP.SISPLPA



- SYS1.LINKLIB
- SYS1.SIEALNKE
- SYS1.SIEAMIGE
- REXX.V1R4M0.SEAGLPA

**Nota:** Ao usar a Biblioteca Alternativa para o pacote do produto REXX, o nome da biblioteca padrão de tempo de execução do REXX será REXX.\*.SEAGALT ao invés de REXX.\*.SEAGLPA, conforme usado na amostra acima.

## Definir os Arquivos Controlados por Programa do z/OS UNIX para RSE

Servidores com autoridade para BPX.SERVER devem executar em um ambiente limpo e controlado por programa. Este requisito implica que todos os programas chamados pelo RSE também devem ser controlados por programa. Para arquivos z/OS UNIX, o controle de programa é gerenciado pelo comando **extattr**. Para executar esse comando, você precisa de acesso READ para o BPX.FILEATTR.PROGCTL na classe FACILITY ou ser UID(0).

O servidor RSE usa a biblioteca compartilhada Java do RACF (/usr/lib/libIRRRacf\*.so).

- `extattr +p /usr/lib/libIRRRacf*.so`

### Nota:

- Desde o z/OS 1.9, /usr/lib/libIRRRacf\*.so é instalado no modo controle de programa durante a instalação do SMP/E RACF.
- Desde o z/OS 1.10, /usr/lib/libIRRRacf\*.so é parte do SAF, que é fornecido com z/OS base, portanto, está disponível também para clientes não RACF.
- A configuração pode ser diferente se você utilizar um produto de segurança diferente do RACF. Para obter mais informações, consulte a documentação do produto de segurança.
- A instalação de SMP/E do Developer for System z configura o bit de controle de programa para programas RSE internos.
- Utilize o comando **ls -Eog** z/OS UNIX para exibir o status atual do bit de controle do programa. O arquivo é controlado por programa se a letra **p** for exibida na segunda sequência.

```
$ ls -Eog /usr/lib/libIRRRacf*.so
-rwxr-xr-x  aps-  2    69632 Oct  5  2007 /usr/lib/libIRRRacf.so
-rwxr-xr-x  aps-  2    69632 Oct  5  2007 /usr/lib/libIRRRacf64.so
```

## Verifique as Configurações de Segurança

Use os seguintes comandos de amostra para exibir os resultados de suas customizações relacionadas à segurança.

- Configurações e classes de segurança
  - SETROPTS LIST
- Segmento OMVS para usuários
  - LISTUSER #userid NORACF OMVS
  - LISTGRP #group-name NORACF OMVS
- Tarefas iniciadas
  - LISTGRP STCGROUP OMVS
  - LISTUSER STCDBM OMVS

I

- LISTUSER STCJMON OMVS
- LISTUSER STCRSE OMVS
- RLIST STARTED DBGMR.\* ALL STDATA
- RLIST STARTED JMON.\* ALL STDATA
- RLIST STARTED RSED.\* ALL STDATA
- RSE como um servidor z/OS UNIX seguro
  - RLIST FACILITY BPX.SERVER ALL
- Bibliotecas controladas pelo programa MVS para RSE
  - RLIST PROGRAM \*\* ALL
- Suporte de PassTicket para RSE
  - RLIST PTKTDATA FEKAPPL ALL SSIGNON
  - RLIST PTKTDATA IRRPTAUTH.FEKAPPL.\* ALL
- Proteção do aplicativo para RSE
  - RLIST APPL FEKAPPL ALL
- Segurança do comando JES
  - RLIST CONSOLE JMON ALL
  - RLIST OPERCMDS MVS.MCSOPER.JMON ALL
  - RLIST OPERCMDS JES%.\* ALL
- Perfis do conjunto de dados
  - LISTGRP FEK
  - LISTDSD PREFIX(FEK) ALL
- Arquivos controlados pelo programa z/OS UNIX para RSE
  - ls -E /usr/lib/libIRRRacf\*.so

Opcionalmente, perfis que direcionam o comportamento do Developer for System z para um usuário específico podem existir. Esses perfis correspondem o filtro FEK.\*\* e são localizados por padrão na classe FACILITY. Consulte a diretiva `_RSE_FEK_SAF_CLASS` em `rsed.envvars`. É possível usar o comando **SEARCH** para listar os nomes de perfil. Use o comando **RLIST** para mostrar os detalhes para um perfil.

- SEARCH CLASS(FACILITY) FILTER(FEK.\*\*)
- RLIST FACILITY #profile-name ALL

---

## Capítulo 3. Considerações de TCP/IP

O Developer for System z usa TCP/IP para fornecer acesso ao mainframe para usuários de uma estação de trabalho sem mainframe. Ele também usa TCP/IP para comunicação entre vários componentes e outros produtos.

Observe que a maioria das funções do Developer for System z são baseadas em z/OS UNIX e, assim, o TCP/IP usará a ordem de procura do z/OS UNIX para localizar seus arquivos de configuração. Consulte Capítulo 14, “Configurando o TCP/IP”, na página 191 para obter informações adicionais.

Os seguintes tópicos são abordados neste capítulo:

- “Portas TCP/IP”
- “Substituindo o Comportamento TCP/IP Padrão” na página 60
- “Multipilhas (CINET)” na página 60
- “Distributed Dynamic VIPA” na página 61

---

### Portas TCP/IP

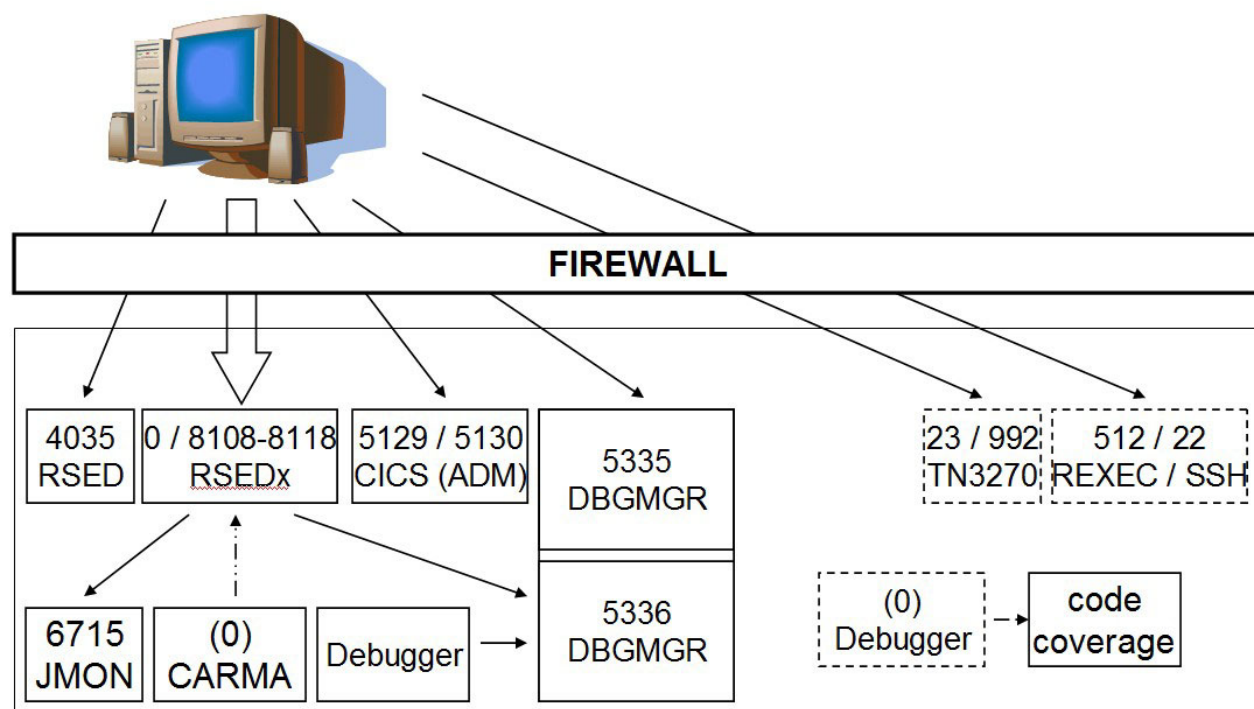


Figura 10. Portas TCP/IP

Figura 10 mostra as portas TCP/IP que podem ser usadas pelo Developer for System z. As setas mostram qual parte não liga (lado de ponta da seta) e qual se conecta.

## Comunicação Externa

Defina as seguintes portas para seu firewall protegendo o host do z/OS, uma vez que são usadas para a comunicação de cliente-host (utilizando o protocolo tcp):

- Daemon RSE para a configuração da comunicação do cliente-host, porta padrão 4035. A porta pode ser configurada no arquivo de configuração `rsed.envvars`. A comunicação nesta porta pode ser criptografada usando SSL ou TLS.
- Servidor RSE para comunicação de host do cliente. Por padrão, qualquer porta disponível é utilizada, mas isso pode ser limitado a um intervalo especificado com a definição `_RSE_PORTRANGE` no `rsed.envvars`. O intervalo de portas para `_RSE_PORTRANGE` é 8108–8118 (11 portas). A comunicação nesta porta pode ser criptografada usando SSL ou TLS.
- (opcional) Gerenciador de Depuração para serviços do Depurador Integrado, porta padrão 5335. A porta pode ser configurada no JCL de tarefa iniciada por `DBGMR`. A comunicação nesta porta pode ser criptografada usando SSL ou TLS.
- (opcional) Serviço INETD para ações remotas (baseadas em host) em subprojetos z/OS UNIX:
  - REXEC (versão z/OS UNIX), porta padrão 512.
  - SSH (versão z/OS UNIX), porta padrão 22. A comunicação nessa porta é criptografada utilizando SSL.
- (opcional) Serviço Telnet TN3270 para o Emulador de Conexão do Host, porta padrão 23. A comunicação pode ser criptografada usando SSL ou TLS (porta padrão 992). A porta padrão designada ao serviço Telnet TN3270 depende de o usuário escolher ou não o uso de criptografia.
- (opcional) Uma ou as duas interfaces de aplicativo CICSTS para o Application Deployment Manager:
  - interface RESTful, porta padrão 5130. A porta pode ser configurada no CSD CICS.
  - interface de Serviços da Web, porta padrão 5129. A porta pode ser configurada no CSD CICS. A comunicação nesta porta pode ser criptografada utilizando SSL.

**Nota:** Normalmente, o cliente especifica qual endereço TCP/IP é usado para se conectar ao host. No entanto, para assegurar que as sessões de depuração se comuniquem com o host correto, o gerenciador de depuração indica ao cliente qual endereço TCP/IP deve ser usado.

## Comunicação interna

Vários serviços do host Developer for System z são executados em encadeamentos ou espaços de endereço separados e utilizam soquetes TCP/IP como mecanismo de comunicação. Todos esses serviços usam o RSE para comunicação com o cliente, tornando seu fluxo de dados confinado apenas ao host. Para alguns serviços, será usada qualquer porta disponível, para outros, o programador de sistema poderá escolher a porta ou o intervalo de portas que será usado:

- JES Job Monitor para serviços relacionados ao JES, porta padrão 6715. A porta pode ser configurada no membro de configuração `FEJJCNFG` e é repetida no arquivo de configuração `rsed.envvars`.
- (opcional) A comunicação CARMA usa por padrão uma porta efêmera, mas um intervalo de portas pode ser configurado no arquivo de configuração `CRASRV.properties`.
- (opcional) Gerenciador de Depuração para serviços relacionados à depuração, porta padrão 5336. A porta pode ser configurada no JCL de tarefa iniciada por `DBGMR`.

- A cobertura de código baseada em host, que é uma tarefa em lote, aloca uma porta efêmera para permitir que o Depurador Integrado se comunique com ela e entregue os dados necessários para o relatório de cobertura de código.

## Reserva de Porta TCP/IP

Se usar a instrução PORT ou PORTRANGE em PROFILE.TCPIP para reservar as portas usadas pelo Developer for System z, observe que muitas ligações são feitas por encadeamentos ativos em um conjunto de encadeamentos RSE. O nome da tarefa do conjunto de encadeamentos do RSE é RSEDx, em que RSED é o nome da tarefa iniciada do RSE e x é um número aleatório de um dígito; assim, curingas são obrigatórios na definição.

```
PORT      4035      TCP RSED  ; Developer para System z - RSE daemon
PORT      6715      TCP JMON   ; Developer para System z - JES job monitor
PORT      5335      TCP DBGMR   ; Developer for System z - Integrated
debugger
PORT      5336      TCP DBGMR   ; Developer for System z - Integrated
debugger
PORTRange 8108 11    TCP RSED*  ; Developer para System z - _RSE_PORTRANGE
;PORTRange 5227 100 TCP RSED*  ; Developer para System z - CARMA
```

## portas do CARMA e TCP/IP

O CARMA (Common Access Repository Manager) é usado para acessar um host baseado em Software Configuration Manager (SCM), por exemplo, o CA Endevor® SCM. Na maioria dos casos, como no daemon RSE, um servidor se conecta a uma porta e atende a pedidos de conexão. O CARMA, no entanto, usa uma abordagem diferente, uma vez que o servidor CARMA não está ativo ainda quando o cliente inicia o pedido de conexão.

Quando o cliente envia uma solicitação de conexão, o minerador CARMA, que está ativo como um encadeamento de usuários em um conjunto de encadeamentos RSE, solicitará uma porta efêmera ou localizará uma porta livre no intervalo especificado no arquivo de configuração CRASRV.properties e ligará a ele. O extrator inicia então o servidor CARMA e transmite o número da porta, para que o servidor saiba a que porta se conectar. Quando o servidor estiver conectado, o cliente poderá enviar solicitações ao servidor e receber os resultados.

A partir de uma perspectiva TCP/IP, o RSE (por meio do minerador CARMA) é o servidor que liga a porta e o servidor CARMA é o cliente que se conecta a ela.

Se usar a instrução PORT ou PORTRANGE em PROFILE.TCPIP para reservar o intervalo de porta usado pelo CARMA, observe que o minerador CARMA está ativo em um conjunto de encadeamentos RSE. O nome da tarefa do conjunto de encadeamentos do RSE é RSEDx, em que RSED é o nome da tarefa iniciada RSE e x é um número aleatório de um dígito, assim são necessários caracteres curinga na definição.

```
PORTRange 5227 100 RSED*      ; Developer para System z - CARMA
```

## Considerações de LDAP

O servidor RSE pode ser configurado para consultar um ou mais servidores LDAP para vários serviços do Developer for System z:

- Consultar grupos LDAP para obter suporte push-to-client a vários grupos de desenvolvedores.
- Consultar uma ou mais Listas de Revogação de Certificado (CRLs) para autenticação X.509.

Observe que medidas de segurança de TCP/IP, como firewalls, podem fazer com que o servidor RSE (baseado em host) pare de entrar em contato com o servidor LDAP. Use as informações a seguir para assegurar que o servidor LDAP possa ser atingido:

- Os endereços TCP/IP ou nomes DNS do servidor LDAP são listados nas variáveis \*\_LDAP\_SERVER em rsed.envvars.
- Os números de porta do servidor LDAP são listados nas variáveis \*\_LDAP\_PORT em rsed.envvars.
- O LDAP usa o protocolo TCP.
- O servidor LDAP é contatado pelo servidor RSE baseado em host.
- O servidor RSE está ativo em um espaço de endereço RSEDx, em que RSED é o nome da tarefa iniciada do RSE e x é um número aleatório de um dígito, por exemplo, RSED8.

---

## Substituindo o Comportamento TCP/IP Padrão

### ACK Atrasado

O ACK atrasado atrasa o reconhecimento (ACK) do recebimento de um pacote TCP em até 200 ms. Esse atraso aumenta a chance de que o ACK possa ser enviado com a resposta ao pacote recebido, reduzindo o tráfego de rede. Entretanto, se o remetente ficar aguardando o ACK antes de enviar um novo pacote (por exemplo, devido à implementação do algoritmo de Nagle) e não houver resposta ao pacote que acabou de ser enviado (por exemplo, porque ele faz parte de uma transferência de arquivo), a comunicação é atrasada desnecessariamente.

O Developer for System z permite que você desative a função de ACK atrasado. No host, isso é feito com a diretiva DSTORE\_TCP\_NO\_DELAY em rsed.envvars, conforme documentado no *Guia de Configuração do Host* (S517-9094).

---

## Multipilhas (CINET)

O z/OS Communication Server permite que você tenha diversas pilhas TCP/IP simultaneamente ativas em um único sistema. Isso é chamado configuração CINET.

Se Developer for System z não estiver ativo na pilha padrão, as funções selecionadas do Developer for System z podem falhar. A afinidade de pilha é um modo seguro para resolver isso. Ela instrui o Developer for System z a usar apenas determinada pilha TCP/IP (em vez de cada pilha TCP/IP disponível, que é o padrão para tarefas iniciadas).

A afinidade de pilha é configurada para as tarefas iniciadas de RSED removendo o comentário e customizando a diretiva \_BPXK\_SETIBMOPT\_TRANSPORT no arquivo de configuração rsed.envvars. . Consulte a seção relacionada no "Capítulo 2 Customização Básica" do *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658) para obter mais detalhes sobre como customizar este arquivo de configuração.

### O CARMA e a Afinidade de Pilha

O CARMA (Common Access Repository Manager) é usado para acessar um host baseado em Software Configuration Manager (SCM), por exemplo, o CA Endevor® SCM. Para fazer isso, o CARMA inicia um servidor específico do usuário, que necessita de configuração adicional para impor a afinidade de pilha.

Semelhante às tarefas iniciadas do Developer for System z, a afinidade de pilha de um servidor CARMA é configurada com a variável `_BPXX_SETIBMOPT_TRANSPORT`, que deve ser passada para o LE (Language Environment). Isso pode ser feito ajustando o comando de inicialização no arquivo de configuração `crastart*.conf` ou `CRASUB*`.

**Nota:**

- O nome exato do arquivo de configuração que contém o comando de inicialização depende das várias opções feitas pelo programador de sistemas que configurou o CARMA. Consulte o "Capítulo 3. (Opcional) Common Access Repository Manager (CARMA)" no *Guia de Configuração do Host(S517-9094)* para obter mais informações sobre isso.
- `_BPXX_SETIBMOPT_TRANSPORT` especifica o nome da pilha TCP/IP a ser usada, como definido na instrução `TCPIPJOBNAME` no `TCPIP.DATA` relacionado.
- Codificar uma instrução `SYSTCPD DD` não configura a afinidade de pilha solicitada.
- Por padrão, o CARMA não usa as pilhas de TCP/IP normais. O CARMA usa o endereço de loopback para comunicação entre o minerador CARMA e o servidor CARMA. Isso melhora a segurança (apenas os processos locais possuem acesso ao endereço de loopback) e pode evitar a necessidade de incluir afinidade de pilha na comunicação do CARMA.

### **crastart\*.conf**

Substitua esta parte:

```
... PARM(&CRAPRM1. &CRAPRM2.)
```

por esta (em que `TCPIP` representa a pilha TCP/IP desejada):

```
... PARM(ENVAR("_BPXX_SETIBMOPT_TRANSPORT=TCPIP") / &CRAPRM1. &CRAPRM2.)
```

**Nota:** `CRASTART` não suporta continuações de linha, mas não há nenhum limite quanto ao comprimento de linha aceito.

### **CRASUB\***

Substitua esta parte:

```
... PARM(&PORT &TIMEOUT)
```

por esta (em que `TCPIP` representa a pilha TCP/IP desejada):

```
... PARM(ENVAR("_BPXX_SETIBMOPT_TRANSPORT=TCPIP") / &PORT &TIMEOUT)
```

**Nota:** O envio da tarefa limita o comprimento de linha em 80 caracteres. É possível quebrar uma linha mais longa em um espaço em branco ( ) e usar um sinal de mais (+) no final da primeira linha para concatenar as 2 linhas.

---

## **Distributed Dynamic VIPA**

O DVIPA (Dynamic Virtual IP Addressing) distribuído permite que você execute simultaneamente configurações Developer for System z idênticas em diferentes sistemas em seu sysplex e faça com que o TCP/IP, opcionalmente com a ajuda de WLM, distribua as conexões do cliente entre esses sistemas.

Há várias maneiras de se configurar um DVIPA distribuído, mas o Developer for System z impõe algumas restrições nessas opções.

- O daemon RSE possui a porta que é definida para o DVIPA distribuído, mas o trabalho real ocorre no servidor RSE, o qual está ativado como um encadeamento em outro espaço de endereço. Portanto, você não pode usar o



método de distribuição SERVERWLM para fazer o balanceamento de carga entre seus sistemas, porque o WLM irá aconselhar com base nas estatísticas do daemon RSE, não no servidor RSE.

- O cliente conhece apenas o endereço DVIPA usado pelo Sysplex Distributor para daemon RSE. O Sysplex Distributor passará o pedido de conexão para um dos daemons RSE disponíveis, que por sua vez iniciará um encadeamento do servidor RSE que se conectará a uma porta nesse sistema. Quando o cliente se conectar a esta porta, ele usará o endereço DVIPA novamente e não o endereço real do sistema, portanto, você deve assegurar-se de que o Sysplex Distributor redirecione a nova conexão para o sistema correto.

Portanto, o Developer for System z requer a definição de SYSPLEXPORTS na instrução VIPADISTRIBUTE para assegurar que as portas usadas pelos encadeamentos do servidor RSE sejam exclusivas no sysplex.

**Nota:**

- O uso de SYSPLEXPORTS significa que a estrutura EZBEPORTE deve ser definida em seu recurso de acoplamento.
- O uso de SYSPLEXPORTS implica em que o TCP/IP irá selecionar uma porta efêmera para a conexão secundária. Isso quer dizer que você não pode reservar portas para essas conexões em seu perfil TCP/IP com as diretivas PORT e PORTRANGE. Também não é possível usar \_RSE\_PORTRANGE em rsed.envvars para limitar as portas usadas pelo Developer for System z. O Developer for System z não fornece uma solução alternativa para essa restrição, porque isso complica a configuração do firewall.

Existem também algumas restrições no Developer for System z ao usar DVIPA distribuído:

- Para assegurar que o cliente Developer for System z não irá interferir na seleção da porta correta pelo TCP/IP, é necessário habilitar a diretiva deny.nonzero.port em rsed.envvars.
- Todos os servidores Developer for System z participantes devem ter uma configuração idêntica. Você deve compartilhar /usr/lpp/rdz e /etc/rdz entre todos os sistemas participantes. Compartilhe também /var/rdz/projects, /var/rdz/pushtoclient e /var/rdz/scldmt, se esses diretórios estiverem em uso. Observe que /var/rdz/WORKAREA e /var/rdz/logs devem ser exclusivos para cada sistema.
- Consulte Capítulo 11, “Executando várias instâncias”, na página 153 para saber quais componentes do Developer for System z devem ser compartilhados e quais devem ser exclusivos por sistema.

JES Job Monitor, CARMA e outros servidores do Developer for System z somente interagem com o RSE local e, portanto, não requerem uma configuração DVIPA.

O Depurador Integrado interage com o RSE local e, portanto, não requer uma configuração de DVIPA. Para assegurar que as sessões de depuração se comuniquem com o host correto, o gerenciador de depuração informa ao cliente qual endereço TCP/IP deve ser usado e, dessa forma, não requer uma configuração de DVIPA.

Os DVIPAs distribuídos são definidos pelas palavras-chave VIPADefine e VIPABackup do bloco VIPADynamic em seu perfil TCP/IP. A palavra-chave VIPADISTribute inclui as definições necessárias do Sysplex Distributor. O DVIPA distribuído requer que todas as pilhas participantes estejam de acordo com o sysplex, o que é feito por meio das palavras-chave SYSPLEXRouting e DYNAMICXCF do



bloco IPCONFIG em seu perfil TCP/IP. Consulte *Communications Server: IP Configuration Reference* (SC31-8776) para obter detalhes adicionais sobre essas diretivas.

Consulte *MVS Setting Up a Sysplex* (SA22-7625) e *Communication Server: SNA Network Implementation Guide* (SC31-8777) para obter mais informações sobre a configuração da estrutura EZBEP0RTS em seu recurso de acoplamento.

## Restringindo a Seleção de Portas

O uso de SYSPLXP0RTS implica em que o TCP/IP irá selecionar uma porta efêmera para a conexão secundária. Uma porta efêmera é qualquer porta que esteja livre e não reservada de nenhuma forma. O uso de uma porta efêmera conflita com a melhor prática de firewall de limitar as portas que estão abertas para comunicação, porque não se sabe qual porta será usada.

É possível contornar esse problema forçando o Developer for System z a usar portas conhecidas para a conexão secundária definindo um `_RSE_PORTRANGE` exclusivo por sistema e assegurando que os intervalos de portas usados sejam reservados para uso do Developer for System z em todos os sistemas. Observe que essa solução requer o APAR de TCP/IP PM63379.

Para assegurar que o TCP/IP irá rotear a conexão secundária para o sistema correto, o Developer for System z deve usar um intervalo de portas exclusivo em cada sistema. Isso implica em que não é possível usar uma configuração idêntica compartilhada para os sistemas, pois `_RSE_PORTRANGE` em `rsed.envvars` deve ser exclusivo. Consulte “Arquivos de Configuração Diferentes de Níveis de Software Idênticos” na página 154 em Capítulo 11, “Executando várias instâncias”, na página 153 para obter informações sobre como configurar diversos servidores com diferentes arquivos de configuração usando o mesmo código. Você deve usar uma cópia principal de `rsed.envvars` e um script para ajustar e copiar em uma configuração específica ao sistema para assegurar que o arquivo permaneça idêntico em diferentes sistemas.

1. Configure Developer for System z em SYS1 como se fosse uma configuração de um único sistema, mas assegure-se de que `/usr/lpp/rdz` e `/etc/rdz` estejam localizados em um sistema de arquivos compartilhado. Todas as partes baseadas em MVS também devem ser compartilhadas com SYS2.
2. Use `/etc/rdz/rsed.envvars` como a cópia principal e inclua uma referência para `/etc/rdz` no final do arquivo, de modo que as cópias específicas dos sistemas possam apanhar os arquivos de configuração restantes.

```
$ oedit /etc/rdz/rsed.envvars
-> add the following at the END:
# -- NEEDED TO FIND THE REMAINING CONFIGURATION FILES
CFG_BASE=/etc/rdz
CLASSPATH=.:$CFG_BASE:$CLASSPATH
# --
```

3. Crie `/etc/rdz/update.sh`, um shell script que irá copiar o `rsed.envvars` principal e ajustar `_RSE_PORTRANGE`

```
$ oedit /etc/rdz/update.sh
$ chmod 755 /etc/rdz/update.sh
```

```

#!/bin/sh
# Materiais Licenciados - Propriedade da IBM
# 5724-T07 Copyright IBM Corp. 2012
# clone rsed.envvars e configure PORTRANGE para uso com RDz & DDVIPA

file=rsed.envvars          #; echo file $file
sys=${1:-$(sysvar SYSNAME)} #; echo sys $sys
dir=$(dirname $0)          #; echo dir $dir
# se sysname tiver um caractere especial, preceda-o com \ (ex. SYS\1)
case "$sys" in
  "SYS1") range=8108-8118;;
  "SYS2") range=8119-8129;;
  *)      # #### CUSTOMIZE ESTA SEÇÃO ####
esac
esac                          #; echo range $range
echo "configurando o intervalo de portas $range para $sys usando $dir/$file"

if test ! $range ; then
  echo ERROR: nenhum intervalo de portas definido para $sys ; exit 12 ; fi
if test ! -e $dir/$file ; then
  echo ERROR: o arquivo $dir/$file não existe ; exit 12 ; fi
if test ! -d $dir/$sys ; then
  echo ERROR: o diretório $dir/$sys não existe ; exit 12 ; fi

mv $dir/$sys/$file $dir/$sys/prev.$file 2>/dev/null
sed="/_RSE_PORTRANGE/s/./_RSE_PORTRANGE=$range/"
sed "$sed" $dir/$file > $dir/$sys/$file

if test ! -s $dir/$sys/$file ; then
  echo ERRO ao criar $dir/$sys/$file, restaurando o backup
  mv $dir/$sys/prev.$file $dir/$sys/$file ; exit 8 ; fi

```

*Figura 11. update.sh - Suportar Configuração de DDVIPA com um Firewall*

4. Crie os diretórios /etc/rdz/SYS1 e /etc/rdz/SYS2 e execute /etc/rdz/update.sh para preencher os diretórios.

```

$ mkdir /etc/rdz/SYS1 /etc/rdz/SYS2
$ /etc/rdz/update.sh SYS1
configurando o intervalo de portas 8108-8118 para SYS1 usando
/etc/rdz/rsed.envvars
$ /etc/rdz/update.sh SYS2
configurando o intervalo de portas 8119-8129 para SYS2 usando
/etc/rdz/rsed.envvars

```

5. Assegure-se de que a tarefa iniciada RSED aponte para /etc/rdz/&SYSNAME.

```
// CNFG='/etc/rdz/&SYSNAME.'
```

Em seguida, você deve assegurar-se de que os intervalos de portas definidos sejam reservados para o Developer for System z em todos os sistemas no sysplex para garantir que o número da porta permaneça exclusivo dentro do sysplex. Use a instrução PORT ou PORTRANGE em PROFILE.TCPIP para reservar todos os intervalos em todos os sistemas. O nome da tarefa do conjunto de encadeamentos do RSE é RSEDx, em que RSED é o nome da tarefa iniciada do RSE e x é um número aleatório de um dígito; assim, curingas são obrigatórios na definição.

```

PORTRange 8108 22 RSED*          ; 8108-8129 - Developer para System z
                                ; - conexão secundária

```

Conforme documentado em “Fluxo de conexão” na página 8, o intervalo de portas em \_RSE\_PORTRANGE pode ser pequeno. O servidor RSE não precisa da porta exclusivamente pela duração da conexão do cliente. Ela só é necessária no momento da expansão entre (servidor) a ligação e (cliente) a conexão que nenhum outro servidor RSE pode se conectar à porta. Isso significa que a maioria das conexões estará usando a primeira porta no intervalo, com o restante do intervalo sendo um buffer no caso de diversos logons simultâneos.

## Configuração de Amostra

Na configuração de amostra a seguir existem dois sistemas z/OS, SYS1 e SYS2, que fazem parte de um sysplex. O System SYS1 é definido como o sistema que normalmente hospeda o Sysplex Distributor para o DVIPA distribuído Developer for System z.

Depois de definir o DVIPA distribuído, o Developer for System z pode ser iniciado nos sistemas para permitir as conexões do cliente do balanceamento de carga em todos os sistemas. O JES Job Monitor apenas interage com o RSE local e, portanto, não requer uma configuração DVIPA. Os clientes se conectarão à porta 4035 no

endereço IP 10.10.10.1.

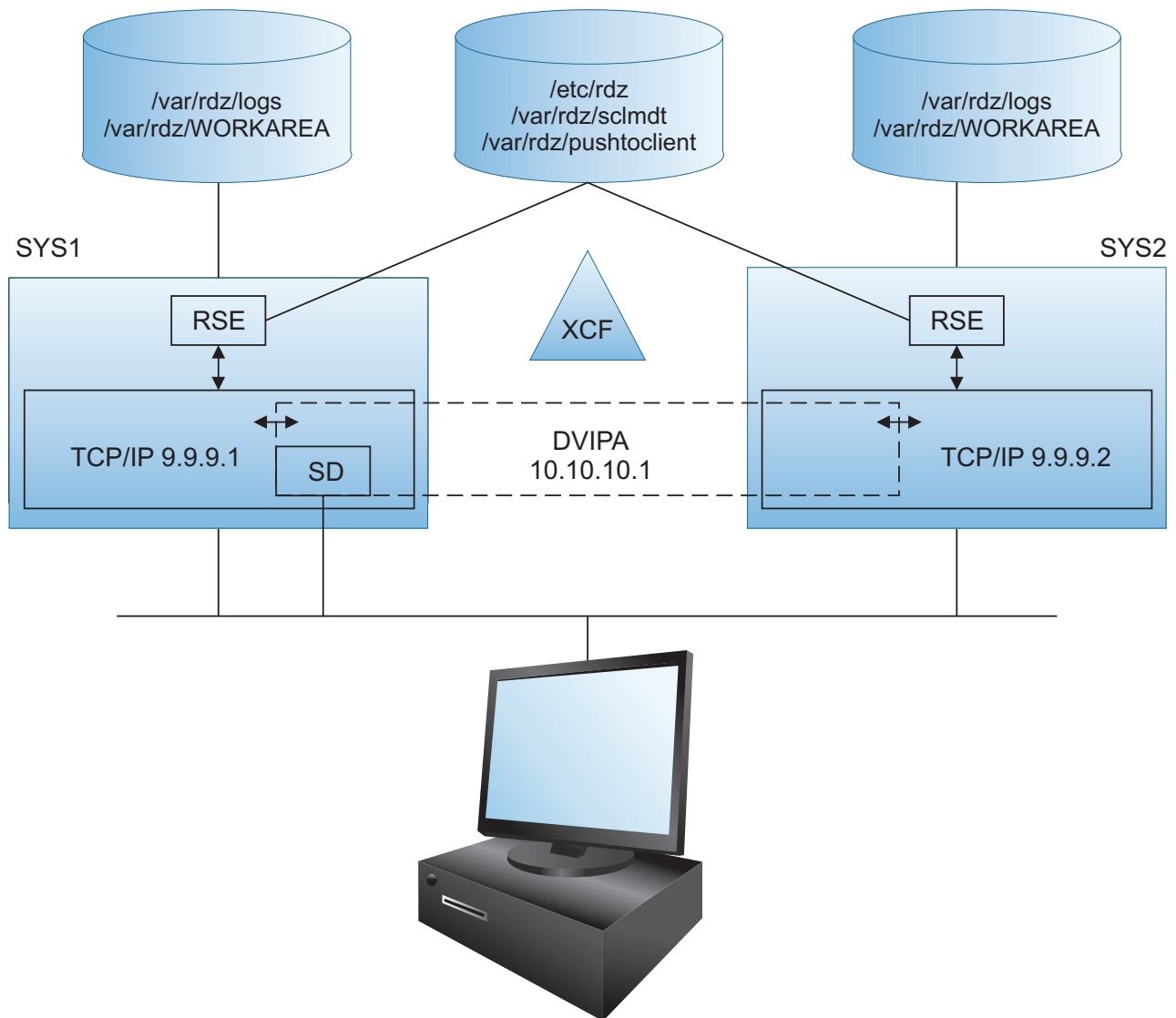


Figura 12. Amostra do Distributed Dynamic VIPA

### Sistema SYS1 – Perfil TCP/IP

```
IPCONFIG
  SYSPLEXRouting
; SYSPLEXROUTING é necessário, pois esta pilha precisa da comunicação sysplex
DYNAMICXCF 9.9.9.1 255.255.255.0 1
; DYNAMICXCF define o dispositivo/link com o endereço home 9.9.9.1 conforme necessário
IGNORERedirect

VIPADYNAMIC
  VIPADEFINE 255.255.255.0 10.10.10.1
; VIPADEFINE define 10.10.10.1 como DVIPA principal no SYS1 para RDz
  VIPADISTRIBUTE DEFINE
; VIPADISTRIBUTE torna 10.10.10.1 um DVIPA distribuído, deve corresponder ao SYS2
  SYSPLEXPORTS ; RDz prereq
  DISTMETHOD BASEWLM ; BASEWLM or ROUNDROBIN
  10.10.10.1 ; endereço DVIPA usado por clientes RDz
  PORT 4035 ; porta usada por clientes RDz
  DESTIP 9.9.9.1 9.9.9.2 ; RDz ativo em SYS1 e SYS2
ENDVIPADYNAMIC
```

### Sistema SYS2 – Perfil TCP/IP

```
IPCONFIG
  SYSPLEXRouting
; SYSPLEXROUTING é necessário, pois esta pilha precisa da comunicação sysplex
DYNAMICXCF 9.9.9.2 255.255.255.0 1
; DYNAMICXCF define o dispositivo/link com o endereço home 9.9.9.2 conforme necessário
IGNORERedirect
```

```

VIPADYNAMIC
VIPABACKUP 255.255.255.0 10.10.10.1
; VIPABACKUP define 10.10.10.1 como um DVIPA de backp em SYS2 para RDz
VIPADISTRIBUTE DEFINE
; VIPADISTRIBUTE torna 10.10.10.1 um DVIPA distribuído, deve corresponder a SYS1
  SYSPLEXPORTS          ; RDz prereq
  DISTMETHOD BASEWLM    ; BASEWLM or ROUNDROBIN
  10.10.10.1            ; endereço DVIPA usado por clientes RDz
  PORT 4035             ; porta usada por clientes RDz
  DESTIP 9.9.9.1 9.9.9.2 ; RDz ativo em SYS1 e SYS2
ENDVIPADYNAMIC

```

---

## Capítulo 4. Considerações WLM

Ao contrário dos aplicativos tradicionais do z/OS, o Developer for System z não é um aplicativo monolítico que pode ser identificado facilmente para Workload Manager (WLM). O Developer for System z consiste de vários componentes que interagem para fornecer ao cliente acesso para os serviços e dados do host. Como descrito em Capítulo 1, “Entendendo o Developer for System z”, na página 3, alguns destes serviços estão ativos em espaços de endereços diferentes, resultando em classificações WLM diferentes.

Os seguintes tópicos são abordados neste capítulo:

- “Classificação de Carga de Trabalho”
- “Configurando Objetivos” na página 69

---

### Classificação de Carga de Trabalho

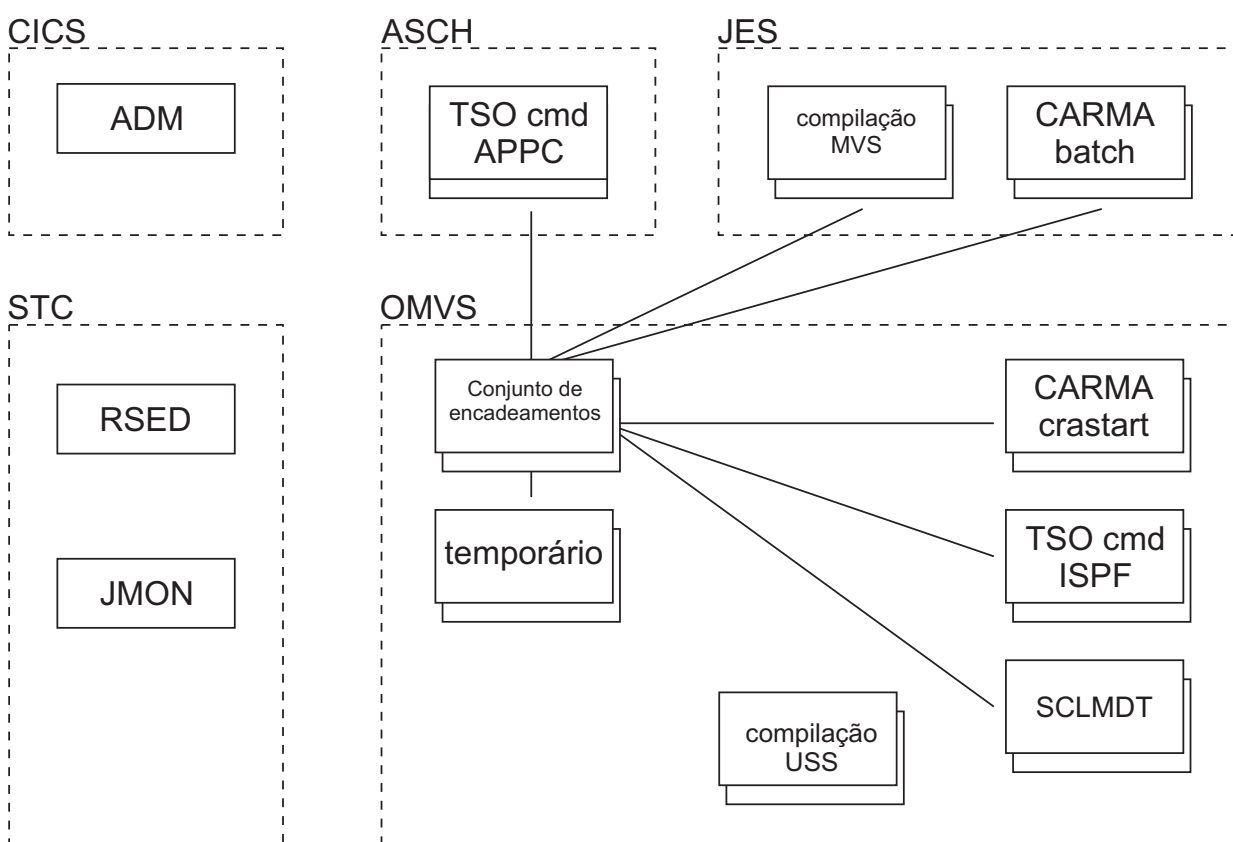


Figura 13. classificação WLM

O Figura 13 mostra uma visão geral básica dos subsistemas por meio dos quais as cargas de trabalho do Developer for System z são apresentadas ao WLM.

O Application Deployment Manager (ADM) está ativo dentro de uma região CICS e, portanto, seguirá as regras de classificação do CICS no WLM.

RSE daemon (RSED) e JES Job Monitor (JMON) são tarefas iniciadas do Developer for System z (ou tarefas em lote de longa execução), cada um com espaço de endereço individual.

Como documentado em “RSE como um aplicativo Java” na página 5, o daemon RSE gera um processo-filho para cada servidor de conjunto de encadeamentos RSE (que suporta um número variável de clientes). Cada conjunto de encadeamentos está ativo em um espaço de endereço separado (usando um iniciador z/OS UNIX, BPXAS). Porque estes são processos gerados, eles são classificados usando as regras de classificação WLM OMVS, e não as regras de classificação de tarefa iniciada.

Os clientes que estão ativos em um conjunto de encadeamentos podem criar uma infinidade de outros espaços de endereços, dependendo das ações realizadas pelos usuários. Dependendo da configuração de Developer for System z algumas cargas de trabalho, como o serviço TSO Commands (TSO cmd) ou CARMA, podem executar em subsistemas diferentes.

Os espaços de endereços listados em Figura 13 na página 67 permanecem no sistema o tempo suficiente para serem visíveis, mas você deve estar ciente que devido à maneira como o z/OS UNIX é projetado, há também vários espaços de endereços temporários de curta duração. Estes espaços de endereços temporários estão ativos nos subsistemas OMVS.

Note que enquanto os conjuntos de encadeamento RSE usam o mesmo ID do usuário e um nome de tarefa similar como o daemon RSE, todos os espaços de endereços iniciados por um conjunto de encadeamento são de propriedade do ID do usuário do cliente solicitando a ação. O ID de usuário cliente também é usado como (parte de) o nome da tarefa para todos os espaços de endereço baseados em OMVS iniciados pelo conjunto de encadeamentos.

Mais espaços de endereços são criados por outros serviços que o Developer for System z usa, como o File Manager (FMNCAS) ou o z/OS UNIX REXEC (construção USS).

## Regras de Classificação

O WLM usa regras de classificações para mapear o trabalho entrando no sistema para uma classe de serviço. Esta classificação é baseada nos qualificadores de trabalho. O primeiro qualificador (obrigatório) é um tipo de subsistema que recebe o pedido de trabalho. O Tabela 13 lista os tipos de subsistema que podem receber cargas de trabalho Developer for System z.

*Tabela 13. Subsistemas de Ponto de Entrada do WLM*

Tipos de subsistemas	Descrição do trabalho
ASCH	Os pedidos de trabalho incluem todos os programas de transação APPC planejados pelo planejador de transação da IBM-supplied APPC/MVS, ASCH.
CICS	Os pedidos de trabalho incluem todas as transações processadas pelo CICS.
JES	Os pedidos de trabalho incluem todos os trabalhos que o JES2 ou JES3 iniciam.
OMVS	Os pedidos de trabalho incluem o trabalho processado nos espaços de endereços filhos bifurcados no z/OS UNIX System Services.

Tabela 13. Subsistemas de Ponto de Entrada do WLM (continuação)

Tipos de subsistemas	Descrição do trabalho
STC	Os pedidos de trabalho incluem todo o trabalho iniciado pelos comandos START e MOUNT. O STC também inclui os espaços de endereços do componente do sistema.

A Tabela 14 lista qualificadores adicionais que podem ser usados para designar uma carga de trabalho a uma classe de serviço específica. Consulte MVS Planejamento: Gerenciamento de Carga de Trabalho (SA22-7602) para obter detalhes adicionais sobre os qualificadores de trabalho listados.

Tabela 14. qualificadores de trabalho WLM

		ASCH	CICS	JES	OMVS	STC
AI	Dados da Conta	x		x	x	x
LU	Nome LU (*)		x			
PF	Perform (*)			x		x
PRI	Prioridade			x		
SE	Nome de Ambiente de Planejamento			x		
SSC	Nome de Coleta de Subsistema			x		
SI	Instância de Subsistema (*)		x	x		
SPM	Parâmetro de Subsistema					x
PX	Nome Sysplex	x	x	x	x	x
SY	Nome do Sistema (*)	x			x	x
TC	Transação/Classe de Trabalho (*)	x		x		
TN	Transação/Nome do Trabalho (*)	x	x	x	x	x
UI	ID do usuário (*)	x	x	x	x	x

**Nota:** Para os qualificadores marcados com (\*), é possível especificar os grupos de classificação ao incluir um G na abreviação do tipo. Por exemplo, um grupo de nome de transação seria TNG.

## Configurando Objetivos

Como documentado em “Classificação de Carga de Trabalho” na página 67, o Developer for System z cria tipos diferentes de cargas de trabalho no seu sistema. Estas diferentes tarefas comunicam-se entre si, o que implica que o tempo decorrido real tornar-se importante para evitar problemas de tempo limite para as conexões entre as tarefas. Como resultado, Developer for System z é recomendável que as tarefas sejam colocadas em classes de serviço de alto desempenho ou em classes de serviço de desempenho moderado com uma alta prioridade.

Uma revisão, e possivelmente uma atualização, dos seus objetivos WLM atuais é, por essa razão, aconselhado. Isto é especialmente verdadeiro para empresas tradicionais MVS novas no que diz respeito às cargas de trabalho OMVS de tempo crítico.

**Nota:**

- As informações sobre os objetivos nesta seção são deliberadamente mantidas em um nível descritivo porque os objetivos de desempenho reais são muito específicos do site.
- Para ajudar no entendimento do impacto de uma tarefa específica no seu sistema, termos como recursos substanciais, moderados e mínimos são usados. Todos eles são relativos ao uso total de recurso Developer for System z, ele mesmo, mas não de todo o sistema.

O Tabela 15 lista os espaços de endereços que são usados pelo Developer for System z. O z/OS UNIX substituirá "x" na coluna "Nome da Tarefa" por um número de 1 dígito aleatório.

*Tabela 15. cargas de trabalho WLM*

Descrição	Nome da tarefa	Carga de trabalho
JES Job Monitor	JMON	STC
Daemon RSE	RSED	STC
Conjunto de encadeamento do RSE	RSEDx	OMVS
ISPF Client Gateway (Serviço do TSO Commands e do SCLMDT)	<userid>x	OMVS
Serviço do TSO Commands (APPC)	FEKFRSRV	ASCH
CARMA (batch)	CRA<port>	JES
CARMA (crastart)	<userid>x	OMVS
CARMA (ISPF Client Gateway)	<userid> e <userid>x	OMVS
Build MVS (tarefa em lote)	*	JES
Build z/OS UNIX (comandos do shell)	<userid>x	OMVS
Shell do z/OS UNIX	<userid>	OMVS
Tarefa do File Manager	<userid>x	OMVS
Gerenciador de Implementação de Aplicativo	CICSTS	CICS

## Considerações para Seleção de Objetivos

As seguintes considerações gerais do WLM podem ajudar a definir apropriadamente as definições de objetivos corretas para Developer for System z:

- É recomendável que você baseie os objetivos no que é realmente possível ser atingido e não no que você deseja que aconteça. Se estabelecer objetivos mais altos do que o necessário, o WLM moverá recursos de trabalho de importância menor para trabalho de importância mais alta, que pode não necessariamente precisar de recursos.
- Limite a quantia de trabalho designada para classes de serviços SYSTEM e SYSSTC porque essas classes possuem uma prioridade de despacho mais alta que qualquer classe WLM gerenciada. Use estas classes para trabalho que seja de importância alta, mas que use pouco CPU.
- O trabalho que é desaprovado pelas regras de classificação acaba na classe SYSOTHER, que possui um objetivo discricionário. Um objetivo discricionário diz ao WLM para apenas fazer o seu melhor, quando o sistema possuir recursos sobressalentes.

Quando usar os objetivos de tempo de resposta:



- Deve haver uma taxa de chegada de tarefas fixa (pelo menos 10 tarefas em 20 minutos) para que o WLM gerencie apropriadamente um objetivo de tempo de resposta.
- Use objetivos de tempo médio de resposta somente para cargas de trabalho bem controladas, porque uma única transação longa possui um grande impacto sobre o tempo médio de resposta e pode fazer com que o WLM reaja exageradamente.

Quando usar objetivos de velocidade:

- Normalmente, não é possível atingir uma meta de velocidade acima de 90% por várias razões. Por exemplo, todos os espaços de endereços SYSTEM e SYSSTC possuem uma prioridade de despacho mais alto que o objetivo de tipo de velocidade.
- O WLM usa um número mínimo de (uso e atraso) amostras nas quais baseia suas decisões sobre objetivo de velocidade. Assim quando menor for a execução de trabalho em uma classe de serviço, maior será o tempo para coletar o número requerido de amostras e ajustar a política de despacho.
- Reavalie os objetivos de velocidade quando alterar o seu hardware. Em particular, mover para processadores mais rápidos e menores requer mudanças nos objetivos de velocidade.

## STC

Todas as tarefas iniciadas do Developer for System z, daemons RSE e JES Job Monitor, estão atendendo solicitações de cliente em tempo real.

*Tabela 16. cargas de trabalho WLM STC*

Descrição	Nome da tarefa	Carga de trabalho
JES Job Monitor	JMON	STC
Daemon RSE	RSED	STC

- JES Job Monitor  
O JES Job Monitor fornece todos os serviços relacionados a JES, como enviar tarefas, navegar arquivos de spool e executar comandos de operador JES. É recomendável especificar um objetivo de velocidade de um período, e com alta prioridade, porque a tarefa não relata transações individuais para o WLM. O uso de recurso depende fortemente das ações do usuário e, por essa razão, vai variar, mas é esperado que seja de mínimo a moderado.
- Daemon RSE  
O daemon RSE trata da criação do logon e autenticação do cliente e gerencia os diferentes conjuntos de encadeamentos RSE. É recomendável especificar um objetivo de velocidade de um período, e com alta prioridade, porque a tarefa não relata transações individuais para o WLM. Espera-se ser mínimo o uso de recurso, com um pico no começo do dia útil.

## OMVS

As cargas de trabalho OMVS podem ser divididas em dois grupos, conjuntos de encadeamentos RSE e todo o resto. Isto porque todas as cargas de trabalho, exceto os conjuntos de encadeamentos RSE, usam o ID de usuário cliente como base para o nome do espaço de endereço. (O z/OS UNIX substituirá "x" na coluna "Nome da Tarefa" por um número de 1 dígito aleatório.

Tabela 17. Cargas de trabalho WLM OMVS

Descrição	Nome da tarefa	Carga de trabalho
Conjunto de encadeamento do RSE	RSEDx	OMVS
ISPF Client Gateway (Serviço do TSO Commands e do SCLMDT)	<userid>x	OMVS
CARMA (crastart)	<userid>x	OMVS
CARMA (ISPF Client Gateway)	<userid> e <userid>x	OMVS
Build z/OS UNIX (comandos do shell)	<userid>x	OMVS
Shell do z/OS UNIX	<userid>	OMVS
Tarefa do File Manager	<userid>x	OMVS

- Conjunto de encadeamento do RSE

Um conjunto de encadeamentos RSE é como o coração e o cérebro do Developer for System z. Quase todos os dados circulam por aqui e os mineradores (encadeamentos específicos do usuário) dentro do conjunto de encadeamentos controlam as ações da maioria das outras tarefas relacionadas do Developer for System z. É recomendável especificar um objetivo de velocidade de um período, e com alta prioridade, porque a tarefa não relata transações individuais para o WLM. O uso de recursos depende fortemente das ações do usuário e, por essa razão, vai variar, mas é esperado ser substancial.

Todas as cargas de trabalho restantes terminarão na mesma classe de serviço devido a uma convenção de nomenclatura do espaço de endereço comum. É recomendável especificar um objetivo de período múltiplo para esta classe de serviço. Os primeiros períodos deveriam ser de objetivos de tempo de resposta percentil e de alto desempenho, enquanto que o último período deveria possuir um objetivo de velocidade de desempenho moderado. Algumas cargas de trabalho, como a ISPF Client Gateway, relatarão transações individuais para o WLM, enquanto outras não.

- ISPF Client Gateway

O ISPF Client Gateway é um serviço ISPF invocado pelo Developer for System z para executar comandos TSO e ISPF não interativos. Isto inclui os comandos explícitos emitidos pelo cliente e também os comandos implícitos emitidos pelo Developer for System z, como obter uma lista de membros PDS. O uso de recursos depende fortemente das ações do usuário, e, por essa razão, vai variar, mas é esperado ser o mínimo.

- CARMA

O CARMA é um servidor Developer for System z opcional usado para interagir com Software Configuration Managers (SCMs), baseados em host, tais como o CA Endevor® SCM. O Developer for System z permite diferentes métodos de inicialização para um servidor CARMA, alguns dos quais transformam-se em uma carga de trabalho OMVS. O uso de recursos depende fortemente das ações do usuário, e, por essa razão, vai variar, mas é esperado ser o mínimo.

- Build z/OS UNIX

Quando um cliente inicia uma construção para um projeto z/OS UNIX, o z/OS UNIX REXEC (ou SSH) iniciará uma tarefa que executa um número de comandos shell do z/OS UNIX para executar a construção. O uso dos recursos

depende fortemente das ações do usuário e, por essa razão, vai variar, mas é esperado ser de moderado a substancial, dependendo do tamanho do projeto.

- Shell do z/OS UNIX

Esta carga de trabalho processa os comandos shell do z/OS UNIX que são emitidos pelo cliente. O uso de recursos depende fortemente das ações do usuário, e, por essa razão, vai variar, mas é esperado ser o mínimo.

- IBM File Manager

Embora não sejam espaços de endereços Developer for System z, os processos-filho do File Manager gerados são listados aqui porque eles podem ser iniciados por pedido de um cliente Developer for System z e estas tarefas usam a mesma convenção de nomenclatura como tarefas Developer for System z. Estas tarefas do File Manager processam ações do conjunto de dados não triviais do MVS, como edição formatada de um arquivo VSAM. O uso de recurso depende fortemente das ações do usuário e, por essa razão, vai variar, mas é esperado que seja de mínimo a moderado.

## JES

Os processos em lote do JES gerenciado são usados de várias maneiras pelo Developer for System z. O uso mais comum é para construções MVS, onde uma tarefa é submetida e monitorada para determinar quando ela termina. Mas o Developer for System z também poderia iniciar um servidor CARMA em lote e comunicar-se com ele usando TCP/IP.

*Tabela 18. Carga de trabalhos WLM JES*

Descrição	Nome da tarefa	Carga de trabalho
CARMA (batch)	CRA<port>	JES
Build MVS (tarefa em lote)	*	JES

- CARMA

O CARMA é um servidor Developer for System z opcional usado para interagir com Software Configuration Managers (SCMs), baseados em host, tais como o CA Endevor® SCM. O Developer for System z permite diferentes métodos de inicialização para um servidor CARMA, alguns dos quais transformam-se em uma carga de trabalho JES. É recomendável especificar um objetivo de velocidade de um período, e com alta prioridade, porque a tarefa não relata transações individuais para o WLM. O uso de recursos depende fortemente das ações do usuário, e, por essa razão, vai variar, mas é esperado ser o mínimo.

- Build MVS

Quando o cliente inicia uma construção para um projeto MVS, Developer for System z iniciará um trabalho em lote para executar a construção. O uso dos recursos depende fortemente das ações do usuário e, por essa razão, vai variar, mas é esperado ser de moderado a substancial, dependendo do tamanho do projeto. Estratégias diferentes de objetivos de desempenho moderado é aconselhável, dependendo das circunstâncias locais.

- Você poderia especificar um objetivo de período múltiplo com um período de tempo de resposta percentil e um período de velocidade de final. Neste caso, seus desenvolvedores deveriam estar usando principalmente o mesmo procedimento de construção e arquivos de entrada de tamanho similar para criar tarefas com tempos de resposta uniformes. Também deve haver uma taxa de chegada de tarefas fixa (pelo menos 10 tarefas em 20 minutos) para que o WLM gerencie apropriadamente o objetivo de tempo de resposta.

- Um objetivo de velocidade é mais adequado para a maioria de tarefas em lote porque este objetivo pode lidar com taxas de chegada e tempos de execução altamente variáveis.

## ASCH

Nas versões atuais do Developer for System z, o ISPF Client Gateway é usado para executar comandos TSO e ISPF não interativos. Devido a razões históricas, o Developer for System z também suporta executar estes comandos por meio de uma transação APPC. Você deve observar que o método APPC é reprovado.

*Tabela 19. Cargas de trabalho WLM ASCH*

Descrição	Nome da tarefa	Carga de trabalho
Serviço do TSO Commands (APPC)	FEKFRSRV	ASCH

- serviço TSO Commands

O serviço TSO Commands pode ser iniciado como uma transação APPC pelo Developer for System z para executar os comandos TSO e ISPF não interativos. Isto inclui os comandos explícitos emitidos pelo cliente e também os comandos implícitos emitidos pelo Developer for System z, como obter uma lista de membros PDS. É recomendável especificar um objetivo de período múltiplo para esta classe de serviço. Para os primeiros períodos, é recomendável especificar objetivos de tempo de resposta percentil e de alto desempenho. Para o período final, é recomendável especificar um objetivo de velocidade de desempenho moderada. O uso de recursos depende fortemente das ações do usuário, e, por essa razão, vai variar, mas é esperado ser o mínimo.

## CICS

O Application Deployment Manager é um servidor Developer for System z opcional que está ativo dentro de uma região do CICS Transaction Server.

*Tabela 20. Cargas de trabalho WLM - CICS*

Descrição	Nome da tarefa	Carga de trabalho
Gerenciador de Implementação de Aplicativo	CICSTS	CICS

- Gerenciador de Implementação de Aplicativo

O servidor opcional do Application Deployment Manager, que é ativo dentro de uma região CICSTS, permite que você transfira com segurança tarefas de gerenciamento CICSTS selecionadas para desenvolvedores. O uso de recursos depende fortemente das ações do usuário, e, por essa razão, vai variar, mas é esperado ser o mínimo. O tipo de classe de serviço a ser usado depende das outras transações ativas nesta região CICS e, portanto, não é discutido em detalhes.

O WLM suporta vários tipos de gerenciamento que você pode usar para CICS:

- Gerenciando o CICS através de um objetivo de região

O objetivo é configurado para uma classe de serviço que gerencia os espaços de endereços CICS. Só é possível usar um objetivo de velocidade de execução para esta classe de serviço. O WLM usa as regras de classificação JES ou STC para os espaços de endereços, mas não usa as regras de classificação do subsistema CICS para transações.

- Gerenciando 0 CICS através de um objetivo de tempo de resposta de transação

O objetivo de tempo de resposta pode ser configurado em uma classe de serviço designada para uma única transação ou um grupo de transações. O WLM usa as regras de classificação JES ou STC para os espaços de endereços e as regras de classificação do subsistema CICS para transações.



---

## Capítulo 5. Considerações de Ajuste

Conforme explicado em Capítulo 1, “Entendendo o Developer for System z”, na página 3, o RSE (Explorador de Sistema Remoto) é o núcleo do Developer for System z. Para gerenciar as conexões e as cargas de trabalho a partir dos clientes, o RSE é formado por um espaço de endereço do daemon, que controla os espaços de endereços do conjunto de encadeamento. O daemon age como um ponto focal para fins de conexão e gerenciamento, enquanto os conjuntos de encadeamentos processam as cargas de trabalho do cliente.

Isso torna o RSE um alvo principal para o ajuste da configuração do Developer for System z. Entretanto, manter centenas de usuários, cada um usando 17 ou mais encadeamentos, uma certa quantia de armazenamento, e possivelmente 1 ou mais espaços de endereços requer uma configuração adequada de ambos Developer for System z e z/OS.

Os seguintes tópicos são abordados neste capítulo:

- “Uso de Recursos”
- “Uso de Armazenamento” na página 88
- “Uso do espaço do sistema de arquivos z/OS UNIX” na página 95
- “Definições de Recursos Principais” na página 98
- “Várias definições de recurso” na página 101
- “Monitoramento” na página 103
- “Configuração de Amostra” na página 106

---

### Uso de Recursos

Use as informações nesta seção para estimar o uso normal e máximo de recursos pelo Developer for System z, para que possa planejar sua configuração do sistema de acordo.

Ao usar os números e as fórmula apresentados nesta seção para definir os valores dos limites do sistema, lembre-se de que você está trabalhando com estimativas bastante precisas. Deixe margem suficiente ao configurar os limites do sistema para permitir o uso de recursos por tarefas temporárias e outras tarefas, ou por usuários que se conectam várias vezes ao host simultaneamente. (Por exemplo, por meio de RSE e de TN3270).

#### Nota:

- As informações são limitadas ao escopo para serviços acessados por meio do RSE que são fornecidas pelo próprio Developer for System z. Por exemplo, o uso de recurso do TN3270 não é documentado (não acessado por meio do RSE), nem o uso de recursos dos programas chamados durante construções remotas (baseadas em host) dos projetos MVS ou z/OS UNIX (não fornecido pelo Developer for System z).
- Incluir extensões de terceiros no Developer for System z pode aumentar os contadores de uso de recurso.
- Todos os serviços têm tarefas de “manutenção” de curta duração, que usam recursos durante sua execução, e que podem ser executados em sequência ou em paralelo entre si. Os recursos usados por essas tarefas não são documentados.

- Onde for útil, o uso de recursos específicos do usuário de software obrigatório, como o ISPF Client Gateway, é documentado.
- Os números apresentados aqui podem ser alterados sem notificação prévia.

## Visão Geral (Overview)

As tabelas a seguir dão uma visão geral do número de espaços de endereços, processos e encadeamentos usados pelo Developer for System z. Mais detalhes sobre os números apresentados aqui podem ser localizados nas seções de texto:

- “Contagem do espaço de endereço” na página 79
- “Contagem de processos” na página 82
- “Contagem de encadeamentos” na página 85

Tabela 21 dá uma visão geral dos principais recursos usados pelas tarefas iniciadas do Developer for System z. Esses recursos são alocados apenas uma vez. Eles são compartilhados entre clientes do Developer for System z.

*Tabela 21. Uso de recursos comuns*

Tarefa iniciada	Espaços de endereço	Processos	Encadeamentos
JMON	1	1	3
RSED	1	3	11
RSEDx	1 + 1 (a)	1 + 2	1 + 10

**Nota:** (a) Existe pelo menos um espaço de endereço autorizado pelo APF e pelo menos 1 espaço de endereço do conjunto de encadeamento do RSE ativo. Consulte “Contagem do espaço de endereço” na página 79 para determinar o número real de espaços de endereços do conjunto de encadeamento do RSE.

A Tabela 22 fornece uma visão geral dos recursos principais usados pelo software obrigatório. Esses recursos são alocados para cada cliente do Developer for System z que chama a função relacionada.

*Tabela 22. Uso de recursos obrigatórios específicos do usuário*

Software obrigatório	Espaços de endereço	Processos	Encadeamentos
ISPF Client Gateway	1	2	4
APPC	1	1	2

Tabela 23 dá uma visão geral dos principais recursos por cada cliente do Developer for System z ao executar a função especificada. Valores não-numéricos, como ISPF, são uma referência ao valor correspondente na Tabela 22.

*Tabela 23. Uso de recursos específicos do usuário*

Ação do usuário	Espaços de endereço	Processos	Encadeamentos		
	ID do usuário	ID do usuário	ID do usuário	RSEDx	JMON
Logon	-	-	-	17	1
Cronômetro para tempo limite inativo	-	-	-	1	-



Tabela 23. Uso de recursos específicos do usuário (continuação)

Ação do usuário	Espaços de endereço	Processos	Encadeamentos		
	ID do usuário	ID do usuário	ID do usuário	RSEDx	JMON
Procurar	-	-	-	1	-
Expandir PDS(E)	ISPF	ISPF	ISPF	-	-
Abrir conjunto de dados	ISPF	ISPF	ISPF	1	-
Comando TSO	ISPF	ISPF	ISPF	-	-
Shell do z/OS UNIX	1	1	1	6	-
Build MVS	1	-	-	-	-
Build z/OS UNIX	3	3	3	-	-
CARMA (batch)	1	1	2	1	-
CARMA (crastart)	1	1	2	4	-
CARMA (ispf)	4	4	7	5	-
SCLMDT	ISPF	ISPF	ISPF	-	-

**Nota:** O ISPF pode ser substituído pelo APPC, exceto para o SCLM Developer Toolkit.

## Contagem do espaço de endereço

Tabela 24 lista os espaços de endereços que são usados pelo Developer for System z, em que “u” na coluna “Count” indica que a quantia deve ser multiplicada pelo número de usuários ativos simultaneamente usando a função. O z/OS UNIX substituirá “x” na coluna “Nome da Tarefa” por um número de 1 dígito aleatório.

Tabela 24. Contagem do espaço de endereço

Contador	Descrição	Nome da tarefa	Compartilhado	Termina após
1	JES Job Monitor	JMON	Sim	Nunca
1	Daemon RSE	RSED	Sim	Nunca
1	RSE APF autorizado	RSEDx	Sim	Nunca
(a)	Conjunto de encadeamento do RSE	RSEDx	Sim	Nunca
lu	ISPF Client Gateway (Serviço do TSO Commands e do SCLMDT)	<userid>x	Não	15 minutos ou no logoff do usuário
lu	Serviço do TSO Commands (APPC)	FEKFRSRV	Não	60 minutos ou efetuar logoff do usuário

Tabela 24. Contagem do espaço de endereço (continuação)

Contador	Descrição	Nome da tarefa	Compartilhado	Termina após
1u	CARMA (batch)	CRA<port>	Não	7 minutos ou no logoff do usuário
1u	CARMA (crastart)	<userid>x	Não	7 minutos ou no logoff do usuário
4u	CARMA (ispf, descontinuado)	(1)<userid> ou (3)<userid>x	Não	7 minutos ou no logoff do usuário
(b)	Uso simultâneo do ISPF Client Gateway por 1 usuário	<userid>x	Não	Conclusão da tarefa
1u	Build MVS (tarefa em lote)	*	Não	Conclusão da tarefa
3u	Build z/OS UNIX (comandos do shell)	<userid>x	Não	Conclusão da tarefa
1u	Shell do z/OS UNIX	<userid>	Não	Logoff do usuário

**Nota:**

- (a) Existe pelo menos um espaço de endereço do conjunto de encadeamento do RSE ativo. O número real depende de:
  - A diretiva `minimum.threadpool.process` em `rsed.envvars`. O valor-padrão é 1.
  - O número de usuários que podem ser atendidos por um conjunto de encadeamento. As configurações padrão são planejadas para 30 usuários por conjunto de encadeamentos.

**Nota:** Se a diretiva `single.logon` estiver ativa, haverá pelo menos 2 conjuntos de encadeamento iniciados, mesmo que `minimum.threadpool.process` esteja configurado como 1. A configuração padrão para `single.logon` em `rsed.envvars` está ativa.

- (b) Developer for System z tem diversos encadeamentos ativos por usuário. No caso de o espaço de endereço do ISPF Client Gateway não tiver terminado de atender aos pedido de um encadeamento quando outro encadeamento enviar um pedido, o ISPF inicializará um novo Client Gateway para processar o novo pedido. Esse espaço de endereço termina após a conclusão da tarefa.
- O SCLMDT exige um espaço de endereço do ISPF Client Gateway. O SCLMDT compartilha o espaço de endereço com o serviço do TSO Commands.
- A maioria das ações relacionadas ao conjunto de dados do MVS usa o serviço do TSO Commands, que pode estar ativo no ISPF Client Gateway ou em uma transação do APPC, respectivamente.

Use a fórmula em Figura 14 para estimar o número máximo de espaços de endereços usados pelo Developer for System z.

$$3 + A + N*(x + y + z) + (2 + N*0.01)$$

Figura 14. Número máximo de espaços de endereço

Em que,

- “3” é igual ao número de espaços de endereço do servidor ativo permanente.

- “A” representa o número de espaços de endereço de conjunto de encadeamentos do RSE.
- “N” representa o número máximo de usuários simultâneos.
- “x” é um dos seguintes valores, dependendo das opções de configuração selecionadas.

X	SCLMDT	TSO por meio do Client Gateway	TSO por meio do APPC
1	Não	Não	Sim
1	Não	Sim	Não
1	Sim	Sim	Não

- “y” é um dos seguintes valores, dependendo das opções de configuração selecionadas.

S	
0	Sem CARMA
1	CARMA (batch)
1	CARMA (crastart)
4	CARMA (ispf, descontinuado)

- “z” é 0 por padrão, mas pode aumentar dependendo das ações do usuário:
  - Inclua 1 quando um build MVS for executado. Esses espaços de endereço terminam quando a tarefa do build relacionado (uma tarefa em lote) for concluída.
  - Inclua 3 quando um build z/OS UNIX for executado. Observe que o número real pode ser alto, dependendo das necessidades dos programas invocados. Esses espaços de endereço terminam quando a tarefa do build relacionada for concluída.
- “2 + N\*0.01” inclui um buffer para espaços de endereço temporários. O tamanho do buffer necessário pode ser diferente no seu site.

Use a fórmula em Figura 15 para estimar o número máximo de espaços de endereços usados por um cliente Developer for System z (não contando os espaços de endereços temporários não documentados).

$$x + y + z$$

Figura 15. Número de espaços de endereços por cliente

Em que,

- “x” depende das opções de configuração selecionadas e é documentado na fórmula para calcular o número máximo de espaços de endereço (Figura 14 na página 80).
- “y” depende das opções de configuração selecionadas e é documentado na fórmula para calcular o número máximo de espaços de endereço (Figura 14 na página 80).
- “z” é 0 por padrão, mas pode aumentar, dependendo das ações do usuário, conforme documentado na fórmula para calcular o número máximo de espaços de endereço (Figura 14 na página 80).

As definições na Tabela 25 podem limitar o número real de espaços de endereço.

*Tabela 25. Limites de espaço de endereço*

Local	Limite	Recursos afetados
rsed.envvars	maximum.threadpool.process	Limita o número de conjuntos de encadeamento do RSE
IEASYMxx	MAXUSER	Limita o número de espaços de endereço
ASCHPMxx	MAX	Limita o número de iniciadores APPC para o serviço TSO Commands (APPC)

## Contagem de processos

Tabela 26 lista o número de processos por espaço de endereço que é usado pelo Developer for System z. “u” na coluna “Address Spaces” indica que a quantia deve ser multiplicada pelo número de usuários ativos simultaneamente usando a função.

*Tabela 26. Contagem de processos*

Processos	Espaços de endereço	Descrição	ID do usuário
1	1	JES Job Monitor	STCJMON
3	1	Daemon RSE	STCRSE
1	1	Autorizado pelo APF RSE	STCRSE
2	(a)	Conjunto de encadeamento do RSE	STCRSE
2	(b)	ISPF Client Gateway (Serviço do TSO Commands e do SCLMDT)	<userid>
1	1u	Serviço do TSO Commands (APPC)	<userid>
1	1u	CARMA (batch)	<userid>
1	1u	CARMA (crastart)	<userid>
1	1u	CARMA (ispf, descontinuado)	<userid>
1	3u	Build z/OS UNIX (comandos do shell)	<userid>
1	1u	Shell do z/OS UNIX	<userid>
(5)	(u)	SCLM Developer Toolkit	<userid>

### Nota:

- (a) Existe pelo menos 1 espaço de endereço do conjunto de encadeamento do RSE ativo. Consulte “Contagem do espaço de endereço” na página 79 para determinar o número real de espaços de endereços do conjunto de encadeamento do RSE.
- O daemon RSE e todos os conjuntos de encadeamento do RSE usam o mesmo ID de usuário.
- (b) Em situações normais e ao usar as opções de configuração padrão, existe 1 ISPF Client Gateway ativo por usuário. O número real pode variar, conforme descrito em “Contagem do espaço de endereço” na página 79.
- O SCLMDT exige um espaço de endereço do ISPF Client Gateway. O SCLMDT compartilha o espaço de endereço com o serviço do TSO Commands.
- (u) Os processos SCLMDT são executados no espaço de endereço do ISPF Client Gateway e, portanto, não possuem um valor para a contagem do espaço de endereço.

- Os processos SCLMDT são temporários e terminam na conclusão da tarefa, mas vários processos podem estar ativos simultaneamente para um único usuário. A Tabela 26 na página 82 lista o número máximo de processos SCLMDT simultâneos.
- A maioria das ações relacionadas ao conjunto de dados do MVS usa o serviço do TSO Commands, que pode estar ativo no ISPF Client Gateway ou em uma transação do APPC, respectivamente.
- Um build z/OS UNIX usa três processos no total, cada um executando em seu próprio espaço de endereço.
- Todos os processos listados permanecem ativos até que o espaço de endereço relacionado termine, a menos que indicado de outra forma.

Use a fórmula em Figura 16 para estimar o número máximo de processos usados pelo Developer for System z.

$$5 + 2 * A + N * (x + y + z) + (10 + N * 0.05)$$

Figura 16. Número máximo de processos

Em que,

- “5” iguala o número de processos usados por espaços de endereços do servidor ativo permanente.
- “A” representa o número de espaços de endereço de conjunto de encadeamentos do RSE.
- “N” representa o número máximo de usuários simultâneos.
- “x” é um dos seguintes valores, dependendo das opções de configuração selecionadas.

X	SCLMDT	TSO por meio do Client Gateway	TSO por meio do APPC
1	Não	Não	Sim
2	Não	Sim	Não
7	Sim	Sim	Não

- “y” é um dos seguintes valores, dependendo das opções de configuração selecionadas.

S	
0	Sem CARMA
1	CARMA (batch)
1	CARMA (crastart)
4	CARMA (ispf, descontinuado)

- “z” é 0 por padrão, mas pode aumentar dependendo das ações do usuário:
  - Inclua 1 quando um shell z/OS UNIX for aberto. Esse processo permanece ativo até que o usuário efetue logoff.
  - Inclua 3 quando um build z/OS UNIX for executado. Observe que o número real pode ser alto, dependendo das necessidades dos programas invocados. Esses processos terminam quando a tarefa do build relacionada for concluída.
- “10 + N\*0.05” inclui um buffer para processos temporários. O tamanho do buffer necessário pode ser diferente no seu site.

Use a fórmula em Figura 17 para estimar o número máximo de processos usados pelo STCRSE, o RSED iniciou o ID do usuário da tarefa (não contando os processos temporários não documentados).

$$4 + 2 * A$$

Figura 17. Número de processos para STCRSE

Em que,

- "4" é igual ao número de processos usados pelo daemon RSE e espaços de endereço de RSE APF autorizado.
- "A" representa o número de espaços de endereço de conjunto de encadeamentos do RSE.

Use a fórmula em Figura 18 para estimar o número máximo de processos usados por um cliente Developer for System z (não contando os processos temporários não documentados).

$$(x + y + z) + 5 * s$$

Figura 18. Número de processos por cliente

Em que,

- "x" depende das opções de configuração selecionadas e é documentado na fórmula para calcular o número máximo de processos (Figura 16 na página 83).
- "y" depende das opções de configuração selecionadas e é documentado na fórmula para calcular o número máximo de processos (Figura 16 na página 83).
- "z" é 0 por padrão, mas pode aumentar dependendo das ações do usuário, conforme documentado na fórmula para calcular o número máximo de processos (Figura 16 na página 83).
- "s" é 1 quando o SCLM Developer Toolkit for usado ou, senão, 0.

As definições na Tabela 27 podem limitar o número real de processos.

Tabela 27. Limites do processo

Local	Limite	Recursos afetados
BPXPRMxx	MAXPROCSYS	Limita o número total de processos
BPXPRMxx	MAXPROCUSER	Limita o número de processos por UID do z/OS UNIX

Nota:

- O daemon RSE e os conjuntos de encadeamento do RSE usam o mesmo ID do usuário. Como o daemon RSE começa um novo conjunto de encadeamento sempre que for necessário, o número de processos para este ID do usuário pode aumentar. Portanto, MAXPROCUSER deve ser definido para acomodar esse crescimento, que pode ser formulado como "3 + 2\*A".
- O limite MAXPROCUSER é por ID de usuário (UID) exclusivo z/OS UNIX. Multiplique a contagem do processo por usuário estimada pelo número de clientes ativos simultaneamente se os seus usuários compartilharem o mesmo UID.

## Contagem de encadeamentos

Tabela 28 lista o número de encadeamentos usados pelas funções selecionadas do Developer for System z. "u" nas colunas "Encadeamentos" indica que a quantidade deve ser multiplicada pelo número de usuários ativos simultaneamente usando a função. A contagem de encadeamento é listada por processo, à medida que os limites são definidos neste nível.

- RSEDx: Esses encadeamentos são criados no conjunto de encadeamento do RSE, que é compartilhado por vários clientes. Todos os encadeamentos que terminam no mesmo conjunto de encadeamento devem ser incluídos juntos para obter a contagem total.
- Ativo: Esses encadeamentos fazem parte do processo que realmente executa a função solicitada. Cada processo é uma unidade independente, de modo que não há necessidade de somar as contagens de encadeamento, mesmo se elas estiverem designadas ao mesmo ID do usuário, a menos que observado de outra forma.
- Autoinicialização: Os processos de autoinicialização são necessários para iniciar o processo real. Cada um possui 1 encadeamento e pode haver várias autoinicializações consecutivas. Não há necessidade de somar as contagens de encadeamentos.

Tabela 28. Contagem de encadeamentos

Encadeamentos			ID do usuário	Descrição
RSEDx	Ativado	Autoinicialização		
-	3 + 1u	-	STCJMON	JES Job Monitor
-	15	2	STCRSE	Daemon RSE
-	1	-	STCRSE	RSE APF autorizado
10 (a) + 17u	-	1 (a)	STCRSE	Conjunto de encadeamento do RSE
-	4u (b)	1u (b)	<userid>	ISPF Client Gateway (Serviço do TSO Commands e do SCLMDT)
-	2u	-	<userid>	Serviço do TSO Commands (APPC)
1u	2u	-	STCRSE e <userid>	CARMA (batch)
4u	2u	-	STCRSE e <userid>	CARMA (crastart)
5u	4u	3u	STCRSE e <userid>	CARMA (ispf, descontinuado)
-	1u (c)	2u	<userid>	Build z/OS UNIX (comandos do shell)
6u	1u	-	STCRSE e <userid>	Shell do z/OS UNIX
1 (d)	-	-	STCRSE	Fazer Download
1 (e)	-	-	STCRSE	Procurar

Tabela 28. Contagem de encadeamentos (continuação)

Encadeamentos			ID do usuário	Descrição
-	(5)	-	<userid>	SCLM Developer Toolkit
1u	-	-	STCRSE	Cronômetro para tempo limite inativo

**Nota:**

- (a) Existe pelo menos 1 espaço de endereço do conjunto de encadeamento do RSE ativo. Consulte “Contagem do espaço de endereço” na página 79 para determinar o número real de espaços de endereços do conjunto de encadeamento do RSE.
- (b) Em situações normais e ao usar as opções de configuração padrão, existe 1 ISPF Client Gateway ativo por usuário. O número real pode variar, conforme descrito em “Contagem do espaço de endereço” na página 79.
- O SCLMDT exige um espaço de endereço do ISPF Client Gateway. O SCLMDT compartilha o espaço de endereço com o serviço do TSO Commands.
- Dependendo da ação selecionada, o SCLMDT pode usar vários processos de encadeamento único que terminam na conclusão da tarefa. A Tabela 28 na página 85 lista o número máximo de encadeamentos SCLMDT simultâneos.
- A maioria das ações relacionadas ao conjunto de dados do MVS usa o serviço do TSO Commands, que pode estar ativo no ISPF Client Gateway ou em uma transação do APPC, respectivamente.
- (c) Um build z/OS UNIX invoca utilitários de build diferentes, que podem ser multiencadeados. A Tabela 28 na página 85 lista o número mínimo de encadeamentos de build z/OS UNIX simultâneos.
- (d) Cada download de dados de host usará um encadeamento separado. Este encadeamento será encerrado quando os dados forem transferidos ao cliente.
- (e) Cada procura remota usará um encadeamento separado. Este encadeamento será encerrado quando os resultados forem transferidos ao cliente.
- Todos os encadeamentos listados permanecem ativos até que o processo relacionado termine, a menos que indicado de outra forma.
- A contagem normal de encadeamentos para o código autorizado pelo APF RSE é 1. Entretanto, durante a inicialização, há 13 ou mais encadeamentos ativos simultâneos temporariamente.

Use a fórmula em Figura 19 para estimar o número máximo de encadeamentos usados por um conjunto de encadeamentos RSE. Use a fórmula da Figura 20 na página 87 para avaliar o número máximo de encadeamentos usados pelo JES Job Monitor.

$$10 + N*(17 + x + y + z) + (20 + N*0.1)$$

Figura 19. Número máximo de encadeamentos do conjunto de encadeamento do RSE



## 3 + N

Figura 20. Número máximo de encadeamentos do JES Job Monitor

Em que,

- "N" representa o número máximo de usuários simultâneos neste conjunto de encadeamentos ou JES Job Monitor. As configurações padrão são planejadas para 30 usuários por conjunto de encadeamentos.
- "x" é um dos seguintes valores, dependendo das opções de configuração selecionadas.

X	SCLMDT	TSO por meio do Client Gateway	TSO por meio do APPC	Tempo limite
0	Não	Não	Sim	Não
0	Não	Sim	Não	Não
0	Sim	Sim	Não	Não
1	Não	Não	Sim	Sim
1	Não	Sim	Não	Sim
1	Sim	Sim	Não	Sim

- "y" é um dos seguintes valores, dependendo das opções de configuração selecionadas.

S	
0	Sem CARMA
1	CARMA (batch)
4	CARMA (crastart)
5	CARMA (ispf, descontinuado)

- "z" é 0 por padrão, mas pode aumentar dependendo das ações do usuário:
  - Inclua 6 quando um shell z/OS UNIX for aberto. Esses encadeamentos permanecem ativos até que o usuário efetue logoff.
- "20 + N\*0.1" inclui um buffer para encadeamentos temporários. O tamanho do buffer necessário pode ser diferente no seu site. Diversos downloads e procuras simultâneos são dois exemplos que podem requerer que você aumente o tamanho deste buffer.

As definições na Tabela 29 podem limitar o número real de encadeamentos em um processo, o que é da maior importância para os conjuntos de encadeamentos do RSE.

Tabela 29. Limites de encadeamento

Local	Limite	Recursos afetados
BPXPRMxx	MAXTHREADS	Limita o número de encadeamentos em um processo.
BPXPRMxx	MAXTHREADTASKS	Limita o número de tarefas MVS em um processo.
BPXPRMxx	MAXASSIZE	Limita o tamanho de espaço de endereço e, portanto, o armazenamento disponível para blocos de controle relacionados a encadeamento.

Tabela 29. Limites de encadeamento (continuação)

Local	Limite	Recursos afetados
rsed.envvars	Xmx	Define o tamanho máximo do heap Java. Este armazenamento é reservado e, portanto, não está mais disponível para blocos de controle relacionados a encadeamento.
rsed.envvars	maximum.clients	Limita o número de clientes (e, portanto, seus encadeamentos) em um conjunto de encadeamento do RSE.
rsed.envvars	maximum.threads	Limita o número de encadeamentos de cliente em um conjunto de encadeamentos RSE.
FEJCNFG	MAX_THREADS	Limita o número de encadeamentos no JES Job Monitor.

**Nota:**

- O valor para maximum.threads em rsed.envvars deve ser inferior ao valor para MAXTHREADS e MAXTHREADTASKS em BPXPRMxx.
- O comando operador **DISPLAY PROCESS,CPU**, que mostra os encadeamentos ativos em um conjunto de encadeamentos, está limitado a mostrar apenas os primeiros 4.000 encadeamentos.

## Uso temporário de recursos

O uso de recurso documentado nas seções anteriores é permanente para o tempo de vida do Developer for System z ou semipermanente para certas tarefas específicas do usuário.

Entretanto, o Developer for System z usará temporariamente os recursos adicionais para tarefas de manutenção e atender às solicitações a seguir:

- O processamento de um evento de arquivo de auditoria (diretiva audit.action em rsed.envvars) usa um encadeamento adicional, um processo adicional e possivelmente (se audit.action.id estiver configurado) um espaço de endereço adicional.
- O processamento de um evento de logon (diretiva logon.action em rsed.envvars) usa um encadeamento adicional, um processo adicional e possivelmente (se logon.action.id estiver configurado) um espaço de endereço adicional.
- O comando do operador IVP PASSTICKET usará dois encadeamentos adicionais.
- O comando do operador IVP DAEMON usará um encadeamento adicional, um processo adicional e um espaço de endereço adicional.
- O comando do operador IVP ISPF usará um encadeamento adicional, um processo adicional e um espaço de endereço adicional, além dos recursos usados pelo Gateway do Cliente ISPF.

---

## Uso de Armazenamento

RSE é um aplicativo Java, que implica que o planejamento de uso de armazenamento (memória) para Developer for System z deve levar dois limites de alocação de armazenamento em consideração, tamanho de heap Java e tamanho de Espaço de Endereço.

## Limite de Tamanho de Heap Java

Java oferece vários serviços para facilitar os esforços de codificação para aplicativos Java. Um desses serviços é o gerenciamento de armazenamento.

O gerenciamento de armazenamento Java aloca grandes blocos de armazenamento e os usa para pedidos de armazenamento pelo aplicativo. Esse armazenamento gerenciado por Java é chamado de heap Java. A coleta de lixo periódica (desfragmentação) reclama o espaço não utilizado no heap e reduz o seu tamanho. Note que, para salvar ciclos de CPU, a coleta de lixo tende a aguardar até que o armazenamento ocupado seja realmente necessário, deixando, assim, o armazenamento que não é mais usado alocado (e se tornando paginado) por um período maior de tempo do que o absolutamente necessário.

O tamanho de heap máximo Java é definido em `rsed.envvars` com a diretiva `Xmx`. Se esta diretiva não for especificada, o Java usará um tamanho padrão de 512 MB. Você deve especificar um valor de 256 MB ou mais alto. Ao executar em modo de 64 bits, o Java tentará alocar o heap acima de 2 GB de barramento, liberando espaço abaixo do barramento.

Cada conjunto de armazenamento do RSE (que atende às ações do cliente) é um aplicativo Java separado e, portanto, tem um heap Java pessoal. Observe que todos os conjuntos de encadeamento usam o mesmo arquivo de configuração `rsed.envvars` e, portanto, têm o mesmo limite de tamanho de heap Java.

O uso do conjunto de encadeamento do heap Java depende muito das ações executadas pelos clientes conectados. O monitoramento regular do uso de heap é necessário para definir o limite de tamanho de heap ideal. Use o comando do operador **modificar processo de exibição** para monitorar o uso de heap Java por conjuntos de encadeamento do RSE.

## Limite de Tamanho do Espaço de Endereço

Todos os aplicativos z/OS, incluindo aplicativos Java, estão ativos dentro de um espaço de endereço, e estão, portanto, ligados pelas limitações de tamanho do espaço de endereço.

O tamanho do espaço de endereço desejado é especificado durante a inicialização, por exemplo, com o parâmetro `REGION` em JCL. Entretanto, as configurações do sistema podem limitar o tamanho do espaço de endereço real. Consulte “Tamanho do espaço de endereço” na página 174 para saber mais sobre esses limites.

- `MAXASSIZE` em `SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx)`
- `ASSIZEMAX` no segmento OMVS do ID do usuário designado à tarefa iniciada
- saídas do sistema IEFUSI e IEALIMIT
- `MEMLIMIT` in `SYS1.PARMLIB(SMFPRMxx)` para modo de endereçamento de 64 bits

Os conjuntos de encadeamento do RSE herdam os limites de tamanho do espaço de endereço do daemon RSE. O tamanho do espaço de endereço deve ser suficiente para abrigar o heap Java, o próprio Java, as áreas de armazenamento comuns e todos os blocos de controle que o sistema cria para suportar a atividade do conjunto de encadeamento, como um TCB (Bloco de Controle de Tarefa) por encadeamento. Observe que algum desse uso de armazenamento está abaixo da linha de 16 MB. Ao executar em modo de 64 bits, o Java tentará alocar o heap acima de 2 GB de barramento, liberando espaço abaixo do barramento.

Você deve monitorar o tamanho do espaço de endereço real antes de alterar quaisquer configurações que o influenciem, como alterar o tamanho do heap Java ou a quantidade de usuários suportada por um único conjunto de encadeamento. Use o software de monitoramento regular do sistema para controlar o uso de armazenamento real pelo Developer for system z. Se você não tiver uma ferramenta de monitoramento dedicada, então informações básicas podem ser reunidas com ferramentas como a visualização SDSF DA ou TASID (uma ferramenta de informações do sistema como elas estão armazenadas no banco de dados disponível por meio da página da Web "Support and downloads" do ISPF).

## Diretrizes de Estimativa de Tamanho

Conforme mencionado antes, o uso de armazenamento real pelo Developer para System z é altamente influenciado pela atividade do usuário. Algumas ações usam uma quantidade fixa de armazenamento (por exemplo, logon), enquanto outras são variáveis (por exemplo, listando conjuntos de dados com um qualificador de alto nível especificado).

- Use um espaço de endereço de 2 GB para RSE para permitir espaço para o heap Java e todos os blocos de controle do sistema.
- Ao executar em modo de 64 bits, certifique-se de que o armazenamento acima de 2 GB de barramento esteja realmente disponível para RSE.
- Consulte "Tamanho do espaço de endereço" na página 174 para saber mais sobre onde os limites de tamanho de espaço de endereço podem ser configurados.
- A configuração `rsed.envvars` de amostra é planejada para 30 usuários por conjunto de encadeamentos.
  - `maximum.clients=30`
  - `maximum.threads=520` ( $10+17*30 = 520$ , portanto 520 permitem 30 clientes)
- A configuração `rsed.envvars` de amostra permite que o heap Java cresça até 512 MB. Isso permite 30 clientes usando uma média de 17 MB por cliente ( $30*17 = 510$ ).

Observe que o RSE exibe o heap Java atual e o limite de tamanho de espaço de endereço durante a inicialização na mensagem do console FEK004I.

Use um dos seguintes cenários se o monitoramento mostrar que o tamanho de heap Java atual é insuficiente para a carga de trabalho real:

- Aumente o tamanho de heap Java máximo com a diretiva `xmx` em `rsed.envvars`. Antes de fazer isso, verifique se há espaço no espaço de endereço para o aumento de tamanho.
- Diminua o número máximo de clientes por conjunto de encadeamentos com a diretiva `maximum.clients` em `rsed.envvars`. O RSE ainda suportará o mesmo número de clientes, mas os clientes serão distribuídos entre mais conjuntos de encadeamento.

Como referência, a Tabela 30 mostra valores usados por clientes reais do Developer for System z para configurações de chave `rsed.envvars` que têm impacto no uso de armazenamento.

*Tabela 30. Configurações de Referência para Uso de Armazenamento*

<code>xmx</code> (heap java máximo)	<code>maximum.clients</code>	Tipo de desenvolvimento primário
512M	30	PL/I

Tabela 30. Configurações de Referência para Uso de Armazenamento (continuação)

xxmx (heap java máximo)	maximum.clients	Tipo de desenvolvimento primário
512M	10	COBOL
384M	12	COBOL
800M (64 bits)	20	Não especificado

## Análise do Uso de Armazenamento de Amostra

As exibições nas figuras a seguir mostram alguns números de uso de recurso de amostra para uma configuração padrão do Developer for System z com essas modificações.

- single.logon está desativado para impedir que o RSE crie, pelo menos, 2 espaços de endereço de conjunto de encadeamentos
- O tamanho máximo de heap Java é definido como 10 MB, uma vez que um máximo pequeno resultará em um uso percentil maior e os limites do tamanho de heap serão atingidos com mais rapidez.

Tamanho Máx Heap=10 MB e privado AS Tamanho=1,959 MB

inicialização

BPXM023I (STCRSE)  
ID do Processo(268 ) Uso de Memória(7%) Clientes(0)

Nome Tarefa	Tempo de CPU	Armazen.	EXCP
JMON	0,01	2740	72
RSED	4,47	32,8 M	15910
RSED8	1,15	27,4 M	12612

logon 1

BPXM023I (STCRSE)  
ID do Processo(268 ) Uso de Memória(13%) Clientes(1)

Nome Tarefa	Tempo de CPU	Armazen.	EXCP
JMON	0,01	2864	81
RSED	4,55	32,8 M	15980
RSED8	3,72	55,9 M	24128

logon 2

BPXM023I (STCRSE)  
ID do Processo(268 ) Uso de Memória(23%) Clientes(2)

Nome Tarefa	Tempo de CPU	Armazen.	EXCP
JMON	0,02	2944	86
RSED	4,58	32,9 M	16027
RSED8	4,20	57,8 M	25205

logon 3

BPXM023I (STCRSE)  
ID do Processo(268 ) Uso de Memória(37%) Clientes(3)

Nome Tarefa	Tempo de CPU	Armazen.	EXCP
JMON	0,02	3020	91
RSED	4,60	32,9 M	16076
RSED8	4,51	59,6 M	26327

logon 4

BPXM023I (STCRSE)  
ID do Processo(268 ) Uso de Memória(41%) Clientes(4)

Nome Tarefa	Tempo de CPU	Armazen.	EXCP
JMON	0,02	3108	96
RSED	4,61	32,9 M	16125
RSED8	4,77	62,3 M	27404

Figura 21. Uso de recursos com 5 logons

logon 5

```
BPXM023I (STCRSE)
ID do Processo(268      ) Uso de Memória(41%) Clientes(4)
ID do Processo(33554706) Uso de Memória(13%) Clientes(1)
```

Nome Tarefa	Tempo de CPU	Armazen.	EXCP
JMON	0,03	3184	101
RSED	4,64	32,9 M	16229
RSED8	4,78	62,4 M	27413
RSED9	4,60	56,6 M	24065

Figura 22. Uso de recursos com 5 logons (continuação)

A Figura 21 na página 92 e a Figura 22 mostram um cenário em que 5 clientes efetuam logon em um daemon RSE com um heap Java de 10 MB.

- Um conjunto de encadeamento (RSED8) está em um estado inativo na inicialização, usando cerca de 27 MB, dos quais 0,7 MB estão no heap Java (7% de 10 MB).
- O conjunto de encadeamento se torna ativo quando o primeiro cliente se conecta, usando outros 27 MB mais 2 MB para cada cliente que se conecta.
- Parte desses 2 MB por conexão estarão no heap Java, como mostra o aumento no uso do heap.
- Entretanto, não há um padrão real no uso do heap, pois ele depende dos mecanismos Java que avaliam o armazenamento necessário e alocam mais do que o necessário. A coleta de lixo intermitente libera o armazenamento, tornando as tendências ainda mais difíceis de serem detectadas.
- Mecanismos internos que limitam o número de conexões por conjunto de encadeamento para garantir tamanho de heap suficiente para os encadeamentos ativos resultam na quinta conexão que está sendo criada em um novo conjunto de encadeamento (RSED9). Essas redes de segurança interna não são normalmente invocadas ao usar uma configuração configurada corretamente, pois outros limites serão atingidos primeiro (a maioria provavelmente `maximum.clients` em `rsed.envvars`).

Tamanho Máx Heap=10 MB e privado AS Tamanho=1,959 MB

inicialização

BPXM023I (STCRSE)  
ID do Processo(212 ) Uso de Memória(7%) Clientes(0)

Nome Tarefa	Tempo de CPU	Armazen.	EXCP
JMON	0,01	2736	71
RSED	4,35	32,9 M	15117
RSED8	1,43	27,4 M	12609

logon

BPXM023I (STCRSE)  
ID do Processo(212 ) Uso de Memória(13%) Clientes(1)

Nome Tarefa	Tempo de CPU	Armazen.	EXCP
JMON	0,01	2864	80
RSED	4,48	33,0 M	15187
RSED8	3,53	53,9 M	24125

expandir árvore MVS grande (195 conjuntos de dados)

BPXM023I (STCRSE)  
ID do Processo(212 ) Uso de Memória(13%) Clientes(1)

Nome Tarefa	Tempo de CPU	Armazen.	EXCP
JMON	0,01	2864	80
RSED	4,58	33,1 M	16094
RSED8	4,28	56,1 M	24740

expandir PDS pequeno (21 membros)

BPXM023I (STCRSE)  
ID do Processo(212 ) Uso de Memória(13%) Clientes(1)

Nome Tarefa	Tempo de CPU	Armazen.	EXCP
IBMUSER2	0,22	2644	870
JMON	0,01	2864	80
RSED	4,61	33,1 M	16108
RSED8	4,40	56,2 M	24937

abrir membro de tamanho médio (86 linhas)

BPXM023I (STCRSE)  
ID do Processo(212 ) Uso de Memória(13%) Clientes(1)

Nome Tarefa	Tempo de CPU	Armazen.	EXCP
IBMUSER2	0,22	2644	870
JMON	0,01	2864	80
RSED	4,61	33,1 M	16108
RSED8	8,12	62,7 M	27044

Figura 23. Uso de recursos ao editar um membro PDS

A Figura 23 mostra um cenário em que 1 cliente efetua logon em um daemon RSE com um heap Java de 10 MB e edita um membro PDS.

- A procura no catálogo que resulta em 195 nomes de conjuntos de dados usou cerca de 2MB de armazenamento, tudo devido à atividade do sistema, pois o uso do heap Java não aumenta.



- A abertura do PDS de 21 membros dificilmente usa alguma memória do conjunto de encadeamento, mas a tela mostra que o serviço TSO Commands foi invocado. Há um novo espaço de endereço ativo (IBMUUSER2), que usa o tamanho da região designado a esse ID do usuário em TSO. Esse espaço de endereço permanece ativo por uma quantidade de tempo específica, de modo que ele pode ser reutilizado em pedidos futuros pelo serviço TSO Commands.
- A abertura de um membro mostra números semelhantes enquanto expande um qualificador de alto nível. O uso do heap Java permanece o mesmo, mas há um aumento no armazenamento de 6,5 MB devido à atividade do sistema.

---

## Uso do espaço do sistema de arquivos z/OS UNIX

A maioria dos dados relacionados ao Developer for System z que não estão gravados em uma instrução DD terminam em um arquivo z/OS UNIX. O programador de sistema tem controle sobre os dados que são gravados e para onde eles vão. Entretanto, não há controle sobre a quantidade de dados gravada.

Os dados podem ser agrupados nas seguintes categorias:

- Análise do problema (arquivos de log e de dump do sistema), no qual vários detalhes são documentados no Capítulo 12, “Resolução de problemas de configuração”, na página 159
- Auditoria, conforme documentado em “Criação de Log de Auditoria” na página 24
- Metadados push-to-client, conforme documentado em “Metadados Push-to-client” na página 118.
- Dados temporários

Conforme documentado em Capítulo 12, “Resolução de problemas de configuração”, na página 159, o Developer for System z grava os logs de host relacionados a RSE nos seguintes diretórios z/OS UNIX:

- /var/rdz/logs para os logs de tarefas iniciados no RSE
- /var/rdz/logs/\$LOGNAME para logs do usuário

Por padrão, apenas as mensagens de erro e de aviso são gravadas nos logs. Portanto, se tudo correr conforme o planejado, esses diretórios devem manter apenas os arquivos vazios ou quase vazios(sem contar os logs de auditoria).

Você pode ativar a criação de log de mensagens informativas, preferivelmente na direção do centro de suporte IBM, o que aumenta perceptivelmente o tamanho dos arquivos de log.

```

inicialização
$ ls -l /var/rdz/logs
total 144
-rw-rw-rw- 1 STCRSE STCGRP 33642 Jul 10 12:10 rsedaemon.log
-rw-rw-rw- 1 STCRSE STCGRP 1442 Jul 10 12:10 rseserver.log

logon
$ ls -l /var/rdz/logs
total 144
drwxrwxrwx 3 IBMUSER SYS1 8192 Jul 10 12:11 IBMUSER
-rw-rw-rw- 1 STCRSE STCGRP 36655 Jul 10 12:11 rsedaemon.log
-rw-rw-rw- 1 STCRSE STCGRP 1893 Jul 10 12:11 rseserver.log
$ ls -l /var/rdz/logs/IBMUSER
total 160
-rw-rw-rw- 1 IBMUSER SYS1 3459 Jul 10 12:11 ffs.log
-rw-rw-rw- 1 IBMUSER SYS1 0 Jul 10 12:11 ffsget.log
-rw-rw-rw- 1 IBMUSER SYS1 0 Jul 10 12:11 ffsput.log
-rw-rw-rw- 1 IBMUSER SYS1 303 Jul 10 12:11 lock.log
-rw-rw-rw- 1 IBMUSER SYS1 126 Jul 10 12:11 rmt_classloader_cache.jar
-rw-rw-rw- 1 IBMUSER SYS1 7266 Jul 10 12:11 rsecomm.log
-rw-rw-rw- 1 IBMUSER SYS1 0 Jul 10 12:11 stderr.log
-rw-rw-rw- 1 IBMUSER SYS1 0 Jul 10 12:11 stdout.log

logoff
$ ls -l /var/rdz/logs
total 80
drwxrwxrwx 3 IBMUSER SYS1 8192 Jul 10 12:11 IBMUSER
-rw-rw-rw- 1 STCRSE STCGRP 36655 Jul 10 12:11 rsedaemon.log
-rw-rw-rw- 1 STCRSE STCGRP 2208 Jul 10 12:11 rseserver.log
$ ls -l /var/rdz/logs/IBMUSER
total 296
-rw-rw-rw- 1 IBMUSER SYS1 6393 Jul 10 12:11 ffs.log
-rw-rw-rw- 1 IBMUSER SYS1 0 Jul 10 12:11 ffsget.log
-rw-rw-rw- 1 IBMUSER SYS1 0 Jul 10 12:11 ffsput.log
-rw-rw-rw- 1 IBMUSER SYS1 609 Jul 10 12:11 lock.log
-rw-rw-rw- 1 IBMUSER SYS1 126 Jul 10 12:11 rmt_classloader_cache.jar
-rw-rw-rw- 1 IBMUSER SYS1 45157 Jul 10 12:11 rsecomm.log
-rw-rw-rw- 1 IBMUSER SYS1 0 Jul 10 12:11 stderr.log
-rw-rw-rw- 1 IBMUSER SYS1 176 Jul 10 12:11 stdout.log

parar
$ ls -l /var/rdz/logs
total 80
drwxrwxrwx 3 IBMUSER SYS1 8192 Jul 10 12:11 IBMUSER
-rw-rw-rw- 1 STCRSE STCGRP 36655 Jul 10 12:11 rsedaemon.log
-rw-rw-rw- 1 STCRSE STCGRP 2490 Jul 10 12:12 rseserver.log

```

Figura 24. Uso do espaço do sistema de arquivos z/OS UNIX

A Figura 24 mostra o uso mínimo do espaço do sistema de arquivos z/OS UNIX ao usar o nível de depuração 2 (mensagens informativas).

- Os logs de tarefas iniciadas usam 34 KB após a inicialização e crescem lentamente quando os usuários efetuam logon, efetuam logoff ou os comandos do operador são emitidos.
- Um diretório de log do cliente usa 11 KB após o logon e cresce em um ritmo uniforme quando o usuário começa a trabalhar (não mostrado no exemplo).
- Efetuar logoff incluir outros 40 KB nos logs do usuário, deixando-os com 51 KB.

Exceto para logs de auditoria, os arquivos de log são sobrescritos em cada reinício (para a tarefa iniciada do RSE) ou logon (de um cliente), mantendo o tamanho total em verificação. A diretiva `keep.last.log` em `rsed.envvars` altera isso ligeiramente, uma vez que ela pode instruir o RSE a manter uma cópia dos logs anteriores. As cópias mais antigas são sempre removidas.

Uma mensagem de aviso é enviada ao console quando o sistema de arquivos que contém os arquivos de log de auditoria estiver em execução com pouco espaço livre e a auditoria estiver ativa. Essa mensagem do console (FEK103E) é repetida regularmente até que o problema de pouco espaço seja resolvido. Consulte "Mensagens do console" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658) para obter uma lista de mensagens do console geradas pelo RSE.

As definições na Tabela 31 na página 97 controlam os dados que são gravados nos diretórios de log e onde os diretórios estão localizados.

Tabela 31. Diretivas de saída do log

Local	Diretriz	Funções
resecomm.properties	debug_level	Definir o nível de detalhes do log padrão.
rsed.envvars	keep.last.log	Manter uma cópia dos logs anteriores antes da inicialização/logon.
rsed.envvars	enable.audit.log	Manter um rastreamento de auditoria de ações do cliente.
rsed.envvars	enable.standard.log	Gravar os fluxos stdout e stderr do conjunto (ou conjuntos) de encadeamento em um arquivo de log.
rsed.envvars	DSTORE_TRACING_ON	Ativar a criação de log de ações do DataStore.
rsed.envvars	DSTORE_MEMLOGGING_ON	Ativar a criação de log do uso de memória do DataStore.
Comando do operador	modify rsecommlog <level>	Altera dinamicamente o nível de detalhes do log de rsecomm.log
Comando do operador	modify rsedaemonlog <level>	Altera dinamicamente o nível de detalhes do log de rsedaemon.log
Comando do operador	modify rseserverlog <level>	Altera dinamicamente o nível de detalhe do log de rseserver.log
Comando do operador	modificar rsestandardlog {on   off}	Altera dinamicamente a atualização de std*.log
rsed.envvars	daemon.log	Caminho inicial para a tarefa iniciada do RSE e os logs de auditoria.
rsed.envvars	user.log	Caminho inicial para logs do usuário.
rsed.envvars	CGI_ISPWORK	Caminho inicial dos logs do ISPF Client Gateway
rsed.envvars	TMPDIR	Diretório de logs do IVP
rsed.envvars	_CEE_DMPTARG	Diretório de dumps Java

Developer for System z, junto com o software de requisito, como o ISPF Client Gateway, também grava dados temporários no /tmp e /var/rdz/WORKAREA. A quantidade de dados gravada aqui como resultado de ações do usuário é imprevisível, portanto você deve ter um amplo espaço livre nos sistemas de arquivos que mantêm esses diretórios.

O Developer for System z sempre tenta limpar estes arquivos temporários, mas a limpeza manual, conforme documentado em "(Opcional) Limpeza de WORKAREA e /tmp" em *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658), pode ser executada virtualmente a qualquer momento.

As definições na Tabela 32 na página 98 controlam onde os diretórios de dados temporários estão localizados.

Tabela 32. Diretivas de saída temporárias

Local	Diretriz	Funções
rsed.envvars	CGI_ISPWORK	Caminho inicial dos dados temporários.
rsed.envvars	TMPDIR	Diretório dos dados temporários.

## Definições de Recursos Principais

### /etc/rdz/rsed.envvars

As variáveis de ambiente definidas em `rsed.envvars` são usadas por RSE, Java e z/OS UNIX. O arquivo de amostra que vem com o Developer for System z é destinado a instalações de pequeno e médio porte que não exigem os componentes opcionais do Developer for System z. "rsed.envvars, arquivo de configuração RSE" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658) descreve cada variável definida no arquivo de amostra, em que as seguintes variáveis necessitam de atenção especial:

**`_RSE_JAVA_OPTS="$_RSE_JAVA_OPTS -Xms128m -Xmx512m"`**

Defina o tamanho de heap inicial (Xms) e máximo (Xmx). Os padrões são 128M e 512M, respectivamente. Altere para aplicar os valores de tamanho de heap desejados. Se esta diretiva for removida, os valores padrão de Java serão usados, que são 4M e 512M respectivamente.

**`#_RSE_JAVA_OPTS="$_RSE_JAVA_OPTS -Dmaximum.clients=30"`**

Quantidade máxima de clientes atendidos por um conjunto de encadeamentos. O padrão é 30. Remova o comentário e customize para limitar o número de clientes por conjunto de encadeamentos. Observe que outros limites podem impedir que o RSE atinja esse limite.

**`#_RSE_JAVA_OPTS="$_RSE_JAVA_OPTS -Dmaximum.threads=520"`**

Valor máximo dos encadeamentos ativos em um conjunto de encadeamentos para permitir clientes novos. O padrão é 520. Remova o comentário e customize para limitar o número de clientes por conjunto de encadeamentos baseado no número de encadeamentos em uso. Note que cada conexão do cliente usa diversos encadeamentos (17 ou mais) e que outros limites podem evitar que o RSE atinja esse limite.

**Nota:** Esse valor deve ser inferior ao configurado para MAXTHREADS e MAXTHREADTASKS, em SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx).

**`#_RSE_JAVA_OPTS="$_RSE_JAVA_OPTS -Dminimum.threadpool.process=1"`**

O número mínimo de conjuntos de encadeamentos ativos. O padrão é 1. Remova o comentário e customize para iniciar pelo menos o número listado de processos do conjunto de encadeamentos. Os processos do conjunto de encadeamentos são usados para balanceamento de carga dos encadeamentos do servidor RSE. Mais novos processos serão iniciados quando forem necessários. Iniciar os novos processos diretamente ajuda a evitar atrasos na conexão, mas usa mais recursos durante os tempos inativos.

**Nota:** Se a diretiva `single.logon` estiver ativa, haverá, pelo menos, 2 conjuntos de encadeamentos iniciados, mesmo se `minimum.threadpool.process` estiver definido como 1. A configuração padrão para `single.logon` no `rsed.envvars` é ativo.

**`#_RSE_JAVA_OPTS="$_RSE_JAVA_OPTS -Dmaximum.threadpool.process=100"`**

O número máximo de conjuntos de encadeamentos ativos. O padrão é 100.

Remova o comentário e customize para limitar o número de processos do conjunto de encadeamentos. Os processos do conjunto de encadeamentos são usados para balanceamento de carga dos encadeamentos do servidor RSE e a limitação deles limitará a quantidade de conexões do cliente ativas.

## **SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx)**

O RSE é um aplicativo Java, que significa que ele está ativo no ambiente z/OS UNIX. Isso promove o BPXPRMxx a se tornar um membro parmlib crucial, uma vez que ele contém os parâmetros que controlam o ambiente e os sistemas de arquivos do z/OS UNIX. O BPXPRMxx é descrito no *MVS Initialization and Tuning Reference* (SA22-7592). As seguintes diretivas são conhecidas por impactar o Developer for System z:

### **MAXPROCSYS(nnnnn)**

Especifica o número máximo de processos que o sistema permite.

Intervalo de Valor: nnnnn é um valor decimal de 5 a 32767.

Padrão: 900

### **MAXPROCUSER(nnnnn)**

Especifica o número máximo de processos que um único ID de usuário do z/OS UNIX pode ter ativo simultaneamente, independentemente de como os processos foram criados.

Intervalo de Valor: nnnnn é um valor decimal de 3 a 32767.

Padrão: 25

#### **Nota:**

- Todos os processos RSE usam o mesmo ID do usuário do z/OS UNIX (aquele do usuário que está designado ao daemon do RSE), pois todos os clientes são executados como encadeamentos dentro dos processos RSE.
- Esse valor pode ser definido também com a variável PROCUSERMAX no segmento de perfil de segurança OMVS do usuário designado à tarefa iniciada do RSED.

### **MAXTHREADS(nnnnnn)**

Especifica o número máximo de encadeamentos pthread\_created, incluindo execução, enfileiramento e saída, exceto desconexão, que um único processo pode ter ativado simultaneamente. Especificar um valor de 0 impede que os aplicativos usem pthread\_create.

Intervalo de Valor: nnnnnn é um valor decimal de 0 a 100000.

Padrão: 200

#### **Nota:**

- Cada cliente usa pelo menos 17 encadeamentos dentro do processo do conjunto de encadeamentos do RSE e vários clientes são ativados dentro do processo.
- Esse valor pode ser configurado também com a variável THREADSMAX no segmento do perfil de segurança OMVS do usuário designado à tarefa iniciada do RSED. Quando configurado, o valor THREADSMAX é usado para MAXTHREADS e MAXTHREADTASKS.

### **MAXTHREADTASKS(nnnnn)**

Especifica o número máximo de tarefas MVS que um único processo pode ter ativado simultaneamente para encadeamentos pthread\_created.

Intervalo de Valor: nnnnn é um valor decimal de 0 a 32768.  
Padrão: 1000

**Nota:**

- Cada encadeamento ativo possui uma tarefa MVS (TCB, Bloco de Controle da Tarefa).
- Cada tarefa MVS simultânea exige armazenamento adicional, algumas das quais devem ficar abaixo da linha de 16 MB.
- Cada cliente usa pelo menos 17 encadeamentos dentro do processo do conjunto de encadeamentos do RSE e vários clientes são ativados dentro do processo.
- Esse valor pode ser configurado também com a variável THREADSMAX no segmento do perfil de segurança OMVS do usuário designado à tarefa iniciada do RSED. Quando configurado, o valor THREADSMAX é usado para MAXTHREADS e MAXTHREADTASKS.

**MAXUIDS(nnnnn)**

Especifica o número máximo de IDs do usuário (UIDs) do z/OS UNIX que podem funcionar simultaneamente.

Intervalo de Valor: nnnnn é um valor decimal de 1 a 32767.  
Padrão: 200

**MAXASSIZE(nnnnn)**

Especifica os valores de recursos RLIMIT\_AS que serão estabelecidos como os valores iniciais para os novos processos. RLIMIT\_AS indica o tamanho da região de espaço de endereço.

Intervalo de Valor: nnnnn é um valor decimal de 10485760 (10 Megabytes) a 2147483647 (2 Gigabytes).  
Padrão: 209715200 (200 Megabytes)

**Nota:**

- Esse valor deve ser configurado como 2 G.
- Esse valor pode ser configurado com a variável ASSIZEMAX no segmento de perfil de segurança OMVS do usuário designado à tarefa iniciada do RSED.

**MAXFILEPROC(nnnnnn)**

Especifica o número máximo de descritores para arquivos, soquetes, diretórios e quaisquer outros objetos do sistema de arquivos que um único processo pode ter ativado ou alocado simultaneamente.

Intervalo de Valor: nnnnnn é um valor decimal de 3 a 524287.  
Padrão: 64000

**Nota:**

- Um conjunto de encadeamentos possui todos os encadeamentos de clientes em um único processo.
- Esse valor pode ser configurado também com a variável FILEPROCMAX no segmento do perfil de segurança OMVS do usuário designado à tarefa iniciada do RSED.

**MAXMAPAREA(nnnnn)**

Especifica a quantidade máxima de espaço de armazenamento do espaço de

dados (em páginas) que pode ser alocada para mapeamentos de memória de arquivos z/OS UNIX. O armazenamento não é alocado até que o mapeamento de memória esteja ativado.

Intervalo de Valor: nnnnn é um valor decimal de 1 a 16777216.  
Padrão: 40960

**Nota:** Esse valor pode ser configurado também com a variável MMAPAREAMAX no segmento do perfil de segurança OMVS do usuário designado à tarefa iniciada do RSED.

Use o comando do operador **SETOMVS** ou **SET OMVS** para aumentar ou diminuir dinamicamente (até o próximo IPL) o valor de quaisquer variáveis BPXPRMxx anteriores. Para fazer uma alteração permanente, edite o membro BPXPRMxx que será usado para IPLs. Consulte *MVS System Commands* (SA22-7627) para obter informações adicionais sobre esses comandos do operador.

As definições a seguir são subparâmetros da instrução NETWORK.

#### **MAXSOCKETS (nnnnnnnn)**

Especifica o número máximo de soquetes suportados por esse sistema de arquivos para essa família de endereços. Esse é um parâmetro opcional.

Intervalo de Valor: nnnnnnn é um valor decimal de 0 a 16777215.  
Padrão: 100

#### **INADDRANYCOUNT (nnnn)**

Especifica o número de portas que o sistema reserva para uso com a PORT 0, as ligações INADDR\_ANY, começando com o número de porta especificado no parâmetro INADDRANYPORT. Esse valor é necessário apenas para CINET (várias pilhas TCP/IP).

Intervalo de Valor: nnnn é um valor decimal de 1 a 4000.  
Padrão: Se nenhum INADDRANYPORT ou INADDRANYCOUNT for especificado, o padrão para INADDRANYCOUNT será 1000. Caso contrário, nenhuma porta será reservada (0).

---

## **Várias definições de recurso**

### **Placa EXEC na JCL do Servidor**

As definições a seguir são recomendadas a serem incluídas na placa EXEC no JCL dos servidores Developer for System z.

#### **REGION=0M**

REGION=0M é recomendado para o daemon RSE e as tarefas iniciadas do JES Job Monitor, RSED e JMON, respectivamente. Fazendo isso, o tamanho do espaço de endereço fica limitado apenas pelo armazenamento privado disponível, ou pelas saídas do sistema IEFUSI ou IEALIMIT. Observe que é altamente recomendado pela IBM que essas saídas não sejam usadas para espaços de endereços z/OS UNIX, como o daemon RSE.

#### **TIME=NOLIMIT**

TIME=NOLIMIT é recomendado a ser usado para todos os servidores Developer for System z. Isso porque o tempo de CPU de todos os clientes Developer for System z acumula nos espaços de endereço do servidor.



## FEK.#CUST.PARMLIB(FEJJCNFG)

As variáveis de ambiente definidas em FEJJCNFG são usadas pelo JES Job Monitor. O arquivo de amostra fornecido com o Developer for System z destina-se a instalações de porte médio e pequeno. "FEJJCNFG, arquivo de configuração do JES Job Monitor" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658) descreve cada variável definida no arquivo de amostra, em que as seguintes variáveis necessitam de atenção especial:

### MAX\_THREADS

Número máximo de usuários que podem utilizar um Monitor de Tarefas do JES por vez. O padrão é 200. O valor máximo é 2147483647. Aumentar este número pode exigir o aumento do tamanho do espaço de endereços do JES Job Monitor.

## SYS1.PARMLIB(IEASYSxx)

IEASYSxx mantém parâmetros do sistema e é descrito no *MVS Initialization and Tuning Reference* (SA22-7592). As diretivas a seguir são conhecidas por impactar o Developer for System z:

### MAXUSER=nnnnn

Esse parâmetro especifica um valor que, na maioria das condições, o sistema usa para limitar o número de tarefas e as tarefas iniciadas que podem ser executadas simultaneamente durante um IPL específico.

Intervalo de Valor: nnnnn é um valor decimal de 0-32767. Note que os valores especificados para os parâmetros do sistema MAXUSER, RSVSTRT e RSVNONR não pode exceder 32767.

Valor-padrão: 255

## SYS1.PARMLIB(IVTPRMxx)

IVTPRMxx configura parâmetros para o Communication Storage Manager (CSM), e é descrito no *MVS Initialization and Tuning Reference* (SA22-7592). As seguintes diretivas são conhecidas por impactar o Developer for System z:

### FIXED MAX(maxfix)

Define a quantidade máxima de armazenamento dedicada a buffers fixos do CSM.

Intervalo de Valor: maxfix é um valor de 1024K a 2048M.

Padrão: 100M

### ECSA MAX(maxecsa)

Define a quantidade máxima de armazenamento dedicada a buffers do ECSA CSM.

Intervalo de Valor: maxecsa é um valor de 1024K a 2048M.

Padrão: 100M

## SYS1.PARMLIB(ASCHPMxx)

Um membro parmlib ASCHPMxx contém informações de planejamento para o planejador de transação ASCH e é descrito no *MVS Initialization and Tuning Reference* (SA22-7592). As diretivas a seguir são conhecidas por impactar o Developer for System z:

### MAX(nnnnn)

Um parâmetro opcional da definição CLASSADD que especifica o número



máximo de iniciadores de transações APPC que são permitidos em uma determinada classe de iniciadores de transações. Depois que esse limite for atingido, nenhum novo espaço de endereço será criado e os pedidos recebidos serão enfileirados para aguardar até que os espaços de endereço do iniciador existentes se tornem disponíveis. O valor não deve exceder o número máximo de espaços de endereço permitido por sua instalação e você deve estar ciente dos produtos concorrentes no sistema que também exigirão espaços de endereço.

Intervalo de Valor: nnnnn é um valor decimal de 1 a 64000.  
Padrão: 1

**Nota:** Se você usar APPC para iniciar o serviço TSO Commands, então a classe de transações usada deve ter iniciadores de transações suficientes para permitir um iniciador para cada usuário concorrente do Developer for System z.

---

## Monitoramento

Como as cargas de trabalho do usuário podem alterar a necessidade de recursos do sistema, o sistema deve ser monitorado regularmente para medir o uso de recursos de modo que o Rational Developer for System z e as configurações do sistema possam ser ajustadas em resposta aos requisitos do usuário. Os comandos a seguir podem ser usados para ajudar nesse processo de monitoramento.

### Monitoramento de RSE

Os conjuntos de encadeamentos RSE são o ponto focal para a atividade do usuário no Developer for System z e, assim, exigem monitoramento para o uso ideal. O daemon RSE pode ser consultado sobre informações que não podem ser reunidas com as ferramentas de monitoramento comuns do sistema.

- Use as ferramentas de monitoramento comuns do sistema, como RMF, para reunir dados específicos de espaço de endereço, como armazenamento real e tempo de CPU. Se você não tiver uma ferramenta de monitoramento dedicada, então as informações básicas poderão ser reunidas com ferramentas como a visualização SDSF DA ou TASID (uma ferramenta de informações do sistema como elas estão armazenadas no banco de dados disponível por meio da página da Web "Support and Downloads").
- Durante a inicialização, o daemon RSE relata o tamanho do espaço de endereço disponível e o tamanho de heap Java com a mensagem do console FEK004I.

FEK004I RseDaemon: Tamanho Máximo de Heap=65MB e Tamanho do AS privado=1,959MB

- O comando do operador **MODIFY RSED,APPL=DISPLAY PROCESS** exibe os processos do conjunto de encadeamentos do RSE. O campo "Uso de Memória" mostra quanto do heap Java definido é realmente usado. Consulte "Comandos do operador" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658) para obter informações adicionais sobre esse comando.

```
f rsed,appl=d p
BPXM023I (STCRSE)
ID do processo(16777456) Uso de Memória(33%) Clientes(4) Ordem(1)
```

Informações adicionais são fornecidas quando a opção **DETAIL** do comando de modificação do **DISPLAY PROCESS** é usado:

```
f rsed,appl=d p,detail
BPXM023I (STCRSE)
ID do processo(33555087) ASId(002E) Nome da Tarefa (RSED8) Ordem(1)
PROCESS LIMITS:  CURRENT  HIGHWATER  LIMIT
JAVA HEAP USAGE(%)  10      56      100
CLIENTS              0      25      30
MAXFILEPROC          83     103     64000
MAXPROCUSER          97      99      200
MAXTHREADS           9      14     1500
MAXTHREADTASKS       9      14     1500
```

A opção de CPU do comando de modificação **DISPLAY PROCESS** mostrará o uso acumulado de CPU (em milissegundos) de cada encadeamento em um conjunto de encadeamentos:

```
f r sed,appl=d p,cpu
BPXM023I (STCRSE)
ID do processo(33555087) ASId(002E) Nome da Tarefa (RSED8) Ordem(1)
USERID THREAD-ID TCB# ACC_TIME TAG
STCRSE 0EDE540000000000 005E6860 822 1/ThreadPoolProcess
STCRSE 0EDE870000000001 005E69C8 001
STCRSE 0EDE980000000002 005E6518 1814
STCRSE 0EDEBA0000000003 005E6680 2305
STCRSE 0EDECB0000000004 005E62F8 001
STCRSE 0EDED00000000005 005E60D8 001
STCRSE 0EDF860000000006 005C2BF8 628 6/ThreadPoolMonitor$Memory
UsageMonitor
STCRSE 0EDF970000000007 005C2D90 003 7/ThreadPoolMonitor
IBMUSER 0EE2C70000000024 005C08B0 050 38/JESMiner
IBMUSER 0EE2B60000000026 005C0690 004 40/FAMiner
IBMUSER 0EE30B0000000027 005C0250 002 41/LuceneMiner
IBMUSER 0EE31C0000000028 005C0030 002 42/CDTParserMiner
IBMUSER 0EE32D0000000029 005BDE00 002 43/MVSLuceneMiner
IBMUSER 0EE33E000000002A 005BDBE0 002 44/CDTMVSParserMiner
```

- Quando um processo de conjunto de encadeamentos do RSE termina, ele exibe estatísticas de uso de recursos detalhadas, como se o comando **DISPLAY PROCESS,DETAIL** modify fosse emitido para apenas esse processo de conjunto de encadeamentos do RSE. O limite máximo mostra o uso de recurso simultâneo máximo durante a vida do processo de conjunto de encadeamentos do RSE, permitindo a um ajustador de sistema determinar se os recursos designados ao RSE estão alocados acima ou abaixo do nível.

## Monitorando o z/OS UNIX

A maioria dos limites z/OS UNIX que é do interesse do Developer for System z pode ser exibida usando comandos do operador. Alguns comandos mostram ainda o uso atual e a limite máximo de um limite específico. Consulte *MVS System Commands* (SA22-7627) para obter informações adicionais sobre esses comandos.

- A diretiva LIMMSG(ALL) em SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx) informa ao z/OS UNIX para exibir mensagens do console (BPXI040I) quando qualquer dos limites parmlib estiver prestes a ser atingido. O valor-padrão de LIMMSG é NONE, que desativa a função. Use o comando do operador **SETOMVS LIMMSG=ALL** para ativar dinamicamente essa função (até o próximo IPL). Consulte *MVS Initialization and Tuning Reference* (SA22-7592) para obter informações adicionais sobre essa diretiva.
- O comando do operador **DISPLAY OMVS,OPTIONS** exibe os valores atuais das diretivas z/OS UNIX que podem ser definidas dinamicamente.

```
d omvs,o
BPX0043I 13.10.16 DISPLAY OMVS 066
OMVS 0000 ETC/INIT WAIT OMVS=(M7)
CURRENT UNIX CONFIGURATION SETTINGS:
MAXPROCSYS = 256 MAXPROCUSER = 16
MAXFILEPROC = 256 MAXFILESIZE = NOLIMIT
MAXCPUPTIME = 1000 MAXUIDS = 200
MAXPTYS = 256
MAXMAPAREA = 256 MAXASSIZE = 209715200
MAXTHREADS = 200 MAXTHREADTASKS = 1000
MAXCORESIZE = 4194304 MAXSHAREPAGES = 4096
IPCMSGQBYTES = 2147483647 IPCMSGQNUM = 10000
IPCMSGNIDS = 500 IPCSEMNIDS = 500
IPCSEMNOPS = 25 IPCSEMNSEMS = 1000
IPCshmPAGES = 25600 IPCshmNIDS = 500
IPCshmSEGs = 500 IPCshmPAGES = 262144
SUPERUSER = BPXROOT FORKCOPY = CON
STEPLIBLIST =
USERIDALIASTABLE=
SERV LINKLIB = POSIX.DYN SERV.LOADLIB BPXLK1
SERV LPALIB = POSIX.DYN SERV.LOADLIB BPXLK1
PRIORITYPG VALUES: NONE
PRIORITYGOAL VALUES: NONE
MAXQUEUEDSIGs = 1000 SHRLIBRGNSIZE = 67108864
SHRLIBMAXPAGES = 4096 VERSION = /
SYSCALL COUNTS = NO TTYGROUP = TTY
SYSPLEX = NO BRML SERVER = N/A
LIMMSG = NONE AUTOCVT = OFF
RESOLVER PROC = DEFAULT
AUTHPGMLIST = NONE
SWA = BELOW
```

- O comando do operador **DISPLAY OMVS,LIMITS** exibe informações sobre limites parmlib atuais dos Serviços do Sistema z/OS UNIX, seus limites máximos e o uso atual do sistema.

```

d omvs,1
BPX0051I 14.05.52 DISPLAY OMVS 904
OMVS 0042 ACTIVE OMVS=(69)
SYSTEM WIDE LIMITS: LIMMSG=SYSTEM
CURRENT HIGHWATER SYSTEM
USAGE USAGE LIMIT
MAXPROCSYS 1 4 256
MAXUIDS 0 0 200
MAXPTYS 0 0 256
MAXMMAPAREA 0 0 256
MAXSHAREPAGES 0 10 4096
IPCMSGNIDS 0 0 500
IPCSEMNIDS 0 0 500
IPCSEMNIDS 0 0 500
IPCSEMNIDS 0 0 500
IPCSEMNIDS 0 0 262144 *
IPCMSGQBYTES --- 0 262144
IPCMSGQMNUM --- 0 10000
IPCSEMPAGES --- 0 256
SHRLIBRGNSIZE 0 0 67108864
SHRLIBMAXPAGES 0 0 4096

```

O comando exibe limites máximos e o uso atual de um processo individual quando a palavra-chave **PID=processid** também for especificada.

```

d,omvs,1,pid=16777456
BPX0051I 14.06.28 DISPLAY OMVS 645
OMVS 000E ACTIVE OMVS=(76)
USER JOBNAME ASID PID PPID STATE START CT_SECS
STCRSE RSEDB 007E 16777456 67109106 HF--- 20.00.56 113.914
LATCHWAITPID= 0 CMD=java -Ddaemon.log=/var/rdz/logs -
PROCESS LIMITS: LIMMSG=NONE
CURRENT HIGHWATER PROCESS
USAGE USAGE LIMIT
MAXFILEPROC 83 103 256
MAXFILESIZE --- NOLIMIT
MAXPROCUSER 97 99 200
MAXQUEUEDESIG 0 1 1000
MAXTHREADS 9 14 200
MAXTHREADTASKS 9 14 1000
IPCSEMNIDS 0 500
MAXCORESIZE --- 4194304
MAXMEMLIMIT 0 0 16383P

```

- O comando do operador **DISPLAY OMVS,PFS** exibe informações sobre cada sistema de arquivo físico que faz parte atualmente da configuração do z/OS UNIX, que inclui as pilhas TCP/IP.

```

d omvs,p
BPX0046I 14.35.38 DISPLAY OMVS 092
OMVS 000E ACTIVE OMVS=(33)
PFS CONFIGURATION INFORMATION
PFS TYPE DESCRIPTION ENTRY MAXSOCK OPNSOCK HIGHUSED
TCP SOCKETS AF_INET EZBPFINI 50000 244 8146
UDS SOCKETS AF_UNIX BPXTUINI 64 6 10
ZFS LOCAL FILE SYSTEM IOEFSCM
14:32.00 RECYCLING
HFS LOCAL FILE SYSTEM GFUAINIT
BPXFCLN CLEANUP DAEMON BPXFCLN
BPXFSTYN SYNC DAEMON BPXFSTYN
BPXFPIPT PIPE BPXFPIPT
BPXFCSIN CHAR SPECIAL BPXFCSIN
NFS REMOTE FILE SYSTEM GFSCINIT
PFS NAME DESCRIPTION ENTRY STATUS FLAGS
TCP41 SOCKETS EZBPFINI ACT CD
TCP42 SOCKETS EZBPFINI ACT CD
TCP43 SOCKETS EZBPFINI INACT SD
TCP44 SOCKETS EZBPFINI INACT
PFS PARM INFORMATION
HFS SYNCDEFAULT(60) FIXED(50) VIRTUAL(100)
CURRENT VALUES: FIXED(55) VIRTUAL(100)
NFS bi0d(6)

```

- O comando do operador **DISPLAY OMVS,PID=processid** exibe as informações de encadeamento de um processo específico.

```

d omvs,pid=16777456
BPX0040I 15.30.01 DISPLAY OMVS 637
OMVS 000E ACTIVE OMVS=(76)
USER JOBNAME ASID PID PPID STATE START CT_SECS
STCRSE RSEDB 007E 16777456 67109106 HF--- 20.00.56 113.914
LATCHWAITPID= 0 CMD=java -Ddaemon.log=/var/rdz/logs -
THREAD_ID TCB0 PRI_JOB USERNAME ACC_TIME SC STATE
0E08A00000000000 005E6D0 OMVS .927 RCV FU
0E08F00000000000 005E6C58 .001 PTX JYNV
0E09300000000000 005E6AC0 7.368 PTX JYNV
0E0CB00000000000 005C2CF0 OMVS 1.872 SEL JFNV
0E1920000000003CE 005A0B70 OMVS 14.088 POL JFNV
0E18D0000000003CF 005A1938 IBMUSER .581 SND JYNV

```

## Monitoramento da Rede

Ao suportar um grande número de clientes se conectando ao host, não só o Developer for System z, mas também sua infraestrutura de rede deve poder manipular a carga de trabalho. O gerenciamento de redes é um assunto amplo e bem documentado que sai do escopo da documentação do Developer for System z. Portanto, apenas os seguintes ponteiros são fornecidos.

- O comando do operador **DISPLAY NET,CSM** permite que você monitore o uso de armazenamento gerenciado pelo gerenciador de armazenamento de comunicações (CSM). Você pode usar esse comando para determinar a quantidade de armazenamento do CSM que está em uso no ECSA e os conjuntos de armazenamento de espaço de dados, conforme documentado em *Communications Server SNA Operations* (SC31-8779).

## Monitorando Sistemas de Arquivos z/OS UNIX

Developer for System z usa sistemas de arquivo z/OS UNIX para armazenar vários tipos de dados, como arquivos de logs e temporários. Use o comando z/OS UNIX **df** para verificar quantos descritores de arquivo ainda estão disponíveis e quanto espaço livre foi deixado antes que a próxima extensão do conjunto de dados subjacente HFS ou zFS seja criada.

```
$ df
Mounted on  Filesystem      Avail/Total  Files      Status
/tmp        (OMVS.TMP)       1393432/1396800  4294967248 Available
/u/ibmuser  (OMVS.U.IBMUSER) 1248/1728      4294967281 Available
/usr/lpp/rdz (OMVS.LPP.FEK)   3062/43200     4294967147 Available
/var        (OMVS.VAR)       27264/31680    4294967054 Available
```

## Configuração de Amostra

A configuração de amostra a seguir mostra a configuração necessária para suportar estes requisitos:

- 500 conexões do cliente simultâneas
- 300 builds MVS simultâneos (tarefa em lote)
- 200 conexões CARMA simultâneas (usando o método de inicialização CRASTART)
- tempo limite de inatividade de 3 horas
- uso não autorizado de z/OS UNIX
- SCLM Developer Toolkit e File Manager Integration não são usados
- Calcule uma média de uso de heap Java de 20 MB
- os usuários têm UIDs z/OS UNIX exclusivos

## Contagem do Conjunto de Encadeamento

Por padrão, o Developer for System z tenta incluir 30 usuários em um conjunto de encadeamento único. Entretanto, nossos requisitos indicam que o tempo limite de inatividade estará ativo. A Tabela 28 na página 85 mostra que isso incluirá 1 encadeamento por cliente conectado. Esse encadeamento é um encadeamento de cronômetro e portanto ativo constantemente. Isso evitará que o RSE coloque 30 usuários em um único conjunto de encadeamentos, como  $10+30*(17+1)=550$ , e `maximum.threads` é configurado para 520 por padrão.

Poderíamos aumentar `maximum.threads`, mas devido ao requisito ter uma média de 20 MB de heap Java por usuário, optamos por diminuir o `maximum.clients` para 25 ( $10+25*18 = 460$ ). Isso nos mantém dentro do tamanho máximo padrão de heap Java de 512 MB ( $20*25 = 500$ ).

Com 25 clientes por conjunto de encadeamentos e a necessidade de suportar 500 conexões, sabemos agora que precisaremos de 20 espaços de endereço de conjunto de encadeamentos.

## Determinar Limites Mínimos

Usando as fórmulas mostradas anteriormente neste capítulo e os critérios mencionados no início desta seção, podemos determinar o uso do recurso que deve ser adaptado.

- Contagem de espaço de endereço - máximo
$$3 + A + N*(x + y + z) + (2 + N*0.01)$$
$$3 + 20 + 500*1 + 200*1 + 300*1 + (2 + 500*0.01) = 1030$$
- Contagem de espaço de endereço - por usuário
$$x + y + z$$
$$1 + 1 + 1 = 3$$
- Contagem de processos - máximo
$$5 + 2*A + N*(x + y + z) + (10 + N*0.05)$$
$$5 + 2*20 + 500*2 + 200*1 + 300*0 + (10 + 500*0.05) = 1570$$
- Contagem de processo - STCRSE
$$4 + 2*A$$
$$4 + 2*20 = 44$$
- Contagem de processos - por usuário
$$(x + y + z) + 5*s$$
$$(2 + 1 + 0) + 5*0 = 3$$
- Contagem de encadeamentos - Conjunto de encadeamentos do RSE
$$10 + N*(17 + x + y + z) + (20 + N*0.1)$$
$$10 + 25*(17 + 1 + 4 + 0) + (20 + 25*0.1) = 583$$
- Contagem de encadeamentos - JES Job Monitor
$$3 + N$$
$$3 + 500 = 503$$
- IDs do Usuário
$$500 + 2 = 502$$

Os 2 IDs do usuário extra são para STCJMON e STCRSE, os IDs do usuário de tarefa iniciada do Developer for System z.

## Definindo Limites

Agora que os números de uso de recursos são conhecidos, podemos customizar a limitação das diretivas com valores apropriados.

- /etc/rdz/rsed.envvars
  - Xmx512m
  - não alterado
  - Dmaximum.clients=25
  - Dmaximum.threads=520
  - não alterado
  - Dminimum.threadpool.process=10
  - Esta mudança é opcional; o RSE iniciará novos conjuntos de encadeamentos, conforme necessário
  - Dhide\_ZOS\_UNIX=true
  - DDSTORE\_IDLE\_SHUTDOWN\_TIMEOUT=10800000
- FEK.#CUST.PARMLIB(FEJJCNFG)

- MAX\_THREADS=503
- SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx)
  - MAXPROCSYS(2500)

1572 mínimo, incluído buffer extra para tarefas que não sejam Developer for System z

- MAXPROCUSER(80)

44 mínimo, incluído buffer extra no caso de os conjuntos de encadeamentos RSE suportarem menos que os 25 clientes projetados

- MAXTHREADS(1500)

deve ser no mínimo 503 (para JES Job Monitor) se THREADSMAX no segmento OMVS do ID do usuário STCRSE for usado para configurar o limite para RSE (mínimo 582)

- MAXTHREADTASKS(1500)

deve ser no mínimo 503 (para JES Job Monitor) se THREADSMAX no segmento OMVS do ID do usuário STCRSE for usado para configurar o limite para RSE (mínimo 582)

- MAXUIDS(700)

503 mínimo, incluído buffer extra para tarefas que não sejam Developer for System z

- MAXASSIZE(209715200)

não alterado (padrão do sistema 200 MB), usamos ASSIZEMAX no segmento OMVS do ID do usuário STCRSE

- SYS1.PARMLIB(IEASYSxx)
  - MAXUSER=2000

1030 mínimo, incluído buffer extra para tarefas diferentes do Developer for System z

- Segmento OMVS do ID do usuário STCRSE
  - ASSIZEMAX(2147483647)

2 GB

## Uso de Recurso de Monitor

Após ativar os limites do sistema conforme documentado em “Definindo Limites” na página 107, podemos começar a monitorar o uso do recurso pelo Developer for System z para ver se o ajuste de algumas variáveis é necessário. O Figura 25 na página 109 mostra o uso de recurso após 499 usuários terem efetuado logon. (O exemplo na figura apenas mostra a criação do logon. Nenhuma ação do usuário é indicada no exemplo).

```

F RSED,APPL=D P
BPXM023I (STCRSE)
ProcessId(83886168) Memory Usage(17%) Clients(25) Order(1)
ProcessId(91 ) Memory Usage(17%) Clients(25) Order(2)
ProcessId(122 ) Memory Usage(17%) Clients(25) Order(3)
ProcessId(16777348) Memory Usage(17%) Clients(25) Order(4)
ProcessId(16777358) Memory Usage(17%) Clients(25) Order(5)
ProcessId(16777368) Memory Usage(17%) Clients(25) Order(6)
ProcessId(16777378) Memory Usage(17%) Clients(25) Order(7)
ProcessId(16777388) Memory Usage(17%) Clients(25) Order(8)
ProcessId(16777398) Memory Usage(17%) Clients(25) Order(9)
ProcessId(33554622) Memory Usage(17%) Clients(25) Order(10)
ProcessId(16777416) Memory Usage(17%) Clients(25) Order(11)
ProcessId(16777426) Memory Usage(17%) Clients(25) Order(12)
ProcessId(16777436) Memory Usage(9%) Clients(25) Order(13)
ProcessId(16777446) Memory Usage(17%) Clients(25) Order(14)
ProcessId(16777456) Memory Usage(17%) Clients(25) Order(15)
ProcessId(16777466) Memory Usage(17%) Clients(25) Order(16)
ProcessId(16777476) Memory Usage(17%) Clients(25) Order(17)
ProcessId(16777487) Memory Usage(17%) Clients(25) Order(18)
ProcessId(16777497) Memory Usage(17%) Clients(25) Order(19)
ProcessId(16777507) Memory Usage(16%) Clients(24) Order(20)

```

```

F RSED,APPL=D P,D
BPXM023I (STCRSE)
ProcessId(83886168) ASId(0022) JobName(RSED857 ) Order(1)
PROCESS LIMITS:      CURRENT  HIGHWATER    LIMIT
  JAVA HEAP USAGE(%)    17        17        100
    CLIENTS              25        25         25
  MAXFILEPROC           365       366      64000
  MAXPROCUSER           44        44         80
  MAXTHREADS            310       311      1500
  MAXTHREADTASKS        311       311      1500

```

```

TASID
Nome Tarefa Tempo de CPU Armazen.      EXCP
-----
JMON          0.00      1780          73
RSED          5.88     95.2M     41958
RSED1         8.26    190.1M     58669
RSED1         8.17    187.0M     58605
RSED2         8.06    185.3M     58653
RSED2         8.19    183.1M     60209
RSED3         8.12    189.1M     58650
RSED3         8.03    186.7M     58590
RSED4         8.15    188.2M     58646
RSED4         5.50    182.5M     58585
RSED5         7.72    184.4M     58631
RSED5         7.82    184.1M     58576
RSED6         7.14    184.1M     58622
RSED6         6.27    186.9M     58583
RSED7         5.17    185.1M     58804
RSED7         6.57    185.2M     58621
RSED7         5.86    182.8M     58565
RSED8         0.36      1560      2459
RSED8         7.94    184.1M     58615
RSED8         7.45    181.8M     58548
RSED9         8.16    190.6M     58802
RSED9         7.62    183.8M     58610
RSED9         7.36    177.7M     57478

```

Figura 25. Uso do recurso de configuração de amostra





---

## Capítulo 6. Considerações sobre Desempenho

O z/OS é um sistema operacional altamente customizável, e (algumas vezes pequenas) alterações no sistema podem ter um grande impacto sobre o desempenho geral. Este capítulo destaca algumas alterações que podem ser feitas para aprimorar o desempenho do Developer for System z.

Consulte *MVS Initialization and Tuning Guide* (SA22-7591) e *UNIX System Services Planning* (GA22-7800) para obter informações adicionais sobre o ajuste do sistema.

---

### Usar Sistemas de Arquivos zFS

O zFS (zSeries File System) e o HFS (Hierarchical File System) são sistemas de arquivo UNIX que podem ser usados em um ambiente z/OS UNIX. No entanto, o zFS fornece os seguintes recursos e benefícios:

- Ganhos de desempenho em vários ambientes do cliente ao acessar arquivos com tamanhos aproximados a 8 K, frequentemente acessados e atualizados. O desempenho do acesso de arquivos menores equivale àquele do HFS.
- Clonagem de leitura de um sistema de arquivo no mesmo conjunto de dados. O sistema de arquivo clonado pode ser disponibilizado aos usuários para fornecer uma cópia de leitura em um determinado momento de um sistema de arquivo. Esse é um recurso opcional disponível apenas em um ambiente não-sysplex.
- O zFS é o sistema de arquivo z/OS UNIX estratégico. A funcionalidade do HFS foi estabilizada e os aprimoramentos no sistema de arquivo ocorrerão apenas para o zFS.

Consulte *UNIX System Services Planning* (GA22-7800) para saber mais sobre zFS.

---

### Evite o Uso de STEPLIB

Cada processo do z/OS UNIX que possui um STEPLIB que é propagado de pai para filho ou através de um exec consumirá cerca de 200 bytes de Extended Common Storage Area (ECSA). Se nenhuma variável de ambiente STEPLIB estiver definida, ou quando uma for definida como STEPLIB=CURRENT, o z/OS UNIX propagará todas as alocações TASKLIB, STEPLIB e JOBLIB atualmente ativas durante uma função fork(), spawn() ou exec().

O Developer for System z possui um padrão de arquivo de configuração STEPLIB=NONE codificado em `rzed.envvars`, conforme descrito em `rzed.envvars`. Pelas razões mencionadas anteriormente, não altere essa diretiva e coloque os conjuntos de dados de destino em LINKLIST ou LPA (Link Pack Area).

---

### Aprimorar o acesso às bibliotecas do sistema

Determinadas bibliotecas do sistema e módulos de carregamento são intensamente usadas pelo z/OS UNIX e pelas atividades de desenvolvimento do aplicativo. O aprimoramento do acesso, como a inclusão na Área do Pacote de Links (LPA) pode aprimorar o desempenho do sistema. Consulte *MVS Initialization and Tuning Reference* (SA22-7592) para obter informações adicionais sobre a alteração de membros SYS1.PARMLIB descrito a seguir:

## Bibliotecas de Tempo de Execução Language Environment (LE)

Quando programas C (incluindo o shell do z/OS UNIX) são executados, frequentemente usam rotinas da biblioteca de tempo de execução do LE (Language Environment). Em média, aproximadamente 4 MB da biblioteca de tempo de execução são carregados na memória para cada espaço de endereço executando um programa ativado para LE e copiados em cada fork.

CEE.SCEELPA

O conjunto de dados CEE.SCEELPA contém um subconjunto das rotinas de tempo de execução do LE, intensamente usadas pelo z/OS UNIX. Você deve incluir esse conjunto de dados em SYS1.PARMLIB(LPALSTxx) para ganho máximo de desempenho. Fazendo isso, os módulos são lidos do disco apenas uma vez e são armazenados em um local compartilhado.

**Nota:** Inclua a seguinte instrução em SYS1.PARMLIB(PROGxx), se você preferir incluir os módulos de carregamento na LPA dinâmica:

```
LPA ADD MASK(*) DSN(CEE.SCEELPA)
```

Também é aconselhável colocar as bibliotecas de tempo de execução do LE CEE.SCEERUN e CEE.SCEERUN2 em LINKLIST, incluindo os conjuntos de dados em SYS1.PARMLIB(LNKLISTxx) ou SYS1.PARMLIB(PROGxx). Isso elimina o código extra STEPLIB do z/OS UNIX e há uma redução de entrada/saída devido ao gerenciamento pelo LLA e VLF, ou produtos semelhantes.

**Nota:** Inclua a biblioteca de classes C/C++ DLL CBC.SCLBDLL também em LINKLIST pelos mesmos motivos.

Se você decidir não colocar essas bibliotecas em LINKLIST, será necessário configurar a instrução STEPLIB apropriada no arquivo de configuração rsed.envvars, conforme descrito em rsed.envvars. Embora esse método sempre utilize armazenamento virtual adicional, pode aprimorar o desempenho definindo as bibliotecas de tempo de execução do LE para o LLA ou um produto semelhante. Isso reduz a E/S necessária para carregar os módulos.

## Desenvolvimento de Aplicativos

Em sistemas em que o desenvolvimento de aplicativos é a principal atividade, o desempenho também pode ser beneficiado se você colocar o editor de ligação em um LPA dinâmico, incluindo as seguintes linhas em SYS1.PARMLIB(PROGxx):

```
LPA ADD MODNAME(CEEINIT,CEEIBM,CEEV003,EDCZV) DSN(CEE.SCEERUN)
LPA ADD MODNAME(IEFIB600,IEFXB603) DSN(SYS1.LINKLIB)
```

Para desenvolvimento do C/C++, você também pode incluir o conjunto de dados do compilador CBC.SCCNCMP em SYS1.PARMLIB(LPALSTxx).

As instruções anteriores são amostras de possíveis candidatos de LPA, mas as necessidades no seu site podem variar. Consulte *Language Environment Customization* (SA22-7564) para obter informações sobre a colocação de outros módulos de carregamento do LE na LPA dinâmica. Consulte *UNIX System Services Planning* (GA22-7800) para obter informações adicionais sobre a colocação de módulos de carregamento do compilador C/C++ em um LPA dinâmico.

---

## Aprimorando o desempenho da verificação de segurança

Para aprimorar o desempenho da verificação de segurança realizada para o z/OS UNIX, defina o perfil BPX.SAFFASTPATH na classe FACILITY do software de segurança. Isso reduz o código extra ao realizar verificações de segurança do z/OS UNIX para uma ampla variedade de operações, incluindo verificação de acesso ao arquivo, verificação de acesso ao IPC e verificação de propriedade do processo. Consulte *UNIX System Services Planning* (GA22-7800) para obter informações adicionais sobre esse perfil.

**Nota:** Os usuários não precisam ter permissão para o perfil BPX.SAFFASTPATH.

---

## Gerenciamento de carga de trabalho

Cada site possui necessidades específicas e é possível customizar o sistema operacional z/OS para aproveitar ao máximo os recursos disponíveis de acordo com essas necessidades. Com gerenciamento de carga de trabalho, você define suas metas de desempenho e designa uma importância de negócios a cada meta. Você define as metas para o trabalho em termos de negócios e o sistema decide quantos recursos, como CPU e armazenamento, devem ser fornecidos para o trabalho, de acordo com a meta.

O desempenho do Developer for System z pode ser equilibrado pela configuração das metas corretas para os processos. Algumas diretrizes gerais são listadas abaixo:

- Quando usado, designe a transação APPC para um grupo de desempenho do TSO.
- Designe um grupo de desempenho de tarefa iniciada (SYSSTC) aos espaços de endereço do servidor Developer for System z: JES Job Monitor (JMON), daemon RSE (RSED) e conjuntos de encadeamentos RSE (RSEDx).

Consulte o *MVS Planning Workload Management* (SA22-7602) para obter mais informações sobre esse assunto.

---

## Tamanho de heap Java fixo

Com um heap de tamanho fixo, nenhuma expansão ou contração de heap ocorre e isso pode ocasionar significantes ganhos de desempenho em algumas situações. No entanto, a utilização de um heap de tamanho fixo geralmente não é uma boa ideia, porque atrasa o início de uma coleta de lixo até que o heap esteja cheio, momento em que será uma tarefa principal. Também aumenta o risco de fragmentação, o que requer uma compactação de heap. Portanto, utilize heaps de tamanho fixo só depois de desempenhar teste adequado ou quando orientado pelo IBM Support Center. Consulte *Java Diagnostics Guide* (SC34-6650) para obter informações adicionais sobre tamanhos de heap e coleta de lixo.

O tamanho de heap inicial e máximo de um z/OS Java Virtual Machine (JVM) pode ser configurado com as opções da linha de comandos Java, `-Xms` (inicial) e `-Xmx` (máximo).

No Developer for System z, as opções de linha de comandos Java são definidas na diretiva `_RSE_JAVAOPTS` de `rsed.envvars`, conforme descrito em "Definindo parâmetros de inicialização Java com `_RSE_JAVAOPTS`" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658).

```
#_RSE_JAVAOPTS="$_RSE_JAVAOPTS -Xms128m -Xmx128m"
```

---

## Opção Java -Xquickstart

**Nota:** -Xquickstart Java é útil apenas se você utilizar o método de inicialização alternativo REXEC/SSH para o servidor RSE. Este método está documentado em "(Opcional) Usando REXEC (ou SSH)" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658).

A opção -Xquickstart pode ser usada para melhorar o tempo de inicialização de alguns aplicativos Java. -Xquickstart faz com que o compilador Just In Time (JIT) seja executado com um subconjunto de otimizações, ou seja, uma compilação rápida. Essa compilação rápida permite melhorar o tempo de inicialização.

A opção -Xquickstart é apropriada para aplicativos de execução mais curta, principalmente aqueles em que o tempo de execução não está concentrado em um número pequeno de métodos. -Xquickstart pode prejudicar o desempenho se for usada em aplicativos de longa execução que contêm métodos ativos.

Para ativar a opção -Xquickstart para o servidor RSE, inclua a seguinte diretiva no final de `rsed.envvars`:

```
_RSE_JAVA_OPTS="$_RSE_JAVA_OPTS -Xquickstart"
```

---

## Compartilhamento de Classe entre JVMs

O IBM Java Virtual Machine (JVM) versão 5 e superior permite compartilhar classes de aplicativos e de autoinicialização entre JVMs armazenando-as em um cache em memória compartilhada. O compartilhamento de classes reduz o consumo total de memória virtual quando mais de uma JVM compartilha um cache. O compartilhamento de classes também reduz o tempo de inicialização de uma JVM após o cache ser criado.

O cache de classe compartilhada é independente de qualquer JVM ativa e persiste além do tempo de vida da JVM que criou o cache. Como o cache de classe compartilhada persiste além do tempo de vida de qualquer JVM, o cache é atualizado dinamicamente para refletir quaisquer modificações que possam ter sido feitas em JARs ou classes no sistema de arquivo.

A sobrecarga para criar e preencher um novo cache é mínima. O custo de tempo de inicialização da JVM para uma única JVM normalmente é entre 0 e 5% menor em comparação com um sistema que não utiliza compartilhamento de classe, dependendo de quantas classes são carregadas. O aprimoramento do tempo de inicialização da JVM com um cache preenchido normalmente é entre 10% e 40% mais rápido em comparação com um sistema que não utiliza compartilhamento de classe, dependendo do sistema operacional e do número de classes carregadas. Várias JVMs em execução simultaneamente mostram maiores benefícios no tempo de inicialização total.

Consulte o *Java SDK and Runtime Environment User Guide* para obter informações adicionais sobre o compartilhamento de classe.

## Ativar Compartilhamento de Classes

Para ativar o compartilhamento de classes para o servidor RSE, inclua a seguinte diretiva no final de `rsed.envvars`. A primeira instrução define um cache denominado RSE com acesso em grupo e permite que o servidor RSE seja iniciado, mesmo se o compartilhamento de classes falhar. A segunda instrução é opcional e

configura o tamanho do cache para 6 megabytes (o padrão do sistema é 16 MB). A terceira instrução inclui os parâmetros de compartilhamento de classes nas opções de inicialização Java.

```
_RSE_CLASS_OPTS=-Xshareclasses:name=RSE,groupAccess,nonFatal  
#_RSE_CLASS_OPTS="$_RSE_CLASS_OPTS -Xscmx6m  
_RSE_JAVAOPTS="$_RSE_JAVAOPTS $_RSE_CLASS_OPTS"
```

**Nota:** Conforme mencionado em “Segurança do Cache”, todos os usuários que usam a classe compartilhada devem ter o mesmo ID do grupo (GID) primário. Isso significa que os usuários devem ter o mesmo grupo padrão definido no software de segurança, ou que os grupos padrão diferentes tenham o mesmo GID em seu segmento OMVS.

## Limites de Tamanho de Cache

O tamanho máximo de cache compartilhado teórico é 2 GB. O tamanho de cache que você pode especificar é limitado pela quantidade de memória física e pelo espaço de troca disponíveis para o sistema. Como o espaço de endereço virtual de um processo é compartilhado entre o cache de classe compartilhada e o heap Java, o aumento do tamanho máximo do heap Java reduzirá o tamanho do cache da classe compartilhada que você pode criar.

## Segurança do Cache

O acesso ao cache de classe compartilhada é limitado por permissões do sistema operacional e permissões de segurança Java.

Por padrão, os caches de classe são criados com a segurança no nível do usuário, portanto, apenas o usuário que criou o cache pode acessá-lo. No z/OS UNIX, há uma opção, `groupAccess`, que fornece acesso a todos os usuários no grupo primário do usuário que criou o cache. Entretanto, independentemente do nível de acesso usado, um cache poderá ser destruído apenas pelo usuário que o criou ou por um usuário root (UID 0).

Consulte o *Java SDK and Runtime Environment User Guide* para obter informações adicionais sobre as opções extras de segurança utilizando um Java SecurityManager.

## SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx)

Algumas das configurações de SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx) afetam o desempenho das classes compartilhadas. O uso de configurações incorretas pode interromper o funcionamento de classes compartilhadas. Essas configurações também podem ter implicações no desempenho. Para obter informações adicionais sobre implicações no desempenho e sobre o uso desses parâmetros, consulte *MVS Initialization and Tuning Reference* (SA22-7592) e *UNIX System Services Planning* (GA22-7800). Os parâmetros BPXPRMxx mais significativos que afetam a operação de classes compartilhadas são os seguintes:

- MAXSHAREPAGES, IPCSHMPAGES, IPCSHMMPAGES e IPCSHMNSEGS

Essas configurações afetam a quantidade de páginas de memória compartilhada disponíveis para a JVM. O tamanho da página compartilhada para um serviço do sistema z/OS UNIX de 31 bits é fixado em 4 KB. As classes compartilhadas tentam criar um cache de 16 MB por padrão. Entretanto, configure IPCSHMMPAGES para maior que 4096.

Se você configurar um tamanho de cache utilizando `-Xscmx`, a JVM arredondará o valor para o megabyte mais próximo. Você deve levar isso em consideração ao definir IPCSHMMPAGES no sistema.

- IPCSEMNIIDS e IPCSEMNSEMS

Essas configurações afetam a quantidade de semáforos disponíveis para os processos UNIX. As classes compartilhadas usam semáforos IPC para a comunicação entre as JVMs.

## Espaço em disco

O cache de classe compartilhada requer espaço em disco para armazenar informações de identificação sobre os caches que existem no sistema. Essas informações são armazenadas em `/tmp/javasharedresources`. Se o diretório de informações de identificação for excluído, a JVM não poderá identificar as classes compartilhadas no sistema e deverá recriar o cache.

## Utilitários de Gerenciamento de Cache

O comando da linha Java `-Xshareclasses` pode utilizar diversas opções, sendo alguns utilitários de gerenciamento do cache. Alguns deles são mostrados no exemplo a seguir (\$ é o prompt do z/OS UNIX). Consulte o *Java SDK and Runtime Environment User Guide* para obter uma visão geral completa das opções de linha de comandos suportadas.

```
$ java -Xshareclasses:listAllCaches
Shared Cache      OS shmid      in use      Last detach time
RSE               401412        0           Mon Jun 18 17:23:16 2007

Could not create the Java virtual machine.

$ java -Xshareclasses:name=RSE,printStats

Current statistics for cache "RSE":

base address      = 0x0F300058
end address       = 0x0F8FFFF8
allocation pointer = 0x0F4D2E28

cache size        = 6291368
free bytes        = 4355696
ROMClass bytes    = 1912272
Metadata bytes    = 23400
Metadata % used   = 1%

# ROMClasses      = 475
# Classpaths      = 4
# URLs            = 0
# Tokens          = 0
# Stale classes    = 0
% Stale classes   = 0%

Cache is 30% full

Could not create the Java virtual machine.

$ java -Xshareclasses:name=RSE,destroy
JVMSHRC010I Shared Cache "RSE" is destroyed
Could not create the Java virtual machine.
```

### Nota:

- Os utilitários de cache executam a operação necessária no cache especificado sem iniciar a JVM, por isso a mensagem "Could not create the Java virtual machine" é normal.
- Um cache pode ser destruído apenas se todas as JVMs que o utilizam estiverem encerradas e o usuário que emite o comando tiver permissões suficientes.



---

## Capítulo 7. Considerações de Push-to-client

Push-to-client, ou controle de cliente baseado em host, suporta gerenciamento central das seguintes coisas:

- Arquivos de configuração do cliente
- Versão de produto do cliente
- Definições de projeto

Os seguintes tópicos são abordados neste capítulo:

- “Introdução”
- “Sistema Primário” na página 118
- “Metadados Push-to-client” na página 118
- “Controle de Configuração do Cliente” na página 120
- “Controle de Versão do Cliente” na página 121
- “Diversos Grupos de Desenvolvedores” na página 121
- “Seleção de Grupo Baseada em LDAP” na página 125
- “Seleção de Grupo Baseada em SAF” na página 129
- “Projetos baseados no host” na página 132

---

### Introdução

Os clientes do Developer for System z versão 8.0.1 e superior podem extrair arquivos de configuração do cliente e informações de atualização do produto do host quando eles se conectam, assegurando que todos os clientes tenham configurações comuns e estejam atualizados.

Desde a versão 8.0.3, o administrador de cliente pode criar diversos conjuntos de configuração de cliente e diversos cenários de atualização de cliente para ajustar as necessidades de diferentes grupos de desenvolvedores. Isso permite que os usuários recebam uma configuração customizada, com base em critérios como associação de um grupo LDAP ou permissão para um perfil de segurança.

Os projetos do z/OS podem ser definidos individualmente por meio da perspectiva Projetos do z/OS no cliente, ou podem ser definidos centralmente no host e propagados para o cliente em uma base por usuário individual. Esses "projetos baseados em host" se parecem e funcionam exatamente como projetos definidos no cliente, exceto que sua estrutura, seus membros e suas propriedades não podem ser modificados pelo cliente e só podem ser acessados quando conectados ao host.

`pushtoclient.properties` informa ao cliente se essas funções estão ativadas e onde os dados relacionados são armazenados. Consulte “(Opcional) `pushtoclient.properties`, Controle de Cliente Baseado em Host” no *Guia de Configuração do Host* (S517-9094) para obter mais informações.

Normalmente, os sistemas z/OS, as estações de trabalho do desenvolvedor e os projetos de desenvolvimento são gerenciados por diferentes grupos de pessoas. O design push-to-client segue esse princípio e designa responsabilidades específicas a cada grupo:

- O programador de sistema do z/OS controla o local dos metadados push-to-client, os aspectos de segurança básicos e se o push-to-client está ativo.
- O administrador de cliente mantém o conteúdo dos metadados push-to-client usando o cliente do Developer for System z para criar uma ou mais configurações de cliente e usando o IBM Installation Manager para criar os arquivos de resposta usados para atualizar o cliente do Developer for System z.
- Um gerente de projeto de desenvolvimento define um projeto e designa desenvolvedores individuais a ele.

Consulte o Centro de Informações do Developer for System z (<http://pic.dhe.ibm.com/infocenter/ratdevz/v9r0/index.jsp>) para obter detalhes sobre como o administrador de cliente e o gerente de projeto de desenvolvimento podem executar as tarefas designadas a eles.

Ao ativar o suporte de configuração ou controle de versão para diversos grupos de desenvolvedor, uma equipe adicional será envolvida no gerenciamento de push-to-client. Qual é essa equipe depende da opção escolhida para identificar os grupos aos quais um desenvolvedor pertence:

- Um administrador de LDAP mantém as definições de grupo que colocam cada desenvolvedor em nenhum, um ou mais grupos LDAP FEK.PTC.\*.
- Um administrador de segurança mantém listas de acesso para perfis de segurança FEK.PTC.\*. Um desenvolvedor pode ser autorizado para nenhum, um ou mais perfis.

---

## Sistema Primário

O push-to-client é designado para armazenar dados específicos do sistema por sistema, enquanto mantém dados comuns (globais) em um único sistema (o sistema primário) para reduzir o esforço de gerenciamento. O sistema primário é identificado pela diretiva `primary.system` em `pushtoclient.properties`. O padrão é `false`.

Certifique-se de ter um, e apenas um, sistema definido como primário. Os administradores de cliente do Developer for System z não podem exportar dados de configuração globais, a menos que o sistema de destino seja um sistema primário. Os clientes do Developer for System z podem mostrar comportamento incorreto ao conectar-se a diversos sistemas primários com configurações fora de sincronização.

A regra somente um não se aplica quando diversos sistemas compartilham a configuração (`/etc/rdz`) e os metadados push-to-client (`/var/rdz/pushtoclient`) do Developer for System z. Como a configuração é compartilhada, todos os sistemas envolvidos são identificados como sistema primário. Mas, desde que todos os sistemas também compartilhem os metadados, essa duplicação não é um problema.

---

## Metadados Push-to-client

### Local de Metadados

A diretiva `pushtoclient.folder` em `pushtoclient.properties` identifica o diretório base no qual os metadados push-to-client são armazenados. O padrão é `/var/rdz/pushtoclient`.

O diretório base contém o arquivo de configuração push-to-client raiz, `keymapping.xml`. Todos os demais metadados estão em subdiretórios.



Em sua maioria, os subdiretórios são criados dinamicamente quando o administrador de cliente exporta a configuração da área de trabalho push-to-client. Esses subdiretórios agrupam os metadados por assunto, como mapeamentos e referências. Quanto mais componentes do cliente do Developer for System z se tornam elegíveis para serem gerenciados por push-to-client, mais subdiretórios são criados dinamicamente. Consulte o assistente de exportação no cliente do Developer for System z (**Arquivo > Exportar... > Rational Developer for System z > Arquivos de Configuração**) para saber o que é armazenado nesses subdiretórios.

Alguns subdiretórios são criados durante a customização do host inicial. Esses subdiretórios contêm dados que são mantidos manualmente pelo administrador de cliente ou pelo gerente de projeto de desenvolvimento.

- `/var/rdz/pushtoclient/projects/` mantém os arquivos de definição do projeto baseados em host. O local real é especificado em `/var/rdz/pushtoclient/keymapping.xml`, que é criado e mantido por um administrador de cliente do Developer for System z. Os arquivos contidos são mantidos por um gerenciador de projetos ou pelo desenvolvedor principal.
- `/var/rdz/pushtoclient/install/` contém os arquivos de configuração usados para atualizar a versão do produto de cliente na conexão com o host. O local real é especificado em `/var/rdz/pushtoclient/keymapping.xml`, que é criado e mantido por um administrador de cliente do Developer for System z. Os arquivos contidos são mantidos por um administrador de cliente do .
- `/var/rdz/pushtoclient/install/responsefiles/` contém os arquivos de configuração usados para atualizar a versão do produto de cliente na conexão com o host. O local real é especificado em `/var/rdz/pushtoclient/keymapping.xml`, que é criado e mantido por um administrador de cliente do Developer for System z. Os arquivos contidos são mantidos por um administrador de cliente do .

Consulte "Configuração de Customização" no capítulo "Customização Básica" do *Guia de Configuração do Host* (S517-9094) para obter mais informações sobre como a criação desses subdiretórios.

## Segurança de Metadados

Por padrão (consulte a diretiva `file.permission` em `pushtoclient.properties`), todos os arquivos e diretórios criados no diretório base recebem a máscara de bits de permissão 775 (`rw-rw-r-x`), que permite ao proprietário e ao grupo padrão do proprietário acesso de leitura e gravação à estrutura de diretório e aos arquivos contidos nela. Qualquer outra pessoa só tem acesso de leitura à estrutura de diretório e aos arquivos contidos nela.

É importante que o UID (ID do usuário) e o GID (ID do grupo) corretos do proprietário sejam configurados para esses diretórios antes de iniciar a configuração push-to-client.

Os seguintes comandos de amostra do RACF criam um novo grupo (RDZADMIN), designa a ele um GID exclusivo (2) e o torna o grupo padrão para o ID de usuário RDZADM1, que também recebe um UID exclusivo (6).

```
ADDGROUP RDZADMIN OWNER(IBMUSER) SUPGROUP(SYS1) -  
  DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z - CLIENT ADMIN')  
ALTGROUP RDZADMIN OMVS(GID(2))  
CONNECT RDZADM1 GROUP(RDZADMIN) AUTH(USE)  
ALTUSER RDZADM1 DFLTGRP(RDZADMIN) OMVS(UID(6))
```

O seguinte comando **chown** de amostra do z/OS UNIX altera o proprietário e o grupo de `/var/rdz/pushtoclient` e de tudo que ele contém para RDZADM1 e

RDZADMIN, respectivamente. O comando deve ser executado por um superusuário (UID 0) para evitar problemas de permissão.

```
chown -R rdzadm1:rdzadmin /var/rdz/pushtoclient
```

O seguinte comando **chmod** de amostra do z/OS UNIX altera a máscara de bits de permissão de `/var/rdz/pushtoclient` e de tudo que ela contém para 775. Execute-o para assegurar-se de que toda adição manual ao diretório siga a lógica usada pelo Developer for System z. O comando deve ser executado por um superusuário (UID 0) para evitar problemas de permissão.

```
chmod -R 775 /var/rdz/pushtoclient
```

Consulte o *Security Server RACF Command Language Reference* (SA22-7687) para obter mais informações sobre os comandos de amostra do RACF. Consulte o *UNIX System Services Command Reference* (SA22-7802) para obter mais informações sobre os comandos de amostra do z/OS UNIX. Consulte a seção “Estrutura de diretório do z/OS UNIX” na página 15 para obter mais informações.

## Uso de Espaço de Metadados

Os metadados push-to-client usam uma quantidade razoavelmente pequena de espaço em disco no z/OS UNIX, porque a grande massa dos metadados são arquivos XML codificados para UTF-8. Observe que o código do produto usado nos cenários de atualização de cliente podem ser armazenados em qualquer lugar da rede; não é necessário armazenar no z/OS UNIX, porque os metadados push-to-client relacionados (chamados arquivos de resposta) apontam o cliente para o local correto.

---

## Controle de Configuração do Cliente

Quando um cliente do Developer for System z (versão 8.0.1 e superior) se conecta ao host, ele lê as definições em `pushtoclient.properties`. Se a diretiva `config.enabled` estiver ativada, o cliente comparará sua configuração atual com as definições nos metadados push-to-client. Se forem encontradas diferenças, o cliente iniciará um assistente que extrai os dados necessários e ativa a configuração conforme indicado pelo push-to-client.

A diretiva `reject.config.updates` em `pushtoclient.properties` controla se um usuário tem permissão para rejeitar as atualizações de configuração que o push-to-client está prestes a entregar.

Um cliente do Developer for System z (versão 8.0.1 e superior) tem um assistente, a ser usado pelo administrador de cliente, que pode exportar a configuração atual, que por sua vez é importada por todos os clientes do Developer for System z através do push-to-client. Observe que essa função está disponível em todos os clientes; por isso, você deve assegurar que apenas os administradores de cliente tenham permissão de gravação nos diretórios do z/OS UNIX que contêm metadados push-to-client (`/var/rdz/pushtoclient`).

A versão 8.0.3 ou superior é necessária ao cliente e ao host para ativar o suporte de grupo, conforme documentado em “Diversos Grupos de Desenvolvedores” na página 121.

---

## Controle de Versão do Cliente

Quando um cliente do Developer for System z (versão 8.0.1 e superior) se conecta ao host, ele lê as definições em `pushtoclient.properties`. Se a diretiva `product.enabled` estiver ativada, o cliente comparará sua versão de produto atual com as definições nos metadados `push-to-client`. Se forem encontradas diferenças, o cliente iniciará um assistente que extrai os dados necessários e ativa a configuração conforme indicado pelo `push-to-client`.

A diretiva `reject.product.updates` em `pushtoclient.properties` controla se um usuário tem permissão para rejeitar atualizações de produto que o `push-to-client` está prestes a entregar.

A versão 8.0.3 ou superior é necessária ao cliente e ao host para ativar o suporte de grupo, conforme documentado em “Diversos Grupos de Desenvolvedores”.

---

## Diversos Grupos de Desenvolvedores

Desde a versão 8.0.3, o administrador de cliente pode criar diversos conjuntos de configuração de cliente e diversos cenários de atualização de cliente para ajustar as necessidades de diferentes grupos de desenvolvedores. Isso permite que os usuários recebam uma configuração customizada, com base em critérios como associação de um grupo LDAP ou permissão para um perfil de segurança.

### Ativação

O suporte para diversos grupos de desenvolvedores, cada um com seus próprios requisitos de configuração e atualização do cliente, é ativado ao designar o valor desejado às diretivas relacionadas (`config.enabled` e `product.enabled`) em `pushtoclient.properties`, conforme mostrado na Tabela 33.

*Tabela 33. Matriz de suporte ao grupo push-to-client para \*.enabled*

Valor *.enabled	Função ativada	Diversos grupos suportados
False	Não	Não
True	Sim	Não
LDAP	Sim	Sim, com base na associação de grupos LDAP FEK.PTC.*.ENABLED.sysname.devgroup
SAF	Sim	Sim, com base na permissão para perfis de segurança FEK.PTC.*.ENABLED.sysname.devgroup

Observe que quando a função está ativada (isso inclui o valor TRUE), os desenvolvedores sempre fazem parte de um grupo padrão. Um desenvolvedor pode fazer parte de nenhum, um ou vários grupos adicionais.

A rejeição das atualizações também pode ser feita condicionalmente, conforme mostrado na Tabela 34.

*Tabela 34. Matriz de suporte ao grupo push-to-client para reject.\*.updates*

Valor reject.*.updates	Função ativada
False	Não
True	Sim

Tabela 34. Matriz de suporte ao grupo push-to-client para reject.\*.updates (continuação)

Valor reject.*.updates	Função ativada
LDAP	Depende da associação do grupo LDAP FEK.PTC.REJECT.*.UPDATES.sysname
SAF	Depende da permissão para o perfil de segurança FEK.PTC.REJECT.*.UPDATES.sysname

Observe que as diretivas em `pushtoclient.properties` funcionam independentemente umas das outras. Você pode designar qualquer valor suportado a qualquer diretiva. Não há requisito para manter as configurações semelhantes.

Consulte “Seleção de Grupo Baseada em LDAP” na página 125 e “Seleção de Grupo Baseada em SAF” na página 129 para obter detalhes sobre a configuração necessária para a respectiva função. Consulte “(Opcional) `pushtoclient.properties`, Controle de Cliente Baseado em Host” no *Guia de Configuração do Host* (S517-9094) para obter mais informações sobre como ativar o suporte a diversos grupos.

## Concatenações de Grupo

Quando a função `*.enabled` está ativada (isso inclui o valor `TRUE`) em `pushtoclient.properties`, os desenvolvedores sempre fazem parte de um grupo padrão para a função relacionada. Um desenvolvedor pode fazer parte de nenhum, um ou vários grupos adicionais.

Para limitar a complexidade de aplicar mudanças definidas em vários grupos, o Developer for System z limita as definições que serão usadas, como base em uma seleção feita pelo usuário.

Tabela 35. Concatenações de Grupo Push-to-client

Grupos adicionais	Definições usadas
Nenhum	Padrão
Um	Padrão ou (padrão + grupo)
Diversos	Padrão ou (padrão + 1 grupo)

O Developer for System z usa a seguinte lógica ao construir e aplicar o conjunto de mudanças:

1. Aceita as atualizações, se houver, especificadas nas definições padrão.
2. Aceita as atualizações especificadas na definição do grupo selecionado, se houver, alterando aquelas padrão, se já estiverem lá.
3. Aplica as atualizações no cliente.

**Nota:** As atualizações podem consistir em ações de exclusão, inclusão e sobreposição.

## Ligação da Área de Trabalho

Embora um desenvolvedor possa fazer parte de diversos grupos simultaneamente, a área de trabalho ativa do desenvolvedor não pode. A área de trabalho ativa deve estar ligada a um grupo específico (que pode ser o grupo padrão) para receber atualizações de configuração ou do produto. Uma vez feita a ligação, ela não pode ser desfeita. Uma nova área de trabalho deverá ser criada se uma nova ligação de grupo for necessária.

Quando uma área de trabalho que não tem ligação de grupo se conecta ao host, e `config.enabled` (ou `product.enabled`) indica que a função de push-to-client está ativa, o Developer for System z consulta todos os grupos para determinar a quais grupos o usuário pertence e solicita que o usuário selecione um grupo para a função relacionada. Nas conexões sucessivas, somente o grupo selecionado é consultado para ver se a associação ao grupo ainda é válida.

As diretivas `reject.*.updates` não funcionam com diversos grupos; por isso, a configuração deles é mais simples e não requer ligação da área de trabalho. Quando uma atualização está presente, o Developer for System z determina se o usuário tem permissão para rejeitar a atualização, e age apropriadamente.

## Local de Metadados do Grupo

Conforme documentado em “Local de Metadados” na página 118, todos os metadados push-to-client são armazenados em uma estrutura de diretório na parte superior de `/var/rdz/pushtoclient/` ao usar uma configuração sem o suporte de grupo. O mesmo layout de dados é mantido quando o suporte de grupo é ativado, mas com uma pequena diferença de interpretação, do diretório base, `/var/rdz/pushtoclient/`:

- Os dados existentes em `/var/rdz/pushtoclient/` são interpretados como os dados do grupo padrão. A exportação para o grupo padrão cria ou atualiza os metadados em `/var/rdz/pushtoclient/`. Essa interpretação assegura a compatibilidade com os clientes versão 8.0.1 e versão 8.0.2, que são ativados para push-to-client, mas não suportam diversos grupos.
- A exportação para um grupo cria ou atualiza os metadados em `/var/rdz/pushtoclient/grouping/<devgroup>/`, como se esse fosse o diretório base em vez do `/var/rdz/pushtoclient/`. O valor `<devgroup>` corresponde ao nome do grupo designado a um grupo específico de desenvolvedores.

A customização do produto inicial cria o diretório `grouping/` em `/var/rdz/pushtoclient/`. O administrador de cliente é responsável por incluir os diretórios `<devgroup>/` em `/var/rdz/pushtoclient/grouping/`.

Observe que durante a customização inicial do produto, os diretórios `projects/`, `install/` e `install/responsefiles/` são criados em `/var/rdz/pushtoclient/`. O administrador do cliente deverá repetir essas ações `make-directory` em `/var/rdz/pushtoclient/grouping/<devgroup>/` se houver necessidade de cenários de upgrade de produto de grupo específico ou projetos baseados em host de grupo específico.

A seguinte sequência de comandos de amostra do z/OS UNIX cria os subdiretórios com a máscara de bits de permissão correta. Os comandos devem ser executados pelo administrador de cliente para evitar problemas de propriedade.

```
saved_umask=$(umask)
umask 0000
cd /var/rdz/pushtoclient/grouping/
mkdir -m775 <devgroup>
cd <devgroup>
mkdir -m775 install
mkdir -m775 install/responsefiles
mkdir -m775 projects
umask $saved_umask
```

Consulte o *UNIX System Services Command Reference* (SA22-7802) para obter mais informações sobre os comandos de amostra do z/OS UNIX.

## Etapas de Configuração

A configuração do suporte para diversos grupos de desenvolvedores requer uma coordenação entre o programador de sistema do z/OS, o administrador de cliente e o administrador que gerencia os critérios de seleção (o administrador de LDAP ou segurança). Na seguinte descrição do fluxo de trabalho, o administrador de segurança gerencia os critérios de seleção:

1. O administrador de cliente solicita ao administrador de segurança as informações sobre configuração de agrupamento existente para desenvolvedores. A reutilização da configuração existente agiliza e simplifica a configuração de push-to-client.
2. O administrador de cliente determina como ele deseja estruturar o suporte de diversos grupos e quem deve fazer parte desses grupos de push-to-client.

### Nota:

- Há sempre uma configuração padrão definida e um cenário de atualização de produto padrão.
  - Os conjuntos de mudanças de push-to-client podem incluir ações de exclusão, inclusão e sobreposição.
  - Os conjuntos de mudanças de push-to-client podem ficar vazios.
  - Um desenvolvedor pode fazer parte de nenhum, um ou vários grupos de push-to-client.
  - O administrador de cliente deve ser membro de cada grupo de push-to-client.
3. Os administradores de cliente e de segurança concordam quanto aos nomes de grupos push-to-client a serem usados.
  4. O administrador de cliente cria o diretório

```
/var/rdz/pushtoclient/grouping/<devgroup>
```

para cada grupo push-to-client.

**Nota:** Os bits de permissão desse diretório devem ser 775 (drwxrwxr-x).

5. O administrador de segurança faz a configuração inicial necessária para definir os perfis dos critérios de seleção push-to-client e inclui os grupos push-to-client nas listas de acesso.

### Nota:

- As estruturas de critérios de seleção devem ser definidas com pelo menos o administrador de cliente na lista de acesso para que o administrador de cliente possa criar os metadados push-to-client relacionados.
  - Para a configuração inicial, apenas o administrador de cliente deve estar na lista de acesso de um grupo push-to-client. Isso para evitar que os clientes do Developer for System z recebam configurações que estejam em construção.
6. O programador de sistema do z/OS ativa o suporte de diversos grupos ajustando `pushtoclient.properties`.

**Nota:** As diretivas `*.enabled` devem estar ativadas para que o administrador de cliente possa criar os metadados push-to-client relacionados.

7. O administrador de cliente cria as áreas de trabalho de cada grupo e as exporta para o host usando os respectivos nomes dos grupos. O administrador de cliente também cria os arquivos de resposta requeridos para criar cenários de atualização do produto específico do grupo.

8. O administrador de segurança inclui os desenvolvedores nos grupos push-to-client, ativando o push-to-client para os desenvolvedores.

---

## Seleção de Grupo Baseada em LDAP

Embora o protocolo LDAP seja o nome de um protocolo baseado em TCP/IP, ele é comumente usado para descrever um conjunto de serviços de diretório distribuídos. Como um banco de dados, um diretório é uma coleção estruturada de registros. O Developer for System z pode usar um servidor LDAP como um banco de dados hierárquico simples, no qual os grupos contêm um ou mais membros.

Ao usar definições no servidor LDAP como mecanismo de seleção (o valor LDAP é especificado para diretivas em `pushtoclient.properties`), o Developer for System z verifica a associação dos nomes de grupo listados na Tabela 36 para determinar a quais grupos de desenvolvedores o usuário pertence, e se um usuário tem permissão para rejeitar atualizações.

*Tabela 36. Informações do LDAP de Push-to-client*

Nome do grupo (cn=)	Resultado
FEK.PTC.CONFIG.ENABLED.sysname.devgroup	O cliente aceita atualizações de configuração para o grupo especificado
FEK.PTC.PRODUCT.ENABLED.sysname.devgroup	O cliente aceita atualizações de produto para o grupo especificado
FEK.PTC.REJECT.CONFIG.UPDATES.sysname	O usuário pode rejeitar atualizações de configuração
FEK.PTC.REJECT.PRODUCT.UPDATES.sysname	O usuário pode rejeitar atualizações de produto

O valor `devgroup` corresponde ao nome do grupo designado a um grupo específico de desenvolvedores. Observe que o nome do grupo é visível nos clientes do Developer for System z.

O valor `sysname` corresponde ao nome do sistema de destino.

## Esquema LDAP

O esquema LDAP deve satisfazer às seguintes regras:

1. Cada grupo push-to-client deve ser definido como grupo no esquema.
2. Cada usuário deve ser definido como usuário no esquema.
3. Uma entrada de grupo tem as referências para as entradas do usuário que pertencem a seu próprio grupo.

A Figura 26 na página 126 é uma definição LDAP de amostra para um grupo e usuário, expressa em formato LDIF.

**Nota:** O Formato de Troca de Dados LDAP (LDIF) é um formato de texto padrão para representar objetos LDAP e atualizações LDAP. Os arquivos que contêm registros LDIF são usados para transferir dados entre servidores de diretório ou como entrada pelos atributos LDAP.



```
# Group Definition
dn: cn=FEK.PTC.CONFIG.ENABLED.CDFMVS08.GROUPA,o=PTC,c=DeveloperForZ
objectClass: groupOfUniqueNames
objectClass: top
cn: FEK.PTC.CONFIG.ENABLED.CDFMVS08.GROUPA
description: Project A
uniqueMember: uid=mborn,ou=Users,dc=example,dc=com

# User Definition
dn: uid=mborn,ou=Users,dc=example,dc=com
objectClass: organizationalPerson
objectClass: person
objectClass: inetOrgPerson
objectClass: uidObject
objectClass: top
cn: May Born
sn: Born
uid: mborn
facsimiletelephonenumber: +1 800 982 6883
givenname: May
mail: mborn@example.com
ou: Users
```

Figura 26. Definição de esquema LDAP de amostra

## Seleção do Servidor LDAP

Há uma ampla seleção de servidores LDAP comerciais e grátis disponíveis. Um exemplo é o IBM Tivoli Directory Server (<http://www-01.ibm.com/software/tivoli/products/directory-server/>). Há também um ampla seleção de ferramentas de linha de comandos e baseadas na GUI para gerenciar um servidor LDAP.

Conforme mencionado em “Esquema LDAP” na página 125, cada usuário deve ser definido para o servidor LDAP. Para reduzir o esforço de gerenciamento, é melhor colocar o esquema push-to-client em um servidor LDAP que já tenha acesso a todas as definições de usuário. Por exemplo, você pode usar o IBM Tivoli Directory Server ativo no z/OS usando um banco de dados SDBM (que é um wrapper para seu banco de dados de segurança).

Dependendo das políticas do site, o esquema push-to-client no servidor LDAP pode ser gerenciado pelo administrador de cliente. Esse acordo reduz as necessidades de colaboração, bem como possíveis atrasos e erros de comunicação.

Um argumento em favor do gerenciamento LDAP pelo administrador de cliente é que o esquema push-to-client não contém nada que seja confidencial ou esteja relacionado a segurança. Quando definições de usuário estão disponíveis ao servidor LDAP através de outros esquemas, os objetos LDAP do Developer for System z apenas determinam quais opções um desenvolvedor tem na seleção de um layout de área de trabalho e upgrades automáticos de produtos do cliente do Developer for System z.

## Local do Servidor LDAP

Qualquer servidor de banco de dados que suporte o protocolo LDAP pode ser usado para hospedar o esquema push-to-client do Developer for System z. Portanto, o Developer for System z permite que você especifique as informações necessárias para conectar-se ao servidor LDAP. Também é possível especificar o sufixo que torna o banco de dados exclusivo no servidor LDAP.

rsed.envvars directive	Padrão
_RSE_LDAP_SERVER	Sistema de host local
_RSE_LDAP_PORT	389
_RSE_LDAP_PTC_GROUP_SUFFIX	"O=PTC,C=DeveloperForZ"



Observe que medidas de segurança de TCP/IP, como firewalls, podem fazer com que o servidor RSE (baseado em host) pare de entrar em contato com o servidor LDAP. Para assegurar-se de que o servidor LDAP possa ser atingido, entre em contato com o administrador de TCP/IP com as seguintes informações:

- Endereço TCP/IP ou nome do DNS do servidor LDAP
- Número da porta do servidor LDAP
- O LDAP usa o protocolo TCP
- O servidor LDAP é contatado pelo servidor RSE baseado em host
- O servidor RSE está ativo em um espaço de endereço RSEdx, em que RSEd é o nome da tarefa iniciada do RSE e x é um número aleatório de um dígito

## Configuração de Amostra

Suponha que uma empresa tenha o Developer for System z ativo no sistema CDFMVS08. O IBM Tivoli Directory Server, também ativo no CDFMVS08, é usado como servidor LDAP. O servidor LDAP é configurado conforme descrito em “Incluindo Backend push-to-client no LDAP”.

Os seguintes usuários utilizam o Developer for System z:

- Desenvolvedores que trabalham em aplicativos financeiros, o ID do usuário BNK010 -> BNK014
- Desenvolvedores que trabalham em aplicativos de seguro, o ID do usuário INS010 -> INS014
- Um administrador de cliente do Developer for System z, ID do usuário RDZADM1

Cada grupo de desenvolvedores requer arquivos de configuração de cliente específicos, e todos os desenvolvedores estão sujeitos ao mesmo controle de versão de cliente. Ao contrário dos administradores de cliente, os desenvolvedores não têm permissão para rejeitar nenhuma mudança que o push-to-client apresente.

Os administradores de cliente e de LDAP concordam em usar os nomes de grupo BANKING e INSURANCE para atualizações de configuração.

### Incluindo Backend push-to-client no LDAP

Neste exemplo, são feitas atualizações no IBM Tivoli Directory Server no z/OS, atualmente usando apenas um banco de dados SDBM (wrapper de banco de dados de segurança), incluindo um banco de dados LDBM (arquivos do z/OS UNIX) para hospedar o esquema push-to-client.

1. Inclua a seção backend do LDBM no arquivo de configuração LDAP.

```
# filename ds.conf
# restart GLDSRV started task to pick up changes

# global section
adminDN "cn=LDAP admin"
adminPW password
listen ldap://:389
schemaPath /etc/ldap

# SDBM back-end section (RACF)
database SDBM GLDBSD31/GLDBSD64
suffix "cn=RACF,o=IBM,c=US"

# LDBM back-end section (z/OS UNIX files)
database LDBM GLDBLD31/GLDBLD64 LDBM-RDZ
suffix "o=PTC,c=DeveloperForZ"
databaseDirectory /var/ldap/ldbm/rdz
```

2. Pare e inicie a tarefa iniciada do LDAP, GRDSRV, para selecionar as mudanças na configuração.
3. Crie o diretório /var/ldap/ldbm/rdz.  

```
mkdir -p /var/ldap/ldbm/rdz
```
4. Atualize o esquema LDAP para incluir o backend do LDBM.

```
ldapmodify -D "cn=LDAP admin" -w password -f
/usr/lpp/ldap/etc/schema.user.ldif

ldapmodify -D "cn=LDAP admin" -w password -f
/usr/lpp/ldap/etc/schema.IBM.ldif
```

## 5. Inclua a entrada raiz no backend do LDBM.

```
ldapadd -D "cn=LDAP admin" -w password -f
/u/ibmuser/ptc_root.ldif
```

em que `/u/ibmuser/ptc_root.ldif` contém o seguinte:

```
dn: o=PTC,c=DeveloperForZ
objectclass: top
objectclass: organization
o: PTC
```

## Configuração de Grupo LDAP Inicial

Inclua os diferentes objetos de grupo LDAP no esquema e torne o administrador de cliente parte de cada um deles. A definição de usuário para o ID do usuário RDZADM1 é extraída do esquema RACF.

```
ldapadd -D "cn=LDAP admin" -w password -f /u/ibmuser/ptc_setup.ldif
```

em que `/u/ibmuser/ptc_setup.ldif` contém o seguinte:

```
# banking workspace configuration
dn: cn=FEK.PTC.CONFIG.ENABLED.CDFMVS08.BANKING,o=PTC,c=DeveloperForZ
objectclass: groupOfUniqueNames
cn: FEK.PTC.CONFIG.ENABLED.CDFMVS08.BANKING
description: Developer for System z push-to-client
# give client administrator access
uniqueMember: racfID=RDZADM1,profileType=user,cn=RACF,o=IBM,c=US

# insurance workspace configuration
dn: cn=FEK.PTC.CONFIG.ENABLED.CDFMVS08.INSURANCE,o=PTC,c=DeveloperForZ
objectclass: groupOfUniqueNames
cn: FEK.PTC.CONFIG.ENABLED.CDFMVS08.INSURANCE
description: Developer for System z push-to-client
# give client administrator access
uniqueMember: racfID=RDZADM1,profileType=user,cn=RACF,o=IBM,c=US

# reject configuration updates
dn: cn=FEK.PTC.REJECT.CONFIG.UPDATES.CDFMVS08,o=PTC,c=DeveloperForZ
objectclass: groupOfUniqueNames
cn: FEK.PTC.REJECT.CONFIG.UPDATES.CDFMVS08
description: Developer for System z push-to-client
# give client administrator access
uniqueMember: racfID=RDZADM1,profileType=user,cn=RACF,o=IBM,c=US

# reject product updates
dn: cn=FEK.PTC.REJECT.PRODUCT.UPDATES.CDFMVS08,o=PTC,c=DeveloperForZ
objectclass: groupOfUniqueNames
cn: FEK.PTC.REJECT.PRODUCT.UPDATES.CDFMVS08
description: Developer for System z push-to-client
# give client administrator access
uniqueMember: racfID=RDZADM1,profileType=user,cn=RACF,o=IBM,c=US
```

## Incluir Desenvolvedores em Grupos LDAP

Inclua os desenvolvedores nos objetos de grupos LDAP. As definições do usuário para IDs de usuário são obtidas do esquema RACF.

```
ldapmodify -D "cn=LDAP admin" -w password -f /u/ibmuser/ptc_add.ldif
```

em que `/u/ibmuser/ptc_add.ldif` retém o seguinte:

```
# banking workspace configuration
dn: cn=FEK.PTC.CONFIG.ENABLED.CDFMVS08.BANKING,o=PTC,c=DeveloperForZ
changeType: modify
add: uniqueMember
uniqueMember: racfID=BNK010,profileType=user,cn=RACF,o=IBM,c=US
uniqueMember: racfID=BNK011,profileType=user,cn=RACF,o=IBM,c=US
uniqueMember: racfID=BNK012,profileType=user,cn=RACF,o=IBM,c=US
uniqueMember: racfID=BNK013,profileType=user,cn=RACF,o=IBM,c=US
uniqueMember: racfID=BNK014,profileType=user,cn=RACF,o=IBM,c=US

# insurance workspace configuration
dn: cn=FEK.PTC.CONFIG.ENABLED.CDFMVS08.INSURANCE,o=PTC,c=DeveloperForZ
changeType: modify
add: uniqueMember
uniqueMember: racfID=INS010,profileType=user,cn=RACF,o=IBM,c=US
uniqueMember: racfID=INS011,profileType=user,cn=RACF,o=IBM,c=US
uniqueMember: racfID=INS012,profileType=user,cn=RACF,o=IBM,c=US
uniqueMember: racfID=INS013,profileType=user,cn=RACF,o=IBM,c=US
uniqueMember: racfID=INS014,profileType=user,cn=RACF,o=IBM,c=US
```

## pushtoclient.properties

```
# BANKING e INSURANCE têm necessidades de configuração diferentes
config.enabled=LDAP
# todos recebem atualizações do produto
product.enabled=TRUE
```

```
# somente RDZADMIN pode rejeitar atualizações de configuração
reject.config.updates=LDAP
# somente RDZADMIN pode rejeitar atualizações de produto
reject.product.updates=LDAP
```

## rsed.envvars

Nenhuma atualização é necessária porque os padrões são usados:

- `_RSE_LDAP_SERVER=CDFMVS08.RALEIGH.IBM.COM`
- `_RSE_LDAP_PORT=389`
- `_RSE_LDAP_PTC_GROUP_SUFFIX="o=PTC,c=DeveloperForZ"`

## /var/rdz/pushtoclient/\*install

Ao exportar a configuração da área de trabalho para os grupos BANKING e INSURANCE, o assistente de exportação cria os diretórios `/var/rdz/pushtoclient/grouping/<devgroup>/`, bem como a estrutura de diretório por trás dele.

- `/var/rdz/pushtoclient/grouping/BANKING/*`
- `/var/rdz/pushtoclient/grouping/INSURANCE/*`

Como não há cenários de upgrade de produto individualizado, o administrador de cliente não precisa criar ou atualizar os subdiretórios `install/` e `install/responsefiles/` no `/var/rdz/pushtoclient/grouping/<devgroup>`.

O administrador de cliente deve criar os arquivos de resposta necessários para atualizações do produto no diretório de grupo padrão, `/var/rdz/pushtoclient/install/responsefiles/`.

## Seleção de Grupo Baseada em SAF

SAF (Security Access Facility) é uma interface para acessar qualquer produto de segurança do z/OS. O Developer for System z pode usar essa interface para consultar o produto de segurança e recuperar informações relacionadas a push-to-client.

Ao usar as definições do banco de dados de segurança como mecanismo de seleção (o valor SAF é especificado para diretivas em `pushtoclient.properties`), o Developer for System z verifica as permissões de acesso aos perfis listados na Tabela 37 para determinar a quais grupos de desenvolvedores o usuário pertence, e se um usuário tem permissão para rejeitar atualizações.

*Tabela 37. Informações do SAF de Push-to-client*

Perfil FACILITY	Compri mento fixo	Acesso Neces sário	Resultado
FEK.PTC.CONFIG.ENABLED. sysname.devgroup	23	READ	O cliente aceita atualizações de configuração para o grupo especificado
FEK.PTC.PRODUCT.ENABLED. sysname.devgroup	24	READ	O cliente aceita atualizações de produto para o grupo especificado
FEK.PTC.REJECT.CONFIG. UPDATES.sysname	30	READ	O usuário pode rejeitar atualizações de configuração

Tabela 37. Informações do SAF de Push-to-client (continuação)

Perfil FACILITY	Comprimento fixo	Acesso Necessário	Resultado
FEK.PTC.REJECT.PRODUCT. UPDATES.sysname	31	READ	O usuário pode rejeitar atualizações de produto

**Nota:** O Developer for System z presume que um usuário não tenha autorização de acesso quando o software de segurança indica que ele não pode determinar se um usuário tem ou não autorização de acesso a um perfil. Um exemplo disso é quando o perfil não está definido.

O valor devgroup corresponde ao nome do grupo designado a um grupo específico de desenvolvedores. Observe que o nome do grupo é visível nos clientes do Developer for System z.

O valor sysname corresponde ao nome do sistema de destino.

A coluna “Comprimento fixo” documenta o comprimento da parte fixa do perfil de segurança relacionado.

Por padrão, o Desenvolvedor para System z espera que os perfis FEK.\* estejam na classe de segurança FACILITY. Observe que os perfis na classe FACILITY estão limitados a 39 caracteres. Se a soma do comprimento da parte de perfil fixo (FEK.PTC.<key>.) e o comprimento da parte de perfil específico do site (sysname ou sysname.devgroup) exceder esse número, você poderá colocar os perfis em outra classe e instruir o Developer for System z a usar essa classe no lugar. Para fazer isso, remova o comentário da linha \_RSE\_FEK\_SAF\_CLASS em rsed.envvars e forneça o nome de classe desejado.

## Configuração de Amostra

Suponha que uma empresa tenha o Developer for System z ativo no sistema CDFMVS08. O banco de dados de segurança RACF é compartilhado entre diversos sistemas e os grupos a seguir são definidos no banco de dados de segurança:

- DEVBANK: desenvolvedores que trabalham em aplicativos financeiros
- DEVINSUR: desenvolvedores que trabalham em aplicativos de seguro
- RDZADMIN: administradores de cliente do Developer for System z

Cada grupo de desenvolvedores requer arquivos de configuração de cliente específicos, e todos os desenvolvedores estão sujeitos ao mesmo controle de versão de cliente. Ao contrário dos administradores de cliente, os desenvolvedores não têm permissão para rejeitar nenhuma mudança que o push-to-client apresente. A regra de rejeição é válida para todos os sistemas, em preparação para expansão futura.

Os administradores de cliente e de segurança concordam em usar os nomes de grupo de push-to-client, BANKING e INSURANCE, para atualizações de configuração.

## Definição de Segurança

```
# permitir que RDZADMIN e DEVBANK selecionem o grupo de push-to-client BANKING
RDEFINE FACILITY (FEK.PTC.CONFIG.ENABLED.CDFMVS08.BANKING) -
  UACC(NONE) DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z - PUSH-TO-CLIENT')
PERMIT FEK.PTC.CONFIG.ENABLED.CDFMVS08.BANKING CLASS(FACILITY) -
  ID(RDZADMIN DEVBANK) ACCESS(READ)
```

```
# permitir que RDZADMIN e DEVINSUR selecione o grupo de push-to-client INSURANCE
RDEFINE FACILITY (FEK.PTC.CONFIG.ENABLED.CDFMVS08.INSURANCE) -
  UACC(NONE) DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z - PUSH-TO-CLIENT')
PERMIT FEK.PTC.CONFIG.ENABLED.CDFMVS08.INSURANCE CLASS(FACILITY) -
  ID(RDZADMIN DEVINSUR) ACCESS(READ)

# RDZADMIN pode rejeitar atualizações de configuração em qualquer sistema
RDEFINE FACILITY (FEK.PTC.REJECT.CONFIG.UPDATES.*) -
  UACC(NONE) DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z - PUSH-TO-CLIENT')
PERMIT FEK.PTC.REJECT.CONFIG.UPDATES.* CLASS(FACILITY) -
  ID(RDZADMIN) ACCESS(READ)

# RDZADMIN pode rejeitar atualizações de produto em qualquer sistema
RDEFINE FACILITY (FEK.PTC.REJECT.PRODUCT.UPDATES.*) -
  UACC(NONE) DATA('RATIONAL DEVELOPER FOR SYSTEM Z - PUSH-TO-CLIENT')
PERMIT FEK.PTC.REJECT.CONFIG.UPDATES.* CLASS(FACILITY) -
  ID(RDZADMIN) ACCESS(READ)

# ativar mudanças
SETROPTS RACLIST(FACILITY) REFRESH
```

## pushtoclient.properties

```
# BANKING e INSURANCE têm necessidades de configuração diferentes
config.enabled=SAF
# todos recebem atualizações do produto
product.enabled=TRUE
# somente RDZADMIN pode rejeitar atualizações de configuração
reject.config.updates=SAF
# somente RDZADMIN pode rejeitar atualizações de produto
reject.product.updates=SAF
```

## rsed.envvars

Nenhuma atualização é necessária porque os padrões são usados:

```
_RSE_FEK_SAF_CLASS=FACILITY
```

## /var/rdz/pushtoclient/\*install

Ao exportar a configuração da área de trabalho para os grupos BANKING e INSURANCE, o assistente de exportação cria os diretórios `/var/rdz/pushtoclient/grouping/<devgroup>/`, bem como a estrutura de diretório por trás dele.

- `var/rdz/pushtoclient/grouping/BANKING/*`
- `/var/rdz/pushtoclient/grouping/INSURANCE/*`

Como não há cenários de upgrade de produto individualizado, o administrador de cliente não precisa criar ou atualizar os subdiretórios `install/` e `install/responsefiles/` no `/var/rdz/pushtoclient/grouping/<devgroup>/`.

O administrador de cliente deve criar os arquivos de resposta necessários para atualizações do produto no diretório de grupo padrão, `/var/rdz/pushtoclient/install/responsefiles/`.

## Período de Carência para Rejeitar Mudanças

Suponha que enquanto a configuração de amostra está ativa, um fix pack do Developer for System z com correções importantes se torne disponível, mas o cronograma de um projeto financeiro faz com que vários desenvolvedores estejam muito ocupados para alterar qualquer coisa em suas estações de trabalho imediatamente.

Para resolver o problema, o administrador de segurança pode conceder a todos os desenvolvedores DEVBANK um período de carência durante o qual eles podem optar por adiar (rejeitar) a atualização.

Configurar o período de carência é um processo muito simples:

```
# start of grace period
PERMIT FEK.PTC.REJECT.PRODUCT.UPDATES.* CLASS(FACILITY) -
  ID(DEVBANK) ACCESS(READ)

# ativar mudanças
SETROPTS RACLIST(FACILITY) REFRESH
```

Ao final do período de carência, a autoridade adicional pode ser removida novamente:

```
# end of grace period
PERMIT FEK.PTC.REJECT.PRODUCT.UPDATES.* CLASS(FACILITY) -
ID(DEVBANK) DELETE

# ativar mudanças
SETROPTS RACLIST(FACILITY) REFRESH
```

---

## Projetos baseados no host

Os projetos do z/OS podem ser definidos individualmente por meio da perspectiva Projetos do z/OS no cliente, ou podem ser definidos centralmente no host e propagados para o cliente em uma base por usuário individual. Esses "projetos baseados em host" se parecem e funcionam exatamente como os projetos definidos no cliente, exceto que sua estrutura, seus membros e suas propriedades não podem ser modificados pelo cliente e só podem ser acessados quando conectados ao host.

O diretório base para projetos baseados em host é definido (pelo administrador do cliente) em `/var/rdz/pushtoclient/keymapping.xml`, e é `/var/rdz/pushtoclient/projects` por padrão.

Para configurar projetos baseados em host, o gerente de projeto ou o desenvolvedor líder precisa definir os seguintes tipos de arquivos de configuração. Todos os arquivos são XML codificados para UTF-8.

- Os arquivos de instância de projeto são específicos de um único ID do usuário e apontam para arquivos de definição de projeto reutilizáveis. Cada usuário que trabalha com projetos baseados em host precisa de um subdiretório, `/var/rdz/pushtoclient/projects/<userid>/`, contendo um arquivo de instância de projeto (\*.hbpin) para cada projeto a ser transferido por download.
- Os arquivos de definição de projeto definem a estrutura e o conteúdo do projeto e podem ser reutilizados por diversos usuários. Os arquivos de definição de projeto (\*.hbppd) listam os subprojetos contidos pelo projeto e estão localizados no diretório de definição de projeto raiz ou em um de seus subdiretórios.
- Os arquivos de definição de subprojeto definem a estrutura e o conteúdo do subprojeto e podem ser reutilizados por diversos usuários. Os arquivos de definição de subprojeto (\*.hbpsd) definem o conjunto de recursos requeridos para construir um único módulo de carregamento e estão localizados no diretório de definição de projeto raiz ou em um de seus subdiretórios.
- Os arquivos de propriedades de subprojeto são arquivos de propriedades com suporte a substituição de variável e podem ser reutilizados por diversos subprojetos. Os arquivos de propriedade de subprojeto (\*.hbppr) suportam substituição de variável para permitir compartilhamento de arquivos de propriedade entre diversos usuários e estão localizados no diretório de definição de projeto raiz ou em um de seus subdiretórios.

Os projetos baseados em host também são elegíveis para participar da configuração de diversos grupos discutida em "Diversos Grupos de Desenvolvedores" na página 121. Essa elegibilidade significa que os projetos baseados em host podem ser definidos também em `/var/rdz/pushtoclient/grouping/<devgroup>/projects/`.

Quando uma área de trabalho está ligada a um grupo específico, e há definições de projeto para um usuário nesse grupo e no grupo padrão, o usuário recebe as definições do projeto dos grupos padrão e específico.

---

## Capítulo 8. considerações CICSTS

Tradicionalmente, a função de definição de recursos para o CICS tem sido o domínio do administrador do CICS. Há uma resistência em permitir que o desenvolvedor de aplicativos defina recursos do CICS por vários motivos:

- A maioria das definições de recursos do CICS tem muitos parâmetros que, devido à complexidade, ao inter-relacionamento com outras definições de recurso e aos padrões de compra, requerem conhecimento de administrador do CICS para obter uma definição correta. Definições incorretas podem causar resultados inesperados que podem afetar a região inteira do CICS.
- A maioria das lojas de clientes fornece ambientes de desenvolvimento e de teste do CICS que devem estar disponíveis para uso compartilhado por vários grupos de aplicativos e desenvolvedores. Muitas lojas de cliente têm Acordos de Nível de Serviço em vigor para esses ambientes. Para atender a esses contratos, é necessário controle estrito dos ambientes.

Developer for System z aborda esses problemas permitindo que os administradores do CICS controlem padrões de definição de recurso do CICS e controlem as propriedades de exibição de um parâmetro de definição de recurso do CICS por meio do servidor CICS Resource Definition (CRD), que é parte do Application Deployment Manager.

Por exemplo, o administrador do CICS pode fornecer certos parâmetros de definição de recurso do CICS que podem não ser atualizados pelo desenvolvedor de aplicativos. Outros parâmetros de definição de recurso do CICS podem ser atualizados, com ou sem os padrões fornecidos, ou o parâmetro de definição de recurso do CICS pode ser ocultado para evitar uma complexidade desnecessária.

Quando o desenvolvedor de aplicativos estiver satisfeito com as definições de recursos do CICS, elas poderão ser instaladas imediatamente no ambiente de teste do CICS em execução, ou poderão ser exportadas em um manifesto para edição e aprovação adicionais por um administrador do CICS. O administrador do CICS pode utilizar o administrative utility (utilitário em lote) ou a ferramenta Processamento de Manifesto para implementar as alterações de definição de recurso.

**Nota:** A ferramenta Processamento de Manifesto é um plug-in para o IBM CICS Explorer.

Consulte "(Opcional) Gerenciador de Implementação do Aplicativo" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658) para obter mais informações sobre as tarefas necessárias para configurar o Application Deployment Manager em seu sistema host.

Customizar o Application Deployment Manager inclui os serviços a seguir no Developer for System z:

- (no cliente) O IBM CICS Explorer fornece uma infraestrutura baseada em Eclipse para visualizar e gerenciar recursos CICS e possibilita maior integração entre as ferramentas CICS
- (no cliente) O editor CICS Resource Definition (CRD)
- (no host) O servidor CICS Resource Definition (CRD), que é executado como um aplicativo CICS



O servidor CICS Resource Definition (CRD) do Application Deployment Manager consiste no próprio servidor CRD, um repositório CRD, definições do recurso CICS associadas e, ao usar a interface de Serviço da Web, arquivos de ligação de Serviço da Web e um manipulador de mensagens do pipeline de amostra. O servidor CRD deve executar em uma Web Owning Region (WOR), que é mencionada na documentação do Developer for System z como a região de conexão primária do CICS.

Consulte o Centro de Informações do Developer for System z (<http://pic.dhe.ibm.com/infocenter/ratdevz/v9r0/index.jsp>) para aprender mais sobre os serviços do Application Deployment Manager disponíveis na liberação atual do Developer for System z.

---

## RESTful versus Serviços da Web

O CICS Transaction Server fornece na versão 4.1 e posterior suporte para uma interface HTTP projetada usando princípios do Representational State Transfer (RESTful). Essa interface RESTful é agora a interface CICSTS estratégica para uso por aplicativos clientes. A interface de Serviço da Web mais antiga foi estabilizada e os aprimoramentos serão apenas para a interface RESTful.

O Application Deployment Manager segue essa instrução de direção e exige o servidor RESTful CRD para todos os serviços que são novos no Developer for System versão 7.6 ou superior.

O RESTful e as interfaces de Serviço da Web podem ser ativados simultaneamente em uma única região CICS, se desejado. Nesse caso, haverá dois servidores CRD ativos na região. Os dois servidores compartilharão o mesmo repositório CRD. Observe que o CICS emitirá alguns avisos sobre definições duplicadas quando a segunda interface for definida para a região.

---

## Regiões de Conexão Primária versus Não-primária

Um ambiente de teste do CICS pode consistir de várias regiões Multi-Region Option (MRO) conectadas. Com o tempo, foram utilizadas designações não oficiais para classificar essas regiões. As designações típicas são Terminal Owning Region (TOR), Web Owning Region (WOR), Application Owning Region (AOR) e Data Owning Region (DOR).

Uma Web Owning Region é usada para implementar suporte aos Serviços da Web do CICS e o servidor CICS Resource Definition (CRD) do Application Deployment Manager deve ser executado nessa região. Esta região é conhecida no Gerenciador de Implementação do Aplicativo como a região de conexão primária do CICS. O cliente do CRD implementa uma conexão de serviço da Web na região de conexão primária do CICS.

As regiões de conexão não-primárias do CICS são todas as outras regiões que o servidor CRD pode atender. Esse serviço inclui visualizar recursos utilizando IBM CICS Explorer e definir recursos utilizando o editor de definição de recurso do CICS.

Se o CICSplex SM Business Application Services (BAS) for usado para gerenciar as definições de recurso do CICS da região de conexão primária do CICS, todas as outras regiões do CICS gerenciadas pelo BAS poderão ser atendidas pelo servidor CRD.



As regiões do CICS não gerenciadas pelo BAS requerem alterações adicionais para poderem ser atendidas pelo servidor CRD.

---

## Log de Instalação de Recurso do CICS

As ações feitas pelo servidor CRD em relação aos recursos do CICS são registradas na fila do CICS CSDL TD, que normalmente aponta para a DD MSGUSR de sua região do CICS.

Se o CICSplex SM Business Application Services (BAS) for usado para gerenciar as definições de recursos do CICS, a diretiva CICSplex SM EYUPARM BASLOGMSG deverá ser configurada como (YES) para que o log seja criado.

---

## segurança do Application Deployment Manager

### segurança do repositório CRD

O conjunto de dados de VSAM do repositório do servidor CRD contém todas as definições de recurso padrão e deve, portanto, ser protegido contra atualizações, mas os desenvolvedores devem ter permissão para ler os valores armazenados aqui. Consulte “Definir Perfis de Conjuntos de Dados” na página 51 para obter comandos RACF de amostra para proteger o repositório do CRD.

### Segurança de Pipeline

Quando uma mensagem SOAP for recebida pelo CICS por meio da interface de Serviço da Web, ela será processada por um pipeline. Um pipeline é um conjunto de manipuladores de mensagens que são executados em sequência. O CICS lê o arquivo de configuração do pipeline para determinar quais manipuladores de mensagens devem ser chamados no pipeline. Um manipulador de mensagem é um programa no qual você pode executar processamento especial de pedidos e respostas de serviço da Web.

O Application Deployment Manager fornece um arquivo de configuração de pipeline de amostra que especifica a chamada de um manipulador de mensagens e um programa de processamento de cabeçalho SOAP.

O manipulador de mensagens do pipeline (ADNTMSGH) é usado para segurança através do processamento do ID do usuário e da senha no cabeçalho SOAP. ADNTMSGH é referido pelo arquivo de configuração de pipeline de amostra e, portanto, deve ser colocado na concatenação RPL do CICS.

### Segurança da Transação

CPIH é o ID da transação padrão que um aplicativo chamado por um pipeline executará. Geralmente, o CPIH é configurado para um nível mínimo de autorização.

O Developer for System z fornece várias transações que são usadas pelo servidor CRD durante a definição e a consulta de recursos do CICS. Esses IDs de transação são configurados pelo servidor CRD, dependendo da operação solicitada. Consulte “(Opcional) Gerenciador de Implementação do Aplicativo” no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658) para obter mais informações sobre como customizar os IDs de transação.

Transação	Descrição
ADMS	Para solicitações da ferramenta Processamento de Manifesto para alterar recursos do CICS. Geralmente, isso é destinado aos administradores do CICS. Essa transação requer um alto nível de autorização.
ADMI	Para pedidos que definam, instalem ou desinstalem recursos do CICS. Essa transação pode requerer um nível médio de autorização, dependendo das políticas do site.
ADMR	Para todos os outros pedidos que recuperam as informações de ambiente e de recurso do CICS. Essa transação pode requerer um nível mínimo de autorização, dependendo das políticas do site.

Alguns ou todos esses pedidos de definição de recurso feitos pelas transações do servidor CRD devem ser protegidos. No mínimo, os comandos de atualização (parâmetros de atualização padrão do serviço da Web, parâmetros padrão do descritor e o nome de arquivo para ligação do nome do conjunto de dados) devem ser protegidos para impedir que todos, exceto os administradores do CICS, emitam esses comandos usados para configurar padrões de recurso global.

Quando a transação é conectada, a verificação de segurança de recurso do CICS, se ativada, garante que o ID do usuário esteja autorizado para executar o ID de transação.

A verificação de recursos é controlada pela opção RESSEC na transação que está executando o parâmetro de inicialização do sistema RESSEC e, para o servidor do CRD, o parâmetro de inicialização do sistema XPCT.

A verificação de recursos ocorre apenas se o parâmetro de inicialização do sistema XPCT tiver um valor diferente de N0 e a opção RESSEC da definição TRANSACTION for YES ou o parâmetro de inicialização do sistema RESSEC for ALWAYS.

Os seguintes comandos RACF mostram como as transações do servidor CRD podem ser protegidas. Consulte o *RACF Security Guide for CICSTS* para obter informações adicionais sobre a definição da segurança do CICS.

- RALTER GCICSTRN SYSADM UACC(NONE) ADDMEM(ADMS)
- PERMIT SYSADM CLASS(GCICSTRN) ID(#cicsadmin)
- RALTER GCICSTRN DEVELOPER UACC(NONE) ADDMEM(ADMI)
- PERMIT DEVELOPER CLASS(GCICSTRN) ID(#cicsdeveloper)
- RALTER GCICSTRN ALLUSER UACC(READ) ADDMEM(ADMR)
- SETROPTS RACLIST(TCICSTRN) REFRESH

## comunicação criptografada por SSL

A criptografia SSL do fluxo de dados é suportada quando o cliente do Application Deployment Manager usa a interface dos Serviços da Web para invocar o servidor CRD. O uso de SSL para essa comunicação é controlado pela palavra-chave SSL(YES) na definição CICSTS TCIPSERVICE, conforme documentado em *RACF Security Guide para CICSTS*.

## Segurança do Recurso

O CICSTS fornece a capacidade de proteger os recursos e os comandos para manipulá-los. Algumas ações do Application Deployment Manager podem falhar se a segurança estiver ativada, mas não configurada completamente (por exemplo, concedendo permissões para manipular novos tipos de recursos).

Em caso de falha da função no Application Deployment Manager, examine o log do CICS para obter mensagens como a seguir e execute as ações corretivas, conforme documentado em *RACF Security Guide para CICSTS*.

```
DFHXS1111 %date %time %applid %trandid Security violation by user
%userid at netname %portname for resource %resource in class
%classname. SAF codes are (X'safresp',X'safreas'). ESM codes are
(X'esmresp',X'esmreas').
```

---

## Administrative Utility

O Developer for System z fornece o utilitário administrativo para permitir que administradores do CICS forneçam os valores-padrão para as definições de recurso do CICS. Esses padrões podem ser somente de leitura ou podem ser editados pelo desenvolvedor de aplicativos.

O administrative utility fornece as seguintes funções:

- Nome do CICSplex para ambientes de teste gerenciados pelo CICSplex
- Nome do grupo de migração de dados do CICSplex SM
- Configuração da regra de exportação do manifesto
- Padrões de atributo de recurso do CICS e permissões de exibição
- Ligação lógica para física do CICS usada para definições de conjuntos de dados VSAM

O administrative utility é chamado pela tarefa de amostra ADNJSAPU no conjunto de dados FEK.#CUST.JCL. O uso desse utilitário requer acesso UPDATE ao repositório do CRD.

ADNJSAPU está localizado em FEK.#CUST.JCL, a menos que o programador do sistema z/OS tenha especificado um local diferente quando customizou e enviou a tarefa FEK.SFEKSAMP(FEKSETUP). Consulte "Configuração de customização" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658) para obter mais detalhes.

**Nota:** O repositório CRD deve ser fechado no CICS antes de executar a tarefa ADNJSAPU. O repositório pode ser aberto novamente após a conclusão da tarefa. Por exemplo, após se conectar ao CICS, digite os seguintes comandos para fechar e abrir o arquivo, respectivamente:

- CEMT S FILE(ADNREPF0) CLOSED
- CEMT S FILE(ADNREPF0) OPEN

As instruções de controle de entrada são usadas para atualizar o repositório do CRD de um ambiente de teste do CICS, para o qual as regras gerais de sintaxe a seguir se aplicam:

- Um asterisco na posição 1 indica uma linha de comentário.
- Um comando DEFINE deve iniciar na posição 1, seguido por um único espaço e seguido por uma palavra-chave válida, como TRANSACTION.
- Um valor de palavra-chave deve existir imediatamente após uma palavra-chave. Não são permitidos espaços entre eles. A única exceção é para a exibição das palavras-chave de permissão UPDATE, PROTECT e HIDDEN, que não têm valores.

- Os valores de palavra-chave são colocados entre parênteses.
- Uma palavra-chave e seu valor devem estar contidos em uma única linha.

As definições de amostra a seguir seguem a estrutura dos comandos DFHCSDUP, conforme definido no *CICS Resource Definition Guide para CICSTS*. A única diferença é a inserção das seguintes palavras-chave de permissão de exibição usadas para agrupar valores de atributo em três conjuntos de permissões:

UPDATE	Os atributos que seguem essa palavra-chave serão atualizados por um desenvolvedor de aplicativos utilizando Developer for System z. Esse também é o padrão para atributos omitidos.
PROTECT	Os atributos que seguem essa palavra-chave serão exibidos, mas estarão protegidos contra atualizações por um desenvolvedor de aplicativos utilizando Developer for System z.
HIDDEN	Os atributos que seguem essa palavra-chave não serão exibidos e estarão protegidos contra atualizações por um desenvolvedor de aplicativos utilizando Developer for System z.

Consulte a seguinte amostra de código ADNJSAPU.

```
//ADNJSAPU JOB <JOB PARAMETERS>
/*
//ADNJSAPU EXEC PGM=ADNJSAPU,REGION=1M
//STEPLIB DD DISP=SHR,DSN=FEC.SFEKLOAD
//ADMREP DD DISP=OLD,DSN=FEC.#CUST.ADNREPFO
//SYSPRINT DD SYSOUT=*
//SYSIN DD *
*
* Parâmetros CICSplex SM
*
*
* DEFINE CPSMNAME( )
*DEFINE STAGINGGROUPNAME(ADMSTAGE)
*
* Regra de exportação de manifesto
*
*DEFINE MANIFESTEXPORTRULE(installOnly)
*
* Padrões de definição de recurso do CICS
* Atributos omitidos são padronizados como UPDATE.
*
* Atributos padrão DB2TRAN
*
*DEFINE DB2TRAN()
*   UPDATE DESCRIPTION()
*   ENTRY()
*   TRANSID()
*
* Atributos padrão DOCTEMPLATE
*
*DEFINE DOCTEMPLATE()
*   UPDATE DESCRIPTION()
*   TEMPLATENAME()
*   FILE() TSQUEUE() TDQUEUE() PROGRAM() EXITPGM()
*   DDNAME(DFHHTML) MEMBERNAME()
*   HFSFILE()
*   APPENDCRLF(YES) TYPE(EBCDIC)
*
* Atributos padrão de arquivo
*
*DEFINE FILE()
*   UPDATE DESCRIPTION()
*   RECORDSIZE() KEYLENGTH()
*   RECORDFORMAT(V) ADD(NO)
*   BROWSE(NO) DELETE(NO) READ(YES) UPDATE(NO)
*   REMOTESYSTEM() REMOTENAME()
*   PROTECT DSNNAME() RLSACCESS(NO) LSRPOOLID(1) STRINGS(1)
*   STATUS(ENABLED) OPENTIME(FIRSTREF)
*   DISPOSITION(SHARE) DATABUFFERS(2) INDEXBUFFERS(1)
*   TABLE(NO) MAXNUMRECS(NOLIMIT)
*   READINTEG(UNCOMMITTED) DSNSHARING(ALLREQS)
*   UPDITEMODEL(LOCKING) LOAD(NO)
*   JNLREAD(NONE) JOURNAL(NO)
*   JNLSYNCREAD(NO) JNLUPDATE(NO)
*   JNLADD(NONE) JNLSYNWRITE(YES)
*   RECOVERY(NONE) FWDRECOVLOG(NO)
*   BACKUPTYPE(STATIC)
*   PASSWORD() NSRGROUP()
*   CFDTPOOL() TABLNAME()
```

Figura 27. ADNJSAPU - Administrative utility do CICSTS

```

*
* Atributos padrão Mapset
*
DEFINE MAPSET()
    UPDATE DESCRIPTION()
    PROTECT RESIDENT(NO) STATUS(ENABLED)
    USAGE(NORMAL) USELPACOPY(NO)
** Atributos padrão de tipo de processo
*
DEFINE PROCESSTYPE()
    UPDATE DESCRIPTION()
    FILE(BTS)
    PROTECT STATUS(ENABLED)
    AUDITLOG() AUDITLEVEL(OFF)

*
* Atributos padrão de programa
*
DEFINE PROGRAM()
    UPDATE DESCRIPTION()
    CEDF(YES) LANGUAGE(LE370)
    REMOTESYSTEM() REMOTENAME() TRANSID()
    PROTECT API(CICSAPI) CONCURRENCY(QUASIRENT)
    DATALOCATION(ANY) DYNAMIC(NO)
    EXECKEY(USER) EXECUTIONSET(FULLAPI)
    RELOAD(NO) RESIDENT(NO)
    STATUS(ENABLED) USAGE(NORMAL) USELPACOPY(NO)
    HIDDEN JVM(NO) JVMCLASS() JVMPROFILE(DFHJVMPR)

*
* Atributos padrão TDQueue
*
DEFINE TDQUEUE()
    UPDATE DESCRIPTION()
    TYPE(INTRA)

* Parâmetros de partição extra
    DDNAME() DSNNAME()
    REMOTENAME() REMOTESYSTEM() REMOTELLENGTH(1)
    RECORDSIZE() BLOCKSIZE(0) RECORDFORMAT(UNDEFINED)
    BLOCKFORMAT() PRINTCONTROL() DISPOSITION(SHR)

* Parâmetros de partição intra
    FACILITYID() TRANSID() TRIGERRLEVEL(1)
    USERID()

* Parâmetros indiretos
    INDIRECTNAME()
    PROTECT WAIT(YES) WAITACTION(REJECT)

* Parâmetros de partição extra
    DATABUFFERS(1)
    SYSOUTCLASS() ERROROPTION(IGNORE)
    OPENTIME(INITIAL) REWIND(LEAVE) TYPEFILE(INPUT)

* Parâmetros de partição intra
    ATIFACILITY(TERMINAL) RECOVSTATUS(NO)

```

*Figura 28. ADNJSPAU - Utilitário Administrativo CICSTS (Parte 2 de 3)*

```

*
* Atributos padrão de transação
*
DEFINE TRANSACTION()
  UPDATE DESCRIPTION()
    PROGRAM()
    TWASIZE(0)
    REMOTESYSTEM() REMOTENAME() LOCALQ(NO)
  PROTECT PARTITIONSET() PROFILE(DFHICST)
    DYNAMIC(NO) ROUTABLE(NO)
    ISOLATE(YES) STATUS(ENABLED)
    RUNAWAY(SYSTEM) STORAGECLEAR(NO)
    SHUTDOWN(DISABLED)
    TASKDATAKEY(USER) TASKDATALOC(ANY)
    BREXIT() PRIORITY(1) TRANCLASS(DFHTCL00)
    DTIMOUT(NO) RESTART(NO) SPURGE(NO) TPURGE(NO)
    DUMP(YES) TRACE(YES) CONFDATA(NO)
    OTSTIMEOUT(NO) WAIT(YES) WAITTIME(00,00,00)
    ACTION(BACKOUT) INDOUBT(BACKOUT)
    RESSEC(NO) CMDSEC(NO)
    TRPROF()
    ALIAS() TASKREQ()
    XTRANID() TPNAME() XTPNAME()

*
* Atributos URIMAP
*
DEFINE URIMAP()
  UPDATE USAGE(CLIENT)
    DESCRIPTION()
    PATH(/required/path)
    TCPIPSERVICE()
    TRANSACTION()
    PROGRAM()
  PROTECT ANALYZER(NOANALYZER)
    ATOMSERVICE()
    CERTIFICATE()
    CHARACTERSET()
    CIPHERS()
    CONVERTER()
    HFSFILE()
    HOST(host.mycompany.com)
    HOSTCODEPAGE()
    LOCATION()
    MEDIATYPE()
    PIPELINE()
    PORT(NO)
    REDIRECTTYPE(NONE)
    SCHEME(HTTP)
    STATUS(ENABLED)
    TEMPLATENAME()
    USERID()
    WEBSERVICE()

*
* Nome de arquivo opcional para ligações de nome do conjunto de dados VSAM
*
*DEFINE DSBINDING() DSNAME()
/*

```

Figura 29. ADNJSAPU - Utilitário Administrativo CICSTS (Parte 3 de 3)

## Notas de Migração do Utilitário Administrativo

Developer for System z versão 7.6.1 incluiu suporte URIMAP no Administrative utility. Para poder usar o suporte URIMAP, o conjunto de dados VSAM do repositório CRD deve estar alocado com um tamanho de registro máximo de 3000. Até a Developer for System z versão 7.6.1, as tarefas de alocação do repositório CRD da amostra usam um tamanho de registro máximo de 2000.

Siga estas etapas para ativar o suporte URIMAP se você estiver ' usando um repositório CRD mais antigo:

1. Crie um backup do seu repositório CRD existente, FEK.#CUST.ADNREPF0.
2. Exclua o repositório CRD existente.
3. Customize e submeta a tarefa FEK.SFEKSAMP(ADNVCRD) para alocar e inicializar um novo repositório CRD. Consulte a documentação no membro para obter instruções de customização.
4. Customize e submeta a tarefa FEK.SFEKSAMP(ADNJSAPU) para usar o Administrative utility para preencher o repositório CRD novo.

**Nota:**

- Migrar o repositório CRD existente não é necessário porque o administrative utility substitui os conteúdos completos do repositório CRD cada vez que ele é executado.
- Não há problemas de compatibilidade de versão com o repositório CRD. Todo cliente suportado pelo Developer for System z e código de host trabalharão com tamanho de registro máximo. Mas o suporte URIMAP estará desativado se o tamanho de registro máximo não for 3000.

## Mensagens do Administrative Utility

As mensagens a seguir são emitidas pelo Administrative utility para a SYSPRINT DD. As mensagens CRAZ1803E, CRAZ1891E, CRAZ1892E e CRAZ1893E contêm códigos de status de arquivo, retorno do VSAM, função do VSAM e feedback do VSAM. Os códigos de retorno, função e feedback do VSAM são documentados em *DFSMS Macro Instructions for Data Sets* (SC26-7408). Os códigos de status de arquivo são documentados em *Enterprise COBOL for z/OS Language Reference* (SC27-1408).

### CRAZ1800I

**concluído com êxito na linha <número da linha da última instrução de controle>**

**Explicação:** O administrative utility do programador de sistema foi concluído com sucesso.

**Resposta do usuário:** Nenhuma.

### CRAZ1801W

**concluído com avisos na linha <número da linha da última instrução de controle>**

**Explicação:** O administrative utility do programador de sistema foi concluído com um ou mais avisos localizados durante o processamento de instruções de controle.

**Resposta do usuário:** Verifique outras mensagens de aviso.

### CRAZ1802E

**encontrado um erro na linha <número da linha>**

**Explicação:** O administrative utility do programador de sistema encontrou um erro grave.

**Resposta do usuário:** Verifique outras mensagens de aviso.

### CRAZ1803E

**Erro ao abrir repositório, status=<código de status do arquivo>  
RC=<código de retorno do VSAM> FC=<código de função do VSAM>  
FB=<código de feedback do VSAM>**

**Explicação:** O administrative utility do programador de sistema encontrou um erro grave ao abrir o repositório do CRD.

**Resposta do usuário:** Verifique os códigos de status, retorno, função e feedback do VSAM.

### CRAZ1804E

**Registro de entrada não reconhecido na linha <número da linha>**

**Explicação:** O administrative utility do programador de sistema encontrou uma instrução de controle de entrada desconhecida.

**Resposta do usuário:** Verifique se o comando **DEFINE** foi seguido por um espaço único e depois pela palavra-chave CPSMNAME, STAGINGGROUPNAME,

MANIFESTEXPORTRULE, DSBINDING, DB2TRAN, DOCTEMPLATE, FILE, MAPSET, PROCESSTYPE, PROGRAM, TDQUEUE ou TRANSACTION.

**CRAZ1805E**

**Processando a palavra-chave <palavra-chave> na linha <número da linha>**

**Explicação:** O administrative utility do programador de sistema está processando a instrução de controle de entrada da palavra-chave DEFINE.

**Resposta do usuário:** Nenhuma.

**CRAZ1806E**

**Regra de exportação de manifesto inválida na linha <número da linha>**

**Explicação:** O administrative utility do programador de sistema encontrou uma regra de exportação de manifesto inválida.

**Resposta do usuário:** Verifique se o valor da palavra-chave MANIFESTEXPORTRULE é "installOnly", "exportOnly" ou "both".

**CRAZ1807E**

**Palavra-chave DSNNAME ausente na linha <número da linha>**

**Explicação:** O administrative utility do programador de sistema estava processando uma instrução de controle DEFINE DSBINDING que não possui a palavra-chave DSNNAME.

**Resposta do usuário:** Verifique se a instrução de controle DEFINE DSBINDING contém a palavra-chave DSNNAME.

**CRAZ1808E**

**Valor inválido da palavra-chave <palavra-chave> na linha <número da linha>**

**Explicação:** O administrative utility do programador de sistema estava processando uma instrução de controle DEFINE e encontrou um valor inválido para a palavra-chave nomeada.

**Resposta do usuário:** Verifique se o comprimento e o valor da palavra-chave nomeada estão corretos.

**CRAZ1890W**

**Erro de sintaxe de palavra-chave na linha <número da linha>**

**Explicação:** O administrative utility do programador de sistema estava processando uma instrução de controle DEFINE e encontrou um erro de sintaxe para a palavra-chave ou valor da palavra-chave.

**Resposta do usuário:** Verifique se o valor da palavra-chave está entre parênteses e imediatamente após a palavra-chave. A palavra-chave e o valor da palavra-chave devem estar contidos na mesma linha.

**CRAZ1891W**

**Erro ao gravar chave duplicada do repositório, status=<código de status do arquivo> RC=<código de retorno do VSAM> FC=<código de função do VSAM> FB=<código de feedback do VSAM>**

**Explicação:** O administrative utility do programador de sistema encontrou um erro de chave duplicada ao gravar no repositório CRD.

**Resposta do usuário:** Verifique os códigos de status, retorno, função e feedback do VSAM.



#### CRAZ1892W

**Erro ao gravar repositório, status=<código de status do arquivo>  
RC=<código de retorno do VSAM> FC=<código de função do VSAM>  
FB=<código de feedback do VSAM>**

**Explicação:** O administrative utility do programador de sistema encontrou um erro grave ao gravar no repositório CRD.

**Resposta do usuário:** Verifique os códigos de status, retorno, função e feedback do VSAM.

#### CRAZ1893W

**Erro ao ler repositório, status=<código de status do arquivo>  
RC=<código de retorno do VSAM> FC=<código de função do VSAM>  
FB=<código de feedback do VSAM>**

**Explicação:** O administrative utility do programador de sistema encontrou um erro grave ao ler o repositório do CRD.

**Resposta do usuário:** Verifique os códigos de status, retorno, função e feedback do VSAM.

---

## Depuração de Transação do CICS

Para depurar transações do CICS, o Depurador Integrado requer as seguintes atualizações do CICS:

- Atualização de JCL do CICS:
  - Defina a biblioteca de carregamento FEK,SFEKAUTH na instrução DD DFHRPL da região se a biblioteca não estiver em LINKLIST.
  - Defina a biblioteca de carregamento SYS1.SIEAMIGE na instrução DD STEPLIB da região se a biblioteca não estiver em LINKLIST.
- Atualizações de CSD do CICS:

Defina o depurador para uma região do CICS, conforme documentado na tarefa de atualização do CSD de amostra AQECSD. AQECSD está localizada em FEK.#CUST.JCL, a menos que o programador de sistema z/OS tenha especificado um local diferente quando customizou e enviou a tarefa FEK.SFEKSAMP(FEKSETUP). Consulte "Configuração de Customização" no *Guia de Configuração de Host* (SC23-7658) para obter mais detalhes.

Para depurar transações do CICS carregadas na memória de leitura, o Depurador Integrado requer as seguintes atualizações do sistema:

- Chamada do supervisor do Depurador Integrado (SVC) definida para seu sistema. Consulte "Mudanças em PARMLIB" no *Guia de Configuração de Host* (SC23-7658) para obter mais detalhes.
- O SVC requer que os usuários tenham permissão para um perfil de segurança se usado em um ambiente de estado de problema (não autorizado). Consulte "Segurança de Depuração" na página 37 para obter mais detalhes.

Observe que somente um depurador baseado no ambiente de linguagem (LE) pode estar ativo em uma determinada região do CICS. Uma indicação clara de um depurador baseado em LE é que ele fornece um módulo de carregamento CEEEVDBG ou alias que deve estar disponível no aplicativo.



---

## Capítulo 9. Considerações da Saída de Usuário

Esse capítulo o ajuda a aprimorar o Developer for System z ao gravar as rotinas de saída.

O Developer for System z fornece pontos de saída para selecionar os eventos do Developer for System z. Um ponto de saída é um ponto específico em um processamento de função no qual a função chama uma rotina de saída, se houver. É possível gravar uma rotina de saída para executar o processamento adicional.

Note que, ao contrário da maioria dos pontos de saída tradicionais, os pontos de saída do Developer for System z não permitem que você altere o comportamento da função. A rotina de saída, se houver, é chamada de forma assíncrona, após a função ser concluída. O processamento do Developer for System z não espera a rotina de saída terminar, nem verifica o status de conclusão.

---

### Características da Saída de Usuário

#### Ativação da Saída de Usuário

As saídas de usuário são ativadas com as variáveis `_RSE_JAVAOPTS` `<exit_point>.action` no `rsed.envvars`, em que `<exit_point>` representa uma palavra-chave que identifica um ponto de saída específico, conforme documentado em “Pontos de Saída Disponíveis” na página 147.

```
#_RSE_JAVAOPTS=$_RSE_JAVAOPTS -D<exit_point>.action=<user_exit>
```

Por padrão, todos os pontos de saída ficam desativados. Remova o comentário e especifique o nome do caminho completo da rotina de saída do usuário para ativar o ponto de saída.

```
#_RSE_JAVAOPTS=$_RSE_JAVAOPTS -D<exit_point>.action.id=<userid>
```

Por padrão, o ID do usuário designado para o daemon RSE é usado para executar a rotina de saída fornecida. Remova o comentário e especifique um ID do usuário para usar o ID especificado para executar a saída de usuário. Não há necessidade de especificar uma senha porque o RSE gerará um PassTicket para ser usado como senha quando ele alternar para o ID do usuário especificado.

#### Gravando uma Rotina de Saída do Usuário

As rotinas de saída do usuário são chamadas como um comando shell z/OS UNIX com possivelmente um ou mais argumentos. Isso significa que a rotina de saída desenvolvida deve ser executável na linha de comandos do z/OS UNIX. As técnicas de codificação comuns incluem o shell script do z/OS UNIX e o REXX `exec` do z/OS UNIX, mas o código compilado como C/C++ também é possível.

Consulte o *Guia do Usuário do UNIX System Services* (SA22-7801) para saber mais sobre os shell scripts do z/OS UNIX. Consulte *Usando REXX e z/OS UNIX System Services* (SA22-7806) para saber mais sobre as extensões específicas do z/OS UNIX para a linguagem REXX.

A rotina de saída provavelmente será executada por um ID do usuário com permissões especiais (como o ID do usuário de tarefa iniciada do RSE, que é

permitido para gerar os PassTickets). Portanto, é importante que você limite a autoridade de atualização para a rotina de saída para evitar abuso. Os limites de comandos de amostra a seguir do z/OS UNIX gravam a autoridade somente para o proprietário, embora todos possam ler e executar o script.

```
$ chmod 755 process_logon.sh
$ ls -l process_logon.sh
-rwxr-xr-x  1 IBMUSER  SYS1      2228 Feb 28 23:44 process_logon.sh
```

As definições no `rsed.envvars` estão disponíveis para a rotina de saída do usuário como variáveis de ambiente.

O RSE chama a rotina de saída do usuário com uma sequência de argumentos única. A sequência de argumentos pode ser um valor único ou uma sequência única que retém diversas palavras-chave e valores delimitados em branco. Consulte “Pontos de Saída Disponíveis” na página 147 para obter mais detalhes.

## Mensagens do console

O Developer for System z usa o ID de mensagem do console FEK910I para exibir os dados relacionados às saídas de usuário.

A chamada da rotina de saída é marcada com a mensagem do console a seguir:

```
FEK910I <EXIT_POINT> EXIT: invoking <exit_point> processing exit
in thread <thread_id>
```

Todos os dados gravados no stdout (comando **echo** em um shell script, comando **say** em um REXX exec) serão enviados ao console:

```
FEK910I <EXIT_POINT> EXIT: <message>
```

A terminação da rotina de saída é marcada com a mensagem do console a seguir:

```
FEK910I <EXIT_POINT> EXIT: completed <exit_point> processing exit
in thread <thread_id>
```

## Executando com um ID do Usuário da Variável

O Developer for System z permite executar uma rotina de saída com o ID do usuário de tarefa iniciada ou com um ID do usuário especificado. Entretanto, talvez você queira executar algumas ações na rotina de saída usando outro ID do usuário, como o ID de usuário cliente na rotina de saída do logon. Isso pode ser realizado com o uso dos serviços padrão do z/OS UNIX, conforme mostrado nas amostras a seguir.

### Shell Script do z/OS UNIX

Conforme documentado na *Referência de Comando do UNIX System Services* (SA22-7802), o z/OS UNIX oferece o comando **su** para usar os privilégios de um superusuário ou outro usuário. Há algumas coisas a serem lembradas ao usar o comando **su**.

- O ID do usuário que executa o comando **su** deve ter a permissão READ para o perfil BPX.SRV.<userid> na classe SURROGAT de seu produto de segurança para poder alternar para o ID do usuário identificado pelo <userid> sem especificar uma senha.
- O comando **su** inicia um novo shell, para que os comandos restantes em seu shell script não sejam executados até que o shell iniciado pelo comando **su** saia. Para que os comandos de estágio sejam executados no novo shell iniciado pelo comando **su**, é possível usar o comando **echo** para criar o comando desejado e o caractere do comando de canal para alimentá-lo no novo shell, conforme mostrado no exemplo a seguir. Observe que as regras de criação de shell script padrão se aplicam para os caracteres especiais de escape.

```
#!/bin/sh
myID=ibmuser
echo a ${id}
echo 'echo b ${id}' | su -s $myID
echo "echo c \${id}" | su -s $myID
cat /u/ibmuser/iefbr14
echo "submit /u/ibmuser/iefbr14" | su -s $myID
```

Essa saída de logon de amostra, executada pelo ID do usuário de tarefa iniciada, resultará nas mensagens de console a seguir:

```
+FEK910I LOGON EXIT: invoking logon processing exit in thread 411
+FEK910I LOGON EXIT: a uid=8(STCRSE) gid=1(STCGRP)
+FEK910I LOGON EXIT: b uid=1(IBMUSER) gid=0(SYS1)
+FEK910I LOGON EXIT: c uid=1(IBMUSER) gid=0(SYS1)
+FEK910I LOGON EXIT: //IEFBR14 JOB CLASS=A,MSGCLASS=A,MSGLEVEL=(1,1)
+FEK910I LOGON EXIT: //IEFBR14 EXEC PGM=IEFBR14
$HASP100 IEFBR14 ON INTRDR FROM STC03919
IBMUSER
IRR010I USERID IBMUSER IS ASSIGNED TO THIS JOB.
+FEK910I LOGON EXIT: JOB JOB03926 submitted from path '/u/ibmuser/iefbr14'
ICH70001I IBMUSER LAST ACCESS AT 00:46:13 ON MONDAY, MARCH 19, 2012
$HASP373 IEFBR14 STARTED - INIT 2 - CLASS A - SYS CD08
IEF403I IEFBR14 - STARTED - TIME=00.46.14
+FEK910I LOGON EXIT: completed logon processing exit in thread 411
IEFBR14 IEFBR14 IEFBR14 0000
IEF404I IEFBR14 - ENDED - TIME=00.46.14
$HASP395 IEFBR14 ENDED
$HASP309 INIT 2 INACTIVE ***** C=BA
```

## REXX exec do z/OS UNIX

Conforme documentado em *Usando REXX e z/OS UNIX System Services* (SA22-7806), o z/OS UNIX oferece o comando **seteuid** SYSCALL para configurar o UID efetivo do processo atual. Há algumas coisas a serem lembradas ao usar o comando **seteuid**.

- O comando **seteuid** usa o UID do z/OS UNIX, não o ID do usuário MVS. Você deve primeiramente determinar o UID do ID do usuário de destino, o que pode ser feito com o comando **getpwnam** SYSCALL.
- O ID do usuário que executa o comando **seteuid** deve ter a permissão READ para o perfil BPX.SRV.<userid> na classe SURROGAT de seu produto de segurança para poder alternar para o ID do usuário identificado pelo <userid> sem especificar uma senha. Observe que, quando diversos IDs do usuário compartilham o mesmo UID, não há um modo de determinar qual deles será verificado.

```
/* rexx */
myID='ibmuser'
say userid()
address SYSCALL 'getpwnam' myID 'pw.'
say pw.1 pw.2 pw.3 pw.4 pw.5
address SYSCALL 'seteuid' pw.2 /* PW_UID = 2 */
say retval errno errnojr
say userid()
```

Essa saída de logon de amostra, executada pelo ID do usuário de tarefa iniciada, resultará nas mensagens de console a seguir:

```
+FEK910I LOGON EXIT: invoking logon processing exit in thread 515
+FEK910I LOGON EXIT: STCRSE
+FEK910I LOGON EXIT: IBMUSER 1 0 /bin/sh
+FEK910I LOGON EXIT: 0 0 0
+FEK910I LOGON EXIT: IBMUSER
+FEK910I LOGON EXIT: completed logon processing exit in thread 515
```

## Pontos de Saída Disponíveis

Os pontos de saída a seguir são fornecidos pelo Developer for System z:

- “audit.action”
- “logon.action” na página 148

### audit.action

- Sincronização:

A saída de usuário de auditoria é chamada quando o arquivo de log de auditoria ativo é fechado. (A auditoria continua como RSE alternada para um novo arquivo de log de auditoria.)

- **Argumentos de chamada (1):**

- <audit\_log>: nome do caminho completo do arquivo de log de auditoria que foi encerrado

- **Amostra:**

`/usr/lpp/rdz/samples/process_audit.rex`

Essa amostra z/OS UNIX REXX exec constrói uma tarefa em lote que processará o log de auditoria que foi encerrado.

## logon.action

- **Sincronização:**

A saída de usuário do logon é chamada quando um usuário tiver concluído o processo de logon.

- **Argumentos de chamada (6):**

- -i <userid>: ID de usuário cliente, maiúsculas e minúsculas conforme fornecido pelo cliente
- -u <user\_log\_path>: diretório no qual os logs de usuário desse cliente são mantidos
- -s <server\_log\_path>: diretório no qual os logs do servidor são mantidos
- -c <config\_path>: diretório no qual os arquivos de configuração são mantidos
- -b <binaries\_path>: diretório no qual o Developer for System z está instalado
- -p <port>: porta daemon RSE

- **Amostra:**

`/usr/lpp/rdz/samples/process_logon.sh`

Esse shell script do z/OS UNIX de amostra grava uma mensagem de logon no console.

---

## Capítulo 10. Customizando o Ambiente TSO

Este capítulo é fornecido para auxiliar a imitar um procedimento de logon de TSO incluindo instruções DD e conjuntos de dados no ambiente do TSO em Developer for System z.

---

### O Serviço TSO Commands

O serviço TSO Commands é o componente Developer for System z que executa comandos TSO e ISPF (em lote) e retorna o resultado para o cliente solicitante. Esses comandos podem ser solicitados implicitamente pelo produto ou explicitamente pelo usuário.

Os membros de amostra fornecidos com o Developer for System z criam um ambiente mínimo do TSO/ISPF. Se os desenvolvedores em sua loja precisarem de acesso a bibliotecas customizadas ou de terceiros, o programador de sistema z/OS deve incluir as instruções DD e as bibliotecas necessárias para o ambiente de serviço TSO Commands. Embora a implementação seja diferente no Developer for System z, a lógica por trás disso é idêntica ao procedimento de logon do TSO.

**Nota:** O serviço TSO Commands é uma ferramenta de linha de comandos não interativa, portanto, os comandos ou procedimentos que solicitam dados ou exibem painéis ISPF não funcionarão. Um emulador 3270, como o Host Connect Emulator que faz parte do cliente Developer for System z, será necessário para executá-los.

### Métodos de Acesso

A partir da versão 7.1, o Developer for System z fornece uma opção para acessar o serviço TSO Commands.

- O serviço de Gateway do Cliente TSO/ISPF do ISPF, que requer um nível mínimo de serviço do ISPF. Este é o método padrão usado nas amostras fornecidas.
- Uma transação APPC (como em releases pré-versão 7.1). Este método é reprovado.

**Nota:**

- O serviço de Gateway do Cliente TSO/ISPF do ISPF substitui a função do SCLM Developer Toolkit usada na versão 7.1.
- O uso de APPC por Developer for System z está marcado como reprovado. As informações relacionadas ao APPC foram removidas desta publicação. Para obter mais informações, consulte o White Paper *Using APPC to provide TSO command services* (SC14-7291), disponível na biblioteca do Developer for System z, <http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517>.

Verifique o `rsed.envvars` para determinar qual método de acesso é usado para hosts da versão 7.1 e superior. Se os padrões tiverem sido usados durante o processo de configuração, `rsed.envvars` residirá em `/etc/rdz/`.

- Se a instrução `_RSE_JAVAOPTS="$_RSE_JAVAOPTS -DTSO_SERVER=APPC"` não estiver presente (ou for uma linha comentada), o serviço de Gateway do Cliente TSO/ISPF do ISPF será usado.

- Se a instrução `_RSE_JAVAOPTS="$_RSE_JAVAOPTS -DTSO_SERVER=APPC"` estiver presente (e não estiver assinalada como comentário), o APPC será usado.

## Usando o Método de Acesso do TSO/ISPF Client Gateway

### ISPF.conf

O arquivo de configuração ISPF.conf (localizado por padrão em /etc/rdz/) define o ambiente do TSO/ISPF usado pelo Developer for System z. Existe apenas um arquivo de configuração ISPF.conf ativo, que é usado por todos os usuários do Developer for System z.

A seção principal do arquivo de configuração define os nomes DD e as concatenações relacionadas do conjunto de dados, como no seguinte exemplo:

```
sysproc=ISP.SISPCLIB,FEK.SFEKPROC
ispm1ib=ISP.SISPMENU
ispt1ib=ISP.SISPTENU
ispp1ib=ISP.SISPPENU
isps1ib=ISP.SISPSLIB
isp11ib=ISP.SISPLOAD
myDD=HLQ1.LLQ1,HLQ2.LLQ2
```

- Cada definição de DD utiliza exatamente uma linha (não há suporte para várias linhas) e não existem limites de comprimento de linha.
- As definições não fazem distinção entre maiúsculas e minúsculas e qualquer espaço em branco será ignorado.
- As linhas de comentário iniciam com um asterisco (\*).
- Os nomes DD são seguidos por um sinal de igual (=), que por sua vez é seguido pela concatenação do conjunto de dados. Vários nomes de conjunto de dados são separados por uma vírgula (,).
- As concatenações do conjunto de dados são procuradas na ordem em que são listadas.
- Os conjuntos de dados devem ser completos, sem ser colocados entre aspas (') e sem o uso de variáveis.
- Todos os conjuntos de dados são alocados com `DISP=SHR`.
- Novos nomes DD podem ser incluídos à vontade, mas devem obedecer as regras (JCL) para nomes DD e não podem ser conflitantes com outros parâmetros de configuração no ISPF.conf. Além disso, o ISPPROF é alocado dinamicamente (`DISP=NEW,DELETE`) pelo serviço TSO/ISPF Client Gateway.

### Usar Perfis do ISPF Existentes

Por padrão, o TSO/ISPF Client Gateway cria um perfil temporário do ISPF para o serviço TSO Commands. Entretanto, você pode instruir o TSO/ISPF Client Gateway a utilizar uma cópia de um perfil existente do ISPF. A chave aqui é a instrução `_RSE_ISPF_OPTS` em `rzed.envvars`.

```
#_RSE_ISPF_OPTS="$_RSE_ISPF_OPTS&ISPPROF=&SYSUID..ISPPROF"
```

Remova o comentário da instrução (remova o sinal de sustenido (#) inicial) e forneça o nome completo do conjunto de dados do perfil existente do ISPF para utilizar esse recurso.

As seguintes variáveis podem ser usadas no nome do conjunto de dados:

- `&SYSUID`. para substituir o ID do usuário do desenvolvedor
- `&SYSPREF`. para substituir o prefixo do TSO do desenvolvedor
- `&SYSNAME`. para substituir o nome do sistema conforme especificado no membro da parmlib IEASYMxx



**Nota:**

- Se o nome do conjunto de dados transmitido em "ISPPROF" for inválido, um perfil de ISPF vazio temporário será usado.
- O perfil do ISPF (temporário e copiado) é excluído no final da sessão. As alterações feitas no perfil não são mescladas com o perfil existente do ISPF.

## Usando um exec de alocação

A instrução `allocjob` no `ISPF.conf` (que está assinalada como comentário por padrão) aponta um exec que pode ser usado para fornecer alocações adicionais do conjunto de dados por ID do usuário.

```
*allocjob = ISP.SISPSAMP(ISPZISP2)
```

Remova o comentário da instrução (remova o caractere de asterisco (\*) inicial) e forneça a referência completa para o exec de alocação para utilizar esse recurso.

- O exec é executado após a alocação de ISPPROF e os DDs definidos em `ISPF.conf`, mas antes de o ISPF ser inicializado. Assegure-se de que o exec de alocação não desfaça essas definições.
- 1 parâmetro é transmitido ao exec; o ID do usuário do responsável pela chamada.
- Um exec de amostra `CRAISPRX` é fornecido na biblioteca de amostra `FEK.#CUST.CNTL`, a menos que você tenha especificado um local diferente quando customizou e enviou a tarefa `FEK.SFEKSAMP(FEKSETUP)`. Consulte "Configuração de customização" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658) para obter mais detalhes.

**Nota:** Como o exec é chamado antes do ISPF ser inicializado, você não pode utilizar `VPUT` e `VGET`. No entanto, você pode criar suas próprias implementações dessas funções utilizando um arquivo VSAM ou PDS(E).

## Usar Diversos Execs de Alocação

Embora o `ISPF.conf` suporte apenas a chamada de um exec de alocação, não há limites para um exec chamar outro exec. E o ID do usuário do cliente que está sendo transmitido como parâmetro abre os execs de alocação personalizados. Você pode, por exemplo, verificar se o membro `USERID'.EXEC(ALLOC)'` existe e executá-lo.

Uma variação elaborada para esse tema permite o uso de procedimentos de logon existentes do TSO, como a seguir:

- Leia um arquivo de configuração específico do usuário, como `USERID'.FEKPROF'`.
- Consulte qual procedimento de logon é mencionado no arquivo.
- Leia o procedimento mencionado a partir de `SYS1.PROCLIB` e analise-o para localizar as instruções DD e as alocações de conjunto de dados contidas.
- Aloque o conjunto de dados de uma forma semelhante ao procedimento de logon real.

## Diversos Arquivos ISPF.conf com Diversas Configurações do Developer for System z

Se os cenários de exec de alocação descritos nas seções anteriores não puderem tratar de suas necessidades específicas, você poderá criar instâncias diferentes do servidor de comunicação RSE do Developer for System z, cada uma delas usando seu próprio arquivo `ISPF.conf`. A desvantagem principal do método descrito a

seguir é que os usuários do Developer for System z devem conectar-se a servidores diferentes no mesmo host para obter o ambiente TSO desejado.

**Nota:** A criação de uma segunda instância do servidor RSE requer apenas a duplicação e atualização de arquivos de configuração, JCL de inicialização e definições de tarefa iniciada. Não é necessária uma nova instalação do produto e nenhum código é duplicado.

```
$ cd /etc/rdz
$ mkdir /etc/rdz/tso2
$ cp rsed.envvars /etc/rdz/tso2
$ cp ISPF.conf /etc/rdz/tso2
$ ls /etc/rdz/tso2
ISPF.conf          rsed.envvars
$ oedit /etc/rdz/tso2/rsed.envvars
-> change: _RSE_RSED_PORT=4037
-> change: CGI_ISPCONF=/etc/rdz/tso2
-> change: -Ddaemon.log=/var/rdz/logs/tso2
-> change: -Duser.log=/var/rdz/logs/tso2
-> add at the END:
# -- NEEDED TO FIND THE REMAINING CONFIGURATION FILES
CFG_BASE=/etc/rdz
CLASSPATH=.:$CFG_BASE:$CLASSPATH
# --
$ oedit /etc/rdz/tso2/ISPF.conf
-> change: change as needed
```

Os comandos no exemplo anterior copiam os arquivos de configuração do Developer for System z que exigem alterações no diretório tso2 recém-criado. A variável CGI\_ISPCONF em rsed.envvars deve ser atualizada para definir o novo diretório inicial ISPF.conf, e daemon.log e user.log devem ser atualizados para definir um novo local de log (que é criado automaticamente se não existir). A atualização \_RSE\_RSED\_PORT assegura que o daemon do RSE existente e novo usarão números de porta exclusivos. A atualização de CLASSPATH assegura que o RSE possa localizar os arquivos de configuração que não foram copiados para tso2. O arquivo ISPF.conf em si pode ser atualizado para atender às suas necessidades. Observe que a área de trabalho do ISPF (variável CGI\_ISPWORK em rsed.envvars) pode ser compartilhada entre ambas as instâncias.

Agora resta apenas criar uma nova tarefa iniciada para o RSE que utiliza um novo número de porta e os novos arquivos de configuração /etc/rdz/tso2. Observe que se \_RSE\_RSED\_PORT não for alterado em rsed.envvars, a nova tarefa iniciada deverá especificar uma nova porta como argumento de inicialização.

Consulte o *Guia de Configuração de Host do IBM Rational Developer for System z* (S517-9094) para obter mais informações sobre as ações mostradas anteriormente nesta seção.

---

## Capítulo 11. Executando várias instâncias

Há situações em que você deseja várias instâncias do Developer for System z ativas no mesmo sistema, por exemplo, durante o teste de um upgrade. Entretanto, alguns recursos, como portas TCP/IP, não podem ser compartilhadas, portanto os padrões nem sempre são aplicáveis. Use as informações neste apêndice para planejar a coexistência de instâncias diferentes do Developer for System z, após as quais você pode utilizar este guia de configuração para customizá-las.

Embora seja possível compartilhar certas partes do Developer for System z entre duas (ou mais) instâncias, isso NÃO é recomendado, a menos que seus níveis de software sejam idênticos e as únicas alterações sejam nos membros de configuração. O Developer for System z deixa espaço de customização suficiente para criar várias instâncias que não se sobrepõem, e recomendamos a utilização destes recursos.

### Nota:

- FEK e /usr/lpp/rdz são o qualificador de alto nível e o caminho usados durante a instalação do produto. FEK.#CUST, /etc/rdz e /var/rdz são os locais padrão usados durante a customização do produto (consulte "Configuração de customização" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658) para obter informações adicionais)..
- Você deve instalar o Developer for System z em um sistema de arquivos privado (HFS ou zFS) para facilitar a implementação das partes do produto z/OS UNIX.
- Se você não puder usar um sistema de arquivos privado, deverá usar uma ferramenta de arquivamento, como o comando z/OS UNIX tar para transportar os diretórios do z/OS UNIX de sistema para sistema. Isso para preservar os atributos (como controle de programas) para os arquivos e diretórios do Developer for System z.

Consulte *UNIX System Services Command Reference* (SA22-7802) para obter informações adicionais sobre os seguintes comandos de amostra para arquivar e restaurar o diretório de instalação do Developer for System z.

- Archive: `cd /SYS1/usr/lpp/rdz; tar -cSf /u/userid/rdz.tar`
- Restore: `cd /SYS2/usr/lpp/rdz; tar -xSf /u/userid/rdz.tar`

---

## Configuração idêntica em um sysplex

Os arquivos de configuração do Developer for System z (e código) podem ser compartilhados entre diferentes sistemas em um sysplex, com cada sistema executando sua própria cópia idêntica do Developer for System z, se algumas diretrizes forem obedecidas. Observe que estas informações destinam-se a instâncias do Developer for System z independentes. Regras adicionais para a configuração do TCP/IP são aplicadas usando o Distributed Dynamic VIPA para agrupar diversos servidores (cada qual em um sistema separado) em um servidor virtual, conforme documentado em "Distributed Dynamic VIPA" na página 61.

- Os arquivos de log devem terminam em locais únicos para impedir que um sistema sobrescreva as informações de outro. Ao rotear os logs do z/OS UNIX para especificar locais com as diretivas `daemon.log` e `user.log` em `rsed.envvars`, é possível compartilhar os arquivos de configuração se montar um sistema de arquivos z/OS UNIX específico do sistema no caminho especificado. Dessa

maneira, todos os logs são gravados no mesmo local lógico, mas devido ao sistema de arquivos não compartilhado abaixo, eles terminam em locais físicos diferentes.

- Os diretórios do tipo configuração, como `/etc/rdz/` e `/var/rdz/pushtoclient/`, podem ser compartilhados entre o sysplex, como o Developer for System z os usa em modo somente leitura.
- Diretórios de dados temporários como `/tmp/` e `/var/rdz/WORKAREA/` devem ser exclusivos por sistema, uma vez que os nomes de arquivos temporários não são preparados para sysplex.
- Se você compartilhar o código, deverá compartilhar também os arquivos de configuração para garantir que não tenha alguns sistemas fora de sincronização depois de aplicar manutenção.
- Se você compartilhar um arquivo de configuração ativo `/etc/rdz/pushtoclient.properties`, deverá compartilhar também o diretório de metadados relacionado, `/var/rdz/pushtoclient/`.

---

## Arquivos de Configuração Diferentes de Níveis de Software Idênticos

Em algum conjunto limitado de circunstâncias, é possível compartilhar tudo, menos (algumas das) as partes customizáveis. Um exemplo é fornecer acesso não-SSL para uso no site e comunicação codificada por SSL para uso externo.

**Atenção:** A configuração compartilhada NÃO PODE ser usada com segurança para manutenção de teste, visualização técnica ou novo release.

Para configurar outra instância de uma instalação ativa do Developer for System z, refaça as etapas de customização das partes que são diferentes, usando conjuntos de dados, diretórios e portas diferentes para evitar sobreposição da configuração atual.

Na amostra de SSL mencionada anteriormente, a configuração do daemon RSE atual pode ser fechada e depois a configuração clonada pode ser atualizada. Em seguida, a JCL de inicialização do daemon RSE pode ser clonada e customizada com uma nova porta TCP/IP e o local dos arquivos de configuração atualizado. As customizações MVS (JES Job Monitor, entre outras) podem ser compartilhadas entre instâncias SSL e não-SSL. Isso resultaria nas seguintes ações:

```
$ cd /etc/rdz
$ mkdir /etc/rdz/ssl
$ cp rsed.envvars /etc/rdz/ssl
$ cp ssl.properties /etc/rdz/ssl
$ ls /etc/rdz/ssl/
rsed.envvars  ssl.properties
$ oedit /etc/rdz/ssl/rsed.envvars
-> change: _RSE_RSED_PORT=4047
-> change: -Ddaemon.Log=/var/rdz/logs/ssl
-> change: -Duser.log=/var/rdz/logs/ssl
-> add at the END:
# -- NEEDED TO FIND THE REMAINING CONFIGURATION FILES
CFG_BASE=/etc/rdz
CLASSPATH=.:$CFG_BASE:$CLASSPATH
# --
$ oedit /etc/rdz/ssl/ssl.properties
-> change: change as needed
```

Os comandos no exemplo anterior copiam os arquivos de configuração do Developer for System z que requerem mudanças em um diretório recém-criado `ssl`. As variáveis `daemon.log` e `user.log` em `rsed.envvars` devem ser atualizadas para definir um novo local de log (o qual será criado automaticamente se ainda não existir). A atualização de `CLASSPATH` assegura que o RSE possa localizar os arquivos de configuração que não foram copiados para `ssl`. O próprio arquivo `ssl.properties` pode ser atualizado para corresponder às suas necessidades.

Agora resta criar uma nova tarefa iniciada para o RSE que usa um novo número de porta e os novos arquivos de configuração `/etc/rdz/ssl`.

Consulte as seções relacionadas no *Guia de Configuração do Host IBM Rational Developer for System z (S517-9094)* para obter mais informações sobre as ações mostradas anteriormente nesta seção.

## Sincronização Automatizada

Na amostra de SSL mencionada anteriormente, as mudanças entre o daemon RSE ativado por SSL e não SSL são mínimas, o que permite automatizar o processo de manter seus arquivos `rsed.envvars` sincronizados. Isso simplifica o lançamento de serviço porque apenas um arquivo `rsed.envvars` deve ser mantido.

O exemplo a seguir inclui um número da porta RSED nos nomes do diretório de log e atualiza o CLASSPATH para que os clones localizem o restante dos arquivos de configuração. Em seguida, o exemplo melhora a tarefa JCL iniciada do daemon RSE ativado por SSL para clonar o `rsed.envvars` do daemon RSE não SSL na inicialização, atualizando o número da porta no processo. Como o número da porta é integrado no nome do diretório de log, ele será automaticamente diferente entre os dois daemons.

### 1. Prepare o `rsed.envvars` principal.

```
$ oedit /etc/rdz/rsed.envvars
-> change: -Ddaemon.log=/var/rdz/logs/$RSE_RSED_PORT
-> change: -Duser.log=/var/rdz/logs/$RSE_RSED_PORT
-> add at the END:
# -- NEEDED BY CLONES TO FIND THE REMAINING CONFIGURATION FILES
CFG_BASE=/etc/rdz
CLASSPATH=.:$CFG_BASE:$CLASSPATH
# --
```

### 2. Prepare outros arquivos de configuração (que não são arquivos `rsed.envvars`) que diferem entre o principal (não SSL) e o clone (SSL).

```
$ mkdir /etc/rdz/ssl
$ cp /etc/rdz/ssl.properties /etc/rdz/etc/rdz/ssl
$ oedit /etc/rdz/ssl/ssl.properties
-> change: change as needed
```

### 3. Crie uma tarefa iniciada RSED que clone o `rsed.envvars` de base e altere a porta do daemon RSE (4035 -> 4034).

```
/*
/* RSE DAEMON - SSL
/*
/* RSED PROC IVP=, * IVP' to do an IVP test
// HOME='/usr/lpp/rdz',
// CNFG='/etc/rdz/ssl'
/*
// SET SED="/RSED_PORT/s/4035/4034/"
// SET FILE='rsed.envvars'
/*
/* copy /etc/rdz/rsed.envvars to /etc/rdz/ssl/rsed.envvars
/* and alter RSED_PORT
/*
/* CLONE EXEC PGM=BPXBATCH,REGION=0M,COND=(4,LT),
// PARM='SH cd &CNFG;sed &SED ../&FILE>&FILE'
//STDOUT DD SYSOUT=*
//STDERR DD SYSOUT=*
/*
/* start RSED with the newly created rsed.envvars
/*
/* RSED EXEC PGM=BPXBATCH,REGION=0M,TIME=NOLIMIT,COND=(4,LT),
// PARM='PGM &HOME./bin/rsed.sh &IVP -C&CNFG'
//STDOUT DD SYSOUT=*
//STDERR DD SYSOUT=*
// PEND
/*
```

---

## Todas as Outras Situações

Quando alterações de código estiverem envolvidas (manutenção, visualizações técnicas, novo release), ou suas alterações forem razoavelmente complexas, é aconselhável fazer outra instalação do Developer for System z. Esta seção descreve os possíveis pontos de conflito entre as diferentes instalações.

A lista a seguir é uma breve visão geral dos itens que devem ser ou são altamente aconselhados a serem diferentes entre as instâncias do Developer for System z:

- SMP/E CSI
- Bibliotecas de instalação
- Porta TCP/IP do JES Job Monitor e seu arquivo de configuração FEJJC�FG
- JCL de inicialização do JES Job Monitor
- Nome da transação APPC
- Arquivos de configuração RSE, rsed.envvars, \*.properties e \*.conf
- Porta TCP/IP do RSE
- JCL de inicialização do RSE

Uma visão geral mais detalhada é listada a seguir:

- SMP/E CSI
  1. Instale cada instância do Developer for System z em um CSI separado. O SMP/E evitará uma segunda instalação do mesmo FMID em um CSI, mas aceitará a instalação de outro FMID. Se o segundo FMID for de uma versão mais recente, ele excluirá a versão existente do produto. Se o segundo FMID for de uma versão mais antiga, a instalação falhará devido a nomes de partes duplicados.
- Bibliotecas de instalação
  1. Instale cada instância do Developer for System z em conjuntos de dados e diretórios separados. Lembre-se de que você só pode alterar o caminho do z/OS UNIX prefixando o padrão /usr/lpp/rdz fornecido pela IBM. Uma amostra válida seria /service/usr/lpp/rdz.
  2. A tarefa de configuração de customização FEK.SFEKSAMP(FEKSETUP) cria os conjuntos de dados e diretórios usados para armazenar arquivos de configuração. Como os arquivos de configuração devem ser exclusivos, e para evitar sobrescrever customizações existentes, você deve utilizar nomes de conjuntos de dados e de diretórios exclusivos ao enviar essa tarefa.
- Partes obrigatórias
  1. O arquivo de configuração do JES Job Monitor FEK.#CUST.PARMLIB(FEJJC�FG) contém o número de porta TCP/IP do JES Job Monitor e, portanto, não pode ser compartilhado. O membro pode ser renomeado (se a JCL também for atualizada), portanto você pode colocar todas as versões customizadas deste membro no mesmo conjunto de dados se não estiver realizando as atualizações no conjunto de dados da instalação.
  2. A JCL de inicialização do JES Job Monitor FEK.#CUST.PROCLIB(JMON) refere-se a FEJJC�FG e, portanto, também não pode ser compartilhada. Depois de renomear o membro (e o cartão JOB, se você iniciá-lo como uma tarefa do usuário), todas as JCLs poderão ser colocadas no mesmo conjunto de dados.
  3. O arquivo de configuração RSE /etc/rdz/rsed.envvars contém referências para o caminho de instalação e, opcionalmente, para o local do log do servidor, que requer que ela seja exclusivo. O nome do arquivo é obrigatório, portanto você não pode manter as cópias diferentes no mesmo diretório.
  4. O arquivo de configuração ISPF.conf tem uma referência a FEK.SFEKPROC(FEKFRSRV), o servidor TSO Commands. Isto é específico do nível do software, portanto, você deve criar um arquivo ISPF.conf por instância.



5. Todos os outros arquivos de configuração baseados em z/OS UNIX (como \*.properties) devem residir no mesmo diretório que o rsed.envvars e, portanto, não podem ser compartilhados, uma vez que o rsed.envvars deve estar em um local não compartilhado.
  6. A JCL de inicialização do RSE FEK.#CUST.PROCLIB(RSED) não pode ser compartilhada, já que ela define o número da porta TCP/IP e tem uma referência para os diretórios de instalação e configuração, que devem ser exclusivos. Depois de renomear o membro (e o cartão JOB, se você iniciá-lo como uma tarefa do usuário), todas as JCLs poderão ser colocadas no mesmo conjunto de dados.
- Partes opcionais
    1. As portas TCP/IP do REXEC e do SSH podem ser compartilhadas sem qualquer restrição.
    2. A transação APPC tem uma referência a FEK.SFEKPROC(FEKFRSRV), o servidor TSO Commands. Isto é específico ao nível do software, portanto, você deve criar uma transação APPC por instância. Lembre-se de que, como o nome da transação APPC é alterado, a variável \_FEKFSCMD\_TP\_NAME\_ deve ser definida em rsed.envvars.
    3. Alguns procedimentos ELAXF\* possuem uma referência a hlq.SFEKLOAD, a biblioteca de carregamento do Developer for System z. Consulte a nota sobre JCLLIB em "Procedimentos de construção remota ELAXF\*" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658) para obter uma possível solução para disponibilizar conjuntos diferentes aos usuários.
    4. Para ativar duas instâncias do procedimento armazenado do DB2, as tarefas a seguir devem ser realizadas. No entanto, observe que essa é uma descrição no estado em que se encontra que não é suportada:
      - a. Copie hlq.SFEKPROC(ELAXMREX) para um membro com nome diferente, por exemplo, ELAXMRXX.
      - b. Copie o membro de amostra hlq.SFEKSAMP(ELAXMSAM) para um membro com nome diferente, por exemplo, ELAXMWDZ.
      - c. Altere o membro de amostra hlq.SFEKSAMP(ELAXMJCL) para refletir estas alterações de nomes, por exemplo:
 

```
//SYSIN DD *
CREATE PROCEDURE SYSPROC.ELAXMRXX
( IN FUNCTION_REQUEST VARCHAR(20) CCSID EBCDIC
...
, OUT RETURN_VALUE VARCHAR(255) CCSID EBCDIC )
PARAMETER STYLE GENERAL RESULT SETS 1
LANGUAGE REXX EXTERNAL NAME ELAXMRXX
COLLID DSNREXCS WLM ENVIRONMENT ELAXMWDZ
PROGRAM TYPE MAIN MODIFIES SQL DATA
STAY RESIDENT NO COMMIT ON RETURN NO
ASUTIME NO LIMIT SECURITY USER;

COMMENT ON PROCEDURE SYSPROC.ELAXMRXX IS
'PLI & COBOL PROCEDURE PROCESSOR (ELAXMRXX), INTERFACE LEVEL 0.01';

GRANT EXECUTE ON PROCEDURE SYSPROC.ELAXMRXX TO PUBLIC;
//
```
      - d. Prossiga com a customização, conforme descrito em "(Opcional) Procedimento armazenado do DB2" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658), mas com os novos membros.
      - e. O novo nome do ambiente WLM (por exemplo, ELAXMWDZ) deve ser usado no assistente do procedimento armazenado DB2 no cliente.
    5. O suporte bidirecional em regiões do CICS depende de um membro da biblioteca de carregamento e, assim, não pode ser compartilhado entre os releases. No entanto, se o nome do módulo de carregamento for idêntico para todas as instâncias, você poderá compartilhar a versão mais recente entre as instâncias, entre os releases. A compatibilidade com versões anteriores não estará disponível se o nome do módulo de carregamento for alterado.

6. Os módulos de carregamento do Application Deployment Manager que são incluídos nas regiões do CICS têm compatibilidade com versões anteriores e, portanto, a versão mais recente poderá ser compartilhada entre os releases.
7. O Application Deployment Manager CRD VSAM é compatível com versões anteriores e, portanto, a versão mais recente pode ser compartilhada entre os releases.
8. As definições de recursos CICS do Application Deployment Manager são compatíveis com versões anteriores e, portanto, a versão mais recente pode ser compartilhada entre os releases.
9. Os CARMA VSAMs poderiam ser alterados entre os níveis de software, portanto, não é aconselhável compartilhá-los.



---

## Capítulo 12. Resolução de problemas de configuração

Este capítulo é fornecido para ajudá-lo com alguns problemas comuns que você pode encontrar durante a configuração do seu Developer for System z, e possui as seções a seguir:

- “Análise de Log e Configuração Usando FEKLOGS”
- “Arquivos de Log” na página 160
- “Arquivos de dump” na página 165
- “Rastreio” na página 167
- “Bits de permissão do z/OS UNIX” na página 170
- “Portas TCP/IP reservadas” na página 173
- “Tamanho do espaço de endereço” na página 174
- “Informações Variadas” na página 175

A publicação *Developer for System z Messages and Codes* (SC14-7497) documenta mensagens e códigos de retorno gerados por componentes do Developer for System z. *Developer for System z Answers to common host configuration and maintenance issues* (SC14-7373) descreve vários cenários de problemas e sua resolução.

Mais informações estão disponíveis na seção Suporte do website do Developer for System z (<http://www-03.ibm.com/software/products/us/en/developerforsystemz/>), onde é possível localizar as Notas Técnicas que trazem as informações mais recentes de nossa equipe de suporte.

Na seção Biblioteca do website (<http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517>), também é possível localizar a versão mais recente da documentação do Developer for System z, incluindo White Papers.

O Centro de Informações do Developer for System z (<http://pic.dhe.ibm.com/infocenter/ratdevz/v9r0/index.jsp>) documenta o cliente do Developer for System z e como ele interage com o host (em uma perspectiva do cliente).

Informações sobre valor também podem ser localizadas na biblioteca do z/OS na Internet, disponível em <http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/>.

Notifique-nos se pensar que o Developer for System z não tem uma certa função. Você pode abrir uma Solicitação para Aprimoramento (RFE) em

<https://www.ibm.com/developerworks/support/rational/rfe/>

---

### Análise de Log e Configuração Usando FEKLOGS

Developer for System z fornece uma tarefa de amostra, FEKLOGS, que reúne todos os arquivos de log do z/OS UNIX bem como as informações de instalação e configuração do Developer for System z.

A tarefa de amostra FEKLOGS está localizada em FEK.#CUST.JCL, a menos que você tenha especificado um local diferente quando customizou e enviou a tarefa FEK.SFEKSAMP(FEKSETUP). Consulte “Configuração de customização” no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658) para obter mais detalhes.

A customização de FEKLOGS é descrita dentro da JCL. A customização inclui a provisão de algumas variáveis principais.

**Nota:** Os clientes do SDSF podem usar o comando da linha **XDC** no SDSF para salvar a saída da tarefa em um conjunto de dados, o qual, por sua vez, pode ser fornecido para o centro de suporte IBM. Observe que o conjunto de dados de saída deve ser alocado como VB 2051 (o valor padrão no SDSF é VB 240) para evitar truncamento de registro.

---

## Arquivos de Log

O Developer for System z cria arquivos de log que podem auxiliar você e o centro de suporte da IBM na identificação e solução de problemas. A lista a seguir é uma visão geral de arquivos de log que podem ser criados no sistema host do z/OS. Ao lado desses logs específicos do produto, assegure-se de marcar o SYSLOG de todas as mensagens relacionadas.

Os logs baseados no MVS podem ser localizados na instrução DD apropriada. Arquivos de log baseados no z/OS UNIX estão localizados nos seguintes diretórios:

- userlog/\$LOGNAME/

Os arquivos de log específicos do usuário estão localizados em userlog/\$LOGNAME/, em que userlog é o valor combinado das diretivas user.log e DSTORE\_LOG\_DIRECTORY em rsed.envvars, e \$LOGNAME é o ID do usuário de logon (em maiúsculas). Se a diretiva user.log for comentada ou não estiver presente, o caminho inicial do usuário será usado. O caminho inicial é definido no segmento de segurança OMVS do ID de usuário. Se a diretiva DSTORE\_LOG\_DIRECTORY for comentada ou não estiver presente, então .eclipse/RSE/ será anexado ao valor user.log.

- .dstoreMemLogging - Criação de log de uso de memória do armazenamento de dados
- .dstoreTrace - Criação de log de ação do armazenamento de dados
- .dstoreHashMap.\* - captura instantânea do hasmap do DataStore ativo
- .dstoreStackTrace.\* - captura instantânea dos encadeamentos do DataStore ativo e onde eles são chamados
- ffs.log - O log do servidor Foreign File System (FFS), que executa funções MVS nativas
- ffsget.log - O log do leitor de arquivos, que lê um conjunto de dados sequencial ou um membro PDS
- ffsput.log - O log do gravador de arquivos, que grava um conjunto de dados sequencial ou um membro PDS
- lock.log - O log do gerenciador de bloqueios, que bloqueia/desbloqueia um conjunto de dados sequencial ou um membro PDS
- rmt\_class\_loader.cache.jar - O cache das classes carregadas pelo carregador da classe remota do RSE
- rsecomm.log - O log do servidor RSE, que manipula os comandos do cliente e a criação de logs de comunicação de todos os serviços que dependem do RSE (pode conter rastreamento de pilha de exceção Java)

**Nota:**

- O diretório .eclipse e os arquivos de log .dstore\* começam com um ponto (.), o que os torna ocultos. Use o comando **ls -lA** do z/OS UNIX para listar arquivos e diretórios ocultos. Ao usar o cliente Developer for System z,

selecione a página de preferências **Janela > Preferências... > Sistemas Remotos > Arquivos** e ative “Mostrar arquivos ocultos”.

- **daemon-home**

Os arquivos de log específicos do daemon RSE e do conjunto de encadeamentos do RSE estão localizados em daemon-home, em que daemon-home é o valor da diretiva daemon.log em rsed.envvars. Se a diretiva daemon.log for comentada ou não estiver presente, o diretório inicial do ID do usuário designado à tarefa iniciada RSED será usado. O diretório inicial é definido no segmento de segurança OMVS do ID do usuário.

- rsedaemon.log - O log do daemon RSE
- rseserver.log - O log dos conjuntos de encadeamento RSE
- audit.log - A trilha de auditoria do RSE
- serverlogs.count - Contador para criação de log de fluxos do conjunto de encadeamento RSE
- stderr.\*.log - Fluxo de erro padrão do conjunto de encadeamento RSE
- stdout.\*.log - Fluxo de saída padrão do conjunto de encadeamento RSE

- **/tmp**

Arquivos de log específicos de IVP (Installation Verification Program) estão localizados no diretório mencionado pelo TMPDIR, se esta variável for definida em rsed.envvars. Se a variável não for definida, os arquivos serão criados no /tmp.

- fekfivpi.log - O log do teste IVP do fekfivpi
- fekfivps.log - O log do teste IVP do fekfivps
- fekfivpc.log - A criação de log de comunicação de teste do IVP, fekfivpc

**Nota:** Há comandos do operador disponíveis para controlar a quantidade de dados gravados em alguns dos arquivos de log mencionados. Consulte "Comandos do operador" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658) para obter informações adicionais.

## **criação de logs do JES Job Monitor**

- **SYSOUT DD**

Criação de logs de operações normais. O valor-padrão na amostra de JCL FEK.#CUST.PROCLIB(JMON) é SYSOUT=\*.

- **SYSPRINT DD**

Criação de logs de rastreamento. O valor-padrão na amostra de JCL FEK.#CUST.PROCLIB(JMON) é SYSOUT=\*. O rastreamento é ativado com o parâmetro -TV; consulte “rastreamento do JES Job Monitor” na página 167 para obter detalhes adicionais.

## **Criação de Log de Daemon RSE e de Conjunto de Encadeamento**

- **STDOUT DD**

Os dados redirecionados de stdout, saída padrão Java de daemon RSE. O valor-padrão no JCL da amostra FEK.#CUST.PROCLIB(RSED) é SYSOUT=\*.

- **STDERR DD**

Os dados redirecionados de stderr, saída de erro padrão Java do daemon RSE. O valor-padrão no JCL da amostra FEK.#CUST.PROCLIB(RSED) é SYSOUT=\*.

- **daemon-home**

Os arquivos de log específicos do daemon RSE e do conjunto de encadeamentos do RSE estão localizados em `daemon-home`, em que `daemon-home` é o valor da diretiva `daemon.log` em `rsed.envvars`. Se a diretiva `daemon.log` for comentada ou não estiver presente, o diretório inicial do ID do usuário designado à tarefa iniciada RSED será usado. O diretório inicial é definido no segmento de segurança OMVS do ID do usuário.

- `rsedaemon.log` - O log do daemon RSE
- `rseserver.log` - O log dos conjuntos de encadeamento RSE
- `audit.log` - A trilha de auditoria do RSE
- `serverlogs.count` - Contador para criação de log de fluxos do conjunto de encadeamento RSE
- `stderr.*.log` - Fluxo de erro padrão do conjunto de encadeamento RSE
- `stdout.*.log` - Fluxo de saída padrão do conjunto de encadeamento RSE

#### Nota:

- `serverlogs.count`, `stderr.*.log` e `stdout.*.log` são criados apenas se a diretiva `enable.standard.log` em `rsed.envvars` estiver ativa ou se a função for dinamicamente ativada com o comando do operador **modify rsestandardlog on**.
- O `*` em `stderr.*.log` e em `stdout.*.log` significa 1 por padrão. Entretanto, pode existir vários conjuntos de encadeamento RSE e, nesse caso, o número é aumentado para cada novo conjunto de encadeamento RSE para garantir nomes de arquivos exclusivos.
- Há comandos do operador disponíveis para controlar a quantidade de dados gravados em alguns dos arquivos de log mencionados. Consulte "Comandos do operador" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658) para obter informações adicionais.
- Os arquivos `rse*.log` também podem existir com uma extensão `".last"`, em vez de uma extensão `".log"`, se `keep.last.log=true` for especificado em `rsed.envvars`. Por padrão, os arquivos de log `".last"` não são criados.
- Os arquivos `rse*.log` terão um nome estendido se `keep.all.logs=true` for especificado em `rsed.envvars`. Por padrão, o nome estendido é usado. O nome a seguir é uma amostra do nome estendido, em que RSED representa o nome do espaço de endereço do daemon RSE e `yyyymmddhhmmss` é o registro de data e hora (ano, mês, dia, hora, minuto, segundo): `rseserver.RSED#yyyymmddhhmmss.log`

## criação de logs do usuário do RSE

- **userlog/\$LOGNAME/**

Há vários arquivos de log criados pelos componentes relacionados ao RSE. Todos estão localizados em `userlog/$LOGNAME/`, em que `userlog` é o valor combinado das diretivas `user.log` e `DSTORE_LOG_DIRECTORY` em `rsed.envvars`, e `$LOGNAME` é o ID do usuário de logon (em maiúsculas). Se a diretiva `user.log` for comentada ou não estiver presente, o caminho inicial do usuário será usado. O caminho inicial é definido no segmento de segurança OMVS do ID de usuário. Se a diretiva `DSTORE_LOG_DIRECTORY` for comentada ou não estiver presente, então `.eclipse/RSE/` será anexado ao valor `user.log`.

- `.dstoreMemLogging` - Criação de log de uso de memória do armazenamento de dados
- `.dstoreTrace` - Criação de log de ação do armazenamento de dados
- `.dstoreHashMap.*` - captura instantânea do hashmap do DataStore ativo
- `.dstoreStackTrace.*` - captura instantânea dos encadeamentos do DataStore ativo e onde eles são chamados

- `ffs.log` - O log do servidor Foreign File System (FFS), que executa funções MVS nativas
- `ffsget.log` - O log do leitor de arquivos, que lê um conjunto de dados sequencial ou um membro PDS
- `ffsput.log` - O log do gravador de arquivos, que grava um conjunto de dados sequencial ou um membro PDS
- `lock.log` - O log do gerenciador de bloqueio, que bloqueia ou desbloqueia um conjunto de dados sequencial ou um membro PDS
- `rmt_class_loader.cache.jar` - O cache das classes carregadas pelo carregador da classe remota do RSE
- `rsecomm.log` - O log do servidor RSE, que manipula os comandos do cliente e a criação de logs de comunicação de todos os serviços que dependem do RSE (pode conter rastreamento de pilha de exceção Java)

#### Nota:

- O diretório `.eclipse` e os arquivos de log `.dstore*` começam com um ponto (`.`), o que os torna ocultos. Use o comando `ls -lA` do z/OS UNIX para listar arquivos e diretórios ocultos. Ao usar o cliente Developer for System z, selecione a página de preferências **Janela > Preferências... > Sistemas Remotos > Arquivos** e ative "Mostrar arquivos ocultos".
- A criação dos arquivos de log `.dstore*` é controlada pelas opções de inicialização `-DDSTORE_* Java`, conforme descrito em "Definindo parâmetros de inicialização Java com `_RSE_JAVAOPTS`" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658).
- Os arquivos de log `.dstore*` são criados em ASCII. Use o comando do z/OS UNIX, `iconv -f ISO8859-1 -t IBM-1047 .dstore*`, para exibi-los no EBCDIC (ao usar a página de códigos IBM-1047).
- Diferente dos arquivos `*.log`, os arquivos de log do `.dstore*` não são removidos automaticamente na reconexão do cliente. A remoção desses arquivos é uma ação manual.
- Há comandos do operador disponíveis para controlar a quantidade de dados gravados em alguns dos arquivos de log mencionados. Consulte "Comandos do operador" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658) para obter informações adicionais.
- Os arquivos `ffs*.log`, `lock.log` e `rsecomm.log` também podem existir com uma extensão `".last"`, em vez de uma extensão `".log"`, se `keep.last.log=true` for especificado em `rse.envvars`. Por padrão, os arquivos de log `".last"` não são criados.
- Os arquivos `ffs*.log`, `lock.log` e `rsecomm.log` terão um nome estendido se `keep.all.logs=true` for especificado em `rse.envvars`. Por padrão, o nome estendido é usado. O nome a seguir é uma amostra de nome estendido, em que `RSEdx` representa o nome do espaço de endereço do conjunto de encadeamentos no qual o usuário está ativo e `yyyymmddhhmmss` é um registro de data e hora (ano, mês, dia, hora, minuto, segundo): `ffs.RSEdx#yyyymmddhhmmss.log`

## criação de log do SCLM Developer Toolkit

- `userlog/$LOGNAME/rsecomm.log`

A criação de log de comunicação do SCLM Developer Toolkit, em que `userlog` é o valor combinado das diretivas `user.log` and `DSTORE_LOG_DIRECTORY` em `rse.envvars`, e `$LOGNAME` é o ID do usuário de logon (em maiúsculas). Se a diretiva `user.log` for comentada ou não estiver presente, o caminho inicial do usuário será usado. O caminho inicial é definido no segmento de segurança

OMVS do ID de usuário. Se a diretiva `DSTORE_LOG_DIRECTORY` for comentada ou não estiver presente, então `.eclipse/RSE/` será anexado ao valor `user.log`.

## Criação de logs do CARMA

- **Tarefa do Servidor CARMA**

Ao abrir uma conexão com o CARMA e usar a interface em lote, `FEK.#CUST.SYSPROC(CRASUBMT)` iniciará uma tarefa do servidor (com o ID do usuário como proprietário) denominada `CRAport`, em que `port` é a porta TCP/IP usada.

- **CARMALOG DD**

Se a instrução DD `CARMALOG` for especificada no método de inicialização do CARMA escolhido, a criação de logs do CARMA será redirecionada para essa instrução DD na tarefa do servidor, caso contrário, ela irá para `SYSPRINT`.

- **SYSPRINT DD**

O `SYSPRINT DD` da tarefa do servidor conterá a criação de log do CARMA, se o `CARMALOG` da instrução DD não estiver definido.

- **SYSTSPRT DD**

O `SYSTSPRT DD` da tarefa do servidor mantém as mensagens do sistema (TSO) da inicialização do servidor CARMA.

- **userlog/\$LOGNAME/rsecomm.log**

A criação de log de comunicação de CARMA, em que `userlog` é o valor combinado das diretivas `user.log` e `DSTORE_LOG_DIRECTORY` em `rzed.envvars`, e `$LOGNAME` é o DI do usuário de logon (em maiúsculas). Se a diretiva `user.log` for comentada ou não estiver presente, o caminho inicial do usuário será usado. O caminho inicial é definido no segmento de segurança OMVS do ID de usuário. Se a diretiva `DSTORE_LOG_DIRECTORY` for comentada ou não estiver presente, então `.eclipse/RSE/` será anexado ao valor `user.log`.

## Criação de Log IVP fekfivpc

- **/tmp/fekfivpc.log**

O comando `fekfivpc` (teste do IVP relacionado ao CARMA) criará o arquivo `fekfivpc.log` para documentar a comunicação entre o RSE e o CARMA. O log será criado no diretório conhecido por `TMPDIR`, se esta variável for definida no `rzed.envvars`. Se a variável não for definida, o arquivo será criado no `/tmp`.

## Criação de log de teste IVP do fekfivpi

- **/tmp/fekfivpi.log**

Saída do comando `fekfivpi -file` (teste do IVP relacionado ao TSO/ISPF Client Gateway). O log será criado no diretório conhecido por `TMPDIR`, se esta variável for definida no `rzed.envvars`. Se a variável não for definida, o arquivo será criado no `/tmp`.

## Criação de Log de Teste IVP do fekfivps

- **/tmp/fekfivps.log**

Saída do comando `fekfivps -file` (teste do IVP relacionado ao SCLMDT). O log será criado no diretório conhecido por `TMPDIR`, se esta variável for definida no `rzed.envvars`. Se a variável não for definida, o arquivo será criado no `/tmp`.

## Criação de Log da Revisão de Código

- **SYSTSPRT DD**



O SYSTSPRT DD da etapa que chama o procedimento de revisão de código retém as mensagens do frontend que conduz o processo de análise de código.

- WORKSPCE DD

O WORKSPCE DD da etapa que chama o procedimento de revisão de código retém as mensagens de log da área de trabalho do Eclipse do processo de análise de código.

- ERRMSGs DD

O ERRMSGs DD da etapa que chama o procedimento de revisão de código retém a saída stderr do processo de análise de código.

## Criação de Log da Cobertura de Código

- SYSTSPRT DD

O SYSTSPRT DD da etapa que chama o procedimento de revisão de código retém as mensagens do front-end que conduz o processo de análise de código.

- WORKSPCE DD

O WORKSPCE DD da etapa que chama o procedimento de revisão de código retém as mensagens de log da área de trabalho do Eclipse do processo de análise de código.

- ERRMSGs DD

O ERRMSGs DD da etapa que chama o procedimento de revisão de código retém a saída stderr do processo de análise de código.

---

## Arquivos de dump

Quando um produto é finalizado de forma anormal, um dump de armazenamento é criado para auxiliar na determinação do problema. A disponibilidade e o local desses dumps dependem quase que totalmente das configurações específicas do site. Os dumps podem não ser criados, ou podem ser criados em locais diferentes daqueles mencionados nas seções a seguir.

## Dumps do MVS

Quando um programa está em execução no MVS, verifique os arquivos de dump do sistema e verifique a JCL em busca das seguintes instruções DD (dependendo do produto):

- SYSABEND
- SYSDUMP
- SYSUDUMP
- CEEDUMP
- SYSPRINT
- SYSOUT

Consulte o *MVS JCL Reference* (SA22-7597) e o *Language Environment Debugging Guide* (GA22-7560) para obter informações adicionais sobre essas instruções DD.

## Dumps de Java

No z/OS UNIX, a maioria dos dumps do Developer for System z é controlada pela Java Virtual Machine (JVM).

A JVM cria um conjunto de agentes de dump por padrão, durante a inicialização (SYSTDUMP e JAVADUMP). Você pode sobrepor este conjunto de agentes de dump utilizando a variável de ambiente JAVA\_DUMP\_OPTS e sobrepor o conjunto

pelo uso de -Xdump na linha de comandos. As opções da linha de comandos JVM são definidas na diretiva \_RSE\_JAVA\_OPTS de rsed.envvars. Não altere nenhuma configuração de dump, a menos que tenha sido solicitado pelo IBM Support Center.

**Nota:** A opção -Xdump:what na linha de comandos pode ser usada para determinar quais agentes de dump existem na conclusão da inicialização.

Os tipos de dump que podem ser produzidos são os seguintes:

#### SYSTDUMP

Dump de transação Java. Um dump de armazenamento não-formatado gerado pelo z/OS.

O dump é gravado em um conjunto de dados MVS sequencial utilizando-se um nome padrão no formato %uid.JVM.TDUMP.%job.D%y%m%d.T%H%M%S, ou conforme determinado pela configuração da variável de ambiente JAVA\_DUMP\_TDUMP\_PATTERN.

**Nota:** JAVA\_DUMP\_TDUMP\_PATTERN permite o uso de variáveis, que são convertidas em um valor real na hora em que o dump de transação é obtido.

*Tabela 38. Variáveis de JAVA\_DUMP\_TDUMP\_PATTERN*

Variável	Uso
%uid	ID do usuário
%job	Nome da tarefa
%y	Ano (2 dígitos)
%m	Mês (2 dígitos)
%d	Dia (2 dígitos)
%H	Hora (2 dígitos)
%M	Minuto (2 dígitos)
%S	Segundo (2 dígitos)

#### CEEDUMP

Dump do LE (Language Environment). Um dump do sistema de resumo formatado que mostra rastreios de pilha para cada encadeamento que está no processo JVM, junto com informações de registro e um dump curto de armazenamento para cada registro.

O dump é gravado em um arquivo z/OS UNIX chamado CEEDUMP.aaaamdd.hhmmss.pid, em que aaaamdd é igual à data atual, hhmmss é a hora atual e pid é o ID do processo atual. Os locais possíveis deste arquivo são descritos em “Locais de Dump do z/OS UNIX” na página 167.

#### HEAPDUMP

Um dump formatado (uma lista) dos objetos que estão no heap Java.

O dump é gravado em um arquivo z/OS UNIX chamado HEAPDUMP.aaaamdd.hhmmss.pid.TXT, em que aaaamdd é igual à data atual, hhmmss é a hora atual e pid é o ID do processo atual. Os locais possíveis deste arquivo são descritos em “Locais de Dump do z/OS UNIX” na página 167.



Note que o Developer for System z fornece um comando do operador para acionar este dump. Consulte o capítulo "Comandos do Operador" no *Guia de Configurações do Host* (SC23-7658) para obter mais detalhes.

## JAVADUMP

Uma análise formatada da JVM. Contém informações de diagnóstico relacionadas à JVM e ao aplicativo Java, como o ambiente de aplicativos, encadeamentos, pilha nativa, bloqueios e memória.

O dump é gravado em um arquivo z/OS UNIX chamado JAVADUMP.aaaammdd.hmmss.pid.TXT, em que aaaammdd é igual à data atual, hmmss é a hora atual e pid é o ID do processo atual. Os locais possíveis deste arquivo são descritos em "Locais de Dump do z/OS UNIX".

Note que o Developer for System z fornece um comando do operador para acionar este dump. Consulte o capítulo "Comandos do Operador" no *Guia de Configurações do Host* (SC23-7658) para obter mais detalhes.

Consulte o *Java Diagnostic Guide* (SC34-6358) para obter informações adicionais sobre dumps de JVM e o *Language Environment Debugging Guide* (GA22-7560) para obter informações específicas de LE.

## Locais de Dump do z/OS UNIX

A JVM verifica a existência de cada um dos seguintes locais e as permissões de gravação e armazena os arquivos CEEDUMP, HEAPDUMP e JAVADUMP no primeiro local disponível. Observe que você deve possuir espaço em disco livre suficiente para que o arquivo de dump seja gravado corretamente.

1. O diretório na variável de ambiente `_CEE_DMPTARG`, se localizado. Essa variável está configurada em `rsed.envvars` como `/tmp`. Ela pode ser alterada para `/dev/null` para evitar a criação de arquivos dump.
2. O diretório de trabalho atual, se o diretório não for o diretório raiz (`/`) e se o diretório for gravável.
3. O diretório na variável de ambiente `TMPDIR` (uma variável de ambiente que indica o local de um diretório temporário se ele não for `/tmp`), se localizado.
4. O diretório `/tmp`.
5. Se o dump não puder ser armazenado em nenhum dos locais mencionados anteriormente, ele será colocado em `stderr`.

---

## Rastreio

### rastreio do JES Job Monitor

O rastreio do JES Job Monitor é controlado pelo operador do sistema, conforme descrito em "Comandos do operador" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658).

- Inicializar a tarefa iniciada JMON com o parâmetro `PRM=-TV` ativa o modo detalhado (rastreio)
- Os comandos do operador **modify trace** e **modify message** permitem selecionar o nível de detalhe desejado das mensagens de log.

### rastreio RSE

Há vários arquivos de log criados pelos componentes relacionados ao RSE. A maioria está localizada em `userlog/$LOGNAME/`, em que `userlog` é o valor combinado das diretivas `user.log` e `STORE_LOG_DIRECTORY` em `rsed.envvars`, e `$LOGNAME` é o ID do usuário de logon (em maiúsculas). Se a diretiva `user.log` for

comentada ou não estiver presente, o caminho inicial do usuário será usado. O caminho inicial é definido no segmento de segurança OMVS do ID de usuário. Se a diretiva `DSTORE_LOG_DIRECTORY` for comentada ou não estiver presente, então `.eclipse/RSE/` será anexado ao valor `user.log`.

A quantidade de dados gravados em `ffs*.log`, `lock.log` e `rsecomm.log` é controlada pelo comando do operador **modify rsecommlog** ou pela configuração de `debug_level` in `rsecomm.properties`. Consulte "Comandos do operador" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658) e "(Opcional) Rastreo RSE" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658) para obter detalhes adicionais.

A criação dos arquivos de log `.dstore*` é controlada pelas opções de inicialização `-DDSTORE_*` Java, conforme descrito em "Definindo parâmetros de inicialização Java com `_RSE_JAVAOPTS`" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658).

**Nota:**

- O diretório `.eclipse` e os arquivos de log `.dstore*` começam com um ponto (`.`), o que os torna ocultos. Use o comando `ls -lA` do z/OS UNIX para listar arquivos e diretórios ocultos. Ao usar o cliente Developer for System z, selecione a página de preferências **Janela > Preferências... > Sistemas Remotos > Arquivos** e ative "Mostrar arquivos ocultos".
- Os arquivos de log `.dstore*` são criados em ASCII. Use o comando do z/OS UNIX, `iconv -f ISO8859-1 -t IBM-1047 .dstore*`, para exibi-los no EBCDIC (ao usar a página de códigos IBM-1047).
- Diferente dos arquivos `*.log`, os arquivos de log do `.dstore*` não são removidos automaticamente na reconexão do cliente. A remoção desses arquivos é uma ação manual.

Os arquivos de log específicos do daemon RSE e do conjunto de encadeamentos do RSE estão localizados em `daemon-home`, em que `daemon-home` é o valor da diretiva `daemon.log` em `rsed.envvars`. Se a diretiva `daemon.log` for comentada ou não estiver presente, o diretório inicial do ID do usuário designado à tarefa iniciada `RSED` será usado. O diretório inicial é definido no segmento de segurança OMVS do ID do usuário.

A quantidade de dados gravada em `rsedaemon.log` e em `rserver.log` é controlada pelos comandos do operador **modify rsedaemonlog** e **modify rserverlog** ou configurando `debug_level` em `rsecomm.properties`. Consulte "Comandos do operador" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658) e "(Opcional) Rastreo RSE" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658) para obter detalhes adicionais.

`serverlogs.count`, `stderr*.log` e `stdout*.log` são criados apenas se a diretiva `enable.standard.log` em `rsed.envvars` estiver ativa, ou se a função for dinamicamente ativada com o comando do operador **modify rsestandardlog on**.

## rastreo CARMA

O usuário pode controlar a quantidade de informações de rastreo que o CARMA gera configurando o Nível de Rastreo na guia de propriedades da conexão CARMA no cliente. As opções para o Nível de Rastreo são:

- Desativar Criação de Log
- Log de Erros
- Log de Avisos
- Log Informativo

- Log de Depuração

O valor-padrão é o seguinte:

Log de Erros

Consulte “Arquivos de Log” na página 160 para obter informações adicionais sobre as localizações do arquivo de log.

## Rastreo de feedback de erro

O procedimento a seguir permite reunir informações necessárias para diagnosticar problemas de feedback de erro com procedimentos de construção remota. Esse rastreo causará diminuição no desempenho e deverá ser realizado somente sob a orientação do IBM Support Center. Todas as referências a hlq neste seção referem-se ao qualificador de alto nível usado durante a instalação do Developer for System z. O padrão da instalação é FEK, mas isto talvez não se aplique ao seu site.

1. Faça uma cópia de backup do procedimento de compilação ELAXFC0C ativo. Este procedimento é enviado por padrão no conjunto de dados hlq.SFEKSAMP, mas pode ter sido copiado para um local diferente (por exemplo, SYS1.PROCLIB), conforme descrito em "Procedimentos de construção remota ELAXF\*" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658).
2. Altere o procedimento ELAXFC0C ativo para incluir a cadeia 'MAXTRACE' na opção de compilação EXIT(ADEXIT(ELAXMGUX)).

```
//COBOL EXEC PGM=IGYCRCTL,REGION=2048K,
//*      PARM=('EXIT(ADEXIT(ELAXMGUX))'),
//      PARM=('EXIT(ADEXIT('MAXTRACE',ELAXMGUX))'),
//      'ADATA',
//      'LIB',
//      'TEST(NONE,SYM,SEP)',
//      'LIST',
//      'FLAG(1,1)'&CICS &DB2 &COMP)
```

**Nota:** É necessário duplicar os apóstrofes em MAXTRACE. A opção agora é: EXIT(ADEXIT('MAXTRACE',ELAXMGUX)).

3. Execute uma Verificação de Sintaxe Remota no programa COBOL para o qual você deseja rastreo detalhado.
4. A parte SYSOUT da saída JES começará listando os nomes dos conjuntos de dados para SIDEFILE1, SIDEFILE2, SIDEFILE3 e SIDEFILE4.

```
ABOUT TOO OPEN SIDEFILE1 - NAME = 'uid.DT021207.TT110823.M0000045.C0000000'
SUCCESSFUL OPEN SIDEFILE1 - NAME = 'uid.DT021207.TT110823.M0000045.C0000000'
ABOUT TOO OPEN SIDEFILE2 - NAME = 'uid.DT021207.TT110823.M0000111.C0000001'
SUCCESSFUL OPEN SIDEFILE2 - NAME = 'uid.DT021207.TT110823.M0000111.C0000001'
ABOUT TOO OPEN SIDEFILE3 - NAME = 'uid.DT021207.TT110823.M0000174.C0000002'
SUCCESSFUL OPEN SIDEFILE3 - NAME = 'uid.DT021207.TT110823.M0000174.C0000002'
ABOUT TOO OPEN SIDEFILE4 - NAME = 'uid.DT021207.TT110823.M0000236.C0000003'
SUCCESSFUL OPEN SIDEFILE4 - NAME = 'uid.DT021207.TT110823.M0000236.C0000003'
```

**Nota:** Dependendo das suas configurações, SIDEFILE1 e SIDEFILE2 podem estar apontando para uma instrução DD (SUCCESSFUL OPEN SIDEFILE1 - NAME = DD:WSEDSF1). Consulte a parte JESJCL da saída (localizada antes da parte SYSOUT) para obter o nome real do conjunto de dados.

```
22 //COBOL.WSEDSF1 DD DISP=MOD,
// DSN=uid.ERRCOB.member.SF.Z682746.XML
23 //COBOL.WSEDSF2 DD DISP=MOD,
// DSN=uid.ERRCOB.member.SF.Z682747.XML
```

5. Copie esses quatro conjuntos de dados em seu PC, por exemplo, criando um projeto COBOL local no Developer for System z e incluindo os conjuntos de dados SIDEFILE1->4.
6. Copie o log da tarefa do JES completo em seu PC, por exemplo, abrindo a saída de tarefas no Developer for System z e salvando-a no projeto local selecionando **Arquivo > Salvar Como ....**

7. Restaure o procedimento ELAXFC0C para o estado original, desfazendo a alteração (remova a cadeia "MAXTRACE" nas opções de compilação) ou restaurando o backup.
8. Envie os arquivos coletados (SIDEFILE1->4 e log da tarefa) para o centro de suporte IBM.

---

## Bits de permissão do z/OS UNIX

O Developer for System z requer que o sistema de arquivo z/OS UNIX e alguns arquivos z/OS UNIX tenham certos bits de permissão configurados.

### atributo do sistema de arquivos SETUID

O Explorador de Sistema Remoto (RSE) é o componente do Developer for System z que fornece serviços principais, como conectar o cliente ao host. Ele deve ter permissão para executar tarefas como criar o ambiente de segurança do usuário.

O sistema de arquivos (HFS ou zFS) em que o Developer for System z está instalado deve ser montado com o bit de permissão SETUID ativado (este é o padrão do sistema). A montagem do sistema de arquivo com o parâmetro NOSETUID impedirá o Developer for System z de criar o ambiente de segurança do usuário e falhará no pedido de conexão. Outros indicadores para este problema de configuração são:

- mensagem do console "FEK999E: O módulo fekfomvs deve ser marcado como autorizado pelo APF"
- O PassTicket IVP falha com "ICH409I 282-010 FOI ENCERRADO DE FORMA ANORMAL DURANTE O PROCESSAMENTO DE RACHECK"

Erros semelhantes (tais como as mensagens BPXP014I e BPXP015I) podem ser esperados se os sistemas de arquivos que hospedam binários de Java ou z/OS UNIX são montados com o parâmetro NOSETUID.

Use o comando TSO **ISHELL** para listar o status atual do bit SETUID. No painel ISHELL, selecione **Sistemas\_de\_arquivos > 1. Montar tabela...** para listar os sistemas de arquivos montados. O comando da linha **a** mostrará os atributos para o sistema de arquivos selecionado, em que o campo "Ignorar SETUID" deve ser 0.

### Autorização de controle de programa

O Explorador de Sistema Remoto (RSE) é o componente do Developer for System z que fornece serviços principais, como conectar o cliente ao host. Ele deve executar o programa controlado para realizar tarefas como a comutação para o ID do usuário do cliente.

O bit de controle de programa do z/OS UNIX é configurado durante a instalação do SMP/E onde necessário, exceto para a interface Java para seu produto de segurança, conforme documentado no Capítulo 2, "Considerações de segurança", na página 19. Este bit de permissão pode se perder caso você não o tenha preservado durante uma cópia manual dos diretórios Developer for System z.

Os seguintes arquivos do Developer for System z devem ser controlados pelo programa:

- /usr/lpp/rdz/bin/
  - fekfdivp
  - fekfomvs

- fekfrip
- /usr/lpp/rdz/lib/
  - fekfdi.dll
  - libfekdcore.so
  - libfekfmain.so
- /usr/lpp/rdz/lib/icuc/
  - libicudata.dll
  - libicudata50.1.dll
  - libicudata50.dll
  - libicudata64.50.1.dll
  - libicudata64.50.dll
  - libicudata64.dll
  - libicuuc.dll
  - libicuuc50.1.dll
  - libicuuc50.dll
  - libicuuc64.50.1.dll
  - libicuuc64.50.dll
  - libicuuc64.dll

Use o comando do z/OS UNIX, **ls -E**, para listar os atributos estendidos, em que o bit de controle de programa é marcado com a letra **p**, conforme exibido na amostra a seguir (\$ é o prompt do z/OS UNIX):

```
$ cd /usr/lpp/rdz
$ ls -E lib/fekf*
-rwxr-xr-x -ps- 2 user      group      94208 Jul  8 12:31 lib/fekfdi.dll
```

Use o comando **extattr +p** do z/OS UNIX para configurar o bit de controle de programa manualmente, conforme exibido na seguinte amostra (\$ e # são o prompt do z/OS UNIX):

```
$ cd /usr/lpp/rdz
$ su
# extattr +p lib/fekf*
# exit
$ ls -E lib/fekf*
-rwxr-xr-x -ps- 2 user      group      94208 Jul  8 12:31 lib/fekfdi.dll
```

**Nota:** Para utilizar o comando **extattr +p**, você deve ter pelo menos acesso de LEITURA ao perfil BPX.FILEATTR.PROGCTL na classe FACILITY do software de segurança ou ser um superusuário (UID 0) se esse perfil não estiver definido. para obter informações adicionais, consulte *UNIX System Services Planning* (GA22-7800).

## Autorização APF

O Explorador de Sistema Remoto (RSE) é o componente do Developer for System z que fornece serviços principais, como conectar o cliente ao host. Ele deve executar autorizado pelo APF a fim de executar tarefas como exibir uso de recurso de processo detalhado.

O bit APF z/OS UNIX é definido durante a instalação do SMP/E onde necessário. Este bit de permissão pode se perder caso você não o tenha preservado durante uma cópia manual dos diretórios Developer for System z.

Os arquivos do Developer for System z a seguir devem ser autorizados pelo APF:

- /usr/lpp/rdz/bin/
  - BWBTSOW

- CRAFTSTART
- fekfomvs
- fekfriwp

Use o comando do z/OS UNIX, **ls -E**, para listar os atributos estendidos, em que o bit APF é marcado com a letra a, conforme exibido na amostra a seguir (\$ é o prompt do z/OS UNIX):

```
$ cd /usr/lpp/rdz
$ ls -E bin/fekfriwp
-rwxr-xr-x  aps-  2 user      group      114688 Sep 17 06:41 bin/fekfriwp
```

Use o comando **extattr +a** do z/OS UNIX para configurar o bit APF manualmente, conforme exibido na amostra a seguir (\$ e # são os prompts do z/OS UNIX):

```
$ cd /usr/lpp/rdz
$ su
# extattr +a bin/fekfriwp
# exit
$ ls -E bin/fekfriwp
-rwxr-xr-x  aps-  2 user      group      114688 Sep 17 06:41 bin/fekfriwp
```

**Nota:** Para que seja possível usar o comando **extattr +a**, você deve ter ao menos o acesso de LEITURA no perfil BPX.FILEATTR.APF na classe FACILITY do seu software de segurança ou ser um superusuário (UID 0), caso este perfil não esteja definido. para obter informações adicionais, consulte *UNIX System Services Planning* (GA22-7800).

## Sticky Bit

Alguns dos serviços opcionais do Developer for System z requerem que os módulos de carregamento do MVS estejam disponíveis para o z/OS UNIX. Isso é feito ao criar um stub (um arquivo fictício) no z/OS UNIX com o bit "sticky" ativado. Quando o stub é executado, o z/OS UNIX procurará um módulo de carregamento MVS com o mesmo nome e executará o módulo de carregamento em vez disso.

O sticky bit do z/OS UNIX é configurado durante a instalação do SMP/E onde necessário. Esses bits de permissão podem ser perdidos se você não os preservou durante uma cópia manual dos diretórios do Developer for System z.

Os arquivos do Developer for System z a seguir devem ter o sticky bit em:

- /usr/lpp/rdz/bin/
  - AZUTSTRN
  - BWBTSOW
  - BWBTRANT
  - CRAFTSTART

Use o comando **ls -l** do z/OS UNIX para listar as permissões, em que o sticky bit é marcado com a letra t, conforme exibido na seguinte amostra (\$ é o prompt do z/OS UNIX):

```
$ cd /usr/lpp/rdz
$ ls -l bin/CRA*
-rwxr-xr-t  2 user      group      71 Jul  8 12:31 bin/CRAFTSTART
```

Utilize o comando **chmod +p** do z/OS UNIX para configurar o sticky bit manualmente, conforme exibido na seguinte amostra (\$ e # é o prompt do z/OS UNIX):

```
$ cd /usr/lpp/rdz
$ su
# chmod +t bin/CRA*
# exit
$ ls -l bin/CRA*
-rwxr-xr-t  2 user      group      71 Jul  8 12:31 bin/CRAFTSTART
```

**Nota:** Para poder utilizar o comando **chmod**, você deve ter pelo menos o acesso READ ao perfil SUPERUSER.FILESYS.CHANGEPERMS na classe UNIXPRIV do software de segurança ou ser um superusuário (UID 0) se esse perfil não estiver definido. para obter informações adicionais, consulte *UNIX System Services Planning* (GA22-7800).

## Portas TCP/IP reservadas

Com o comando **netstat** (TSO ou z/OS UNIX), você pode obter uma visão geral das portas atualmente em uso. A saída desse comando será semelhante ao exemplo a seguir. As portas usadas são o último número (atrás de "..") na coluna "Soquete Local". Como estas portas já estão em uso, elas não podem ser usadas para a configuração do Developer for System z.

### IPv4

```
MVS TCP/IP NETSTAT CS VxRy TCP/IP Name: TCP/IP 16:36:42
User Id Conn Local Socket Foreign Socket State
-----
BPX0INIT 00000014 0.0.0.0..10007 0.0.0.0..0 Listen
INETD4 0000004D 0.0.0.0..512 0.0.0.0..0 Listen
RSED 0000004B 0.0.0.0..4035 0.0.0.0..0 Listen
JMON 00000038 0.0.0.0..6715 0.0.0.0..0 Listen
```

### IPv6

```
MVS TCP/IP NETSTAT CS VxRy TCP/IP Name: TCP/IP 12:46:25
User Id Conn State
-----
BPX0INIT 00000018 Listen
Local Socket: 0.0.0.0..10007
Foreign Socket: 0.0.0.0..0
INETD4 00000046 Listen
Local Socket: 0.0.0.0..512
Foreign Socket: 0.0.0.0..0
RSED 0000004B Listen
Local Socket: 0.0.0.0..4035
Foreign Socket: 0.0.0.0..0
JMON 00000037 Listen
Local Socket: 0.0.0.0..6715
Foreign Socket: 0.0.0.0..0
```

Outra limitação que pode existir são as portas TCP/IP reservadas. Há os dois lugares comuns a seguir para reservar as portas TCP/IP:

- **PROFILE.TCPIP**

Esse é o conjunto de dados referido pela instrução PROFILE DD da tarefa iniciada do TCP/IP, muitas vezes chamado de SYS1.TCPPARMS(TCPPROF).

- PORT: Reserva uma porta para nomes de tarefas especificados.
- PORTRANGE: Reserva um intervalo de portas para nomes de tarefas especificados.

Consulte *Communications Server: IP Configuration Guide* (SC31-8775) para obter informações adicionais sobre essas instruções.

- **SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx)**

- INADDRANYPORT: Especifica o número da porta inicial para o intervalo de números de portas que o sistema reserva para utilização com PORT 0, ligações INADDR\_ANY. Esse valor é necessário somente para CINET (várias pilhas TCP/IP ativas em um único host).
- INADDRANYCOUNT: Especifica o número de portas que o sistema reserva, iniciando com o número de porta especificado no parâmetro INADDRANYPORT. Esse valor é necessário somente para CINET (várias pilhas TCP/IP ativas em um único host).

Consulte *UNIX System Services Planning* (GA22-7800) e *MVS Initialization and Tuning Reference* (SA22-7592) para obter informações adicionais sobre essas instruções.



Estas portas reservadas podem ser listadas com o comando **netstat port1** (TSO ou z/OS UNIX), que cria uma saída como esta do exemplo a seguir:

```

MVS TCP/IP NETSTAT CS VxRy TCPIP Name: TCPIP 17:08:32
Port# Prot User  Flags  Range  IP Address
-----
00007 TCP  MISC SERV DA
00009 TCP  MISC SERV DA
00019 TCP  MISC SERV DA
00020 TCP  OMVS      D
00021 TCP  FTPD1    DA
00025 TCP  SMTP     DA
00053 TCP  NAMESRV  DA
00080 TCP  OMVS     DA
03500 TCP  OMVS     DAR    03500-03519
03501 TCP  OMVS     DAR    03500-03519

```

Consulte *Communications Server: IP System Administrator's Commands* (SC31-8781) para obter informações adicionais sobre o comando **NETSTAT**.

**Nota:** O comando **NETSTAT** mostra somente as informações definidas em **PROFILE.TCPIP**, que devem sobrepor as definições de **BPXPRMxx**. Em caso de dúvidas ou problemas, verifique o membro **parmlib** de **BPXPRMxx** para verificar as portas sendo reservadas aqui.

## Tamanho do espaço de endereço

O daemon RSE, que é um processo z/OS UNIX Java, exige um tamanho de região grande para executar suas funções. Portanto, é importante definir limites de armazenamento grandes para espaços de endereço do OMVS.

### Requisitos da JCL de Inicialização

O daemon RSE é iniciado pela JCL utilizando **BPXBATSL**, cujo tamanho da região deve ser 0.

### Limitações Definidas em SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx)

Configure **MAXASSIZE** em **SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx)**, que define o tamanho da região do espaço de endereço (processo) do OMVS como 2G. Esse é o tamanho máximo permitido. Esse é um limite amplo do sistema e, dessa forma, ativo em todos os espaços de endereço do z/OS UNIX. Se não for desejado, será possível configurar o limite também apenas para o Developer for System z em seu software de segurança.

Esse valor pode ser verificado e configurado dinamicamente (até o próximo IPL) com os seguintes comandos de console, conforme descrito em *MVS System Commands* (GC28-1781):

1. **DISPLAY OMVS,0**
2. **SETOMVS MAXASSIZE=2G**

### Limitações Armazenadas no Perfil de Segurança

Verifique **ASSIZEMAX** no segmento OMVS do ID do usuário do daemon e configure-o como 2147483647 ou, de preferência, como **NONE** para utilizar o valor **SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx)**.

Utilizando RACF, esse valor pode ser verificado e configurado com os seguintes comandos TSO, conforme descrito em *Security Server RACF Command Language Reference* (SA22-7687):

1. **LISTUSER userid NORACF OMVS**
2. **ALTUSER userid OMVS(NOASSIZEMAX)**



## Limitações Impostas por Saídas do Sistema

Certifique-se de não permitir que saídas do sistema IEFUSI ou IEALIMIT controlem os tamanhos de regiões de espaços de endereços OMVS. Uma forma possível de fazer isso é pela codificação de SUBSYS(OMVS,NOEXITS) em SYS1.PARMLIB(SMFPRMxx).

Os valores SYS1.PARMLIB(SMFPRMxx) podem ser verificados e ativados com os seguintes comandos do console, conforme descrito em *MVS System Commands* (GC28-1781):

1. DISPLAY SMF,0
2. SET SMF=xx

## Limitações para Endereçamento de 64 Bits

A palavra-chave MEMLIMIT em SYS1.PARMLIB(SMFPRMxx) limita o quanto uma tarefa de armazenamento virtual de 64 bits pode alocar acima da barra de 2GB. Ao contrário do parâmetro REGION no JCL, o MEMLIMIT=0M significa que o processo não pode usar o armazenamento virtual acima da barra.

Se o MEMLIMIT não estiver especificado em SMFPRMxx, o valor-padrão será 0M, assim as tarefas serão limitadas ao (31 bits) 2GB abaixo da barra. O padrão alterado no z/OS 1.10 para 2G, permitindo que as tarefas de 64 bits usem até 4GB (os 2GB abaixo da barra e os 2GB acima da barra concedidos por MEMLIMIT).

Os valores SYS1.PARMLIB(SMFPRMxx) podem ser verificados e ativados com os seguintes comandos do console, conforme descrito em *MVS System Commands* (GC28-1781):

1. DISPLAY SMF,0
2. SET SMF=xx

O MEMLIMIT também pode ser especificado como parâmetro na placa EXEC no JCL. Se nenhum parâmetro MEMLIMIT estiver especificado, o padrão será o valor definido para SMF, exceto quando o REGION=0M estiver especificado, em tal caso o padrão será NOLIMIT.

---

## Informações Variadas

### Encerramento Anormal por Falta de Espaço B37 de Feedback de Erro

Quando um usuário seleciona o feedback de erro durante uma ação de compilação, vários conjuntos de dados temporários são criados pelo Developer for System z. Quando um desses conjuntos de dados tem falta de espaço, as tarefas de compilação terminam com um encerramento anormal por falta de espaço B37-04.

Ajuste a alocação de espaço em FEK.SFEKPROC(FEKFERRF) quando os usuários tiverem esse problema. O valor padrão é SPACE(200,40) TRACKS.

### Limites do sistema

SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx) define muitas limitações relacionadas ao z/OS UNIX, que pode ser acessado quando muitos clientes do Developer for System z estão ativos. A maioria dos valores de BPXPRMxx pode ser alterada dinamicamente com os comandos do console SETOMVS e SET OMVS.

Use o comando do console **SETOMVS LIMMSG=ALL** para que o z/OS UNIX exiba mensagens do console (BPXI040I) quando qualquer dos limites BPXPRMxx estiver prestes a ser atingido.

## Conexão recusada

Cada conexão RSE inicia diversos processos que são permanentemente ativos. Novas conexões podem ser recusadas devido ao limite configurado em SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx) na quantidade de processos, especialmente quando os usuários compartilham o mesmo UID (como ao utilizar o segmento OMVS padrão).

- O limite por UID é definido pela palavra-chave MAXPROCUSER e possui um valor-padrão de 25.
- O limite do sistema é definido pela palavra-chave MAXPROCSYS e possui um valor-padrão de 200.

Outra origem de conexões recusadas é o limite da quantidade de espaços de endereço do z/OS e de usuários do z/OS UNIX ativos.

- A quantidade máxima de Address Space IDs (ASID) é definida em SYS1.PARMLIB(IEASYSxx) com a palavra-chave MAXUSER e tem valor-padrão de 255.
- A quantidade máxima de UIDs (z/OS UNIX User IDs) é definida em SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx) com a palavra-chave MAXUIDS e possui o valor-padrão de 200.

## OutOfMemoryError

Um conjunto de encadeamentos do RSE pode falhar com uma mensagem OutOfMemoryError sendo registrada. Esse erro está relacionado ao tamanho do heap Java e pode ocorrer se os usuários ativos deste conjunto de encadeamentos usarem mais recursos do que o esperado. As causas comuns desse erro são as seguintes:

- Expandindo filtros de grandes conjuntos de dados no Explorador de Sistema Remoto
- Abrindo PDS(E) com uma grande quantidade de membros
- Abrindo grandes arquivos de membros ou sequenciais

Para resolver esse problema, é possível fazer o seguinte:

- Aumentar a diretiva -Xmx em rsed.envvars, porque ela controla o tamanho máximo do heap Java. Observe que o heap Java deve se ajustar dentro dos limites de espaço de endereço.
- Diminuir a diretiva -Dmaximum.clients em rsed.envvars, porque ela controla quantos usuários podem ser colocados em um único conjunto de encadeamento (e também compartilhar um único heap Java).

---

## Emulador de Conexão do Host

- O Emulador de Conexão do Host utiliza o telnet TN3270, e não o servidor RSE, para se conectar ao host.
- Quando você está utilizando telnet segura (SSL) e trabalhando com certificados que não são assinados por um CA conhecido, cada cliente deve incluir o certificado CA na lista de CAs confiáveis do Emulador de Conexão do Host.

- A opção NOSNAEXT de TELNETPARMS do TCP/IP pode ser necessária para desativar as extensões funcionais do SNA. Se NOSNAEXT for especificado, o servidor telnet TN3270 não negociará as funções de resolução de contenção e de detecção do SNA.



---

## Capítulo 13. Configurando o SSL e a Autenticação X.509

Este apêndice é fornecido para ajudar você com alguns dos problemas comuns que você pode encontrar ao configurar Secure Socket Layer (SSL) ou durante a verificação ou modificação de uma configuração existente. Este apêndice também fornece uma configuração de amostra para dar suporte aos usuários se autenticando com um certificado X.509.

Comunicação segura significa garantir que seu parceiro de comunicação seja o que alega ser e transmitir informações de forma que dificulte a interceptação e leitura dos dados por terceiros. O SSL fornece essa capacidade em uma rede TCP/IP. Funciona utilizando certificados digitais para se identificar e um protocolo de chave pública para criptografar a comunicação. Consulte *Security Server RACF Security Administrator's Guide* (SA22-7683) para obter informações adicionais sobre certificados digitais e o protocolo de chave pública usados pelo SSL.

As ações necessárias para configurar as comunicações SSL para o Developer for System z variam de site para site, dependendo das necessidades exatas, do método de comunicação RSE usado e do que já está disponível no site.

Neste apêndice, clonaremos as definições de RSE atuais para que tenhamos uma 2ª conexão do daemon RSE que utilizará SSL. Também criaremos nossos próprios certificados de segurança a serem usados pelas diferentes partes da conexão RSE.

- “Decida Usar o SSL ou TLS Como o Método de Criptografia” na página 180
- “Decidir Onde Armazenar Chaves Privadas e Certificados” na página 180
- “Criar um Conjunto de Chaves com o RACF” na página 181
- “Clonar a Configuração RSE Existente” na página 182
- “Atualizar rsed.envvars para Ativar a Coexistência” na página 183
- “Atualizar ssl.properties para Ativar SSL” na página 183
- “Ativar SSL Criando um Novo Daemon RSE” na página 184
- “Testar a Conexão” na página 184
- “(Opcional) Incluir Suporte de Autenticação de Cliente X.509” na página 187
- “(Opcional) Criar um Banco de Dados de Chaves com gskkyman” na página 187
- “(Opcional) Criar um Keystore com keytool” na página 189

Todo este apêndice apresenta uma convenção de nomenclatura uniforme:

- Certificado: rdzrse
- Armazenamento de chaves e certificados: rdzssl.\*
- Senha: rsessl
- ID de usuário do Daemon: stcrse

Algumas tarefas descritas nas seções a seguir esperam que você esteja ativo no z/OS UNIX. Isso pode ser feito emitindo o comando do TSO **OMVS**. Use o comando **exit** para retornar ao TSO.

---

## Decida Usar o SSL ou TLS Como o Método de Criptografia

A variável `DSTORE_SSL_ALGORITHM` na diretiva `_RSE_JVAOPTS` de `rsed.envvars` permite escolher entre o SSL e sua Segurança da Camada de Transporte (TLS) sucessora como o método de criptografia, conforme documentado em "Definindo Parâmetros de Inicialização Java Extra com o `_RSE_JVAOPTS`" no *Guia de Configuração do Host* (S517-9094).

---

## Decidir Onde Armazenar Chaves Privadas e Certificados

Os certificados de identidade e as chaves de criptografia/descriptografia usadas pelo SSL são armazenados em um arquivo de chaves. Existem diferentes implementações deste arquivo de chaves, dependendo do tipo de aplicativo.

No entanto, todas as implementações seguem o mesmo princípio. Um comando gera um par de chaves (uma chave pública e uma chave privada associada). O comando agrupa então a chave pública em um certificado X.509 auto-assinado, que é armazenado como uma cadeia de certificados de elemento único. Essa cadeia de certificados e a chave privada são armazenadas como uma entrada (identificada por um alias) em um arquivo-chave.

O daemon RSE é um aplicativo SSL do Sistema e utiliza um arquivo de banco de dados de chaves. Esse banco de dados de chaves pode ser um arquivo físico criado por `gskkyman` ou um conjunto de chaves gerenciado pelo seu software de segurança compatível com SAF (por exemplo, RACF). O servidor RSE (que é iniciado pelo daemon) é um aplicativo Java SSL e usa um arquivo keystore criado por `keytool` ou um conjunto de chaves gerenciado pelo seu software de segurança.

*Tabela 39. Mecanismos de armazenamento de certificado SSL*

Armazenamento de certificado	Criado e gerenciado por	Daemon RSE	Servidor RSE
conjunto de chaves	Produto de segurança compatível com SAF	suportados	suportados
banco de dados de chaves	<code>gskkyman</code> do z/OS UNIX	suportados	/
keystore	<code>keytool</code> do Java	/	suportados

Para conectar por meio de SSL, é necessário o keystore e o banco de dados principal, como um arquivo z/OS UNIX ou um conjunto de chaves compatível com SAF:

- keystore (RACF ou `keytool`)
- banco de dados de chaves (RACF ou `gskkyman`)

### Nota:

- Conjuntos de chaves compatíveis com SAF é o método preferido para gerenciar certificados.
- Um certificado compartilhado poderá ser usado se o daemon RSE e o servidor RSE usarem o mesmo método de gerenciamento de certificado.
- O daemon RSE deve ser executado controlado pelo programa. O uso do SSL do Sistema implica que `SYS1.SIEALNKE` deve se tornar controlado pelo programa pelo software de segurança.
- Para executar um aplicativo SSL do Sistema (conexão daemon), o `SYS1.SIEALNKE` deve estar em `LINKLIST` ou em `STEPLIB`. Se você preferir o método `STEPLIB`, inclua a seguinte instrução no fim de `rsed.envvars`.

```
STEPLIB=$STEPLIB:SYS1.SIEALNKE
```

Porém, lembre-se de que:

- A utilização de STEPLIB no z/OS UNIX tem um impacto de desempenho negativo.
- Se uma biblioteca STEPLIB for autorizada pelo APF, todas serão autorizadas. As bibliotecas perderão sua autorização do APF se forem combinadas com as bibliotecas no STEPLIB não autorizadas.
- O SSL do Sistema utiliza o ICSF (Integrated Cryptographic Service Facility), se estiver disponível. O ICSF oferece suporte criptográfico a hardware que será usado, em vez de algoritmos de software do SSL do Sistema. Consulte *System SSL Programming* (SC24-5901) para obter informações adicionais.

Consulte *Security Server RACF Security Administrator's Guide* (SA22-7683) para obter informações sobre RACF e caracteres digitais. A documentação de gskkyman pode ser localizada em *System SSL Programming* (SC24-5901) e a documentação de keytool está disponível em <http://java.sun.com/j2se/1.5.0/docs/tooldocs/solaris/keytool.html>.

---

## Criar um Conjunto de Chaves com o RACF

Não execute esta etapa se utilizar o gskkyman para criar o banco de dados de chaves do daemon RSE e o keytool para criar o keystore do servidor RSE.

O comando **RACDCERT** instala e mantém chaves privadas e certificados no RACF. O RACF suporta várias chaves privadas e certificados para serem gerenciados como um grupo. Esses grupos são chamados anéis de chave.

Consulte *Security Server RACF Command Language Reference* (SA22-7687) para obter detalhes sobre o comando **RACDCERT**.

```
RDEFINE FACILITY IRR.DIGTCERT.LIST UACC(NONE)
RDEFINE FACILITY IRR.DIGTCERT.LISTRING UACC(NONE)
PERMIT IRR.DIGTCERT.LIST CLASS(FACILITY) ACCESS(READ) ID(stcrse)
PERMIT IRR.DIGTCERT.LISTRING CLASS(FACILITY) ACCESS(READ) ID(stcrse)
SETROPTS RACLIST(FACILITY) REFRESH

RACDCERT ID(stcrse) GENCERT SUBJECTSDN(CN('rdz rse ssl') +
OU('rdz') O('IBM') L('Raleigh') SP('NC') C('US')) +
NOTAFTER(DATE(2017-05-21)) WITHLABEL('rdzrse') KEYUSAGE(HANDSHAKE)

RACDCERT ID(stcrse) ADDRING(rdzssl.racf)
RACDCERT ID(stcrse) CONNECT(LABEL('rdzrse') RING(rdzssl.racf) +
DEFAULT USAGE(PERSONAL))
```

A amostra anterior inicia criando os perfis necessários e permitindo que o ID de usuário STCRSE acesse os conjuntos de chaves e os certificados pertencentes a esse ID de usuário. O ID do usuário usado deve corresponder ao ID do usuário usado para executar o daemon do RSE SSL. A próxima etapa é criar um novo certificado auto-assinado com rótulo rdzrse. Não é necessária senha. Esse certificado é incluído em um anel de chaves recém-criado (rdzssl.racf). Assim como com o certificado, não é necessária senha para o anel de chave.

O resultado pode ser verificado com a seguinte opção **list**:

```
RACDCERT ID(stcrse) LIST
Informações do certificado digital para o usuário STCRSE:

Rótulo: rdzrse
ID do Certificado: 2QjW10Xi0sXZ1aaEqZmihUBA
Status: TRUST
Data de Início: 24/05/2007 0h
Data de Encerramento: 21/05/2017 23h59min59s
Número de Série:
>00<
Nome do Emissor:
>CN=rdz rse ssl.OU=rdz.O=IBM.L=Raleigh.SP=NC.C=US<
Nome do Assunto:
>CN=rdz rse ssl.OU=rdz.O=IBM.L=Raleigh.SP=NC.C=US<
Tipo de Chave Privada: Não-ICSF
Tamanho da Chave Privada: 1024
Associações de Anel:
Proprietário do Anel: STCRSE
Anel:
>rdzssl.racf<
```

## (Opcional) Usando um Certificado Assinado

Os certificados podem ser auto-assinados ou assinados por uma Autoridade de Certificação (CA). Um certificado assinado por uma CA significa que a CA garante que o proprietário do certificado é quem afirma ser. O processo de assinatura inclui as credenciais de CA (também um certificado) no certificado, tornando-o uma cadeia de certificados com vários elementos.

Ao usar um certificado assinado por uma CA, você pode evitar perguntas sobre validação confiável pelo cliente do Developer for System z, se o cliente já confiar na CA.

Siga estas etapas para criar e utilizar um certificado assinado pela CA:

1. Crie um certificado autoassinado.

```
RACDCERT ID(stcrse) GENCERT WITHLABEL('rdzrse') . . .
```

2. Crie um pedido de assinatura para este certificado.

```
RACDCERT ID(stcrse) GENREQ (LABEL('rdzrse')) DSN(dsn)
```

3. Envie o pedido de assinatura para a CA de sua escolha.

4. Verifique se as credenciais de CA (também um certificado) já são conhecidas.

```
RACDCERT CERTAUTH LIST
```

5. Marque o certificado de CA como confiável.

```
RACDCERT CERTAUTH ALTER(LABEL('CA cert')) TRUST
```

Ou inclua o certificado de CA no banco de dados.

```
RACDCERT CERTAUTH ADD(dsn) WITHLABEL('CA cert') TRUST
```

6. Inclua o certificado assinado no banco de dados; ele substituirá o auto-assinado.

```
RACDCERT ID(stcrse) ADD(dsn) WITHLABEL('rdzrse') TRUST
```

**Nota:** NÃO exclua o certificado auto-assinado antes de substituí-lo. Se você fizer isso, perderá a chave privada fornecida com o certificado, inutilizando-o.

7. Crie um conjunto de chaves.

```
RACDCERT ID(stcrse) ADDRING(rdzssl.racf)
```

8. Inclua o certificado assinado no conjunto de chaves.

```
RACDCERT ID(stcrse) CONNECT(ID(stcrse) LABEL('rdzrse'))  
RING(rdzssl.racf)
```

9. Inclua o certificado de CA no conjunto de chaves.

```
RACDCERT ID(stcrse) CONNECT(CERTAUTH LABEL('CA cert'))  
RING(rdzssl.racf)
```

Observe que o certificado CA usado para assinar seu certificado pode, por sua vez, também ser assinado por outro certificado CA, de nível mais alto. Se isso acontecer, o certificado CA de nível mais alto também deverá ser incluído no conjunto de chaves. Esse processo se repete até que o certificado CA de nível mais alto seja um certificado CA raiz, que é sempre um certificado autoassinado.

---

## Clonar a Configuração RSE Existente

Nesta etapa, uma nova instância dos arquivos de configuração do RSE é criada, para que a configuração SSL possa ser executada paralelamente com a(s) existente(s). Os comandos de amostra a seguir esperam que os arquivos de configuração estejam em /etc/rdz/, que é o local padrão usado em "Configuração de customização" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658).

```
$ cd /etc/rdz  
$ mkdir ssl  
$ cp rsed.envvars ssl  
$ cp ssl.properties ssl  
$ ls ssl  
rsed.envvars    ssl.properties
```



Os comandos do z/OS UNIX listados no exemplo anterior criam um subdiretório chamado `ssl` e o preenchem com os arquivos de configuração que precisam de mudanças. Podemos compartilhar os outros arquivos de configuração, o diretório de instalação e os componentes do MVS, porque não são específicos do SSL.

Ao reutilizar a maioria dos arquivos de configuração existentes, podemos nos concentrar nas alterações realmente necessárias para configurar o SSL e evitar fazer a configuração completa do RSE novamente. (Por exemplo, podemos evitar a definição de um novo local para `ISPF.conf`.)

---

## Atualizar `rsed.envvars` para Ativar a Coexistência

Até agora, as definições são uma cópia exata da configuração atual, o que implica que os logs do novo daemon RSE sobreporão os arquivos de log atuais do servidor. O RSE também precisa saber onde localizar os arquivos de configuração que não foram copiados para o diretório `ssl`. Os dois problemas podem ser tratados por mudanças secundárias em `rsed.envvars`.

```
$ oedit /etc/rdz/ssl/rsed.envvars
-> change: RSE_RSED_PORT=4047
-> change: -Ddaemon.Log=/var/rdz/logs/ssl
-> change: -Duser.log=/var/rdz/logs/ssl
-> add at the END:
# -- NEEDED TO FIND THE REMAINING CONFIGURATION FILES
CFG_BASE=/etc/rdz
CLASSPATH=.:$CFG_BASE:$CLASSPATH
# --
```

As mudanças no exemplo anterior definem um novo local de log (que será criado pelo daemon RSE se o local do log não existir). As mudanças também atualizam o `CLASSPATH` para que os processos RSE do SSL procurem arquivos de configuração primeiramente no diretório atual (`/etc/rdz/ssl`) e, em seguida, procurem no diretório original (`/etc/rdz`).

---

## Atualizar `ssl.properties` para Ativar SSL

Atualizando `ssl.properties`, o RSE é orientado a iniciar o uso da comunicação criptografada por SSL.

```
$ oedit /etc/rdz/ssl/ssl.properties
-> change: enable_ssl=true
-> uncomment and change: daemon_keydb_file=rdzssl.racf
-> uncomment and change: daemon_key_label=rdzrse
-> uncomment and change: server_keystore_file=rdzssl.racf
-> uncomment and change: server_keystore_label=rdzrse
-> uncomment and change: server_keystore_type=JCERACFKS
```

As mudanças no exemplo anterior ativam o SSL e informam ao daemon RSE e ao servidor RSE que o certificado (compartilhado) deles está armazenado com o rótulo de `rdzrse` no conjunto de chaves `rdzssl.racf`. A palavra-chave `JCERACFKS` informa ao servidor RSE que um conjunto de chaves compatível com SAF é usado como keystore.

Observe que o SSL do Sistema (usado pelo daemon) sempre usa o ICSF, a interface com o hardware criptográfico System z, quando disponível. Para poder compartilhar as definições de daemon com o servidor usando o ICSF, especifique `server_keystore_type=JCECCARACFKS`. Aqui, um conjunto de chaves compatível com SAF também é usado como armazenamento de chaves públicas, mas a chave privada é armazenada no ICSF. Conforme documentado no *Cryptographic Services ICSF Administrator's Guide* (SA22-7521), o ICSF usa perfis nas classes de segurança `CSFKEYS` e `CSFSERV` para controlar quem pode usar chaves e serviços criptográficos.

---

## Ativar SSL Criando um Novo Daemon RSE

Conforme já mencionado, criaremos uma segunda conexão que utilizará SSL, o que significa a criação de um novo daemon do RSE. O daemon do RSE pode ser uma tarefa iniciada ou uma tarefa do usuário. O método de tarefa do usuário para configuração (teste) inicial será usado. As instruções a seguir esperam que a JCL de amostra esteja em FEK.#CUST.PROCLIB(RSED), que é o local padrão usado em "Configuração de customização" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658):

1. Crie um novo membro FEK.#CUST.PROCLIB(RSEDSSL) e copie na JCL de amostra FEK.#CUST.PROCLIB(RSED).
2. Customize RSEDSSL incluindo uma placa de tarefa na parte superior e uma instrução exec na parte inferior. Forneça também o local dos arquivos de configuração relacionados a SSL (/etc/rdz/ssl), conforme descrito na seguinte amostra de código. Observe que forçamos o uso do ID de usuário STCRSE, pois esse ID de usuário recebeu a autoridade de acesso apropriada para certificados e conjuntos de chaves em uma etapa anterior.

```
//RSEDSSL JOB CLASS=A,MSGCLASS=A,MSGLEVEL=(1,1),USER=STCRSE
//*
//* RSE DAEMON - SSL
//*
//RSED      PROC TMPDIR=,
//          PORT=,
//          IVP=,                * 'IVP' to do an IVP test
//          CNFG='/etc/rdz/ssl',
//          HOME='/usr/lpp/rdz'
//*
//RSED EXEC PGM=BPXBATSL,REGION=0M,TIME=NOLIMIT,
//        PARM='PGM &HOME./bin/rsed.sh &IVP -C&CNFG -P&PORT -T&TMPDIR'
//STDOUT DD SYSOUT=*
//STDERR DD SYSOUT=*
//        PEND
//*
//RSED      EXEC RSED
//*
```

*Figura 30. RSEDSSL - Tarefa do usuário do daemon RSE para SSL*

**Nota:** O ID de usuário designado à tarefa RSEDSSL deve ter as mesmas autorizações que o daemon RSE original. O perfil FACILITY BPX.SERVER e o perfil PTKTDATA IRRPTAUTH.FEKAPPL.\* são elementos-chave aqui.

---

## Testar a Conexão

A configuração do host SSL é completa e o daemon RSE para SSL pode ser iniciado ao enviar a tarefa FEK.#CUST.PROCLIB(RSEDSSL) criada anteriormente.

A nova configuração pode agora ser testada conectando-se com o cliente Developer for System z. Como criamos uma nova configuração para ser usada pelo SSL (clonando uma existente), uma nova conexão deverá ser definida no cliente utilizando-se a porta 4047 para o daemon RSE.

Na conexão, o host e o cliente começarão com alguma troca para configurar um caminho seguro. Parte dessa troca é o intercâmbio de certificados. Se o cliente Developer for System z não reconhecer o certificado do host ou a CA que o assinou, o cliente Developer for System z perguntará ao usuário se é possível confiar nesse certificado.

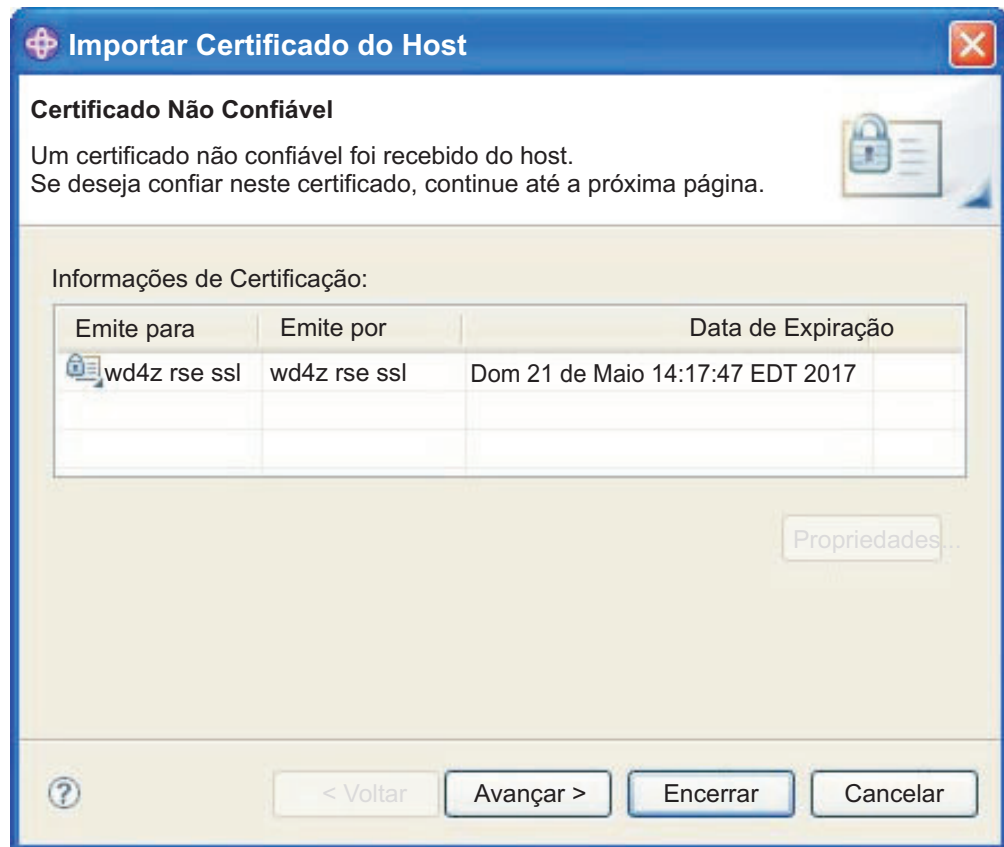


Figura 31. Diálogo Importar Certificado do Host

Clicando no botão Concluir, o usuário pode aceitar esse certificado como confiável; depois disso, a inicialização da conexão continuará.

**Nota:** O daemon RSE e o servidor RSE podem utilizar dois locais de certificados diferentes, resultando em dois certificados diferentes e, portanto, em duas confirmações.

Quando um certificado é conhecido do cliente, esse diálogo não é mostrado novamente. A lista de certificados confiáveis pode ser gerenciada selecionando **Janela > Preferências... > Sistemas Remotos > SSL**, que mostra o seguinte diálogo:

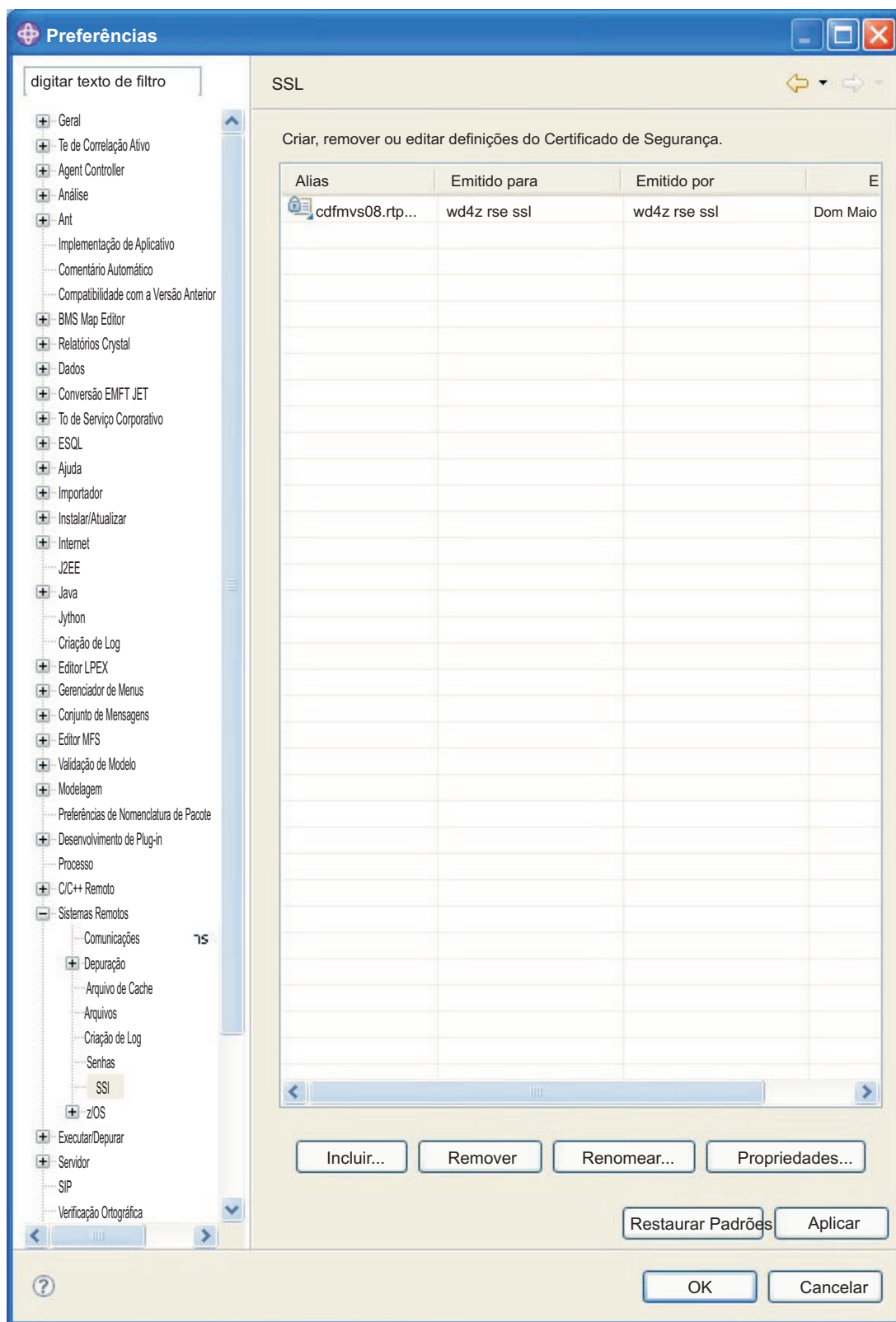


Figura 32. Diálogo Preferências - SSL

Se a comunicação SSL falhar, o cliente retornará uma mensagem de erro. Informações adicionais estão disponíveis nos diferentes arquivos de log do servidor

e do usuário, conforme descrito em “Criação de Log de Daemon RSE e de Conjunto de Encadeamento” na página 161 e “criação de logs do usuário do RSE” na página 162.

---

## (Opcional) Incluir Suporte de Autenticação de Cliente X.509

O daemon RSE suporta que os próprios usuários se autenticuem com um certificado X.509. Usar a comunicação criptografada SSL é um pré-requisito para essa função por ser uma extensão para a autenticação de host com um certificado usado no SSL.

Há várias maneiras de fazer a autenticação de certificado para um usuário, conforme descrito em “Autenticação de cliente usando certificados X.509” na página 31. As próximas etapas documentam a configuração necessária para suportar o método em que o software de segurança autentica o certificado utilizando a extensão de certificado HostIdMappings.

1. Altere o certificado que identifica a Autoridade de Certificação (CA) usado para assinar o certificado do cliente para um certificado de CA altamente confiável. Embora o status TRUST seja suficiente para a validação de certificado, é feita uma mudança para HIGHTRUST por ser usado para a parte de autenticação de certificado do processo de logon.

```
RACDCERT CERTAUTH ALTER(LABEL('HighTrust CA')) HIGHTRUST
```

2. Inclua o certificado de CA no conjunto de chaves `rdzssl.racf` para que esteja disponível para validar os certificados de cliente.

```
RACDCERT ID(stcrse) CONNECT(CERTAUTH LABEL('HighTrust CA') +  
RING(rdzssl.racf))
```

Isso conclui a configuração do software de segurança para o certificado de CA.

3. Defina um recurso (formato `IRR.HOST.hostname`) na classe `SERVAUTH` para o nome do host, `CDFMVS08.RALEIGH.IBM.COM`, definido na extensão `HostIdMappings` do certificado do cliente.

```
RDEFINE SERVAUTH IRR.HOST.CDFMVS08.RALEIGH.IBM.COM UACC(NONE)
```

4. Conceda ao ID do usuário da tarefa iniciada do RSE, `STCRSE`, acesso a esse recurso com autoridade `READ`.

```
PERMIT IRR.HOST.CDFMVS08.RALEIGH.IBM.COM CLASS(SERVAUTH) +  
ACCESS(READ) ID(stcrse)
```

5. Ative suas mudanças para a classe `SERVAUTH`. Use o primeiro comando se a classe `SERVAUTH` ainda não estiver ativa. Use o segundo para atualizar uma configuração ativa.

```
SETROPTS CLASSACT(SERVAUTH) RACLIST(SERVAUTH)  
ou  
SETROPTS RACLIST(SERVAUTH) REFRESH
```

Isso conclui a configuração do software de segurança para a extensão `HostIdMappings`.

6. Reinicie a tarefa iniciada do RSE para começar a aceitar logons de clientes usando os certificados X.509.

---

## (Opcional) Criar um Banco de Dados de Chaves com gskkyman

Não execute esta etapa se você usar um conjunto de chaves compatível com SAF para o banco de dados principal do daemon RSE.

`gskkyman` é um programa z/OS UNIX baseado em shell e orientado por menus, que cria, preenche e gerencia um arquivo z/OS UNIX que contém chaves privadas, pedidos de certificado e certificados. Esse arquivo z/OS UNIX é chamado de banco de dados de chaves.

**Nota:** As seguintes instruções podem ser necessárias para configurar o ambiente para gskkyman. Consulte *System SSL Programming* (SC24-5901) para obter mais informações sobre isso.

```
PATH=$PATH:/usr/lpp/gskssl/bin
export NLSPATH=/usr/lpp/gskssl/lib/nls/msg/En_US.IBM-1047/%N:$NLSPATH
export STEPLIB=$STEPLIB:SYS1.SIEALNKE

$ cd /etc/rdz/ssl
$ gskkyman      Menu do Banco de Dados

    1 - Criar novo banco de dados

Digite o número da opção: 1
Digite o nome do banco de dados de chaves (pressione ENTER para retornar ao menu): rdzssl.kdb
Digite a senha do banco de dados (pressione ENTER para retornar ao menu): rsessl
Digite novamente a senha do banco de dados: rsessl
Digite a expiração da senha em dias (pressione ENTER para nenhuma expiração):
Digite o comprimento do registro do banco de dados (pressione ENTER para utilizar 2500):

Banco de dados de chaves /etc/rdz/ssl/rdzssl.kdb criado.

Pressione ENTER para continuar.

    Menu do Key Management

    6 - Criar um certificado auto-assinado

Digite o número da opção (pressione ENTER para retornar ao menu anterior): 6

    Tipo de Certificado

    5 - Certificado do usuário ou do servidor com chave RSA de 1024 bits

Selecione o tipo de certificado (pressione ENTER para retornar ao menu): 5
Digite o rótulo (pressione ENTER para retornar ao menu): rdzrse
Digite o nome do assunto para o certificado
    Nome comum (necessário): rdz rse ssl
    Unidade organizacional (opcional): rdz
    Organização (necessário): IBM
    Cidade/Localidade (opcional): Raleigh
    Estado/Provincia (opcional): NC
    País/Região (2 caracteres - necessário): US
Digite o número de dias que o certificado permanecerá válido (padrão 365): 3650

Digite 1 para especificar nomes alternativos de assunto ou 0 para continuar: 0

Aguarde ....

Certificado criado.

Pressione ENTER para continuar.

    Menu do Key Management

    0 - Sair do programa

Digite o número da opção (pressione ENTER para retornar ao menu anterior): 0
$ ls -l rdzssl.*
total 152
-rw----- 1 IBMUSER SYS1      35080 May 24 14:24 rdzssl.kdb
-rw----- 1 IBMUSER SYS1       80 May 24 14:24 rdzssl.rdb
$ chmod 644 rdzssl.*
$ ls -l rdzssl.*
-rw-r--r-- 1 IBMUSER SYS1      35080 May 24 14:24 rdzssl.kdb
-rw-r--r-- 1 IBMUSER SYS1       80 May 24 14:24 rdzssl.rdb
```

A amostra anterior inicia criando um banco de dados de chaves chamado `rdzssl.kdb` com a senha `rsessl`. Quando o banco de dados existir, ele será preenchido por meio da criação de um novo certificado auto-assinado, válido durante 10 anos (sem contar os dias extras). O certificado é armazenado com o rótulo `rdzrse` e com a mesma senha (`rsessl`) usada para o banco de dados de chaves (esse é um requisito do RSE).

`gskkyman` aloca o banco de dados de chaves com uma máscara de bits de permissão 600 (muito segura) (só o proprietário tem acesso). A menos que o daemon utilize o mesmo ID do usuário que o criador do banco de dados de chaves, as permissões devem ser configuradas menos restritivas. 644 (o proprietário tem leitura/gravação, todos têm leitura) é uma máscara útil para o comando `chmod`.

O resultado pode ser verificado ao selecionar a opção **Mostrar Informações do Certificado** no submenu **Gerenciar Chaves e Certificados**, como a seguir:

```
$ gskkyman

    Menu do Banco de Dados

    2 - Abrir banco de dados

Digite o número da opção: 2
```

```

Digite o nome do banco de dados de chaves (pressione ENTER para retornar ao menu): rdzssl.kdb
Digite a senha do banco de dados (pressione ENTER para retornar ao menu): rsessl

Menu do Key Management

1 - Gerenciar chaves e certificados

Digite o número da opção (pressione ENTER para retornar ao menu anterior): 1

Lista de Chaves e Certificados

1 - rdzrse

Digite o número do rótulo (ENTER para retornar ao menu de seleção, p para lista anterior): 1

Menu Chave e Certificado

1 - Mostrar informações do certificado

Digite o número da opção (pressione ENTER para retornar ao menu anterior): 1

Informações do Certificado

Rótulo: rdzrse
ID do Registro: 14
ID do Registro do Emissor: 14
Confiável: Sim
Versão: 3
Número serial: 45356379000ac997
Nome do emissor: rdz rse ssl
rdz
IBM
Raleigh
NC
Nome do assunto: rdz rse ssl
rdz
IBM
Raleigh
NC
Data de efetivação: 24/05/2007
Data de expiração: 21/05/2017
Algoritmo de chave pública: rsaEncryption
Tamanho da chave pública: 1024
Algoritmo de assinatura: sha1WithRsaEncryption
ID exclusivo do emissor: Nenhum
ID exclusivo do assunto: Nenhum
Número de extensões: 3

Digite 1 para exibir extensões, 0 para retornar ao menu: 0

Menu Chave e Certificado

0 - Sair do programa

Digite o número da opção (pressione ENTER para retornar ao menu anterior): 0

```

A amostra `ssl.properties` a seguir mostra que as diretivas `daemon_*` são diferentes da amostra do conjunto de chaves SAF anterior.

```

$ oedit /etc/rdz/ssl/ssl.properties
-> change: enable_ssl=true
-> uncomment and change: daemon_keydb_file=rdzssl.kdb
-> uncomment and change: daemon_keydb_password=rsessl
-> uncomment and change: daemon_key_label=rdzrse
-> uncomment and change: server_keystore_file=rdzssl.racf
-> uncomment and change: server_keystore_label=rdzrse
-> uncomment and change: server_keystore_type=JCERACFKS

```

As mudanças anteriores ativam o SSL e informam ao daemon RSE que o certificado está armazenado com o rótulo `rdzrse` no banco de dados de chaves `rdzssl.kdb` com a senha `rsessl`. O servidor RSE ainda está usando um conjunto de chaves compatível com SAF.

---

## (Opcional) Criar um Keystore com keytool

Não execute esta etapa se você utilizar um conjunto de chaves compatível com SAF para o keystore do servidor RSE.

"`keytool -genkey`" gera um par de chaves privadas e um certificado auto-assinado correspondente que são armazenados como uma entrada (identificada por um alias) em um arquivo keystore (novo).

**Nota:** Java deve ser incluído nos diretórios de procura de comando. A instrução a seguir pode ser necessária para executar o `keytool`, em que `/usr/lpp/java/J5.0` é o diretório em que Java está instalado: `PATH=$PATH:/usr/lpp/java/J5.0/bin`

Todas as informações podem ser transmitidas como um parâmetro, mas devido às limitações no comprimento da linha de comandos, será necessária uma certa interatividade, como a seguir:

```
$ cd /etc/rdz/ssl
$ keytool -genkey -alias rdzrse -validity 3650 -keystore rdzssl.jks -storepass
rsessl -keypass rsessl
Qual é o seu nome e sobrenome?
[Desconhecido]: rdz rse ssl
Qual é o nome de sua unidade organizacional?
[Desconhecido]: rdz
Qual é o nome de sua organização?
[Desconhecido]: IBM
Qual é o nome de sua cidade ou localidade?
[Desconhecido]: Raleigh
Qual é o nome de seu estado ou província?
[Desconhecido]: NC
Qual é o código do país de duas letras para esta unidade?
[Desconhecido]: US
CN=rdz rse ssl, OU=rdz, O=IBM, L=Raleigh, ST=NC, C=US está correto? (digite "sim"
ou "não")
[não]: sim
$ ls -l rdzssl.*
-rw-r--r-- 1 IBMUSER SYS1      1224 May 24 14:17 rdzssl.jks
```

O certificado autoassinado criado no exemplo anterior é válido durante aproximadamente 10 anos (não contando o dia 29 de fevereiro). Ele é armazenado em `/etc/rdz/ssl/rdzssl.jks` utilizando o alias `rdzrse`. Sua senha (`rsessl`) é idêntica à senha do armazenamento de chaves, que é um requisito para o RSE.

O resultado pode ser verificado com a opção `-list`, como a seguir:

```
$ keytool -list -alias rdzrse -keystore rdzssl.jks -storepass rsessl -v
Nome do alias: rdzrse
Data de criação: 24 de maio de 2007
Tipo de entrada: keyEntry
Comprimento da cadeia de certificados: 1
Certificado 1:
Proprietário: CN=rdz rse ssl, OU=rdz, O=IBM, L=Raleigh, ST=NC, C=US
Emissor: CN=rdz rse ssl, OU=rdz, O=IBM, L=Raleigh, ST=NC, C=US
Número serial: 46562b2b
Válido de: 24/5/07 14h17 até: 21/5/17 14h17
Impressões digitais do certificado:
MD5: 9D:6D:F1:97:1E:AD:5D:B1:F7:14:16:4D:9B:1D:28:80
SHA1: B5:E2:31:F5:B0:E8:9D:01:AD:2D:E6:82:4A:E0:B1:5E:12:CB:10:1C
```

A amostra `ssl.properties` a seguir mostra que as diretivas `server_*` são diferentes da amostra do conjunto de chaves SAF anterior.

```
$ oedit /etc/rdz/ssl/ssl.properties
-> change: enable_ssl=true
-> uncomment and change: daemon_keydb_file=rdzssl.racf
-> uncomment and change: daemon_key_label=rdzrse
-> uncomment and change: server_keystore_file=rdzssl.jks
-> uncomment and change: server_keystore_password=rsessl
-> uncomment and change: server_keystore_label=rdzrse
-> optionally uncomment and change: server_keystore_type=JKS
```

As mudanças anteriores ativam o SSL e informam ao servidor RSE que o certificado está armazenado com o rótulo `rdzrse` no armazenamento de chaves `rdzssl.jks` com a senha `rsessl`. O daemon RSE ainda está usando um conjunto de chaves compatível com SAF.



---

## Capítulo 14. Configurando o TCP/IP

Este apêndice é fornecido para ajudá-lo com alguns problemas comuns que você pode encontrar ao configurar o TCP/IP ou durante a verificação ou a modificação de uma configuração existente.

Consulte *Communications Server: IP Configuration Guide* (SC31-8775) e *Communications Server: IP Configuration Reference* (SC31-8776) para obter informações adicionais sobre a configuração do TCP/IP.

---

### Dependência do nome do host

Com o uso de APPC para o serviço TSO Commands, o Developer for System z depende de o TCP/IP ter o nome do host correto quando for inicializado. Isto significa que o TCP/IP diferente e os arquivos de configuração do Resolver devem ser configurados corretamente.

Você pode testar sua configuração TCP/IP com o Installation Verification Program (IVP) do fekfivpt. O comando deve retornar uma saída como nesta amostra (\$ é o prompt do z/OS UNIX):

```
$ fekfivpt

Quarta-feira, 2 de julho de 2008, 13h11min54s EDT
uid=1(USERID) gid=0(GROUP)
utilizando /etc/rdz/rsed.envvars

-----
Configuração do resolvidor TCP/IP (ordem de procura do z/OS UNIX):
-----
Inicialização de Rastreo do Resolvidor Concluída -> 2008/07/02 13:11:54.745964

res_init Resolver values:
Global Tcp/Ip Dataset = None
Default Tcp/Ip Dataset = None
Local Tcp/Ip Dataset = /etc/resolv.conf
Translation Table = Default
UserId/JobName = USERID
Caller API = LE C Sockets
Caller Mode = EBCDIC
(L) DataSetPrefix = TCP/IP
(L) HostName = CDFMVS08
(L) TcpIpJobName = TCP/IP
(L) DomainOrigin = RALEIGH.IBM.COM
(L) NameServer = 9.42.206.2
               9.42.206.3
(L) NsPortAddr = 53           (L) ResolverTimeout = 10
(L) ResolveVia = UDP          (L) ResolverUdpRetries = 1
(*) Options NDots = 1
(*) SockNoTestStor
(*) AlwaysWto = NO           (L) MessageCase = MIXED
(*) LookUp = DNS LOCAL

res_init Succeeded
res_init Started: 2008/07/02 13:11:54.755363
res_init Ended: 2008/07/02 13:11:54.755371
*****
MVS TCP/IP NETSTAT CS V1R9      TCP/IP Name: TCP/IP      13:11:54
Tcpi started at 01:28:36 on 06/23/2008 with IPv6 enabled

-----
endereço IP do host:
-----
hostName=CDFMVS08
hostAddr=9.42.112.75
bindAddr=9.42.112.75
localAddr=9.42.112.75

Êxito, os endereços correspondem
```

---

### Compreendendo os Resolvedores

O resolvidor atua em nome de programas como um cliente que acessa servidores de nomes para resolução de nome para endereço e de endereço para nome. Para resolver a consulta do programa solicitante, o resolvidor pode acessar os servidores de nomes disponíveis, utilize definições locais (por exemplo,

/etc/resolv.conf, /etc/hosts, /etc/ipnodes, HOSTS.SITEINFO, HOSTS.ADDRINFO ou ETC.IPNODES) ou utilize uma combinação delas.

Quando o espaço de endereços do resolvidor é iniciado, ele lê um conjunto de dados de configuração do resolvidor opcional apontado pelo cartão SETUP DD no procedimento JCL do resolvidor. Se as informações de configuração não forem fornecidas, o resolvidor usará a ordem de procura nativa aplicável do MVS ou do z/OS UNIX sem nenhuma informação de GLOBALTCPIPDATA, DEFAULTTCPIPDATA, GLOBALIPNODES, DEFAULTIPNODES ou COMMONSEARCH.

---

## Compreendendo as Ordens de Procura das Informações de Configuração

É importante compreender o ordem de procura dos arquivos de configuração usados pelas funções TCP/IP, e quando você pode sobrescrever a ordem de procura padrão com variáveis de ambiente, JCL ou outras variáveis fornecidas. Este conhecimento permite acomodar o conjunto de dados local e padrões de nomenclatura de arquivos HFS, e é útil conhecer o conjunto de dados da configuração ou o arquivo HFS em uso ao diagnosticar problemas.

Um outro ponto importante a ser observado é que quando uma ordem de procura é aplicada para qualquer arquivo de configuração, a procura finaliza com o primeiro arquivo localizado. Portanto, podem ocorrer resultados inesperados se você colocar informações de configuração em um arquivo que nunca é encontrado, pois outros arquivos aparecem antes na ordem de procura, ou porque o arquivo não está incluído na ordem de procura escolhida pelo aplicativo.

Ao procurar por arquivos de configuração, você pode informar explicitamente ao TCP/IP onde estão a maioria dos arquivos de configuração utilizando instruções DD nos procedimentos JCL ou configurando variáveis de ambiente. Caso contrário, você pode deixar o TCP/IP determinar dinamicamente o local dos arquivos de configuração, com base nas ordens de procura documentadas em *Communications Server: IP Configuration Guide* (SC31-8775).

O componente de configuração da pilha do TCP/IP utiliza o TCPIP.DATA durante a inicialização da pilha do TCP/IP para determinar o HOSTNAME da pilha. Para obter seu valor, a ordem de procura do ambiente do z/OS UNIX é usada.

**Nota:** Use o recurso do resolvidor de rastreo para determinar que os valores de TCPIP.DATA estão sendo usados pelo resolvidor e de onde eles foram lidos. Para obter informações sobre como iniciar o rastreo dinamicamente, consulte *Communications Server: IP Diagnosis Guide* (GC31-8782). Depois que o rastreo for ativado, emita um comando TSO **NETSTAT HOME** e um comando shell **netstat -h** do z/OS UNIX para exibir os valores. A emissão de um PING de um nome de host do TSO e a partir do shell do z/OS UNIX também mostra a atividade de qualquer servidor DNS que possa estar configurado.

---

## Ordens de Procura Usadas no Ambiente do z/OS UNIX

O arquivo ou tabela específico que é procurado pode ser um conjunto de dados MVS ou um arquivo HFS, dependendo das definições de configuração do resolvidor e da presença de determinados arquivos no sistema.

## Arquivos de Base da Configuração do Resolvedor

O arquivo de base da configuração do resolvedor contém instruções TCPIP.DATA. Além das diretivas do resolvedor, ele é referido para determinar, entre outras coisas, o prefixo do conjunto de dados (valor da instrução DATASETPREFIX) a ser usado ao tentar acessar alguns arquivos de configuração especificados nesta seção.

A ordem de procura usada para acessar o arquivo de configuração do resolvedor de base é a seguinte:

### 1. GLOBALTCPIPDATA

Se definido, o valor da instrução de configuração GLOBALTCPIPDATA do resolvedor é usado (consulte também “Compreendendo os Resolvedores” na página 191). A procura continua por um arquivo de configuração adicional. A procura finaliza com o próximo arquivo localizado.

### 2. O valor da variável de ambiente RESOLVER\_CONFIG

O valor da variável de ambiente é usado. Esta procura falhará se o arquivo não existir ou estiver alocado exclusivamente em outro lugar.

### 3. /etc/resolv.conf

### 4. Cartão //SYSTCPD DD

O conjunto de dados alocado para o SYSTCPD de nome DD é usado. No ambiente z/OS UNIX, um processo-filho não possui acesso ao DD SYSTCPD. Isto porque a alocação de SYSTCPD não é herdada do processo-pai por meio das chamadas de função fork() ou exec.

### 5. userid.TCPIP.DATA

userid é o ID do usuário associado ao ambiente de segurança atual (espaço de endereço, tarefa ou encadeamento).

### 6. jobname.TCPIP.DATA

jobname é o nome especificado na instrução JOB da JCL para tarefas em lote ou o nome do procedimento para um procedimento iniciado.

### 7. SYS1.TCPPARMS(TCPDATA)

### 8. DEFAULTTCPIPDATA

Se definido, o valor da instrução de configuração DEFAULTTCPIPDATA do resolvedor é usado (consulte também “Compreendendo os Resolvedores” na página 191).

### 9. TCPIP.TCPIP.DATA

## Tabelas de Conversão

As tabelas de conversão (EBCDIC-to-ASCII e ASCII-to-EBCDIC) são consultadas para determinar os conjuntos de dados de conversão a serem usados. A ordem de procura usada para acessar o arquivo de configuração é a seguinte. A ordem de procura termina quando o primeiro arquivo é localizado:

### 1. O valor da variável de ambiente X\_XLATE. O valor da variável de ambiente é o nome da tabela de conversão produzida pelo comando CONVXLAT do TSO.

### 2. userid.STANDARD.TCPXLBIN

userid é o ID do usuário associado ao ambiente de segurança atual (espaço de endereço ou tarefa/encadeamento).

### 3. jobname.STANDARD.TCPXLBIN

jobname é o nome especificado na instrução JOB da JCL para tarefas em lote ou o nome do procedimento para um procedimento iniciado.

### 4. hlq.STANDARD.TCPXLBIN

hlq representa o valor da instrução DATASETPREFIX especificada no arquivo de base da configuração do resolvedor (se localizado); caso contrário, hlq é TCPIP por padrão.

5. Se nenhuma tabela for encontrada, o resolvedor usará uma tabela padrão codificada permanentemente, idêntica à tabela listada no membro do conjunto de dados SEZATCPX(STANDARD).

## Tabelas do Host Local

Por padrão, o resolvedor primeiro tenta utilizar qualquer servidor de nomes de domínios configurado para pedidos de resolução. Se o pedido de resolução não puder ser satisfeito, as tabelas do host local são usadas. O comportamento do resolvedor é controlado pelas instruções TCPIP.DATA.

As instruções do resolvedor TCPIP.DATA definem se e como os servidores de nomes de domínios devem ser usados. A instrução LOOKUP TCPIP.DATA também pode ser usada para controlar como os servidores de nomes de domínios e as tabelas do host local são usadas. Para obter mais informações sobre instruções TCPIP.DATA, consulte *Communications Server: IP Configuration Reference* (SC31-8776).

O resolvedor utiliza a ordem de procura exclusiva Ipv4 para obter informações de nomes de sites incondicionalmente para chamadas de API getnetbyname. A ordem de procura exclusiva de Ipv4 para informações de nome de site é a seguinte. A procura termina quando o primeiro arquivo é localizado:

1. O valor da variável de ambiente **X\_SITE**  
O valor da variável de ambiente é o nome do arquivo de informações HOSTS.SITEINFO criado pelo comando **MAKESITE** do TSO.
2. O valor da variável de ambiente **X\_ADDR**  
O valor da variável de ambiente é o nome do arquivo de informações HOSTS.ADDRINFO criado pelo comando **MAKESITE** do TSO.
3. **/etc/hosts**
4. **userid.HOSTS.SITEINFO**  
userid é o ID do usuário associado ao ambiente de segurança atual (espaço de endereço ou tarefa/encadeamento).
5. **jobname.HOSTS.SITEINFO**  
jobname é o nome especificado na instrução JOB da JCL para tarefas em lote ou o nome do procedimento para um procedimento iniciado.
6. **hlq.HOSTS.SITEINFO**  
hlq representa o valor da instrução DATASETPREFIX especificada no arquivo de base da configuração do resolvedor (se localizado); caso contrário, hlq é TCPIP por padrão.

---

## Aplicando Estas Informações de Configuração ao Developer for System z

Conforme informado anteriormente, o Developer for System z depende de o TCP/IP ter o nome de host correto quando inicializado, ao utilizar APPC. Isto significa que o TCP/IP diferente e os arquivos de configuração do Resolver devem ser configurados corretamente.

O exemplo a seguir tem como foco algumas tarefas de configuração para o TCP/IP e o Resolvedor. Observe que isso não abrange uma configuração completa do TCP/IP ou do Resolver, ela destaca alguns aspectos principais que podem ser aplicáveis no seu site:

1. Na JCL a seguir, é possível ver que o TCP/IP usará SYS1.TCPPARMS(TCPDATA) para determinar o nome do host da pilha.

```
//TCP/IP PROC PARMS='CTRACE(CTIEZB00)',PROF=TCPPROF,DATA=TCPDATA
//*
//* TCP/IP NETWORK
//*
//TCP/IP EXEC PGM=EZBTCP/IP,REGION=OM,TIME=1440,PARM=&PARMS
//PROFILE DD DISP=SHR,DSN=SYS1.TCPPARMS(&PROF)
//SYSTCPD DD DISP=SHR,DSN=SYS1.TCPPARMS(&DATA)
//SYSPRINT DD SYSOUT=*,DCB=(RECFM=VB,LRECL=132,BLKSIZE=136)
//ALGPRINT DD SYSOUT=*,DCB=(RECFM=VB,LRECL=132,BLKSIZE=136)
//CFGPRINT DD SYSOUT=*,DCB=(RECFM=VB,LRECL=132,BLKSIZE=136)
//SYSOUT DD SYSOUT=*,DCB=(RECFM=VB,LRECL=132,BLKSIZE=136)
//CEEDUMP DD SYSOUT=*,DCB=(RECFM=VB,LRECL=132,BLKSIZE=136)
//SYSERROR DD SYSOUT=*
```

2. SYS1.TCPPARMS(TCPDATA) informa que o nome do sistema desejado é o nome do host e para não usar um servidor de nomes de domínio (DNS); todos os nomes serão resolvidos através da consulta de tabela do site.

```
; HOSTNAME especifica o nome do host TCP deste sistema. Se não
; especificado, o HOSTNAME padrão será o nome do nó especificado
; no membro IEFSSNxx PARMLIB.
;
;
; HOSTNAME
;
; DOMAINORIGIN especifica a origem do domínio que será anexado
; nos nomes dos hosts transmitidos para o resolvedor. Se um nome
; de host contiver
; algum ponto, então DOMAINORIGIN não será anexado
; ao nome do host.
;
; DOMAINORIGIN RALEIGH.IBM.COM
;
; NSINTERADDR especifica o endereço IP do servidor de nomes.
; LOOPBACK (14.0.0.0) especifica o servidor de nomes local. Se um servidor
; de nomes não será usado, então não codifique uma instrução NSINTERADDR.
; (Comente a linha NSINTERADDR abaixo). Isto fará com que todos os nomes
; sejam resolvidos por meio de consulta na tabela de sites.
;
; NSINTERADDR 14.0.0.0
;
; TRACE RESOLVER realizará um rastreamento completo de todas as consultas e
; fará com que as respostas do servidor de nomes ou tabelas de sites sejam
; gravadas no
; console do usuário. Este comando é destinado somente para
; finalidades de depuração.
;
; TRACE RESOLVER
```

3. No JCL do Resolvedor você vê que a instrução DD SETUP não é usada. Conforme mencionado em “Compreendendo os Resolvedores” na página 191, isto significa que GLOBALTCP/IPDATA e outras variáveis não serão usadas.

```
//RESOLVER PROC PARMS='CTRACE(CTIRES00)'
//*
//* IP NAME RESOLVER – START WITH SUB=MSTR
//*
//RESOLVER EXEC PGM=EZBREINI,REGION=OM,TIME=1440,PARM=&PARMS
//*SETUP DD DISP=SHR,DSN=USER.PROCLIB(RESSETUP),FREE=CLOSE
```

4. Se você assumir que a variável de ambiente RESOLVER\_CONFIG não está configurada, poderá ver na Tabela 40 na página 196 que o Resolvedor tentará usar /etc/resolv.conf como arquivo de configuração base.

```
TCPIPJOBNAME TCPIP
DomainOrigin RALEIGH.IBM.COM
HostName CDFMVS08
```

Conforme mencionado em “Ordens de Procura Usadas no Ambiente do z/OS UNIX” na página 192, o arquivo de base da configuração contém instruções TCPIP.DATA. Se o nome do sistema for CDFMVS08 (TCPDATA informou que o nome do sistema é usado como nome do host), você poderá ver que /etc/resolv.conf está em sincronismo com SYS1.TCPPARMS(TCPDATA) . Não há definições DNS, portanto a consulta à tabela de sites será usada.

5. A Tabela 40 na página 196 também informa que, se não for necessário fazer nada, usar a tabela de conversão ASCII-EBCDIC padrão.
6. Assumindo que o comando **MAKESITE** do TSO não seja usado (pode criar as variáveis X\_SITE e X\_ADDR), /etc/hosts será a tabela de sites usada para consulta de nomes.

```
# Resolver /etc/hosts file cdfmvs08
9.42.112.75 cdfmvs08 # CDFMVS08 Host
9.42.112.75 cdfmvs08.raleigh.ibm.com # CDFMVS08 Host
127.0.0.1 localhost
```

O conteúdo mínimo deste arquivo é a informação sobre o sistema atual. Na amostra anterior, cdfmvs08 e cdfmvs08.raleigh.ibm.com são definidos como um nome válido para o endereço IP do sistema z/OS.

Se você estivesse usando servidor de nomes de domínio (DNS), o DNS conteria as informações de /etc/hosts, e /etc/resolv.conf e SYS1.TCPPARMS(TCPDATA) teriam instruções que identificariam o DNS para o sistema.

Para evitar confusão, e aconselhável manter os arquivos de configuração do TCP/IP e do Resolver em sincronismo um com o outro.

*Tabela 40. Definições locais disponíveis para o resolvidor*

Descrição do Tipo do Arquivo	APIs afetadas	Arquivos do Candidato
Arquivos de Base da Configuração do Resolvedor	Todas as APIs	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. GLOBALTCPIPDATA</li> <li>2. variável de ambiente RESOLVER_CONFIG</li> <li>3. /etc/resolv.conf</li> <li>4. SYSTCPD DD-name</li> <li>5. userid.TCPIP.DATA</li> <li>6. jobname.TCPIP.DATA</li> <li>7. SYS1.TCPPARMS(TCPDATA)</li> <li>8. DEFAULTTCPIPDATA</li> <li>9. TCPIP.TCPIP.DATA</li> </ol>
Tabelas de Conversão	Todas as APIs	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. variável de ambiente X_XLATE</li> <li>2. userid.STANDARD.TCPXLBIN</li> <li>3. jobname.STANDARD.TCPXLBIN</li> <li>4. hlq.STANDARD.TCPXLBIN</li> <li>5. Tabela de conversão fornecida pelo resolvidor, membro STANDARD em SEZATCPX</li> </ol>
Tabelas do Host Local	endhostent endnetent getaddrinfo gethostbyaddr gethostbyname gethostent GetHostNumber GetHostResol GetHostString getnameinfo getnetbyaddr getnetbyname getnetent IsLocalHost Resolve sethostent setnetent	IPv4 <ol style="list-style-type: none"> <li>1. variável de ambiente X_SITE</li> <li>2. variável de ambiente X_ADDR</li> <li>3. /etc/hosts</li> <li>4. userid.HOSTS.xxxxINFO</li> <li>5. jobname.HOSTS.xxxxINFO</li> <li>6. hlq.HOSTS.xxxxINFO</li> </ol> IPv6 <ol style="list-style-type: none"> <li>1. GLOBALIPNODES</li> <li>2. variável de ambiente RESOLVER_IPNODES</li> <li>3. userid.ETC.IPNODES</li> <li>4. jobname.ETC.IPNODES</li> <li>5. hlq.ETC.IPNODES</li> <li>6. DEFAULTIPNODES</li> <li>7. /etc/ipnodes</li> </ol>

**Nota:** A Tabela 40 na página 196 é uma cópia parcial de uma tabela em *Communications Server: IP Configuration Guide* (SC31-8775). Consulte esse manual para obter a tabela completa.

## O Endereço do Host Não É Resolvido Corretamente

Quando ocorrerem problemas nos quais o TCP/IP Resolver não pode resolver o endereço do host corretamente, muitas vezes isso é devido a um arquivo de configuração do resolvedor ausente ou incompleto. Uma indicação clara desse problema é a seguinte mensagem em `lock.log`:

```
clientip(0.0.0.0) <=> callerip(<endereço IP do host>)
```

Para verificar isso, execute o IVP de TCP/IP, `fekfivpt`, conforme descrito em "Verificação da instalação" no *Guia de Configuração do Host* (SC23-7658). A seção de configuração do resolvedor da saída será semelhante à seguinte amostra:

```
Inicialização de Rastreamento do Resolvedor Concluída -> 2008/07/02 13:11:54.745964
```

```
res_init Resolver values:
Global Tcp/Ip Dataset = None
Default Tcp/Ip Dataset = None
Local Tcp/Ip Dataset = /etc/resolv.conf
Translation Table     = Default
UserId/JobName        = USERID
Caller API            = LE C Sockets
Caller Mode           = EBCDIC
```

Certifique-se de que as definições no arquivo (ou conjunto de dados) referido pelo "Local Tcp/Ip Dataset" estejam corretas.

Esse campo ficará em branco se você não utilizar um nome padrão para o arquivo resolvedor de IP (utilizando a ordem de procura do z/OS UNIX). Nesse caso, inclua a seguinte instrução em `rsed.envvars`, em que <arquivo do resolvedor> ou <dados do resolvedor> representa o nome do arquivo do resolvedor de IP:

```
RESOLVER_CONFIG=<arquivo do resolvedor>
```

ou

```
RESOLVER_CONFIG='<conjunto de dados do resolvedor>'
```





---

## Bibliografia

---

### Publicações Referenciadas

As publicações a seguir são referenciadas neste documento:

*Tabela 41. Publicações Referenciadas*

Título da publicação	Número da ordem	Referência	Web site de referência
Diretório do Programa para IBM Rational Developer for System z	GI11-8298	Developer for System z	<a href="http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517">http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517</a>
Program Directory for IBM Rational Developer for System z Host Utilities	GI13-2864	Developer for System z	<a href="http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517">http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517</a>
Rational Developer for System zPré-requisitos	S517-9092	Developer for System z	<a href="http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517">http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517</a>
Rational Developer for System z Host Configuration Quick Start	GI11-9201	Developer for System z	<a href="http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517">http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517</a>
Rational Developer for System zGuia de Configuração do Host	S517-9094	Developer for System z	<a href="http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517">http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517</a>
Rational Developer for System zReferência de Configuração do Host	S517-9857	Developer for System z	<a href="http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517">http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517</a>
Rational Developer for System z Guia do Utilitário de Configuração do Host	SC14-7282	Developer for System z	<a href="http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517">http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517</a>
Rational Developer for System z Messages and Codes	SC14-7497	Developer for System z	<a href="http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517">http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517</a>
Rational Developer for System zRespostas a problemas comuns de manutenção e configuração de host	SC14-7373	Developer for System z	<a href="http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517">http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517</a>
Rational Developer for System z Common Access Repository Manager Developer's Guide	SC23-7660	Developer for System z	<a href="http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517">http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517</a>
Rational Developer for System zPré-requisitos	S517-9092	Developer for System z	<a href="http://www.ibm.com/software/rational/products/developer/systemz/library/index.html">http://www.ibm.com/software/rational/products/developer/systemz/library/index.html</a>
Rational Developer for System z Host Configuration Quick Start	GI11-9201	Developer for System z	<a href="http://www.ibm.com/software/rational/products/developer/systemz/library/index.html">http://www.ibm.com/software/rational/products/developer/systemz/library/index.html</a>
SCLM Developer Toolkit: Guia do Administrador	SC23-9801	Developer for System z	<a href="http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517">http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517</a>
Usando APPC para fornecer serviços de comando TSO	SC14-7291	White Paper	<a href="http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517">http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517</a>

Tabela 41. Publicações Referenciadas (continuação)

<b>Título da publicação</b>	<b>Número da ordem</b>	<b>Referência</b>	<b>Web site de referência</b>
Usando Gateway do Cliente ISPF para fornecer serviços CARMA	SC14-7292	White Paper	<a href="http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517">http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517</a>
Communications Server IP Configuration Guide	SC31-8775	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
Communications Server IP Configuration Reference	SC31-8776	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
Communications Server IP Diagnosis Guide	GC31-8782	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
Communications Server IP System Administrator's Commands	SC31-8781	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
Communications Server SNA Network Implementation Guide	SC31-8777	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
Communications Server SNA Operations	SC31-8779	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
Cryptographic Services System SSL Programming	SC24-5901	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
DFSMS Macro Instructions for Data Sets	SC26-7408	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
DFSMS Using Data Sets	SC26-7410	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
Language Environment Customization	SA22-7564	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
Language Environment Debugging Guide	GA22-7560	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
Diagnóstico do MVS: Ferramentas e Auxílio de Serviço	GA22-7589	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
MVS Initialization and Tuning Guide	SA22-7591	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
MVS Initialization and Tuning Reference	SA22-7592	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
MVS JCL Reference	SA22-7597	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
MVS Planning APPC/MVS Management	SA22-7599	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
MVS Planning Workload Management	SA22-7602	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
MVS System Commands	SA22-7627	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
Security Server RACF Command Language Reference	SA22-7687	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>

Tabela 41. Publicações Referenciadas (continuação)

<b>Título da publicação</b>	<b>Número da ordem</b>	<b>Referência</b>	<b>Web site de referência</b>
Security Server RACF Security Administrator's Guide	SA22-7683	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
Customização de TSO/E	SA22-7783	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
TSO/E REXX Reference	SA22-7790	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
UNIX System Services Command Reference	SA22-7802	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
UNIX System Services Planning	GA22-7800	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
UNIX System Services User's Guide	SA22-7801	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
Utilizando os Serviços de Sistemas REXX e z/OS UNIX	SA22-7806	z/OS 1.13	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
Java™ Diagnostic Guide	SC34-6650	Java 6.0	<a href="http://www.ibm.com/developerworks/java/jdk/diagnosis/">http://www.ibm.com/developerworks/java/jdk/diagnosis/</a>
Guia do Usuário do Java SDK and Runtime Environment	/	Java 6.0	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/software/java/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/software/java/</a>
Resource Definition Guide	SC34-6430	CICSTS 3.1	<a href="http://www-03.ibm.com/systems/z/os/zos/bkserv/zapplsbooks.html">http://www-03.ibm.com/systems/z/os/zos/bkserv/zapplsbooks.html</a>
Resource Definition Guide	SC34-6815	CICSTS 3.2	<a href="http://www-03.ibm.com/systems/z/os/zos/bkserv/zapplsbooks.html">http://www-03.ibm.com/systems/z/os/zos/bkserv/zapplsbooks.html</a>
Resource Definition Guide	SC34-7000	CICSTS 4.1	<a href="https://publib.boulder.ibm.com/infocenter/cicsts/v4r1/index.jsp?topic=/com.ibm.cics.ts.home.doc/library/library_html.html">https://publib.boulder.ibm.com/infocenter/cicsts/v4r1/index.jsp?topic=/com.ibm.cics.ts.home.doc/library/library_html.html</a>
Resource Definition Guide	SC34-7181	CICSTS 4.2	<a href="https://publib.boulder.ibm.com/infocenter/cicsts/v4r2/index.jsp?topic=/com.ibm.cics.ts.home.doc/library/library_html.html">https://publib.boulder.ibm.com/infocenter/cicsts/v4r2/index.jsp?topic=/com.ibm.cics.ts.home.doc/library/library_html.html</a>
RACF Security Guide	SC34-6454	CICSTS 3.1	<a href="http://www-03.ibm.com/systems/z/os/zos/bkserv/zapplsbooks.html">http://www-03.ibm.com/systems/z/os/zos/bkserv/zapplsbooks.html</a>
RACF Security Guide	SC34-6835	CICSTS 3.2	<a href="http://www-03.ibm.com/systems/z/os/zos/bkserv/zapplsbooks.html">http://www-03.ibm.com/systems/z/os/zos/bkserv/zapplsbooks.html</a>
RACF Security Guide	SC34-7003	CICSTS 4.1	<a href="https://publib.boulder.ibm.com/infocenter/cicsts/v4r1/index.jsp?topic=/com.ibm.cics.ts.home.doc/library/library_html.html">https://publib.boulder.ibm.com/infocenter/cicsts/v4r1/index.jsp?topic=/com.ibm.cics.ts.home.doc/library/library_html.html</a>
RACF Security Guide	SC34-7179	CICSTS 4.2	<a href="https://publib.boulder.ibm.com/infocenter/cicsts/v4r2/index.jsp?topic=/com.ibm.cics.ts.home.doc/library/library_html.html">https://publib.boulder.ibm.com/infocenter/cicsts/v4r2/index.jsp?topic=/com.ibm.cics.ts.home.doc/library/library_html.html</a>
Referência de Linguagem	SC27-1408	Enterprise COBOL para z/OS	<a href="http://www-03.ibm.com/systems/z/os/zos/bkserv/zapplsbooks.html">http://www-03.ibm.com/systems/z/os/zos/bkserv/zapplsbooks.html</a>

Os Web sites a seguir são referidos neste documento:

Tabela 42. Web Sites Referidos

Descrição	Web site de referência
Developer for System z: Centro de Informações	<a href="http://pic.dhe.ibm.com/infocenter/ratdevz/v9r0/index.jsp">http://pic.dhe.ibm.com/infocenter/ratdevz/v9r0/index.jsp</a>
Developer for System z Biblioteca	<a href="http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517">http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?uid=swg27038517</a>
Developer for System z: Página Inicial	<a href="http://www-03.ibm.com/software/products/us/en/developerforsystemz/">http://www-03.ibm.com/software/products/us/en/developerforsystemz/</a>
Serviço recomendado do Developer for System z	<a href="http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?rs=2294&amp;context=SS2QJ2&amp;uid=swg27006335">http://www-01.ibm.com/support/docview.wss?rs=2294&amp;context=SS2QJ2&amp;uid=swg27006335</a>
Solicitação de aprimoramento de Developer for System z	<a href="https://www.ibm.com/developerworks/support/rational/rfe/">https://www.ibm.com/developerworks/support/rational/rfe/</a>
Biblioteca do z/OS na Internet	<a href="http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/">http://www-03.ibm.com/servers/eserver/zseries/zos/bkserv/</a>
Centro de Informações do CICSTS	<a href="https://publib.boulder.ibm.com/infocenter/cicsts/v4r1/index.jsp">https://publib.boulder.ibm.com/infocenter/cicsts/v4r1/index.jsp</a>
IBM Tivoli Directory Server	<a href="http://www-01.ibm.com/software/tivoli/products/directory-server/">http://www-01.ibm.com/software/tivoli/products/directory-server/</a>
Plug-ins de Ferramentas de Determinação de Problemas	<a href="http://www-01.ibm.com/software/awdtools/deployment/pdtpplugins/">http://www-01.ibm.com/software/awdtools/deployment/pdtpplugins/</a>
Download do Apache Ant	<a href="http://ant.apache.org/">http://ant.apache.org/</a>
Documentação do keytool Java	<a href="http://java.sun.com/j2se/1.5.0/docs/tooldocs/solaris/keytool.html">http://java.sun.com/j2se/1.5.0/docs/tooldocs/solaris/keytool.html</a>
Página inicial de suporte de CA	<a href="https://support.ca.com/">https://support.ca.com/</a>

## Publicações Informativas

As publicações a seguir podem ser úteis para você compreender os problemas de configuração dos componentes do sistema host necessários:

Tabela 43. Publicações Informativas

Título da publicação	Número da ordem	Referência	Website de referência
ABCs do z/OS System Programming Volume 9 (z/OS UNIX)	SG24-6989	Redbook	<a href="http://www.redbooks.ibm.com/">http://www.redbooks.ibm.com/</a>
Guia do Programador de Sistema' para: Workload Manager	SG24-6472	Redbook	<a href="http://www.redbooks.ibm.com/">http://www.redbooks.ibm.com/</a>
Implementação do TCPIP Volume 1: Funções Base, Conectividade e Roteamento	SG24-7532	Redbook	<a href="http://www.redbooks.ibm.com/">http://www.redbooks.ibm.com/</a>
TCPIP Implementation Volume 3: High Availability, Scalability, and Performance	SG24-7534	Redbook	<a href="http://www.redbooks.ibm.com/">http://www.redbooks.ibm.com/</a>
TCP/IP Implementation Volume 4: Security and Policy-Based Networking	SG24-7535	Redbook	<a href="http://www.redbooks.ibm.com/">http://www.redbooks.ibm.com/</a>
Tivoli Directory Server para z/OS	SG24-7849	Redbook	<a href="http://www.redbooks.ibm.com/">http://www.redbooks.ibm.com/</a>

---

## Glossário

### Ação de Bloqueio

Bloqueia um membro.

### Application Server

1. Um programa que manipula todas as operações do aplicativo entre computadores baseados em navegador e aplicativos ou bancos de dados de negócios de back-end da organização. Essa é uma classe especial de appservers baseados em Java que seguem o padrão J2EE. O código da J2EE pode ser facilmente colocado entre esses appservers. Pode suportar JSPs e servlets para conteúdo da Web dinâmico e EJBs para transações e acesso ao banco de dados.
2. O destino de um pedido de um aplicativo remoto. No ambiente do DB2, a função de servidor de aplicativos é fornecida pelo recurso de dados distribuídos e é utilizada para acessar os dados do DB2 a partir de aplicativos remotos.
3. Um programa do servidor em uma rede distribuída que fornece o ambiente de execução para um programa aplicativo.
4. O destino de um pedido de um solicitador de aplicativo. O sistema de gerenciamento de banco de dados (DBMS) no site do servidor de aplicativos fornece os dados solicitados.
5. Software que manipula a comunicação com o cliente que está solicitando um recurso e consultas do Content Manager.

### Arquivo de Resposta

1. Um arquivo que contém um conjunto de respostas predefinidas para perguntas feitas por um programa e que é usado para que não seja necessário digitar esses valores um a um.
2. Um arquivo ASCII que pode ser customizado com os dados de definição e de configuração e que

automatiza uma instalação. Os dados de definição e de configuração seriam digitados durante uma instalação interativa, mas com um arquivo de resposta a instalação pode prosseguir sem nenhuma intervenção.

### Atributo Bidirecional

Tipo de Texto, Orientação de Texto, Troca Numérica e Troca Simétrica.

### Banco de Dados

Um conjunto de itens de dados inter-relacionados ou independentes que são armazenados para servir um ou mais aplicativos.

### Biblioteca de Carregamento

Uma biblioteca que contém módulos de carregamento.

### Bidirecional (bi-di)

Pertencente a scripts, como Árabe e Hebraico, que geralmente são executados da direita para a esquerda, exceto números, que são executados da esquerda para a direita. Essa definição é do Glossário LISA (Localization Industry Standards Association).

### Buffer de Erro

Uma parte do armazenamento utilizada para conter temporariamente informações de saída de erro.

### Compilar

1. Em linguagens ILE (Integrated Language Environment), para converter instruções de origem em módulos que, então, podem ser ligados a programas ou programas de serviços.
2. Para traduzir todo o programa ou parte dele, expresso em um idioma de alto nível em um programa de computador expresso em uma linguagem intermediária, uma linguagem Assembly ou uma linguagem da máquina.

## **Conjunto de Dados**

A principal unidade de armazenamento e recuperação de dados, que consiste em um conjunto de dados em uma das muitas organizações prescritas e descritas pelas informações de controle às quais o sistema tem acesso.

## **Contêiner**

1. No CoOperative Development Environment/400, um objeto de sistema que contém e organiza arquivos de origem. Uma biblioteca i5/OS ou um conjunto de dados particionado por MVS são exemplos e um contêiner.
2. No J2EE, uma entidade que fornece serviços de gerenciamento de ciclo de vida, segurança, implementação e tempo de execução para componentes. (Sun) Cada tipo de contêiner (EJB, Web, JSP, servlet, applet e cliente aplicativo) também fornece serviços específicos ao componente
3. Em Serviços de Recuperação e Mídia de Backup, o objeto físico usado para armazenar e mover mídia, como uma caixa, um estojo ou um rack.
4. Em um servidor de fita virtual (VTS), um receptáculo em que um ou mais volumes lógicos exportados (LVOLs) podem ser armazenados. Um volume temporário que contém um ou mais LVOLs e reside fora de uma biblioteca de VTS é considerado o contêiner para esses volumes.
5. Uma localização do armazenamento físico dos dados. Por exemplo, um arquivo, um diretório ou um dispositivo.
6. Uma coluna ou uma linha que é usada para organizar o layout de um portlet ou outro contêiner em uma página.
7. Um elemento da interface com o usuário que contém objetos. No gerenciador de pastas, um objeto que pode conter outras pastas ou documentos.

## **Depurar**

Para detectar, diagnosticar e eliminar erros em programas.

## **Desinstalação Silenciosa**

Um processo de desinstalação que não envia mensagens para o console, mas armazena mensagens e erros em arquivos de log depois que o comando de desinstalação é invocado.

## **Gateway**

1. Um componente de middleware que faz uma ponte entre a Internet e os ambientes de intranet durante chamadas de serviço da Web.
2. Software que fornece serviços entre os nós de extremidades e o restante do ambiente Tivoli.
3. Um componente de um VoIP (Voice over Internet Protocol) que fornece uma ponte entre o VoIP e ambientes alternados em circuito.
4. Um dispositivo ou um programa usado para conectar redes ou sistemas com diferentes arquiteturas de rede. Os sistemas podem ter diferentes características, como protocolos de comunicação diferentes, arquitetura da rede diferente ou políticas de segurança diferentes; nesse caso, o gateway desempenha a função de tradução e também de conexão.

## **ID da Ação**

Um identificador numérico para uma ação entre 0 e 999

## **Instalação Silenciosa**

Uma instalação que não envia mensagens para o console, mas armazena mensagens e erros em arquivos de log. Além disso, uma instalação silenciosa pode utilizar arquivos de resposta para entrada de dados.

## **Instância do Repositório**

Um projeto ou um componente que existe em um SCM.

## **Interactive System Productivity Facility (ISPF)**

Um programa licenciado IBM que serve como um editor de tela inteira e um gerenciador de diálogos. Utilizado para gravar programas aplicativos, permite gerar painéis de tela padrão e diálogos interativos entre o programador do aplicativo e o usuário terminal. O ISPF



consiste em quatro componentes principais: o DM, o PDF, o SCLM e o C/S. O componente DM é o Dialog Manager, que fornece serviços para diálogos e usuários finais. O componente PDF é o Program Development Facility, que fornece serviços para auxiliar o diálogo ou o desenvolvedor de aplicativos. O componente SCLM é o Software Configuration Library Manager, que fornece serviços para que desenvolvedores de aplicativos gerenciem suas bibliotecas de desenvolvimento de aplicativos. O componente C/S é o Client/Server, que permite executar o ISPF em uma estação de trabalho programável, para exibir os painéis que usam a função de exibição do sistema operacional da estação de trabalho e para integrar ferramentas e dados da estação de trabalho a ferramentas e dados do host.

#### **Intérprete**

Um programa que traduz e executa cada instrução de uma linguagem de programação de alto nível antes de traduzir e executar a próxima instrução.

#### **Isomórfico**

Cada elemento composto (em outras palavras, um elemento contendo outros elementos) do documento da instância XML iniciando a partir da raiz tem um, e apenas um, item do grupo COBOL correspondente cuja profundidade de aninhamento é idêntica à profundidade de aninhamento de seu equivalente XML. Cada elemento não-composto (em outras palavras, um elemento que não contém outros elementos) do documento da instância XML iniciando a partir da parte superior tem um e apenas um item elementar COBOL correspondente cuja profundidade de aninhamento é idêntica ao nível de aninhamento de seu equivalente XML e cujo endereço de memória no tempo de execução pode ser exclusivamente identificado.

#### **Lista de Tarefas**

Uma lista de procedimentos que podem ser executados por um único fluxo de controle.

#### **Não isomórfico**

Um mapeamento simples de itens COBOL e elementos XML pertencentes a documentos XML e grupos COBOL que não têm formas idênticas (não-isomórfico). O mapeamento não-isomórfico também pode ser criado entre elementos não-isomórficos de estruturas isomórficas.

#### **Nome da Shell**

O nome da interface shell.

#### **Perspectiva**

Um grupo de visualizações que mostram vários aspectos dos recursos do ambiente de trabalho. O usuário do ambiente de trabalho pode alternar perspectivas, dependendo da tarefa disponível, e customizar o layout de visualizações e editores na perspectiva.

#### **Perspectiva Sistemas Remotos**

Fornecer uma interface para gerenciar sistemas remotos utilizando convenções semelhantes a ISPF.

#### **RAM Repository Access Manager**

#### **Repositório**

1. Uma área de armazenamento de dados. Cada repositório tem um nome e um tipo de item de negócios associado. Por padrão, o nome será igual ao nome do item de negócios. Por exemplo, um repositório para faturas será chamado Faturas. Há dois tipos de repositórios de informações: local (específico ao processo) e global (reutilizável).
2. Um conjunto de dados VSAM em que os estados de processos BTS são armazenados. Quando um processo não está sendo executado sob o controle do BTS, seu estado (e os estados de suas atividades constituintes) é preservado com a gravação em um conjunto de dados do repositório. Os estados de todos os processos de um tipo de processo específico (e de suas instâncias de atividade) são armazenados no mesmo conjunto de dados do repositório.

Registros de vários tipos de processo podem ser gravados no mesmo repositório.

3. Uma área de armazenamento persistente para código de origem e outros recursos de aplicativo. Em um ambiente de programação em equipe, um repositório compartilhado permite o acesso de multiusuários aos recursos de aplicativo.
4. Um conjunto de informações sobre os gerenciadores de filas que são membros de um cluster. Essas informações incluem nomes de gerenciadores de filas, seus locais, seus canais, quais filas eles hospedam, etc.

### **Script da Shell**

Um arquivo que contém comandos que podem ser interpretados pelo shell. O usuário digita o nome do arquivo de script no prompt do comando shell para fazer com que a shell execute os comandos do script.

### **Seção de Ligação**

A seção da divisão de dados de uma unidade ativada (um programa chamado ou um método invocado) que descreve itens de dados disponíveis da unidade de ativação (um programa ou um método). Esses itens de dados podem ser usados como referência tanto pela unidade ativada quanto pela unidade de ativação.

### **Sessão de Depuração**

As atividades de depuração que ocorrem entre o momento em que o desenvolvedor inicia um depurador e o momento em que ele sai dali.

**Shell** Uma interface de software entre usuários e o sistema operacional que interpreta comandos e interações com o usuário e comunica-os ao sistema operacional. Um computador pode ter várias camadas de shells para diversos níveis de interação com o usuário.

### **Sidedeck**

Uma biblioteca que publica as funções de um programa DLL. Os nomes de entrada e de módulo são armazenados na biblioteca após a compilação do código de origem.

### **Sistema de Arquivo Remoto**

Um sistema de arquivo que reside em um servidor ou sistema operacional separado.

### **Sistema Remoto**

Qualquer outro sistema na rede com o qual o sistema possa se comunicar.

### **Solicitação de Construção**

Um pedido do cliente para executar uma transação de construção.

### **Transação de Construção**

Uma tarefa iniciada no MVS para executar construções após um pedido de construção ser recebido do cliente.

**URL** Uniform Resource Locator

### **Visualização Console de Saída**

Exibe a saída de um processo e permite fornecer entrada do teclado a um processo.

### **Visualização Definição de Dados**

Contém uma representação local de bancos de dados e seus objetos e fornece recursos para manipular esses objetos e exportá-los para um banco de dados remoto

### **Visualização Navegador**

Fornecer uma visualização hierárquica dos recursos do Ambiente de Trabalho.

### **Visualização Repositórios**

Exibe os locais de repositório CVS que foram incluídos no Ambiente de Trabalho.

### **Visualização Saída**

Exibe mensagens, parâmetros e resultados relacionados aos objetos com os quais você trabalha

### **Visualização Servidores**

Exibe uma lista de todos os servidores e as configurações associadas a eles.



---

## Avisos sobre a Documentação para o IBM Rational Developer for System z

© Copyright IBM Corporation 2009, 2013.

Direitos Restritos para Usuários do Governo dos Estados Unidos - Uso, duplicação ou divulgação restritos pelo documento GSA ADP Schedule Contract com a IBM Corp.

Estas informações foram desenvolvidas para produtos e serviços oferecidos nos Estados Unidos.

É possível que a IBM não ofereça os produtos, serviços ou recursos discutidos nesta publicação em outros países. Consulte um representante IBM local para obter informações sobre produtos e serviços disponíveis atualmente em sua área. Qualquer referência a produtos, programas ou serviços IBM não significa que apenas produtos, programas ou serviços IBM possam ser utilizados. Qualquer produto, programa ou serviço funcionalmente equivalente, que não infrinja nenhum direito de propriedade intelectual da IBM poderá ser utilizado em substituição a este produto, programa ou serviço. Entretanto, a avaliação e verificação da operação de qualquer produto, programa ou serviço não IBM são de responsabilidade do Cliente.

A IBM pode ter patentes ou solicitações de patentes pendentes relativas a assuntos tratados nesta publicação. O fornecimento desta publicação não lhe garante direito algum sobre tais patentes. Pedidos de licença devem ser enviados, por escrito, para:

*Gerência de Relações Comerciais e Industriais da IBM Brasil*  
*Av. Pasteur, 138-146*  
*Botafogo*  
*Rio de Janeiro, RJ*  
*CEP 22290-240*

Para pedidos de licença relacionados a informações de DBCS (Conjunto de Caracteres de Byte Duplo), entre em contato com o Departamento de Propriedade Intelectual da IBM em seu país ou envie pedidos de licença, por escrito, para:

*Intellectual Property Licensing*  
*Legal and Intellectual Property Law*  
*IBM Japan, Ltd.*  
*1623-14, Shimotsuruma, Yamato-shi*  
*Kanagawa 242-8502 Japan*

**O parágrafo a seguir não se aplica a nenhum país em que tais disposições não estejam de acordo com a legislação local:** A INTERNATIONAL BUSINESS MACHINES CORPORATION FORNECE ESTA PUBLICAÇÃO "NO ESTADO EM QUE SE ENCONTRA", SEM GARANTIA DE NENHUM TIPO, SEJA EXPRESSA OU IMPLÍCITA, INCLUINDO, MAS A ELAS NÃO SE LIMITANDO, AS GARANTIAS IMPLÍCITAS DE NÃO INFRAÇÃO, COMERCIALIZAÇÃO OU ADEQUAÇÃO A UM DETERMINADO PROPÓSITO. Alguns países não permitem

a exclusão de garantias expressas ou implícitas em certas transações; portanto, essa disposição pode não se aplicar ao Cliente.

Essas informações podem conter imprecisões técnicas ou erros tipográficos. São feitas alterações periódicas nas informações aqui contidas; tais alterações serão incorporadas em futuras edições desta publicação. A IBM pode, a qualquer momento, aperfeiçoar e/ou alterar os produtos e/ou programas descritos nesta publicação, sem aviso prévio.

Referências nestas informações a websites não IBM são fornecidas apenas por conveniência e não representam de forma alguma um endosso a esses websites. Os materiais contidos nesses websites não fazem parte dos materiais desse produto IBM e a utilização desses websites é de inteira responsabilidade do Cliente.

A IBM pode utilizar ou distribuir as informações fornecidas da forma que julgar apropriada sem incorrer em qualquer obrigação para com o Cliente.

Licenciados deste programa que desejam obter informações sobre este assunto com objetivo de permitir: (i) a troca de informações entre programas criados independentemente e outros programas (incluindo este) e (ii) a utilização mútua das informações trocadas, devem entrar em contato com:

*Gerência de Relações Comerciais e Industriais da IBM Brasil*  
*Av. Pasteur, 138-146*  
*Botafogo*  
*Rio de Janeiro, RJ*  
*CEP 22290-240*

Tais informações podem estar disponíveis, sujeitas a termos e condições apropriadas, incluindo em alguns casos o pagamento de uma taxa.

O programa licenciado descrito nesta publicação e todo o material licenciado disponível são fornecidos pela IBM sob os termos do Contrato com o Cliente IBM, do Contrato Internacional de Licença do Programa IBM ou de qualquer outro contrato equivalente.

Todos os dados de desempenho aqui contidos foram determinados em um ambiente controlado. Portanto, os resultados obtidos em outros ambientes operacionais podem variar significativamente. Algumas medidas podem ter sido tomadas em sistemas em nível de desenvolvimento e não há garantia de que estas medidas serão iguais em sistemas geralmente disponíveis. Além disso, algumas medidas podem ter sido estimadas por extrapolação. Os resultados reais podem variar. Os usuários deste documento devem verificar os dados aplicáveis para seu ambiente específico.

As informações relativas a produtos não IBM foram obtidas junto aos fornecedores dos respectivos produtos, de seus anúncios publicados ou de outras fontes disponíveis publicamente. A IBM não testou estes produtos e não pode confirmar a precisão de seu desempenho, compatibilidade nem qualquer outra reivindicação relacionada a produtos não IBM. Dúvidas sobre os recursos de produtos não IBM devem ser encaminhadas diretamente a seus fornecedores.

Todas as declarações relacionadas aos objetivos e intenções futuras da IBM estão sujeitas a alterações ou cancelamento sem aviso prévio e representam apenas metas e objetivos.

Estas informações foram projetadas apenas com o propósito de planejamento. As informações aqui contidas estão sujeitas a alterações antes que os produtos descritos estejam disponíveis.

Estas informações contêm exemplos de dados e relatórios utilizados nas operações diárias de negócios. Para ilustrá-los da forma mais completa possível, os exemplos incluem nomes de indivíduos, empresas, marcas e produtos. Todos estes nomes são fictícios e qualquer semelhança com os nomes e endereços utilizados por uma empresa real é mera coincidência.

## **Licença de Copyright**

Estas informações contêm programas de aplicativos de amostra na linguagem fonte, ilustrando as técnicas de programação em diversas plataformas operacionais. O Cliente pode copiar, modificar e distribuir estes programas de amostra sem a necessidade de pagar à IBM, com objetivos de desenvolvimento, utilização, marketing ou distribuição de programas aplicativos em conformidade com a interface de programação de aplicativo para a plataforma operacional para a qual os programas de amostra são criados. Esses exemplos não foram testados completamente em todas as condições. Portanto, a IBM não pode garantir ou implicar a confiabilidade, manutenção ou função destes programas. Os programas de amostra são fornecidos "NO ESTADO EM QUE SE ENCONTRAM", sem garantia de nenhum tipo. A IBM não é responsável por nenhum dano decorrente do uso dos programas de amostra.

Cada cópia ou parte destes programas de amostra ou qualquer trabalho derivado deve incluir um aviso de copyright com os dizeres:

© (nome da empresa) (ano). Partes deste código são derivadas dos Programas de Amostras da IBM Corp. © Copyright IBM Corp. 2009, 2013.

Se estas informações estiverem sendo exibidas em cópia eletrônica, as fotografias e ilustrações coloridas podem não aparecer.

## **Reconhecimentos de Marca Registrada**

IBM, o logotipo IBM e [ibm.com](http://ibm.com) são marcas ou marcas registradas da International Business Machines Corp., registradas em vários países no mundo todo. Outros nomes de produtos e serviços podem ser marcas registradas da IBM ou de outras empresas. Uma lista atual de marcas registradas da IBM está disponível na web em [www.ibm.com/legal/copytrade.shtml](http://www.ibm.com/legal/copytrade.shtml).

Adobe, o logotipo Adobe, PostScript e o logotipo PostScript são marcas ou marcas registradas da Adobe Systems Incorporated nos Estados Unidos e/ou em outros países.

Linux é uma marca registrada de Linus Torvalds nos Estados Unidos e/ou em outros países.

Windows é uma marca registrada da Microsoft Corporation nos Estados Unidos e/ou em outros países.

UNIX é uma marca registrada do The Open Group nos Estados Unidos e em outros países.

Java e todas as marcas registradas e logotipos baseados em Java são marcas ou marcas registradas da Oracle e/ou de suas afiliadas.

Outros nomes de produtos e serviços podem ser marcas registradas da IBM ou de outras empresas.

---

## Licença de Copyright

Estas informações contêm programas de aplicativos de amostra na linguagem fonte, ilustrando as técnicas de programação em diversas plataformas operacionais. O Cliente pode copiar, modificar e distribuir estes programas de exemplo sem a necessidade de pagar à IBM, com objetivos de desenvolvimento, utilização, marketing ou distribuição de programas aplicativos em conformidade com a interface de programação de aplicativo para a plataforma operacional para a qual os programas de exemplo são criados. Esses exemplos não foram testados completamente em todas as condições. Portanto, a IBM não pode garantir ou implicar a confiabilidade, manutenção ou função destes programas. Os programas de amostra são fornecidos "NO ESTADO EM QUE SE ENCONTRAM", sem garantia de nenhum tipo. A IBM não é responsável por nenhum dano decorrente do uso dos programas de amostra.

---

## Reconhecimentos de Marca Registrada

IBM, o logotipo IBM e [ibm.com](http://ibm.com) são marcas ou marcas registradas da International Business Machines Corp., registradas em vários países no mundo todo. Outros nomes de produtos e serviços podem ser marcas registradas da IBM ou de outras empresas. Uma lista atual de marcas registradas da IBM está disponível na Web em [www.ibm.com/legal/copytrade.shtml](http://www.ibm.com/legal/copytrade.shtml).

CA Endevor é uma marca registrada da CA Technologies.

Rational é uma marca registrada da International Business Machines Corporation e da Rational Software Corporation nos Estados Unidos e/ou em outros países.

Intel e Pentium são marcas registradas da Intel Corporation nos Estados Unidos e/ou em outros países.

Microsoft, Windows e o logotipo Windows são marcas ou marcas registradas da Microsoft Corporation nos Estados Unidos e/ou em outros países.

Java e todas as marcas registradas e logotipos baseados em Java são marcas ou marcas registradas da Sun Microsystems, Inc. nos Estados Unidos e em outros países.

UNIX é uma marca registrada do The Open Group nos Estados Unidos e em outros países.

---

# Índice

## Caracteres Especiais

.dstoreMemLogging 160  
.dstoreTrace 160  
\_RSE\_PORTRANGE 21  
/var/rdz/pushtoclient/\*install 129, 131

## A

ACEE, gerenciado 39  
acesso às bibliotecas do sistema,  
  Aprimorar o 111  
Acesso condicional a arquivos em  
  spool 29  
ACK, atrasado 60  
ACK atrasado 60  
Ações condicionais em tarefas 26  
Ações nas Tarefas - Limitações de  
  Execução 27  
administradores que não são do sistema,  
  privilégios de atualização 17  
administrative utility, notas de  
  migração 140  
administrative utility administradores  
  CICS  
  funções fornecidas 137  
ADNJSPAU, Administrative utility 137  
ajustando considerações 77  
ambiente de linguagem, Bibliotecas de  
  tempo de execução do 112  
ambiente TSO, Customizando 149  
ambiente UNIX, Ordens de procura  
  usadas no 192  
ambiente z/OS UNIX, Ordens de procura  
  usadas no 192  
Análise de Log e Configuração Usando  
  FEKLOGS 159  
análise de uso, armazenamento de  
  amostra 91  
anel de chave com o RACE, Criar  
  um 181  
APF, autorização 171  
aplicativo, Desenvolvimento do 112  
Application Deployment Manager,  
  customizando 133  
Application Deployment Manager, editor  
  de Definição de Recurso CICS 133  
Application Deployment Manager,  
  servidor de Definição de Recurso  
  CICS 133  
Aprimorando o desempenho da  
  verificação de segurança 113  
Aprimorar o acesso às bibliotecas do  
  sistema 111  
AQEZPCM 21  
armazenamento de chaves com keytool,  
  Criar um 189  
armazenamento de uso, análise de  
  uso 91

arquivos controlados pelo programa  
  UNIX para RSE, Definir 55  
arquivos controlados pelo programa  
  z/OS UNIX para RSE, Definir 55  
Arquivos de Base da Configuração do  
  Resolvedor 193  
arquivos de configuração, Developer for  
  System z 39  
Arquivos de configuração, níveis de  
  software idênticos, diferentes 154  
arquivos de configuração, Resolvedor de  
  base 193  
arquivos de configuração diferentes com  
  níveis de software idênticos 154  
Arquivos de dump 165  
arquivos de log  
  .dstoreMemLogging 160  
  .dstoreTrace 160  
  audit.log 160  
  fa.log 160  
  fekfivpi.log 160  
  fekfivps.log 160  
  ffs.log 160  
  ffsget.log 160  
  ffsput.log 160  
  lock.log 160  
  rmt\_class\_loader.cache.jar 160  
  rsecomm.log 160  
  rsedaemon.log 160  
  rseserver.log 160  
  serverlogs.count 160  
  stderr.log 160  
  stdout.log 160  
arquivos de log do conjunto de  
  encadeamentos RSE  
  audit.log 162  
  rsedaemon.log 162  
  rseserver.log 162  
  serverlogs.count 162  
  stderr\*.log 162  
  stdout\*.log 162  
arquivos de log do daemon RSE  
  audit.log 162  
  rsedaemon.log 162  
  rseserver.log 162  
  serverlogs.count 162  
  stderr\*.log 162  
  stdout\*.log 162  
arquivos em spool, Acesso condicional  
  a 29  
arquivos ISPF.conf, utilizar com várias  
  configurações 151  
ASCHPMxx  
  MAX 102  
ASSIZEMAX 46  
ativação 121  
ativação da saída de usuário 145  
ativar compartilhamento de classe, Java  
  Virtual Machines (JVMs) 114  
atributo do sistema de arquivos,  
  SETUID 170

atributo do sistema de arquivos  
  SETUID 170  
audit.action, saída de usuário 147  
audit.log 161  
autenticação, Configurando SSL e  
  X.509 179  
autenticação, Debug Manager 21  
autenticação, JES Job Monitor 20  
Autenticação de cliente usando  
  certificados X.509 31  
autenticação do Debug Manager 21  
Autenticação do JES Job Monitor 20  
autenticação pelo daemon RSE 34  
autenticação pelo software de  
  segurança 33  
autenticação x.509, configurando 179  
Autorização APF  
  FEK.SFEKAUTH 51  
Autorização de controle de  
  programa 170

## B

backend push-to-client, incluindo no  
  LDAP 127  
banco de dados de chaves com  
  gskkyman, Criar um 187  
Bibliotecas, tempo de execução, ambiente  
  de linguagem 112  
bibliotecas controladas para RSE, Definir  
  MVS 47  
bibliotecas controladas pelo programa  
  MVS para RSE , Definir 47  
Bibliotecas de tempo de execução do  
  ambiente de linguagem 112  
bibliotecas do sistema, Aprimorar o  
  acesso às 111  
bibliotecas para RSE , Definir MVS 47  
bits de permissão, z/OS UNIX 170  
Bits de permissão do z/OS UNIX 170  
BPXPRMxx 107  
  INADDRANYCOUNT 101  
  MAXASSIZE 46, 100, 174  
  MAXFILEPROC 100  
  MAXMMAPAREA 100  
  MAXPROCSYS 99, 176  
  MAXPROCUSER 99, 176  
  MAXSOCKETS 101  
  MAXTHREADS 99  
  MAXTHREADTASKS 99  
  MAXUIDS 100, 176

## C

características da saída de usuário 145  
carga de trabalho, Gerenciamento  
  de 113  
CARMA, Criação de logs do 164  
CEE.SCEELPA  
  SYS1.PARMLIB(LPALSTxx) 112

- certificado, X.509 20
  - certificado assinado, autoassinado ou assinado pela Autoridade de Certificação 182
  - Certificado X.509 20
  - certificado X.509 e terceira parte 20
  - certificados, autenticação de cliente usando X.509 31
  - certificados X.509, usando autenticação de cliente 31
  - Certificate Revocation List (CRL), consultando
    - rsed.envvars 32
    - variáveis de ambiente do CRL 32
  - chaves privadas e certificados, decidir onde armazenar 180
  - CICSplex SM Business Application Services (BAS) 134
  - classes de segurança, Ativar configurações e 44
  - classificação de carga de trabalho, WLM 67
  - CLASSPATH 154
  - Client Gateway, Usando o método de acesso do TSO/ISPF 150
  - clonando configuração RSE existente 182
  - COBOL
    - verificação remota 169
  - coexistência, atualizar rsed.envvars para ativar a coexistência 183
  - comandos de segurança, úteis
    - ADDGROUP 17
    - ALTUSER 17
    - CONNECT 17
  - comandos do z/OS UNIX, úteis
    - chgrp 17
    - chmod 17
    - chown 17
    - ls 17
  - compartilhamento de classe, ativando em Java Virtual Machines (JVMs) 114
  - compartilhamento de classe entre Java Virtual Machines (JVMs) 114
  - comportamento TCP/IP, substituindo o padrão 60
  - comportamento TCP/IP padrão, substituindo 60
  - comunicação, criptografada por SSL 136
  - comunicação, criptografada por SSL/TLS 29
  - comunicação, Externa 58
  - comunicação criptografada
    - Depurador Integrado 30
  - comunicação criptografada, SSL 38, 136
  - comunicação criptografada, SSL/TLS 29
  - comunicação criptografada de SSL/TLS 29
  - comunicação criptografada por SSL 38, 136
  - Comunicação Externa 58
  - comunicação externa para portas especificadas, limitando 21
  - Comunicação interna 58
  - concatenações de grupo 122
  - conexão, Segurança de 21
  - conexão da configuração do host Secure Socket Layer, Testar 184
  - conexão da configuração do host SSL, Testar 184
  - Conexão do Host, Emulador de 176
  - conexão recusada 176
  - Conexão recusada 176
  - configuração, idêntica em um sysplex 153
  - configuração de amostra 106
    - contagem do conjunto de encadeamentos 106
    - definindo limites 107
    - determinando limites mínimos 107
  - configuração de amostra, seleção de grupo baseada em SAF 130
  - configuração de amostra, seleção de grupo LDAP 127
  - configuração de grupo LDAP, inicial 128
  - configuração de grupo LDAP inicial 128
  - configuração do JES Job Monitor
    - GEN\_CONSOLE\_NAME 28
  - Configuração idêntica em um sysplex 153
  - configuração RSE existente, Clonar a 182
  - configurações de segurança, verificar 55
  - configurações e classes de segurança, Ativar 44
  - configurando objetivos, WLM 69
  - considerações, Segurança 19
  - considerações CICSTS 133
  - considerações da saída de usuário xiv, 145
  - Considerações de LDAP 59
  - considerações de push-to-client 117
  - Considerações de segurança 19
  - Considerações sobre Desempenho 111
  - Considerações WLM xiv, 67
  - consultar uma Certificate Revocation List (CRL)
    - rsed.envvars 32
    - variáveis de ambiente do CRL 32
  - Contagem de encadeamentos 85
  - Contagem de processos 82
  - Contagem do espaço de endereço 79
  - controle de auditoria
    - \_RSE\_HOST\_CODEPAGE 24
    - audit.\* options 24
    - daemon.log 24
    - enable.audit.log 24
  - Controle de Configuração do Cliente 120
  - Controle de Versão do Cliente 121
  - criação de log, cobertura de código 165
  - criação de log, conjunto de encadeamento 161
  - criação de log, daemon RSE 161
  - criação de log, revisão de código 164
  - criação de log, SCLM Developer Toolkit 163
  - Criação de log, teste IVP do fekfivpi 164
  - criação de log da cobertura de código 165
  - criação de log da revisão de código 164
  - criação de log de auditoria, gerenciado pelo daemon RSE 24
  - criação de log de auditoria e daemon RSE 24
  - criação de log de instalação de recurso, CICS 135
  - criação de log de teste, fekfivpc do IVP 164
  - Criação de log de teste, IVP do fekfivpi 164
  - Criação de log de teste IVP
    - fekfivpi.log 164
    - fekfivps.log 164
  - Criação de log de teste IVP do fekfivpi
    - fekfivpi.log 164
  - criação de log do conjunto de encadeamento 161
  - criação de log do daemon RSE 161
  - criação de log do SCLM Developer Toolkit
    - rsecomm.log 163
  - Criação de Log IVP fekfivpc
    - fekfivpc.log 164
  - criação de logs, JES Job Monitor 161
  - criação de logs, usuário do RSE 162
  - Criação de logs do CARMA
    - rsecomm.log 164
  - Criação de logs do Common Access Repository Manager 164
  - criação de logs do JES Job Monitor 161
  - criação de logs do usuário, RSE 162
  - criação de logs do usuário do RSE
    - .dstoreMemLogging 162
    - .dstoreTrace 162
    - ffs.log 162
    - ffsget.log 162
    - ffsput.log 162
    - lock.log 162
    - rmt\_class\_loader.cache.jar 162
    - rsecomm.log 162
    - stderr.log 162
    - stdout.log 162
  - criptografia, SSL ou TLS 180
  - Criptografia de comunicação usando SSL 22
  - Criptografia de comunicação usando TLS 22
  - criptografia usando TLS, Comunicação 22
  - customização - ISPF.conf, 150
  - Customizando o Ambiente TSO 149
  - customizando o Application Deployment Manager 133
- D**
- dados de auditoria
    - log de ações 25
  - Daemon de bloqueio 13
  - Daemon em bloqueio (LOCKD) 4
  - Daemon RSE 58
  - daemon RSE, autenticação pelo 34
  - daemon RSE (RSED) 4
  - definição de segurança 130
  - definições, Segurança 42
  - definições de recurso, várias 101
  - definições de recurso chave 98
    - rsed.envvars 98
    - SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx) 99



- definições de recursos CICS, administrador 133
- definições de recursos CICS, desenvolvedor 133
- Definições de segurança 42
- definições de segurança, Lista de verificação 42
- Definições disponíveis para o resolvidor 196
- Definições locais disponíveis para o resolvidor 196
- Definir arquivos controlados pelo programa z/OS UNIX para RSE 55
- Definir bibliotecas controladas pelo programa MVS para RSE 47
- Definir servidor RSE como um z/OS UNIX seguro 46
- Definir suporte PassTicket para RSE 48
- Definir verificação de Port Of Entry para RSE 34
- Dependência do nome do host 191
- depuração, transação do CICS 143
- depuração de transação do CICS 143
- depurador, integrado 9
- depurador integrado 9
- Depurador Integrado
  - comunicação criptografada 30
- desempenho, Considerações sobre 111
- desempenho da verificação de segurança, Aprimorando o 113
- Desenvolvimento de Aplicativos 112
- Developer for System z, entendimento 3
- Developer for System z, visão geral do componente
  - representação gráfica 4
- Developer for System z tarefa iniciada, Definir 45
- Distributed Dynamic VIPA
  - EZBEPOR 61
  - PORT 61
  - PORTRANGE 61
  - SERVERWLM 61
  - SYSPLEXPORTS 61
  - VIPADISTRIBUTE 61
- Diversos Grupos de
  - Desenvolvedores 121
- donos das tarefas 7
- Dumps de Java 165
- Dumps do MVS 165

## E

- Editor de Definição de Recurso CICS (CRD), Application Deployment Manager 133
- Emulador de Conexão do Host 176
- endereço do host não resolvido, TCP/IP Resolver
  - lock.log 197
- entendendo o Developer for System z 3
- erro, Rastreio de feedback de 169
- erro de falta de memória 176
- espaço de endereço, Tamanho do 174
- Espaço em disco, Java Virtual Machines (JVMs) 116
- específicas, limitar comunicação externa para portas 21

- Esquema LDAP 125
- estimativa de tamanho, diretrizes 90
- estrutura do diretório, z/OS UNIX
  - representação gráfica 15
- estrutura do diretório z/OS UNIX
  - representação gráfica 15
- etapas de configuração 124
- exec de alocação, usando 151
- Executando várias instâncias 153

## F

- fa.log 160
- feedback de erro, Rastreio de 169
- FEJJCNCFG 58, 107, 156
  - CONSOLE\_NAME 27
  - MAX\_THREADS 102
- FEJJCNCFG, JES Job Monitor 39
- FEKAPPL 20
- fekfivpc.log 161
- fekfivpi.log 161
- fekfivpi.log, criação de log de teste IVP 164
- fekfivps.log 161
- fekfivps.log, criação de log de teste IVP 164
- FEKLOGS, análise de log e de configuração usando 159
- FEKRACF, definições de segurança 42
- fekrivp 171
- ffs.log 160
- ffsget.log 160
- ffsput.log 160
- Fluxo de conexão 8
  - representação gráfica 8
- Fluxo do daemon de bloqueio
  - representação gráfica 13
- funções de cliente, alterando 35

## G

- GATE, lixeira 38
- Gerenciador de Implementação do Aplicativo (ADM) 4
- Gerenciamento de carga de trabalho 113
- grupos LDAP, incluindo desenvolvedores 128
- gskkyman, Criar um banco de dados de chaves com 187

## H

- heap Java fixo, Tamanho de 113

## I

- ID do usuário, variável, executando com 146
- ID do usuário da variável, executando com 146
- ID do Usuário e Senha 20
- ID do Usuário e Senha Única 20
- IEASYSxx 108
  - MAXUSER 102, 176

- informações de configuração, ordens de procura das 192
- iniciação rápida, opção Java (-Xquickstart) 114
- inicialização, Requisitos da JCL de 174
- Instalação do SMP/E, sticky bit 172
- interface de serviço da Web 134
- interface RESTful 134
- interface RESTful versus interface de serviço da Web 134
- interna, Comunicação 58
- introdução, considerações de push-to-client 117
- ISP.SISPLD
  - ISPF TSO/ISPF Client Gateway 47
- ISPF, Usar vários execs de alocação 151
- ISPF.conf, Customização básica 150
- ISPF TSO/ISPF Client Gateway
  - ISP.SISPLD 47
- IVTPRMxx
  - ECSA MAX 102
  - FIXED MAX 102

## J

- Java, Dumps de 165
- JAVA\_DUMP\_TDUMP\_PATTERN 166
- Java Virtual Machines (JVMs), compartilhamento de classe entre 114
- JCL de inicialização, Requisitos de 174
- JES JMON
  - GEN\_CONSOLE\_NAME 28
- JES Job Monitor, FEJJCNCFG 39
- JES Job Monitor (JMON) 4
- JMON 50, 156
- JVMs, compartilhamento de classe entre 114

## K

- keytool, Criar um armazenamento de chaves com 189

## L

- liberando um bloqueio
  - RSE, comando cancelar modify 14
- ligação da área de trabalho 122
- LIMIT\_COMMANDS 26
- LIMIT\_VIEW 29
- limitações de execução, Ações nas tarefas 27
- limitando comunicação externa, portas específicas 21
- limite de tamanho, espaço de endereço 89
- limite de tamanho, heap Java 89
- Limite de Tamanho de Heap Java 89
- limite de tamanho do espaço de endereço 89
- limite do tamanho de heap, Java 89
- limites de tamanho do cache, Java Virtual Machines (JVMs) 115
- Limites do sistema 175
- Locais do dump, z/OS UNIX 167
- Locais do dump do UNIX 167

- Locais do dump do z/OS UNIX 167
- local de metadados 118
- local de metadados do grupo 123
- local do servidor, LDAP 126
- Local do Servidor LDAP 126
- lock.log 160
- Log de Instalação do Recurso do CICS 135
- logon.action, saída de usuário 148
- LPALSTxx 112

## M

- mensagens, administrative utility 141
- mensagens do administrative utility 141
- mensagens do console, saída de usuário 146
- metadados, push-to-client 118
- metadados push-to-client 118
- método de acesso do TSO/ISPF Client Gateway, Usando o 150
- métodos, Autenticação 19
- Métodos de acesso, TSO 149
- Métodos de acesso do TSO 149
- Métodos de autenticação 19
- monitorando, rede 105
- monitorando o RSE 103
- monitorando z/OS sistema de arquivo UNIX 106
- monitorando z/OS UNIX 104
- MVS, Dumps do 165

## N

- netstat 173
- níveis de software idênticos com arquivos de configuração diferentes 154
- nível de software, idênticos em arquivos de configuração diferentes 154
- nome do host, Dependência do 191
- nomes de host, aplicando no Developer for System z 194
- notas de migração, administrative utility 140

## O

- objetivos, configurando em WLM 69
- OFF.REMOTECOPY.MVS 36
- onde armazenar chaves privadas e certificados 180
- opção Xquickstart Java 114
- Ordens de procura, ambiente z/OS UNIX 192
- ordens de procura das informações de configuração 192
- OutOfMemoryError 176

## P

- PassTickets, usando 22
- perfil de segurança, Limitações armazenadas no 174
- perfis, Definir conjunto de dados 51
- perfis do conjunto de dados, Definir 51

- perfis do ISPF, Usar existentes 150
- período de carência, rejeitando mudanças 131
- pontos de saída, disponíveis 147
- pontos de saída de usuário, disponíveis 147
- portas, CARMA e TCP/IP 59
- portas, TCP/IP 57
- portas do CARMA e TCP/IP 59
- Portas TCP/IP 57
- portas TCP/IP, representação gráfica 57
- Portas TCP/IP reservadas 173
- PORTRANGE 173
- privilégios de atualização, administradores que não são do sistema 17
- problemas de configuração, Resolução de problemas 159
- processamento de auditoria modify switch 24
- projetos, baseados em host 132
- projetos baseados em host 132
- proteção de aplicativo para RSE, Definir 49
- Publicações Referenciadas 199
- push-to-client 36
- pushtoclient.properties 128, 131

## R

- RACF
  - permite 52
- RACF, Criar um anel de chave com o 181
- rastreio 167
- rastreio, CARMA 168
- rastreio, JES Job Monitor 167
- rastreio, RSE 167
- rastreio CARMA 168
- Rastreio de feedback de erro 169
- rastreio do JES Job Monitor 167
- rastreio RSE 167
- reconhecimento, atrasado 60
- recurso do CICS, criação de log de instalação de 135
- rede, monitorando 105
- Referenciadas, publicações 199
- regiões de conexão, primária versus não primária 134
- regiões de conexão primária versus não primária 134
- regras de classificação, WLM 68
- regras de classificação WLM 68
- rejeitando mudanças, período de carência 131
- repositório do CRD 38
- Requisitos da JCL de inicialização 174
- reserva, porta TCP/IP 59
- reserva de porta, TCP/IP 59
- Reserva de Porta TCP/IP 59
- reservadas, Portas TCP/IP 173
- Resolução de problemas de configuração 159
- resolvedor, Definições locais disponíveis para o 196
- resolvedores, Compreendendo os 191
- REXX exec do z/OS UNIX 147

- rmt\_class\_loader\_cache.jar 160
- rotina de saída do usuário, gravando 145
- RSE , Definir bibliotecas controladas pelo programa MVS para 47
- RSE , Definir suporte PassTicket para 48
- RSE , Definir verificação de Port Of Entry para 34
- RSE, Definir arquivos controlados pelo programa z/OS UNIX para 55
- RSE, Definir como um servidor z/OS UNIX seguro 46
- RSE, definir proteção de aplicativo para 49
- RSE, monitorando 103
- RSE, pushtoclient.properties 41
- RSE, rsed.envvars
  - \_RSE\_JAVAOPTS 40
- RSE, ssl.properties 41
- RSE como um Aplicativo Java
  - representação gráfica 5
- rscomm.log 160
  - criação de log do SCLM Developer Toolkit 163
- rscomm.properties 168
- rsed.envvars 97, 129, 131, 154
  - \_CMDSEV\_CONF\_HOME 152
  - \_RSE\_JAVAOPTS 149, 165
  - \_RSE\_PORTRANGE 21
  - Dmaximum.clients 98
  - Dmaximum.threadpool.process 98
  - Dmaximum.threads 98
  - Dminimum.threadpool.process 98
  - DSTORE\_LOG\_DIRECTORY 164, 167
  - STEPLIB 30
  - Xms 98
  - Xmx 98
- rsed.envvars, atualizar para ativar a coexistência 183
- rsedaemon.log 160, 161
- rseserver.log 160, 161

## S

- saída de usuário, mensagens do console 146
- saídas do sistema, Limitações importas por 175
- SCLM Developer Toolkit 47
- SCLM Developer Toolkit (SCLMDT) 4
- Secure Socket Layer, Configurando 179
- Secure Socket Layer, Criptografia de comunicação usando 22
- segmento, Definir OMVS 45
- segmento OMVS, Definir 45
- segurança, Application Deployment Manager (ADM) 135
- segurança, CICSTS 38
- segurança, Definir comando do JES 49
- segurança, depuração 37
- segurança, JES 26
- segurança, pipeline 135
- segurança, recurso 137
- segurança, SCLM 39
- segurança, transação 135
- segurança de comando, Definir JES 49



Segurança de comando do JES,  
Definir 49

Segurança de conexão 21

segurança de depuração 37

segurança de encadeamento no servidor  
RSE  
PassTickets 22

segurança de metadados 119

Segurança de Pipeline 135

Segurança de SCLM 39

segurança de transação 135

segurança do Application Deployment  
Manager 135

segurança do cache, Java Virtual  
Machines (JVMs) 115

segurança do CICSTS 38

Segurança do JES 26

segurança do repositório 137

segurança do repositório, CRD 135

segurança do repositório CRD 135

seleção de grupo, baseada em  
LDAP 125

seleção de grupo, baseada em SAF 129

seleção de portas, restringindo 63

seleção do servidor, LDAP 126

Seleção do Servidor LDAP 126

senha e ID do usuário 20

senha única e ID do usuário 20

serverlogs.count 160

Serviço TSO Command 4

serviço TSO Commands 149

Servidor de Definição de Recurso CICS  
(CRD), Application Deployment  
Manager 133

Servidor RSE 58

servidor UNIX, Definir RSE como 46

servidor z/OS UNIX, Definir RSE  
como 46

servidor z/OS UNIX seguro, Definir RSE  
como um 46

Shell script do z/OS UNIX 146

sincronização, automatizada 155

sincronização automatizada 155

sistema, Aprimorar o acesso às bibliotecas  
do 111

sistema, Limites do 175

sistema primário 118

sistemas de arquivo zFS, Usando 111

sistemas de arquivos, zFS 111

software de segurança, autenticação  
pelo 33

spool, Acesso condicional a arquivos  
em 29

SSL, Configurando 179

SSL, criptografia 180

SSL, Criptografia de comunicação  
usando 22

ssl.properties, ativar o SSL criando um  
novo daemon RSE 184

ssl.properties, Ativar SSL  
atualizando 183

stderr\*.log 160

stderr.log 160

stdout\*.log 160

stdout.log 160

STEPLIB, Evite o uso de 111

sticky bit, disponibilidade do módulo de  
carregamento MVS para z/OS  
UNIX 172

substituindo o comportamento TCP/IP  
padrão 60

suporte de autenticação de cliente, incluir  
X.509 187

suporte para RSE, Definir PassTicket 48

suporte PassTicket para RSE , Definir 48

SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx) 107

MAXASSIZE 46, 174

MAXPROCSYS 176

MAXPROCUSER 176

MAXUIDS 176

SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx), Java Virtual  
Machines (JVMs) 115

SYS1.PARMLIB(BPXPRMxx), Limitações  
definidas em 174

SYS1.PARMLIB(IEASYSxx) 108

MAXUSER 176

sysplex, configuração idêntica em 153

**T**

tabelas, Conversão 193

Tabelas, host local 194

Tabelas de Conversão 193

Tabelas do host, local 194

Tabelas do Host Local 194

Tamanho de heap Java fixo 113

Tamanho do espaço de endereço 174

tarefas, Ações condicionais em 26

tarefas iniciadas, Definir para Developer  
for System z  
tarefas iniciadas JMON 45  
tarefas iniciadas RSED 45

TCP/IP, aplicando no Developer for  
System z 194

TCP/IP, Configurando 191

TCP/IP, Definições locais disponíveis  
para o resolvidor 196

TCP/IP reservadas, Portas 173

TCP/IP Resolver, endereço do host não  
resolvido  
lock.log 197

Testar a conexão da configuração do host  
SSL 184

tipos de subsistema

ASCH 68

CICS 68

JES 68

OMVS 68

STC 68

TLS, criptografia 180

TLS, Criptografia de comunicação  
usando 22

transações do CICS 38

TSO/ISPF, customização - ISPF.conf, 150

TSO/ISPF, Usando um exec de  
alocação 151

TSO/ISPF, Usar perfis do ISPF  
existentes 150

TSO/ISPF, Usar vários execs de  
alocação 151

TSO/ISPF, utilizar com várias  
configurações 151

TSO/ISPF Client Gateway, Usando o  
método de acesso do 150

**U**

usando os PassTickets 22

usando SSL, Criptografia de  
comunicação 22

Usando um exec de alocação 151

Usar perfis existentes do ISPF 150

uso de armazenamento 88

uso de espaço, metadados 120

uso de espaço, z/OS UNIX sistema de  
arquivos UNIX 95

Uso de Espaço de Metadados 120

Uso de espaço do sistema de arquivos  
z/OS UNIX 95

uso de recursos, ajustando 77

uso de recursos, temporário 88

uso de recursos, visão geral 78

uso de STEPLIB, Evite o 111

uso do espaço do sistema de arquivos,  
z/OS UNIX 95

Uso temporário de recursos 88

Utilitários do gerenciamento do cache,  
Java Virtual Machines (JVMs) 116

**V**

validação da Autoridade de Certificação  
gskkyman 31

SAF key ring 31

TRUST, HIGHTRUST 31

várias configurações do Developer para  
System z, utilizar vários arquivos  
ISPF.conf com 151

Várias definições de recurso 101

FEJJCNFG 102

Placa EXEC, JLC do servidor 101

SYS1.PARMLIB(ASCHPMxx) 102

SYS1.PARMLIB(IEASYSxx) 102

SYS1.PARMLIB(IVTPRMxx) 102

várias instâncias, Executando 153

variáveis de padrão de dump de  
transação 166

Vários arquivos ISPF.conf 151

vários execs de alocação, TSO/ISPF 151

verificação de POE 22, 34

Verificação de Port of Entry 34

Verificação de Port Of Entry 22

verificação de segurança, Aprimorando o  
desempenho da 113

Verificar configurações de segurança 55

VIPA, Distributed Dynamic 61

visão geral do componente, Developer for  
System z  
representação gráfica 4

**W**

Web Owning Region 134

workload manager 67

## **X**

X.509, incluindo suporte de autenticação  
de cliente 187  
Xquickstart, opção Java 114

## **Z**

z/OS sistemas de arquivo UNIX,  
monitorando 106  
z/OS UNIX, monitorando 104

---

## Comentários do Leitor

IBM Rational Developer for System z  
Versão 9.0.1  
Guia de Referência de Configuração do Host

Publicação N° S517-9857-06

Neste formulário, faça-nos saber sua opinião sobre este manual. Utilize-o se encontrar algum erro, ou se quiser externar qualquer opinião a respeito (tal como organização, assunto, aparência...) ou fazer sugestões para melhorá-lo.

Para pedir publicações extras, fazer perguntas ou tecer comentários sobre as funções de produtos ou sistemas IBM, fale com o seu representante IBM.

Quando você envia seus comentários, concede direitos, não exclusivos, à IBM para usá-los ou distribuí-los da maneira que achar conveniente, sem que isso implique em qualquer compromisso ou obrigação para com você.

Não se esqueça de preencher seu nome e seu endereço abaixo, se deseja resposta.

Comentários:

---

Nome

---

Endereço

---

Companhia ou Empresa

---

Telefone

IBM Brasil - Centro de Traduções  
Rodovia SP 101 Km 09  
Research Triangle Park, NC  
Hortolândia, SP





Impresso no Brasil

S517-9857-06

